A LIAHONA

RELATÓRIO DA 161ª CONFERÊNCIA GERAL ANUAL DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, 6 E 7 DE ABRIL DE 1991.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JULHO DE 1991

Vistas do Templo de Lago Salgado.

Relatório da 161ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e procedimentos dos dias 6 e 7 de abril de 1991, no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah

"É costume o Presidente da igreja dar-vos as boas-vindas e uma mensagem, no início da conferência", disse Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, na sessão de abertura da 161ª Conferência Geral Anual da Igreja.

"Presidente Benson sugeriu que eu iniciasse esta conferência com uma breve mensagem em seu nome", disse ele.

"De todo seu nobre coração, o Presidente Benson desejaria estar neste púlpito para prestar-vos testemunho da veracidade desta obra, expressar sua gratidão por vossas orações e a fervorosa esperança de que todos vivam de modo a merecer e receber as abundantes bênçãos que o amoroso Pai Celestial deseja conceder", declarou Presidente Monson.

Embora o Presidente Benson não se sentisse forte o bastante para discursar na conferência, todos os que dela participaram se emocionaram ao vê-lo nas sessões matutinas de sábado e domingo. Ele assistiu aos demais procedimentos da conferência pela televisão, em sua residência.

As sessões foram conduzidas pelo Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, e pelo Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

A parte administrativa da Conferência ocorreu na sessão matutina de sábado:

Cinco membros do Segundo Quorum dos Setenta foram apoiados como membros do Primeiro Quorum dos Setenta: Élderes Alexander B. Morrison, L. Aldin Porter, L. Lionel Kendrick, Monte J. Brough, e Harold G. Hillam.

Também, seis novos membros foram chamados ao Segundo Quorum dos Setenta: Élderes Dennis B. Neuenschwander de Centerville, Utah; Cree-L Kofford de Arcádia, Califórnia, e atual presidente da Missão Nova York, Nova York; Joseph C. Muren de Richmond, Califórnia, trabalhando atualmente em Solihull, Inglaterra; Graham W. Doxey da Cidade do Lago Salgado; Jorge A. Rojas de Chihuahua, México, e Júlio E. Dávila de Bogotá, Colômbia.

Os Élderes Derek A. Cuthbert e H. Verlan Andersen, foram desobrigados em 1º de janeiro, como primeiro e segundo conselheiros, respectivamente, na Presidência Geral da Escola Dominical. Os novos conselheiros apoiados na conferência foram Élderes H. Verlan Andersen, primeiro conselheiro, e Rulon G. Craven, segundo conselheiro. Élder Cuthbert estava gravemente enfermo há algum tempo, e embora não tivesse condições de participar da conferência, seu estado de saúde e seu bem-estar foram mencionados nas orações das sessões da conferência. Assim, foi um momento tocante quando Presidente Hinckley iniciou seu discurso de encerramento, ao final da sessão vespertina de domingo com o anúncio: "Recebemos um telefonema, informando que o Élder Derek Cuthbert acaba de falecer. Estivemos orando por ele. Élder Cuthbert serviu bem, fervorosa e diligentemente, como membro do Primeiro Quorum dos Setenta — foi chamado para ser Autoridade Geral da Igreja há alguns anos."

As sessões foram transmitidas para todo o hemisfério norte em inglês e quinze outras línguas. Fitas de vídeo da conferência serão enviadas para as unidades da Igreja onde não são possíveis transmissões ao vivo ou posteriores.

A LIAHONA

Julho de 1991, Vol. 44, nº 7
91987 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Relatório da 161ª Conferência Geral Anual, 6 e 7 de abril de 1991.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: Diana W. Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao: **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.**

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 1.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 125,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição e arte-final: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7522 - São Paulo - SP. Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

ÍNDICE DE ASSUNTOS E ORADORES

Os assuntos a seguir são abordados em discursos com início nas páginas indicadas:

Adoração 4, 31, 50
Adversidade 7, 19, 29, 77
Amor 29, 53, 67
Arrependimento 13, 38, 45, 48, 77
Atitude 19
Autoridade 33
Bem-Estar 53
Casamento 80
Castidade 35
Consciência 38
Crescimento da Igreja 62
Deficientes 7
Dia do Senhor 31
Divórcio 80
Dízimo 62
Ensino 88
Esperança 19
Espírito Santo 74
Espiritualidade 7, 35, 42, 45, 48, 74, 94, 96
Estudo das Escrituras 74, 94, 96
Exemplo 15
Expiação 77
Família 15, 23
Fé 10, 19, 29, 38, 45, 50, 96, 99
Gratidão 19, 67, 103
História da Família 27
Idosos 15
Jesus Cristo 23, 31, 33, 67, 77, 96, 99
Joseph Smith 33, 71
Jovens 35
Liderança 29
Missionários 42
Obediência 35, 38, 48, 74, 103
Ofertas de Jejum 53
Oração 4, 23, 33, 35, 74, 94
Orgulho 10
Ouvir 23
Paciência, Perseverança 99
Palavra de Sabedoria 42
Paz 4, 38, 67, 96
Perdão 13, 67, 91
Profetas 23
Prosperidade 10
Responsabilidade 13
Ressurreição 7
Restauração 33, 71, 103
Revelação 29, 50
Sacerdócio 29, 42, 45
Sacramento 31
Segunda Vinda 103
Serviço 45, 53, 67, 94, 99
Tolerância 7
Trabalho no Templo 27
Unidade 29

Os oradores desta conferência são alistados em ordem alfabética:

Ashton, Marvin J. 19
Ballard, M. Russell 88
Clarke, J. Richard 45
Craven, Rulon G. 29
de Jager, Jacob 48
Dunn, Loren C. 91
Eyring, Henry B. 74
Faust, James E. 77
Gibbons, Francis M. 33
Goaslind, Jack H. 50
Haight, David B. 84
Hales, Janette C. 94
Hinckley, Gordon B. 6, 62, 80, 103
Howard, F. Burton 13
Hunter, Howard W. 71
Larsen, Dean L. 10
Lawrence, W. Mack 31
Maxwell, Neal A. 99
Monson, Thomas S. 4, 53, 67
Nelson, Russell M. 23
Oaks, Dallin H. 15
Packer, Boyd K. 7
Perry, L. Tom 42
Scott, Richard G. 35
Tingey, Earl C. 27
Wells, Robert E. 96
Wirthlin, Joseph B. 38

ÍNDICE

1 *Relatório da 161ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

Sessão Matutina de Sábado

4 *O Poder da Oração* Presidente Thomas S. Monson
6 *Apoio dos Oficiais da Igreja* Presidente Gordon B. Hinckley
7 *Relatório Estatístico de 1990* Élder F. Michael Watson
7 *O Movimento das Águas* Élder Boyd K. Packer
10 *"Guarda-te, e Que Não Te Esqueças do Senhor"* Élder Dean L. Larsen
13 *Arrependimento* Élder F. Burton Howard
15 *"Honra a Teu Pai e a Tua Mãe"* Élder Dallin H. Oaks
19 *"Uma Voz de Alegria"* Élder Marvin J. Ashton

Sessão Vespertina de Sábado

22 *Relatório do Comitê de Auditoria* Élder Wilford G. Edling
23 *Aprender a Ouvir* Élder Russell M. Nelson
27 *Redenção dos Mortos* Élder Earl C. Tingey
29 *Profetas* Élder Rulon G. Craven
31 *Serviço Dominical de Adoração* Élder W. Mack Lawrence
33 *O Salvador e Joseph Smith — Semelhantes e, no Entanto, Diferentes* Élder Francis M. Gibbons
35 *Tomar as Decisões Certas* Élder Richard G. Scott
38 *Paz Interior* Élder Joseph B. Wirthlin

Sessão do Sacerdócio

42 *Chamado a Servir* Élder L. Tom Perry
45 *Honrar o Sacerdócio* Élder J. Richard Clarke
48 *Mudanças* Élder Jacob de Jager
50 *Homens de Cristo* Élder Jack H. Goaslind
53 *O Sacerdócio Real* Presidente Thomas S. Monson
62 *A Situação da Igreja* Presidente Gordon B. Hinckley

Sessão Matutina de Domingo

67 *Jamais Só* Presidente Thomas S. Monson
71 *Dia Seis de Abril de 1830* Presidente Howard W. Hunter
74 *Aproximar-se Mais de Deus* Bispo Henry B. Eyring
77 *Uma Coroa de Espinhos, Uma Coroa de Glória* Élder James E. Faust
80 *O Que Deus Ajuntou* Presidente Gordon B. Hinckley

Sessão Vespertina de Domingo

84 *Unir a Família Humana* Élder David B. Haight
88 *Ensinai as Crianças* Élder M. Russell Ballard
91 *Antes que Eu Construa um Muro* Élder Loren C. Dunn
94 *Um Modelo de Retidão* Janette C. Hales (Segunda Conselheira, Presidência Geral das Moças)
96 *Paz* Élder Robert E. Wells
99 *"Para que Não Enfraqueçais, Desfalecendo em Vossos Ânimos"* Élder Neal A. Maxwell
103 *Seu Reino dos Últimos Dias Foi Estabelecido* Presidente Gordon B. Hinckley

56 *Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*
104 *Notícias da Igreja*
112 *Eles Falaram para Nós* Relatório da Conferência Geral para as Crianças

Música na Conferência Geral: A música para a conferência foi providenciada pelo Coro da Juventude Mórmon, regido por Robert C. Bowden, e tendo como organista Clay Christiansen (Sessão Matutina de Sábado); Coros combinados do Ricks College, regido por Kendell Nielsen e James Brague, com Clay Christiansen como organista (Sessão Vespertina de Sábado); Coro Masculino da Universidade Brigham Young, regido por Mack Wilberg e Ronald Staheli, e como organistas Richard Elliott (Sessão do Sacerdócio); e Coro do Tabernáculo, regido por Jerold Ottley com John Longhurst e Robert Cundick como organista (Sessões Matutina e Vespertina do Domingo).

As fotos da conferência foram feitas por Jed A. Clark, Welden Andersen, Phil Shurtleff, Craig Dimond, John Luke e Peggy Jellinghausen.

O Poder da Oração

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"O Presidente Benson tem nos exortado: 'Se quisermos avançar em santidade — e em graça para com Deus — nada pode tomar o lugar da oração.'"

Meus amados irmãos, é costume o Presidente da Igreja dar-vos as boas-vindas e uma mensagem no início da conferência. De todo seu nobre coração, o Presidente Benson desejaria estar neste púlpito para prestar-vos testemunho da veracidade desta obra, expressar sua gratidão por vossas orações e a fervorosa esperança de que todos vivam de modo a merecer e receber as abundantes bênçãos que o amoroso Pai Celestial deseja conceder.

Os olhos de nosso profeta facilmente se inundam de lágrimas quando ele recebe cartas escritas por crianças, enviando-lhe saudações e carinho. O Presidente Benson é um homem voltado para a família, que ama os filhos, netos e bisnetos e as crianças de todo este mundo maravilhoso em que vivemos.

O Presidente Benson sugeriu que eu iniciasse esta conferência com uma breve mensagem em seu nome. Sente-se satisfeito que o presidente dos Estados Unidos tenha proclamado os dias de ontem, hoje e amanhã como dias de oração nacional, e que sinceras expressões de gratidão ascendam aos céus pelo fim da guerra no Oriente Médio. A Primeira Presidência comentou: "Somos gratos pelo término da guerra e é nossa fervorosa esperança e oração que todas as nações envolvidas colaborem para uma paz duradoura. As preces coletivas da nação e do mundo devem concentrar-se não só numa paz duradoura, mas também nas necessidades dos muitos, de ambos os lados, que perderam entes queridos e suportaram sofrimentos no conflito."

Disse o Presidente Benson: "O preço da paz é a justiça. Homens e nações podem proclamar em altas vozes 'paz, paz', mas não haverá paz enquanto as pessoas não nutrirem na alma aqueles princípios de pureza pessoal, integridade e caráter que promovem o desenvolvimento da paz. A paz não pode ser imposta. Precisa brotar da vida e do coração dos homens. Não há outro caminho." (*The Teachings of Ezra Taft Benson*, Salt Lake City: Bookcraft, 1988, p. 703.)

O Presidente Benson tem-nos exortado: "Se quisermos avançar em santidade — e em graça para com Deus — nada pode tomar o lugar da oração... Dai à oração — oração diária, oração secreta — o primeiro lugar em vossa vida. Não deixeis passar um dia sem ela. A comunhão com o Onipotente tem sido uma fonte de força, inspiração e discernimento durante toda a história do mundo, para homens e mulheres que moldaram, positivamente, o destino de indivíduos e nações." (*God, Family, Country: Our Three Great Loyalties*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1974, p. 8.)

Dirigindo-se a uma grande

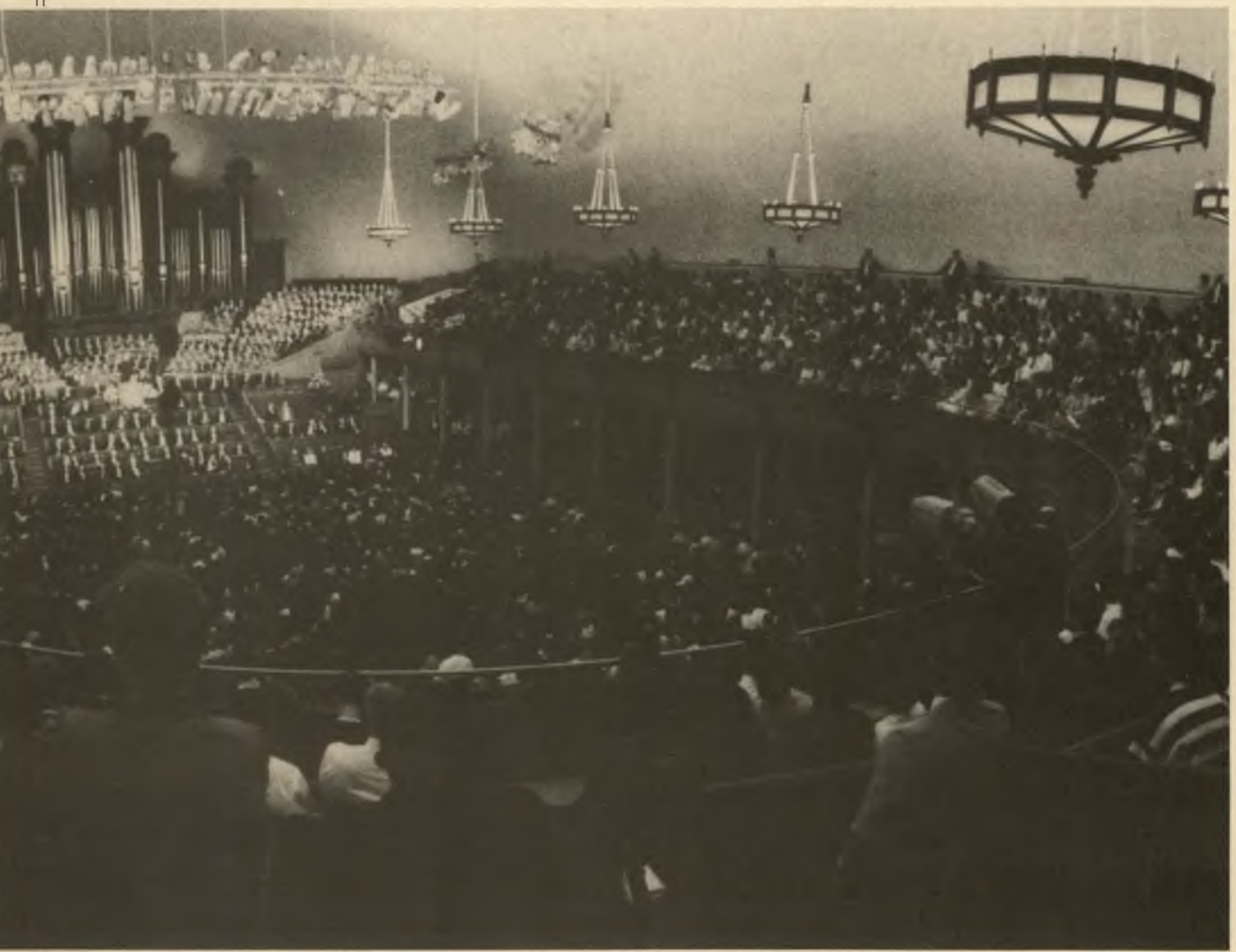


Foto do interior do Tabernáculo.

audiência em São Paulo, Brasil, há algum tempo, o Presidente Benson testificou: "Durante toda minha vida, o conselho de depender da oração tem sobrepujado quase todos os outros conselhos que recebi. Ele tornou-se uma parte integrante de mim, uma âncora, uma constante fonte de força e a base de meu conhecimento das coisas divinas.

Nosso Pai Celestial está sempre próximo... Graças a Deus podemos alcançar esse poder invisível, sem o qual nenhum homem pode dar o melhor de si, e receber dele ajuda." (Mensagem aos oficiantes do templo e funcionários da Igreja em São Paulo, Brasil, em 20 de novembro de 1982.)

O Presidente Benson cita freqüentemente a letra de um de seus hinos favoritos, que diz que a oração é o desejo sincero da alma — expresso ou não — o movimento de um fogo oculto que treme no peito; o peso de um suspiro, uma lágrima rolando, os olhos voltados para o céu quando só Deus está por perto. E o hino clama àquele que é a Vida, a Verdade e o Caminho, por quem nós chegamos a Deus, e pede-lhe que nos ensine a orar. (Tradução livre e aproximada do hino "Eis-nos Agora Aqui", *Hinos*, nº 82.)

As palavras de testemunho proferidas pelo Presidente Benson são particularmente apropriadas para este dia especial de oração e ação de graças. Disse ele: "Testifico que existe um Deus no céu que ouve e atende orações. Sei que isto é verdade, pois ele tem respondido às minhas. Exorto humildemente todos os que estão ao alcance da minha voz a que mantenham íntimo contato com nosso Pai nos céus, por meio da oração." (Mensagem, São Paulo, Brasil, 20 de novembro de 1982.)

Endosso de todo o coração este apelo de nosso profeta e Presidente, em nome de Jesus Cristo, amém.

Apoio dos Oficiais da Igreja

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Irmãos, como é costume na Conferência Geral da Igreja, apresentamos as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja para vosso voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Ezra Taft Benson como profeta, vidente e revelador, e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias; Gordon B. Hinckley como primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e Thomas S. Monson como segundo conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opuserem podem manifestar-se.

É proposto que apoiemos Howard W. Hunter como presidente do Conselho dos Doze Apóstolos e os seguintes membros deste conselho: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin e Richard G. Scott.

Os que estiverem a favor, queiram manifestar-se. Se alguém se opuser, pode manifestar-se pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Os que os apóiam queiram manifestar-se. Se alguém se opuser, manifeste-se.

Anunciamos, em dezembro, o chamado do Élder Earl C. Tingey, como membro do Primeiro Quorum dos Setenta e os Élderes W. Mack Lawrence e Rulon G. Craven como membros do Segundo Quorum dos Setenta.

Todos os que desejarem juntar-se a nós no apoio a estas Autoridades Gerais nesses chamados, queiram manifestar-se. Se alguém se opuser, manifeste-se.

É também proposto que apoiemos, como membros do Primeiro Quorum dos Setenta, os seguintes irmãos presentemente servindo como membros do Segundo Quorum dos Setenta: Alexander B. Morrison, L. Aldin Porter, L. Lionel Kendrick, Monte J. Brough e Harold G. Hillam.

Os que estiverem a favor, manifestem-se. Os que se opuserem, manifestem-se.

É proposto que apoiemos os seguintes membros adicionais ao Segundo Quorum dos Setenta: Dennis B. Neuenschwander, Cree-L Kofford, Joseph C. Muren, Graham W. Doxey, Jorge O. Rojas, da cidade de Chihuahua, México e Júlio E. Dávila, de Bogotá, Colômbia.

Foram substituídos os conselheiros da Presidência Geral da Escola Dominical a partir de 1º de janeiro.

Todos os que desejarem unir-se a nós num voto de apreciação ao irmão Derek A. Cuthbert, como primeiro conselheiro e H. Verlan Andersen, como segundo conselheiro manifestem-se.

Os que estiverem a favor dos chamados do Élder H. Verlan Andersen como primeiro conselheiro e Élder Rulon G. Craven como segundo conselheiro na Presidência Geral da Escola Dominical, manifestem-se. Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos as outras Autoridades Gerais e os oficiais gerais da Igreja como presentemente constituídas.

Os que estiverem a favor, queiram manifestar-se. Quem se opuser, manifeste-se.

Parece-me que os votos positivos foram unânimes. Obrigado, irmãos, por seu amor e confiança contínuos. Convidamos os recém-apoiados membros dos Setenta a ocuparem seus lugares junto ao púlpito.

Élder Robert L. Backman, da Presidência dos Setenta, e Élder John R. Lasater, dos Setenta.

Relatório Estatístico de 1990

Apresentado por F. Michael Watson
Secretário da Primeira Presidência

Para a informação dos membros da Igreja,a Primeira Presidência publicou o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1990. (As estatísticas são baseadas em relatórios de 1990, disponíveis antes da conferência.)

Número de Unidades da Igreja

Estacas 1.784
Distritos 479
Missões 256
Alas e Ramos 18.090
Países e territórios com alas e ramos organizados 130
(Esta estatística mostra um aumento de 45 estacas e 785 alas e ramos em 1990)

Membros da Igreja

Total de membros no final de 1990 ..... 7.760.000
Crianças registradas batizadas durante 1990 ..... 78.000
Conversos batizados durante 1990 ..... 330.877

Missionários

Missionários de tempo integral 43.651

Membros preeminentes falecidos desde abril do ano passado

Warren E. Pugh, membro do Comitê de Auditoria da Igreja; Isaac M. Stewart, antigo presidente do Coro do Tabernáculo; Helen Woodroff Anderson e Donna D. Sorensen, antigas conselheiras da Presidência Geral da Sociedade de Socorro; Arta Priscilla Matews Hale, antiga conselheira da Presidência Geral da Primária.

O Movimento das Águas

Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

Manifestamos as obras de Deus com cada pensamento, com cada gesto de ternura e carinho em favor de um deficiente.

"Ora em Jerusalém há, próximo à porta das ovelhas, um tanque, chamado em hebreu Betesda, o qual tem cinco alpendres.

Nestes jazia grande multidão de enfermos; cegos, mancos e ressicados, esperando o movimento das águas.

Porquanto um anjo descia em certo tempo ao tanque, e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse" (João 5:2-4).

Em todo o mundo sempre tem havido um certo número daqueles que são descritos nas escrituras como cegos, mancos, coxos, surdos, ressicados, mudos e enfermos. Nós nos referimos a eles como pessoas com problemas de aprendizagem ou comunicação; deficientes auditivos ou visuais; pessoas com limitações motoras ou ortopédicas. Falamos de problemas intelectuais ou emocionais, de deficiência ou doença mental. Alguns sofrem de uma combinação desses problemas e nenhum deles consegue viver sem nenhuma ajuda.

Dirijo-me às famílias daqueles que, por problemas de nascença ou resultantes de algum acidente ou doença, são obrigados a viver com alguma deficiência física ou mental. Desejo confortar aqueles para quem os termos *deficiente* ou *incapacidade* têm um sentido muito pessoal.

Ensinar Doutrina

É minha intenção ensinar doutrina que, se compreendida, reforçará vossa coragem e resistência, até mesmo transmitindo certa medida de satisfação com as condições que não provocastes, não mereceis mas que não podeis evitar.

Sem Culpa

Devo esclarecer primeiro e com ênfase este ponto: É natural que os pais de filhos deficientes se perguntem: "Em que erramos?" A idéia de que *todo* sofrimento é, de alguma forma, resultado direto do pecado tem sido ensinada desde os tempos antigos. É doutrina falsa. Esse conceito era também aceito por alguns dos primeiros discípulos, até que o Senhor os corrigiu.

"E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença.

E os seus discípulos lhe

O Templo de Lago Salgado, ao centro, com o Tabernáculo à esquerda.

perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?

Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus" (João 9:1-3).

Há pouco espaço para sentimentos de culpa em relação a deficiências. Algumas delas podem resultar de falta de cuidado ou abuso, ou mesmo de vícios dos pais. A maioria, porém, não. Inocentes são atingidos por aflições.

Leis da Natureza Soberana

O propósito para o qual o mundo foi criado e pelo qual o homem vive nele, requer que as leis da natureza operem com total desconsideração dos sentimentos humanos. Temos que alcançar a salvação, sem esperar que as leis da natureza nos poupem. A lei natural é, em raras ocasiões, suspensa num milagre, mas em geral nossos deficientes, como os coxos no tanque de Betesda, esperam interminavelmente o movimento das águas.

Nunca Ridicularizar

Devo dizer isto aos pais. Não é raro que crianças tolas e alguns adultos muito irresponsáveis façam pouco caso dos deficientes. Imitar, importunar ou ridicularizar pessoas com deficiências é crueldade. Isso pode causar dor maior que punição física — é mais doloroso, por ser imerecido. Tenho convicção de que tal brutalidade não ficará impune no esquema eterno das coisas, e haverá um dia de recompensa.

Minha mãe nos ensinou, quando éramos ainda pequenos, a nunca ridicularizar os deficientes. A mãe dela faleceu quando ela contava seis anos. Ela trabalhou no campo desde muito cedo. Um dia, alguns adolescentes estavam apanhando frutas. Uma das meninas imitou rindo alguém que tivera paralisia cerebral, dizendo: "Vejam quem sou" e citou a pessoa dificiente. Todos riram quando ela começou a imitar seu andar desengonçado. De repente, ela caiu como que atingida por um raio. Todos a rodearam muito assustados. Ela se recuperou, mas não houve mais nenhuma chacota às custas do deficiente. Minha mãe nunca esqueceu o que viu, e sempre usava isso como lição.

Pais, reservai algum tempo na próxima noite familiar, para aconselhar vossos filhos a nunca se divertirem às custas de um deficiente ou de alguém cujo rosto, figura, ou personalidade não se enquadre no suposto ideal, ou cuja pele seja muito clara ou muito escura para agradar-lhes. Ensinai-lhes que eles, à sua própria maneira, devem tornar-se como o anjo que "movimenta as águas", curando um espírito por livrá-lo da solidão, embaraço ou rejeição.

Participamos de uma formatura do seminário em Mendoza, Argentina. Na classe havia um rapaz que tinha grande dificuldade para subir degraus comuns. Quando o grupo entrou, dois colegas fortes o levantaram bondosamente. Ficamos observando, durante e após a cerimônia, e percebemos que a classe inteira fora acometida de um maravilhoso tipo de cegueira. Não viam que ele era diferente. Viam nele um colega, um amigo. *Neles* as obras de Deus *estavam sendo* manifestadas. Embora não houvesse transformação física no rapaz ou em seus companheiros, eles serviam como anjos, amenizando um espírito preso num corpo deformado, aguardando a época em que ficaria perfeito para sempre.

Ela Está Escondida Aí

Numa recente conferência de estaca, reparei que no banco da frente estava uma família que incluía uma menina de uns dez anos, que sofria de paralisia cerebral e era surda. O pai a segurava para que não escorregasse do banco. O carinho deles me tocou profundamente. Quando terminou a reunião, chamei-os para perto de mim, pois estavam retraídos. O pai se voltou, de modo que eu pudesse ver o rostinho de Heidi, enterrado no seu ombro, e disse sorrindo: "Ela está escondida aqui, nalguma parte."

Na verdade ela estava lá, nalguma parte. Todos eles estão escondidos sob a aparência física.

Presidente Joseph Fielding Smith

O Presidente Joseph Fielding Smith explicou que "todos os espíritos eram perfeitos na forma, enquanto na preexistência, possuindo todas as faculdades e poderes mentais perfeitos... Deformidades do corpo e da mente são... físicos." (*Answer to Gospel Question*, comp. Joseph Fielding Smith, Jr., 5 vols., Salt Lake City: Deseret Book Co., 1979, 3:19.) *Físico* significa "temporal"; *temporal*

quer dizer "temporário". Os espíritos que são belos e inocentes podem ficar temporariamente restritos por impedimentos físicos.

Se a cura não acontece na vida mortal, acontecerá na esfera vindoura. Exatamente como as maravilhosas borboletas coloridas emergem de uma crisálida, os espíritos também emergirão.

Restaurados em Forma Perfeita

"Os seus restos mortais [serão] restaurados a sua forma perfeita, osso com osso, e os tendões e a carne [voltarão] a cobri-los, o espírito e o corpo [serão] reunidos para nunca mais se separarem, a fim de que [possam] receber a plenitude da alegria" (D&C 138:17).

E "a alma será restaurada ao corpo e o corpo à alma; sim, e todos os membros e juntas serão devolvidos aos respectivos corpos; sim, nem mesmo um fio de cabelo da cabeça será perdido, mas tudo será devolvido à sua *própria* e *perfeita* forma", (Alma 40:23; grifo nosso.)

"Oh! Quão grande é o plano de nosso Deus!... e o espírito e o corpo serão restaurados um no outro novamente, e todos os homens se tornarão incorruptíveis e imortais, e serão almas viventes, tendo um perfeito conhecimento, semelhante ao que temos na carne, com a diferença de que então o nosso conhecimento será perfeito." (2 Néfi 9:13.)

Disse o Apóstolo Paulo: "Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens." (I Coríntios 15:19.)

Se nossa visão fica limitada à vida mortal, certas coisas se tornam insuportáveis, por parecerem injustas e permanentes. Há doutrinas que, se compreendidas, proporcionarão perspectiva e serenidade frente a problemas que, do contrário, não têm explicação satisfatória.

Verdade: Somos filhos espirituais de um Deus que é nosso Pai. Vivemos com ele na existência pré-mortal, da qual deve ser dito que não houve nem poderia ter havido um começo. As revelações falam de coisas de "antes da fundação do mundo" e de antes que o mundo existisse. (Vide D&C 124:33-41.)

Membros do Quorum dos Doze levantam-se para cantar um hino com a congregação.

Verdade: A vida mortal é temporária e, comparada à eternidade, infinitamente pequena. Se uma gotícula microscópica de água representasse a duração da vida mortal, por comparação todos os oceanos da terra juntos não poderiam sequer começar a representar a vida imortal.

Verdade: Após a vida mortal ressurgiremos na ressurreição para uma existência que não terá nem poderia ter fim. As palavras *infinito*, *sem fim*, *eterno*, *para todo o sempre*, nas revelações, descrevem tanto o evangelho como a vida.

O dia da cura virá. Corpos deformados e mentes perturbadas se tornarão perfeitos. No meio tempo, precisamos cuidar daqueles que esperam perto do tanque de Betesda.

Vós, pais, e vós, familiares, cuja vida tem de ser reordenada por causa de uma pessoa deficiente, cujos recursos e tempo precisam ser devotados a ela, sois heróis especiais. Vós manifestais as obras de Deus com cada pensamento, com cada gesto de ternura e cuidado prestados ao ente querido deficiente. Não importam as lágrimas nem as horas de pesar e desânimo: não importam as vezes em que sentis que não agüentais mais outro dia do que se exige de vós. Sois princípios vivos do Evangelho de Jesus Cristo de excepcional pureza. *E vos aperfeiçoais pessoalmente no decorrer do processo.*

Agora, em tudo isso é preciso haver equilíbrio, pois ao deficiente cabe a responsabilidade de operar sua própria salvação. Quanto mais os padrões normais de conduta e disciplina se aplicarem ao deficiente, mais feliz ele será.

Cada centímetro de progresso físico e mental vale o esforço feito. O Profeta Joseph Smith disse que "todos os intelectos e espíritos que Deus constantemente manda ao mundo são suscetíveis de engrandecimento". (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 346.)

Conheci pessoas que pareciam gostar de ter problemas de saúde e que interromperam desnecessariamente a vida de quem cuidava delas, tornando todos infelizes. Eles vivem de simpatia que, em geral, é um nutriente muito precário. Saber até onde exigir esforço do deficiente, quando existe sofrimento físico e emocional, pode ser a parte mais difícil para os que dele cuidam. Não obstante, como dizia o Profeta Joseph Smith: "É preciso haver firmeza de caráter, à parte da simpatia." (*History of the Church*, 4:570.)

Pensai nisto: A menos que morramos prematuramente, todos nós poderemos acabar física e mentalmente deficientes. Seria bom que fizéssemos pagamentos adiantados, em forma de serviço e compaixão, a fim de termos um crédito com o qual contar, quando chegar nossa hora.

Por que não ajudar pais que têm muitas coisas a fazer e despesas extras, e ficam presos em casa por causa de um familiar incapacitado? Encorajai os professores e assistentes sociais que lhes demonstram tanta devoção. E não faria mal nenhum doardes algum dinheiro ou algumas horas a uma das muitas organizações que ajudam os incapacitados. Se assim fizermos, sem qualquer sentimento egoísta, aumentaremos nosso saldo para a época em que talvez necessitemos de auxílio. E as obras de Deus se tornarão manifestas em nossa vida.

"No presente não podeis, com os vossos olhos naturais, ver o desígnio de Deus com respeito às coisas que virão mais tarde, nem a glória que se seguirá depois de muita tribulação.

Pois após muita tribulação vêm as bênçãos. Portanto, o dia vem em que sereis coroados com muita glória; ainda não é chegada a hora, mas está perto" (D&C 58:3-4).

Presto testemunho da restauração futura. Cada corpo e mente será restituído à sua perfeita forma. Por mais comprida e injusta que a mortalidade possa parecer, por mais demorado o sofrimento e a espera, ele disse:

"E depois vem o dia do meu poder; então o pobre, o aleijado, o cego e o surdo virão ao casamento do Cordeiro e participarão da ceia do Senhor, preparada para o grande dia que está para vir.

Eis que eu, o Senhor, o disse" (D&C 58:11-12).

Sou uma testemunha da condição daqueles que se foram para além do véu, e todos nós temos razão para glorificar aquele que é nosso Pai, e aquele que é nosso Redentor, do que presto testemunho em nome de Jesus Cristo, amém.

"GUARDA-TE, E QUE TE NÃO ESQUEÇAS DO SENHOR"

Élder Dean L. Larsen
da Presidência dos Setenta

"A História repetidamente confirma que a abundância de bens terrenos pode ser tanto uma bênção como maldição, dependendo de como essas coisas são encaradas e usadas."

Damos as boas-vindas às Autoridades Gerais apoiadas esta manhã como novos membros dos Quoruns dos Setentas. São homens de fé e devoção, com uma vasta bagagem de experiência na liderança da Igreja. Seu chamado é um reflexo do constante crescimento da Igreja no mundo inteiro.

Quando as tribos de Israel se preparavam para cruzar o Jordão, a fim de entrarem na terra de Canaã, Moisés lhes deu instruções e conselho finais. Eles estavam prestes a entrar na terra que Josué e Calebe haviam descrito como a "terra que mana leite e mel" (Números 14:8). Seria uma grande mudança na situação de Israel. Durante uma geração inteira haviam conhecido somente a desolação de lugares desertos, dependendo do Senhor para sua subsistência diária.

Moisés estava preocupado com a capacidade do povo de enfrentar a transição radical que estavam prestes a viver. "Ouve, ó Israel", dizia ele, "hoje passarás o Jordão, para entrar a possuir nações maiores e mais fortes do que tu; cidades grandes, e muradas até aos céus" (Deuteronômio 9:1).

"Havendo-te pois o Senhor teu Deus introduzido na terra que jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, te daria, grandes e boas cidades que tu não edificaste.

E casas cheias de todo o bem, que tu não encheste, e poços cavados, que tu não cavaste, vinhas e olivais, que tu não plantaste, e comeres, e te fartares.

Guarda-te, e que te não esqueças do Senhor, que te tirou da terra do Egito da casa da servidão" (Deuteronômio 6:10-12).

As preocupações expressas por Moisés pelo seu povo têm sido repetidas por outros líderes profetas durante todas as dispensações do evangelho. Parece que um dos efeitos inevitáveis da aplicação dos princípios do evangelho na vida de um povo é que suas condições

materiais também melhoram. Isto não significa que têm o direito ou a expectativa de se tornarem ricos de bens terrenos todos os que aceitam o evangelho de Cristo. Entretanto, o Senhor deixou claro que, quando o povo é obediente, ele deseja abençoá-lo, atendendo a suas necessidades e proporcionando-lhe conforto para que não viva carente.

Disse o Senhor ao Profeta Joseph Smith: "E fiz rica a terra, e eis que ela é o meu pedestal, portanto, sobre ela outra vez me porei de pé.

E agora me disponho e condescendo em vos dar maiores riquezas, mesmo uma terra de promissão, uma terra que mana leite e mel, sobre a qual não haverá maldição quando o Senhor vier" (D&C 38:17-18).

Historicamente, a abundância com que o Senhor tem abençoado seu povo prova ser um de seus maiores testes. Os ciclos de aquisição de riqueza mundana e seu subsequente declínio estão perfeitamente documentados nos anais escriturísticos e históricos.

A preocupação de Moisés para com seu povo provou-se justificada nos anos seguintes à sua entrada na terra de Canaã. Foi quando se estabeleceram nessa terra fértil que começaram a não dar o devido valor à sua abundância e a se esquecer da fonte real dessas bênçãos. Moisés os havia aconselhado: "Porque o Senhor teu Deus te mete numa boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes, e de abismos, que saem dos vales e das montanhas;

Terra de trigo e cevada, e de vides, e figueiras, e romeiras; terra de oliveiras, abundante de azeite e mel;

Terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela: terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes tu cavarás o cobre.

Quando pois tiveres comido, e fores farto, louvarás ao Senhor teu Deus pela boa terra que te deu.

Guarda-te para que te não esqueças do Senhor teu Deus, não guardando os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno:

Para que, porventura, havendo tu comido e estando farto, e havendo edificado boas casas, e habitando-as,

E se tiverem aumentado as tuas vacas e as tuas ovelhas, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens,

Se não eleve o teu coração e te esqueças do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão;...

E digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza de meu braço, me adquiriu este poder." (Deuteronômio 8:7-14, 17.)

Recém-apoiado membro dos Setenta, Joseph C. Muren, à esquerda, é recebido pelo Élder M. Russell Ballard, do Conselho dos Doze, e pelos Élderes L. Lionel Kendrick e H. Verlan Andersen, dos Setenta.

Pouco tempo depois de os santos dos últimos dias haverem entrado no Vale do Lago Salgado, enquanto lutavam em pobreza para estabelecer ali seu lar e sobreviver numa terra que fora deserta, chegaram notícias da descoberta de ouro no norte da Califórnia. A novidade espalhou-se por todo o país, e os caçadores de fortuna, de passagem pela região do Lago Salgado, a caminho dos campos de mineração, falavam de suas esperanças de ficarem ricos nos recém-descobertos garimpos. Para alguns dos santos que eram tão pobres foi uma grande tentação.

Brigham Young, pressentindo o clima reinante entre alguns do povo, disse: "Espero que as minas de ouro estejam, pelo menos a mil e trezentos quilômetros... Prosperidade e riqueza embotam os sentimentos humanos." (Journal History of the Church, 8 de julho de 1849.)

E, com sua maneira direta, acrescentava tempos depois: "Meu maior medo quanto a este povo é que ele se torne rico neste país se esqueça de Deus e de seu povo, prospere, abandone a Igreja e vá para o inferno. Esse povo suporta ataques, espoliação, pobreza e toda sorte de perseguições, mantendo-se fiel. Meu maior medo, porém,... é que não possa resistir à riqueza" (James S. Brown, *Life of a Pioneer*, Salt Lake City: Geo. Q. Cannon and Sons Co., 1900, pp. 122-123).

Em sua inspirada sabedoria, o Presidente Young sentiu algumas das mesmas apreensões que Moisés tivera para com as tribos de Israel.

Seus conselhos aos antigos santos refletem os sentimentos expressos por Jacó no Livro de Mórmon. Esses homens não achavam que houvesse algo de inerentemente errado na riqueza; o perigo era que obscurecesse o reconhecimento da mão do Senhor nessas bênçãos, e que não usassem a abundância para abençoar outros e realizar os propósitos do Senhor. Diz Jacó:

"Prezai vossos irmãos como a vós mesmos; sede amáveis para com

Membros do Quorum dos Doze, da esquerda para a direita: Élderes L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, e Russell M. Nelson.

todos e liberais com vossos bens, para que eles possam ser ricos como vós.

Mas, antes de buscardes as riquezas buscai o reino de Deus.

E, depois de haverdes obtido uma esperança em Cristo, conseguireis riquezas, se as procurardes; e procurá-las-eis com o fito de praticar o bem; para vestir os nus, alimentar os famintos, libertar os presos e dar conforto aos doentes e aflitos" (Jacó 2:17-19).

A cobiça de riqueza tem resultado muitas vezes em avareza, desonestidade e ganância. A aquisição de bens tem freqüentemente produzido orgulho, convencimento e arrogância.

Um episódio na época de Alma no Livro de Mórmon ilustra o ciclo ocorrido tantas vezes, quando um povo é abençoado materialmente pelo Senhor e depois se afasta dele. No caso em questão, o povo nefita lutava para vencer os efeitos de uma devastadora guerra civil e uma invasão lamanita.

Não só houve perda de muitas vidas, mas a destruição nas terras e propriedades fora suficiente para ameaçar seriamente a perspectiva de recuperação. Alma descreve assim as condições: "Mas o povo estava aflito, sim, grandemente aflito pela perda de seus irmãos e também de seus rebanhos e gado, assim como pela perda de suas culturas de cereais, que foram pisadas pelos pés e destruídas...

E tão grandes eram suas aflições que todos tinham motivos para se lamentar, sim, e pensavam que os juízos de Deus haviam caído sobre eles devido a suas maldades e abominações; foi despertada neles, portanto, a lembrança de seus deveres.

E começaram a estabelecer a igreja mais plenamente; sim, muitos foram batizados nas águas do Sidon, reunindo-se à igreja de Deus." (Alma 4:2-4.)

Esse redespertar espiritual do povo teve um grande efeito. A paz retornou à terra. A Igreja prosperou em seu rápido crescimento. Não é de surpreender que logo o povo tenha começado de novo a ter uma vida abundante.

As bênçãos espirituais concedidas pelo Senhor foram acompanhadas de abundância material. Infelizmente, os nefitas não passaram nessa prova. Três anos depois de sua anterior tragédia, Alma descreve seu povo assim: "Os membros da igreja começaram a tornar-se orgulhosos, por causa de sua excessiva riqueza, de suas delicadas sedas, seus finos panos de linho e seus muitos rebanhos e gado, ouro, prata e toda espécie de coisas preciosas, que haviam obtido pelo seu trabalho; e por causa de tudo isso começaram a tornar-se orgulhosos e a usar vestimentas muito luxuosas." (Alma 4:6.)

A História repetidamente confirma que a abundância de bens terrenos pode ser uma bênção ou uma maldição, dependendo de como essas coisas são encaradas e usadas. Quando as consumimos para nossa própria satisfação, invocamos tragédia.

Riqueza é uma coisa relativa. As condições variam enormemente de um lugar para outro, no mundo de hoje. Aquilo que alguns consideram o mínimo necessário para viver, para outros seria abundância, até mesmo extravagância. Em qualquer condição, os desafios relacionados à prosperidade material continuam os mesmos. A mensagem que ressalta das páginas da história e dos conselhos do Senhor e seus profetas é clara:

— Buscai primeiro o reino de Deus.

— Não busqueis riquezas para satisfazer vossos próprios deleites.

— Não cobiceis.

— Vesti os nus.

— Alimentai os famintos.

— Confortai os doentes e aflitos.

— Pagai dízimos e ofertas.

— Reconhecei o Senhor em todas as coisas.

— Sede gratos.

— Sede humildes.

As palavras de Moisés às tribos de Israel são apropriadamente aplicáveis a nós:

"Para que temas ao Senhor teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos... tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida, e que teus dias sejam prolongados,

Ouve pois, ó Israel, e atenta que os guardes, para que bem te suceda, e muito te multipliques, como te disse o Senhor Deus de teus pais, na terra que mana leite e mel" (Deuteronômio 6:2-3).

E "quando... tiveres comido, e fores farto, louvarás o Senhor teu Deus [pelo bem] que te deu" (Deuteronômio 8:10). Em nome de Jesus Cristo, amém.

ARREPENDIMENTO

Élder F. Burton Howard
dos Setenta

"A doce paz que o evangelho traz nunca vem... quando justificamos nossa má conduta ou culpamos outros por nossa infelicidade."

Embora por certo não vos lembreis, a última vez que estive neste púlpito falei sobre arrependimento. Resolvi fazê-lo de novo.

Há uma brincadeira feita no recreio das escolas, em que os rapazes formam uma roda e um deles bate no ombro do vizinho e diz: "Passe adiante." Quem recebe a palmada obedientemente a transmite ao vizinho e diz: "Passe adiante." O terceiro prontamente bate no quarto, e assim continuam tentando livrar-se da dor e da responsabilidade, passando-a para outra pessoa.

Muitos de nós somos como eles. Talvez sem nos darmos conta, como adultos continuamos a fazer a brincadeira infantil, arriscando muito mais do que um ombro dolorido. Vou explicar o que quero dizer.

A não aceitação da responsabilidade por nossas ações e suas conseqüências é uma condição muito comum hoje. Quem já não soube de um motorista embriagado que processou seu anfitrião por permitir que se embriagasse, ou da vítima de um acidente que reclamou indenização do médico que tentou ajudá-la? Acusados dos crimes mais hediondos muitas vezes alegam tê-los cometido por insanidade mental ou por serem vítimas dos males da sociedade. Os sem lar culpam o álcool. Alcoólatras culpam deficiências genéticas. Abusadores e adúlteros culpam o lar desfeito em sua infância. E existem muitos que concordam com eles, para que ninguém precise sentir-se terrivelmente culpado durante muito tempo, se não quiser.

O hábito de transferir o fardo da culpa para outra pessoa, embora talvez compreensível num ambiente secular, tem conseqüências mais sérias na esfera espiritual. Nela também existe uma antiga, mas não honrosa tradição.

Caim culpou Deus quando seu sacrifício não foi aceito. "Eu estava irado", alegou, "porque aceitastes a oferta dele e a minha não." (Moisés 5:38.)

Lamã e Lemuel culpavam Néfi por quase todos os seus problemas. (Vide 1 Néfi 16:35-38.) Pilatos culpou os judeus, quando concordou com a crucificação do Salvador, no qual não encontrou "culpa". (Lucas 23:4; vide também Mateus 27:24.)

Até mesmo a própria elite sucumbiu, às vezes, à tentação de culpar outros por sua desobediência ou seu fracasso em receber bênçãos. Aarão culpou os filhos de Israel quando Moisés o acusou de haver cometido um grande pecado, fazendo o bezerro de ouro. (Vide Êxodo 32:19-24.) E Marta possivelmente estava culpando Maria por privá-la da presença do Salvador naquele dia inesquecível em Betânia. (Vide Lucas 10:40.)

Hoje a prática continua. A todo momento ouvimos frases como: "Minha mulher simplesmente não me compreende", "Sossegue, todos fazem isso" ou "Não foi realmente minha culpa". O segundo grande mandamento (vide Mateus 22:35-40) é violado rotineiramente pelos que dizem: "Foi ele quem começou", ou "Ela mereceu". Adolescentes e adultos, igualmente, dizem brincando, tentando justificar pequenos deslizes: "Foi o demônio quem me induziu."

Quando confrontados com as conseqüências da transgressão, em lugar de procurarmos em nós mesmos a fonte de desconforto que sempre acompanha o pecado, muitos tendem a culpar outros. Em vez de fugirmos de um círculo vicioso e sem sentido, culpamos o próximo pela nossa dor e procuramos passá-la adiante. Para nos arrependermos, entretanto, precisamos sair desse círculo.

O primeiro passo no processo do arrependimento sempre foi reconhecer que erramos. Se estamos tão presos ao orgulho, à racionalização, ao machismo ou à auto-estima mal orientada, que não conseguimos sequer admitir que somos parte do problema, então estamos em apuros. Talvez nem cheguemos a reconhecer a necessidade de arrependimento. Não temos nenhuma idéia se o Senhor está satisfeito conosco ou não, e poderemos ter "perdido a sensibilidade". (1 Néfi 17:45.) Todos os homens, porém, seja onde for, precisam arrepender-se. (Vide 3 Néfi 11:32.) Deixar de fazê-lo significa perecer. (Vide Lucas 13:3; Helamã 7:28.)

Desculpar a má conduta, pondo a culpa em outros é, na melhor das hipóteses, presunção e fatalmente destrutivo com relação ao espiritual, pois "cremos que os homens serão punidos pelos seus

Élderes Douglas H. Smith e Gardner H. Russell, dos Setenta.

próprios pecados e não pela transgressão de Adão". (Segunda Regra de Fé.) Isto significa não só que não seremos punidos pelo que Adão fez no Éden, mas também que não podemos desculpar nossa própria conduta, apontando o dedo para Adão ou outra pessoa qualquer. O verdadeiro perigo em não aceitar a responsabilidade por nossas ações é que, a menos que o façamos, jamais conseguiremos entrar no caminho estreito e apertado. A má ação que não requer arrependimento pode ser agradável a princípio, mas não o será por muito tempo. E jamais nos levará à vida eterna.

Tão insensato como acreditar que podemos "passar adiante" é a idéia de que a satisfação de pertencermos a um grupo, seja lá qual for, possa de alguma forma desculpar os erros cometidos nele. Este conceito é largamente aceito e muitas vezes expresso pela máxima de que "o fim justifica os meios". Tal crença, se não rebatida, pode igualmente impedir o processo do arrependimento e fazer-nos perder a exaltação.

Aqueles que o pregam estão quase sempre tentando justificar o uso de meios impróprios ou questionáveis. Essas pessoas parecem dizer: "Meu propósito era fazer o bem ou ser feliz; portanto, justifica-se qualquer mentirinha, ou falsidade, ou falta de integridade, ou violação da lei, no processo."

Em certas circunstâncias, alguns dizem que é válido ocultar a verdade, criar um pequeno percalço para um adversário, tirar vantagem de alguma forma — tal como de conhecimento ou posição superior — contra um outro. "Isto é o usual", ou "Estou apenas cuidando de mim", dizem. "No amor e na guerra vale tudo", ou "É assim que as coisas são", dizem eles, mas se os meios que induzem tais afirmações são errados, não há racionalização ou justificativas verbais capazes de torná-los lícitos.

Àqueles que acreditam no contrário, diz Néfi: "Sim, e haverá muitos que ensinarão, desta maneira, doutrinas falsas, vãs e tolas, se inflamarão em seus corações, procurarão com empenho esconder seus desígnios do Senhor." (2 Néfi 28:9.)

Alguns procuram justificar suas ações citando escrituras. Muitas vezes citam o fato de Néfi haver matado Labão como exemplo da necessidade de violar uma lei para realizar um bem maior e impedir que uma nação pereça em incredulidade. Esquecem-se, porém, de que Néfi por duas vezes negou-se a seguir os influxos do Espírito. Só concordou em quebrar o mandamento quando se convenceu de que "o *Senhor* destrói os iníquos para que sejam cumpridos *seus* justos desígnios". (1 Néfi 4:13; grifo nosso.) E também (creio eu), quando soube que a penalidade pelo derramamento de sangue havia sido suspensa, nesse caso excepcional, por aquele que tem o direito de fixar e relevar penalidades.

A verdade é que somos julgados pelos meios que empregamos e não pelos pretendidos fins. De pouco nos valerá no último dia responder ao Grande Juiz: "Sei que não fui tudo que poderia ter sido, mas minha intenção era boa."

Na verdade, é perigoso fixar-se meramente nos fins. A alguns que assim fizeram, disse o Salvador:

"Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome, em teu nome não expulsamos demônios e nele não fizemos muitas maravilhas?

E, então, hei de declarar-lhes: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, obreiros da iniqüidade." (3 Néfi 14:22-23.)

A guerra nos céus foi essencialmente sobre os meios com que se realizaria o plano de salvação. Estabeleceu para sempre o princípio de que, mesmo para o maior de todos os fins, a vida eterna, os meios são primordiais. Deve ficar claro para todos os santos dos últimos dias pensantes, que meios errados jamais poderão alcançar tal fim.

O perigo de achar que o fim justifica os meios reside em fazermos um julgamento que não temos direito de fazer. Quem somos nós para dizer que o Senhor perdoará a iniqüidade perpetrada para se conseguir um "bem maior"? Ainda que o objetivo seja bom, seria uma calamidade pessoal olharmos além do marco e deixarmos de nos arrepender dos erros cometidos ao longo do caminho.

Naturalmente temos o direito de almejar a felicidade, mas enquanto a buscamos devemos parar de vez em quando e fazer um auto-exame, lembrando-nos de que "iniqüidade nunca foi felicidade". (Alma 41:10.)

E não conseguimos nunca a doce paz advinda do evangelho, quando justificamos nossa má conduta ou culpamos outros por nossa infelicidade. Existe, porém, uma saída. Basta lembrar-nos daquela tola e irresponsável brincadeira infantil, e calmamente nos afastarmos. Admitir, parar, sair, confessar, pedir perdão, admitir o mal que fizemos, e simplesmente nos afastarmos.

Há tantas coisas importantes para fazermos na mortalidade! Não há muito tempo para perder com brincadeiras. Precisamos obter as ordenanças essenciais. Precisamos fazer e guardar convênios sagrados. Temos de viver segundo "toda a palavra que sai da boca de Deus" (D&C 98:11). Devemos amar-nos e servir-nos mutuamente. Temos que ser provados em todas as coisas. (Vide D&C 98:14.) Mesmo coisas pequenas como meios. Haverá provações. Provavelmente existirão outros grupos que deveremos abandonar. O modo de reagirmos a tudo isso será a verdadeira medida de nossa salvação.

Assim, digo àqueles, incluindo a mim mesmo, que de tempos em tempos declaram, "Não é minha culpa, fui compelido pelas circunstâncias", talvez seja verdade, mas há um grande perigo nisso. Se houver a mínima dúvida que seja, simplesmente nos arrependamos, pois, nas palavras de Jó: "Se eu me justificar, a minha boca me condenará; se reto me disser, então me declarará perverso" (Jó 9:20).

Aos que alegam: "Posso ter errado um pouco, mas minha intenção era boa e creio que Deus justificará minha conduta", minha resposta é: "Talvez sim, mas não conte com isso." Pois na seção 137 de Doutrina e Convênios, versículo 9, lemos:

"Pois eu, o Senhor, julgarei a todos os homens segundo suas obras, segundo os desejos de seus corações."

Que o Senhor nos abençoe para que nos vejamos como realmente somos e nos arrependamos conforme necessário, eu oro em nome de Jesus Cristo, amém.

"Honra a Teu Pai e a Tua Mãe"

Élder Dallin H. Oaks
do Quorum dos Doze Apóstolos

"O mandamento de honrar os pais está presente em todos os aspectos do evangelho. Ele é inerente à nossa relação com Deus, o Pai."

Desde a conferência de outubro passado, muitos sofreram fortes emoções, causadas pela guerra no Golfo Pérsico. Muitos santos dos últimos dias tiveram a vida alterada por esse conflito. No teatro de operações militares, havia mais de cento e quarenta grupos SUD oferecendo liderança, serviços religiosos e solidariedade a membros das forças armadas. Em casa, famílias foram separadas e viveram sob tensão. Louvamos os líderes e membros da Igreja que arcaram com fardos extras, cuidando de familiares de nossos membros que prestavam serviço militar. Esse trabalho continua. Líderes de estaca, ala, quorum, e Sociedade de Socorro atuaram e continuam atuando nas melhores tradições do serviço fraternal.

Durante essa crise, nossos corações se condoeram dos que estavam sendo oprimidos e correndo perigo, em ambos os lados do conflito. Semana após semana, nos conselhos dirigentes da Igreja, nas reuniões da Igreja em toda a parte, nos lares e nas reuniões públicas e particulares, oramos pelo bem-estar dos que estavam nas forças armadas. Orávamos também para que a guerra fosse breve e o número de mortos e feridos o menor possível.

Nossas preces foram atendidas e, neste período de ação de graças nacional, estipulado por proclamação presidencial, juntamo-nos a milhões de pessoas religiosas, em orações de gratidão ao Pai misericordioso dos céus. Estendemos nosso amor e simpatia aos familiares daqueles que perderam a vida. E continuamos orando para que os líderes que presidem o processo de manutenção da paz e cuidam do repatriamento de prisioneiros e refugiados, sejam sábios e ponderados, e bem sucedidos na cura dos efeitos maléficos da guerra.

Há milhares de anos, numa montanha da península arábica, não muito longe do recente conflito, o Senhor Deus de Israel deu dez mandamentos a seu povo. O quinto mandamento, transmitido por meio do Profeta Moisés, foi:

"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá." (Êxodo 20:12.)

Em voto de apoio, membros da Primeira Presidência, da esquerda para a direita: Elderes L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, e Russell M. Nelson.

Nesta manhã quero falar-vos sobre honrar os pais e os idosos.

O mandamento de honrar os pais está presente em todos os aspectos do evangelho. Ele é inerente à nossa relação com Deus, o Pai. Abarca o destino divino dos filhos de Deus. Esse mandamento se refere ao governo da família, que é pautado pelo governo dos céus.

O mandamento de honrarmos nossos pais faz eco ao sagrado espírito das relações familiares nas quais — na melhor das hipóteses — temos sublimes demonstrações de amor e zelo celestial uns pelos outros. Sentimos a importância desse relacionamento, quando compreendemos que nossas maiores alegrias ou dores, na mortalidade, provém dos membros de nossa família.

Outras manifestações desse mandamento incluem gerar e criar filhos, elaborar a história da família e empenhar-se para que as ordenanças de eternidade sejam realizadas por nossos antepassados falecidos.

O Salvador deu nova ênfase à importância do quinto mandamento, durante seu ministério. Lembrou aos escribas e fariseus que temos o mandamento de honrar pai e mãe, e que Deus ordenara que quem quer que amaldiçoasse pai ou mãe fosse condenado à morte. (Vide Levítico 20:9; Deuteronômio 21:18-21; Mateus 15:4; Marcos 7:10.) Hoje, deixar de honrar nossos pais não é crime capital em nenhum país, pelo que nos consta. Entretanto, o mandado divino de honrar pai e mãe jamais foi revogado. (Vide Mosiah 13:20; Mateus 19:19; Lucas 18:20.)

À semelhança de muitas escrituras, este mandamento tem múltiplo sentido.

Para as pessoas jovens, honrar pai e mãe significa, apropriadamente, obedecer, respeitar e seguir o exemplo de pais justos. O Apóstolo Paulo salientou esse ponto ao ensinar: "Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais [em tudo que é justo, creio eu]; porque isto é agradável ao Senhor." (Colossenses 3:20.)

O Presidente Kimball combina o conceito de obedecer aos pais e seguir-lhes o exemplo, nestas palavras:

"Se realmente honrarmos [nossos pais], procuraremos imitar suas melhores características e cumprir suas mais elevadas aspirações quanto a nós. Para os pais, nenhuma dádiva comprada em loja pode chegar aos pés de algumas simples e sinceras palavras de apreço. Nada que pudéssemos dar-lhes seria mais apreciado do que a vida reta de um jovem." (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, Salt Lake City: Bookcraft, 1982, p. 348.)

Jovens, se honrardes vossos pais, vós os amareis, respeitareis, confiareis neles, tereis consideração por eles, expressar-lhes — eis vosso apreço e demonstrareis todas estas coisas, seguindo seus conselhos em retidão e obedecendo aos mandamentos de Deus.

Para as pessoas cujos pais estão mortos, honrá-los provavelmente significa reuniões da família, história da família, ordenanças vicárias e compromisso com as grandes causas às quais os falecidos dedicaram a vida.

Pessoas de meia idade provavelmente pensam nesse mandamento em termos de cuidar dos pais idosos. Numa mensagem proferida, há ano e meio, o Presidente Ezra Taft Benson incentivou as famílias a "darem aos pais e avós idosos o amor, cuidado e atenção que eles merecem". Dizia ele:

"Lembrai-vos, pais e avós são nossa responsabilidade, e devemos cuidar deles da melhor forma possível. Quando idosos não têm família que cuide deles, cabe aos líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro fazerem o máximo empenho para atender às suas necessidades com o mesmo amor." ("Aos Idosos da Igreja", *A Liahona*, janeiro de 1990, p. 6.)

Nos últimos anos tem havido um grande aumento do número e da porcentagem de pessoas mais idosas em nossa população. Um estudo recente estima que, em mais dez anos, um sétimo da população dos Estados Unidos, aproximadamente trinta e cinco milhões de pessoas, terão sessenta e cinco anos, pelo menos. Nessa época, cerca de cinco milhões de cidadãos terão mais de oitenta e cinco anos. (Vide "Consumer Issues and the Elderly", *Deseret News*, 7 de maio de 1990, p. C1.)

De tempos em tempos, os líderes da Igreja têm notícias de filhos adultos que parecem ser bons santos dos últimos dias, mas são negligentes ou mesmo

maldosamente indiferentes no atendimento a seus pais idosos. Alguns têm encorajado os pais a distribuírem seus bens, para depois deixá-los em instituições, às vezes com atendimento inadequado e sem visitas regulares e expressões de carinho da parte dos filhos. Creio que é esse tipo de coisas que o porta-voz do Senhor, o Profeta Isaías, verberava ao ordenar: "Não te escondas da tua carne." (Isaías 58:7.)

A melhor maneira de cuidar dos idosos é preservar sua independência, enquanto for possível. O Presidente Benson explica:

"Mesmo quando se tornam idosos, devemos honrá-los, permitindo-lhes liberdade de escolha e a oportunidade de independência enquanto for possível. Não lhes tiremos as escolhas que eles ainda podem fazer. Alguns pais são capazes de viver e cuidar de si próprios até uma idade bem avançada, e preferem que seja assim. Se for o caso, permiti que o façam.

Caso se tornem incapazes de viver independentes, então será preciso recorrer aos recursos da família, Igreja e comunidade em favor deles. Quando idosos se tornam incapazes de cuidarem de si próprios, mesmo com alguma ajuda, um membro da família poderá encarregar-se deles, se possível. Nessa situação, talvez seja necessário recorrer também aos recursos da Igreja e da comunidade." (*A Liahona*, janeiro de 1990, pp. 6-7.)

Quando pais idosos, incapazes de viverem sozinhos, são convidados a viver com os filhos, isto os conserva no círculo familiar e permite-lhes continuar intimamente ligados a todos os familiares. Quando um dos filhos se encarrega deles, os outros filhos devem compartilhar os fardos e as bênçãos dessa situação.

Quando não for possível cuidar dos pais no lar de um dos filhos, de modo que haja necessidade de obter alguma forma de assistência institucional, os filhos devem lembrar-se de que esse tipo de cuidado geralmente se concentra nas necessidades físicas. Os familiares devem fazer visitas e contatos regulares, a fim de dar-lhes apoio espiritual e emocional, e amor, que deve continuar no relacionamento familiar durante a vida mortal e na eternidade.

Élderes Durrel A. Woolsey, Lloyd P. George, L. Lionel Kendrick, dos Setenta.

Em certas nações em que residem membros nossos, a obrigação de cuidar dos pais idosos é mais sentida e observada do que nos Estados Unidos. Vi isto na Ásia, mas o cuidado com os pais idosos continua sendo uma obrigação fortemente arraigada para a maioria dos americanos. Seis entre dez pessoas, interrogadas numa recente pesquisa nacional, tinham contato semanal com os filhos, e três quartos delas falavam com os filhos por telefone pelo menos semanalmente. Dois terços dos interrogados pretendiam cuidar de seus pais idosos. (Vide *Deseret News*, 7 de maio de 1990, p. C-1.)

Os santos dos últimos dias têm um bom desempenho, cuidando dos pais idosos e pessoas de idade em geral. Tenho visto maravilhosos exemplos disto em minha própria família e entre muitos amigos e companheiros SUD. Muitas de nossas Autoridades Gerais e esposas têm cuidado exemplarmente de seus pais idosos.

Quando eu era menino, numa pequena cidade de Utah, lembro-me de ver minha avó supervisionando a provisão de mantimentos, ajuda, condução e entretenimento para um grande grupo de idosos da comunidade. Como conselheira na presidência da Sociedade de Socorro da estaca, ela estava fazendo preparativos para o "Dia dos Idosos".

Muitos de vós nunca ouvistes falar no "Dia dos Idosos", um costume único dos mórmons de Utah. Começou em 1875, quando Charles R. Savage, o fotógrafo pioneiro, persuadiu o Bispo Presidente Edward Hunter a instituir um dia para honrar os que hoje chamamos de terceira idade.

Membros da Presidência dos Setenta, da esquerda para a direita: Êlderes Dean L. Larsen, Marion D. Hanks, e Robert L. Backman.

O primeiro Dia dos Idosos levou convidados, de trem, para um passeio a Saltair, um parque de diversões a oeste da Cidade do Lago Salgado. Há um monumento homenageando essa comemoração e seu iniciador, no canto sudeste da Praça do Templo.

O Dia dos Idosos era celebrado anualmente em quase todas as comunidades de Utah. Condução, alimentação e lazer eram oferecidos aos cidadãos com mais de setenta anos. Embora esse feriado fosse organizado pelos líderes da Igreja, fora estipulado que "ninguém deve ser excluído por causa de sua religião, e o mais idoso presente é o convidado especial da data, seja ele branco ou negro ou qualquer que seja sua religião". (Citado em Joseph Heinerman, "The Old Folks Day: A Unique Utah Tradition", *Utah Historical Quarterly*, 53 [Primavera de 1985]: 158.)

O comitê diretor dessas celebrações foi desfeito em 1970, e a responsabilidade de homenagear os cidadãos pertencentes à chamada terceira idade foi passada aos presidentes de estaca da Igreja. A partir de então, vimos crescer os números de cidadãos de terceira idade em nosso meio, mas talvez não um significativo aumento nas homenagens que lhes são prestadas. Felizmente, os avanços na ciência médica que produziram aumento de longevidade, também fizeram crescer a efetiva participação de nossos cidadãos idosos na igreja, comunidade, negócios e vida social, mas a necessidade de honrá-los especialmente nossos pais e mães, continua a mesma.

O quinto mandamento é muitas vezes chamado de primeiro mandamento com promessa. "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá." (Êxodo 20:12.) Tenho pensado na relação entre o mandamento e a promessa. Como honrar os pais poderia prolongar a longevidade?

Durante quase quarenta anos de casamento, venho observando algo que pode explicar pelo menos parcialmente o cumprimento dessa promessa.

Nos primeiros tempos de nosso casamento, passei muitas horas felizes na casa de meus sogros, Charles e True Dixon. Lá conheci Adelaide White Call, avó materna de June. Era então uma viúva de uns oitenta e cinco anos de idade, e uma sobrevivente do que os mais velhos chamavam de "êxodo". Ela era um dos valentes santos dos últimos dias que foram expulsos no norte do México em 1912. Agora, seus filhos e filhas viviam espalhados pelos Estados Unidos. Quando ficou mais idosa, eles ajudaram-na a estabelecer-se no Condado de Utah, perto dos pais de June.

Durante minhas visitas vi a gentileza, o amor e o cuidado com que os filhos e seus cônjuges tratavam a mãe idosa. Visitavam-na freqüentemente. Minha sogra passava pela casa dela todos os dias, e muitas vezes a convidava para sua casa. Ela participava de todos os eventos de que desejava participar, e recebia o máximo de consideração e respeito. Eles cuidavam de tudo, quando estava doente. Sem dúvida, dizia a mim mesmo, esses filhos realmente honravam sua mãe.

Faz uns quarenta anos que testemunhei isso. Agora vejo os efeitos. Vejo June, o irmão e a irmã honrando a própria mãe, como a viram honrar a avó. Felizmente, True Dixon é abençoada com boa saúde e vigor, e atualmente não necessita de nenhum dos cuidados que sua mãe requeria. Ainda assim, seus filhos estão sempre atentos. Fazem-lhe freqüentes visitas, telefonemas e convites que a incluem em todas as atividades familiares que ela deseja. Creio que seus dias serão mais longos na terra por causa da atenção e companheirismo dos filhos, que aprenderam a honrar os pais, vendo como ela honrava a própria mãe.

Sou grato por este exemplo e este princípio, especialmente prevendo o efeito que terá sobre nossos filhos e filhas observar como a mãe honra a mãe dela. Estou certo de que quando o tempo chegar, os dias de minha companheira serão prolongados na terra, por causa do cuidado que receberá dos filhos, devido ao exemplo que lhes deu. Um exemplo positivo se repete de geração em geração. Na verdade, a retidão é um farol, e uma ação digna, a sua recompensa. Como diz o Senhor: "Aquele que pratica as obras de justiça receberá a sua recompensa, sim, paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro." (D&C 59:23.)

Um dia, seremos julgados pelo Senhor Deus de Israel, que nos ordena honrar pai e mãe. Oro que nos comportemos para com os pais de maneira a aparecer sem culpa perante Deus, nesse dia. Em nome de Jesus Cristo, amém.

"Uma Voz de Alegria"

Élder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

"A vida pode ser amarga ou doce. Só depende de nós decidir se queremos refletir vozes de tristeza ou de alegria."

Menos de quatro meses após a organização de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, os líderes passaram por intensa perseguição. Tornou-se necessário viver meio às escondidas. Durante este período de provação, Joseph Smith recebeu a seguinte revelação:

"Eis que tu foste chamado e escolhido para escrever o Livro de Mórmon e para o meu ministério, e livrei-te de tuas aflições e tenho-te aconselhado, pelo que tens sido livrado de todos os teus inimigos e dos poderes de Satanás e das trevas!...

Sê paciente nas aflições, pois terás muitas; suporta-as, pois eis que estou contigo, mesmo até o fim dos teus dias" (D&C 24:1, 8).

As palavras "pois eis que estou contigo, mesmo até o fim dos teus dias" foram uma voz de alegria do Senhor para seu amado profeta. A mensagem do Senhor para Joseph e para nós é: "Vós sois capazes, e eu vos ajudarei."

Há pouco tempo lemos nos jornais locais uma reportagem sobre os efeitos devastadores de um incêndio, que destruiu completamente um prédio de apartamentos para pessoas de baixa renda. Muitos foram retirados às pressas, por medida de segurança. Viram seus lares e bens terrenos sumirem na fumaça e no fogo. Um senhor idoso, que escapara do incêndio, foi entrevistado. Quando lhe perguntaram: "O senhor conseguiu salvar alguma coisa?" ele respondeu: "Só o que você está vendo — as roupas do corpo." O comentário seguinte foi significativo e emocionante. Ele simplesmente disse: "Graças a Deus, ninguém se feriu gravemente nem morreu."

O que ouvimos nesta tragédia? Uma voz de alegria vinda de alguém que poderia estar amargurado e rancoroso com a situação, mas que preferiu falar de coisas que sabia terem maior valor. Ele superou a perda de bens materiais. Viu além do presente e soube ser grato e demonstrar esperança nas pessoas e nas condições do futuro.

Desapontamentos, mortes, perdas e fracassos são reais e difíceis de serem enfrentados; entretanto, não devem fazer com que falemos palavras ásperas, guardemos ressentimentos e tenhamos atitude negativa. O evangelho nos encoraja a desenvolvermos a capacidade de aprender com o passado e com o presente, além de visualizarmos as oportunidades que poderemos desfrutar futuramente.

De Doutrina e Convênios recebemos este conselho: "Agora, que ouvimos nós no evangelho que recebemos? Uma voz de alegria! Uma voz de misericórdia dos céus; e uma voz de verdade saindo da terra; novas alegres para os mortos; uma voz de alegria para os vivos e mortos; novas alegres de grande gozo. Quão formosos são sobre os montes os pés daqueles que trazem novas alegres de boas coisas" (D&C 128:19).

O Senhor deseja que juntemos nossas vozes de alegria à dele, para transmitir força, e coragem e felicidade a seus filhos.

Lembro-me de que, quando era menino, fui com meu pai visitar uma viúva idosa, e muito pobre. Levamos-lhe duas caixas de mantimentos. Quando estávamos saindo, ela fez um comentário que me tocou o coração. Disse: "Obrigada, bispo, e, por favor, volte mais vezes, mesmo que seja só para dizer olá."

Provavelmente esta foi a primeira vez que percebi que alimentos eram apreciados, mas que palavras de encorajamento e visitas tinham ainda maior valor.

Num mundo em que freqüentemente se ouvem vozes pessimistas e negativas, a voz de alegria é muito bem-vinda. Parece que algumas pessoas vivem com dúvidas, medo do futuro, e pesar pelo passado. Se temos a tendência de criticar e humilhar, fazemos com que as vozes de alegria sejam silenciadas. Precisamos de pessoas que nos tragam alegria, que nos encorajem e transmitam otimismo.

Palavras de gratidão simples, mas sinceras, elevam a alma e dão alegria. Mark Twain comentou que poderia sobreviver dois meses com um bom elogio. Nas palavras dos provérbios de Salomão: "Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo" (Provérbios 25:11).

O incentivo pode ser rápido e simples, entretanto, é de vozes de alegria que todos necessitam.

Quase todos os militares que estão retornando da guerra, são exemplos de vozes de alegria, pois lembram-nos que certas preciosidades da vida, como a

Élderes Gene R. Cook e Spencer W. Condie, dos Setenta, conversam com um jovem visitante da conferência.

independência e a liberdade, são mais importantes do que a própria vida. Muitos tiveram a vida mudada para sempre; entretanto, suas vozes de alegria são mais fortes que as interrupções e sacrifícios que fizeram por todos nós. A esperança floresce eternamente para aqueles que confiam nos princípios inspirados de Deus e os seguem.

Os ensinamentos do evangelho trouxeram alegres novas para todo o mundo. As mensagens sutis nos trazem à mente atitudes que nos ajudam a enfrentar os desafios com menos dificuldade. Pesquisas têm confirmado que o rancor prejudica mais a pessoa que o guarda do que aquela que o causou.

Erma Bombeck escreveu um livro sobre jovens vítimas de câncer. Enquanto preparava o livro, chegou à conclusão de que as vozes que esses jovens emitiam eram cheias de bom humor e otimismo, e "isto os mantinha em plena atividade na vida. Talvez rir e crer em si mesmos fosse a razão de sua sobrevivência" (Erma Bombeck, *I Want to Grow Hair, I Want to Grow Up, I Want to Go to Boise*, New York: Harper & Row, 1989).

Um rapaz de dezesseis anos disse: "Sabe, se eu não tivesse senso de humor, não teria chegado até aqui." (Ibid.)

A autora entrevistou vários jovens com câncer e leu muitas cartas enviadas por eles. Ela notou que a palavra *atitude* era muito repetida.

"Eles se orgulhavam de estarem lutando contra algo maior e mais forte do que eles... contra uma doença que talvez os subjugasse, mas ainda possuíam algo que seu inimigo não lhes podia tomar — a esperança, que é uma arma formidável... Quando tudo o mais falhar, saque a arma mais poderosa que há — a ESPERANÇA — e continue lutando" (Ibid.).

Palavras de esperança e de alegria são repetidas inúmeras vezes nas escrituras, para nos ajudarem a pensar e agir positivamente.

Isaías diz de Jesus Cristo: "E, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos...; homem de dores, e experimentado nos trabalhos: e... era desprezado, e não fizemos dele caso algum" (Isaías 53:2-3).

Embora o sofrimento de Jesus esteja além de nossa compreensão, sua voz de alegria nos relembra:

"Tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16:33). Jesus nos desafia a sermos felizes e otimistas. Assim como os pacientes com câncer descobriram, e as pesquisas médicas comprovaram: "O coração alegre serve de bom remédio, mas o espírito abatido virá a secar os ossos" (Provérbios 17:22).

Recentemente, durante uma conferência regional na Califórnia, um coral bem ensaiado, formado por membros de várias estacas, apresentou belas melodias. Enquanto ouvia e observava, fiquei impressionado com quatro pessoas, na fileira da frente, que participavam do coro, cantando, não com a voz, mas com as mãos. Pensei comigo mesmo quão maravilhoso era que o regente estimulasse a participação delas. Sem a vantagem da melodia e de uma letra audível, elas foram capazes de se apresentar com orgulho, sentindo-se parte do coro, para expressar uma mensagem de alegria e servir de inspiração para toda a congregação.

Consideração, cortesia e respeito fizeram de suas vozes de alegria motivo de fortalecimento e conforto.

Obrigado, Senhor, pelas nobres almas que podem e conseguem superar as tempestades da vida com vozes sinceras de alegria, que sobrepujam o presente e tornam os princípios do evangelho de Jesus Cristo reais e edificantes.

"Sigamos pois as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros" (Romanos 14:19).

Certa manhã, após uma noite de intensa dor e sofrimento, um marido, acometido de doença terminal, disse à esposa com grande emoção: "Estou muito grato hoje." "Grato por quê?" perguntou ela, que bem conhecia seus sofrimentos e provações. Ele replicou: "Por Deus ter me concedido o privilégio de estar mais um dia com você." Uma voz de alegria é muito reconfortante, quando o desespero pode parecer mais apropriado.

Quão útil e compensador seria se todos também agradecêssemos a Deus por mais um dia. Agradecer por quê? Pela oportunidade de cuidar de negócios inacabados, de expressar gratidão, de arrepender-se, de corrigir erros, de influenciar de modo positivo um filho desobediente, de ajudar alguém que

pede socorro... em suma, de agradecer a Deus por mais um dia de preparação para encontrá-lo.

"E Pedro e João subiam juntos ao templo à hora da oração, a nona.

E era trazido um varão que desde o ventre de sua mãe era coxo, o qual todos os dias punham à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam.

O qual, vendo a Pedro e a João, que iam entrando no templo, pediu que lhe dessem uma esmola.

E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: Olha para nós.

E olhou para eles, esperando receber deles alguma coisa.

E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou: Em nome de Jesus Cristo o Nazareno, levanta-te e anda.

E, tomando-o pela mão direita, o levantou , e logo os seus pés e artelhos se firmaram.

E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus.

E todo o povo o viu andar e louvar a Deus" (Atos 3:1-9).

Ouvi agora a proclamação de alegres novas de Pedro:

"Varões israelitas, por que vos maravilhais disto? Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem?" (Atos 3:12).

Pedro, pelo poder do Sacerdócio, ordenou: "Em nome de Jesus Cristo o Nazareno, levanta-te e anda."

Então, os pés do homem coxo levaram as alegres novas a todos que estavam no templo para ouvir e ver.

Quão emocionante, encorajadora, e significativa foi a atitude de certos pais que, quando souberam da morte acidental do filho, que cumpria uma missão de tempo integral, disseram com perfeita brandura e compreensão: "Brevemente teremos outro filho na missão, cujo tempo e serviço também estarão nas mãos do Senhor. "Durante tragédias, as inabaláveis vozes de alegria ajudam a edificar mulheres, homens e o reino de Deus.

A Primeira Presidência, da esquerda para a direita: Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, Presidente Ezra Taft Benson, e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Nós podemos escolher as reações que teremos diante de dificuldades e desafios. Um modo de aprender como incorporar a voz de alegria nos momentos de tragédia ou felicidade é aplicar os princípios do evangelho, que nunca ensinam a sermos subjugados pelo negativo, pela tristeza, ou pelo cinismo.

Com as diretrizes que nos foram dadas nas escrituras e nas palavras dos profetas, aprendemos que a vida é uma escola. Autocomiseração e desânimo não provêm dos ensinamentos do evangelho de Jesus Cristo. Entretanto, a vida pode ser amarga ou doce. Só depende de nós decidir se queremos refletir vozes de tristeza ou de alegria.

As vozes de alegria nem sempre estiveram à disposição das massas. Morrer queimado foi um método muito usado para punir aqueles que se aventuravam a ler os manuscritos da Bíblia ou publicar aquelas obras de alegria.

Pouco a pouco, os costumes foram mudados por pessoas valentes. Atualmente, temos escrituras e palavras de profetas para estudarmos. Com a ajuda do Espírito Santo, podemos compreender a doutrina de salvação e viver de acordo com ela.

As vozes de alegria das escrituras nos relembram que não precisamos andar pela vida sozinhos. Cristo veio ao mundo para que tenhamos vida e a tenhamos mais abundantemente. "Pois sabemos que é pela graça que somos salvos, *depois* de tudo o que pudermos fazer" (2 Néfi 25:23; grifo nosso).

Que nos lembremos de que a bondade, fundada em motivos puros e propósitos retos, pode e deve ser praticada em silêncio, com voz suave, ou em segredo. Podemos programar-nos para edificar, incentivar, e transmitir força.

Que grande voz de alegria foi ouvida quando o Salvador, Jesus Cristo, após ser atormentado, ridicularizado, maltratado e crucificado, numa voz de misericórdia, alegres novas e verdade, foi capaz de dizer: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34).

Presto-vos testemunho de que sei que Deus sente-se feliz quando pregamos alegres novas de verdade, retidão, e de que ele é real. Minha voz de alegria hoje é: Deus vive. Jesus é o Cristo. Que nada nem ninguém vos afaste desta verdade. Declaro-vos esta mensagem, com voz de alegria, em nome de Jesus Cristo, amém.

SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO
6 de abril de 1991

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja

Apresentado por Wilford G. Edling
Encarregado do Comitê de Auditoria

A Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Com o propósito de avaliar a adequação dos controles sobre os recebimentos e despesas dos fundos gerais da Igreja e organizações que controla, verificamos o sistema de orçamento, contabilização e auditoria, e os extratos financeiros da Igreja relativos ao ano findo em 31 de dezembro de 1990, e a forma de recebimentos de fundos e controle de despesas.

O dispêndio dos fundos gerais da Igreja para o ano foi autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, composto da Primeira Presidência, Conselho dos Doze e Bispado Presidente, segundo o prescrito pela revelação do Senhor. O Comitê de Apropriações administra, em reuniões semanais, as maiores despesas orçamentárias.

A contabilização dos fundos gerais da Igreja é a realizada por seu Departamento de Finanças e Registros, que emprega tecnologia e equipamentos de contabilidade modernos para fazer frente à rápida expansão e atividades diversificadas da Igreja.

O Departamento de Auditoria, cujo quadro é composto de contadores credenciados e auditores igualmente qualificados, independe de todos os demais departamentos, realiza auditorias financeiras, operacionais e dos sistemas de computação empregados pela Igreja. Esses serviços de auditoria são executados em caráter contínuo e abrangem os departamentos da Igreja e outras organizações por ela controladas em operações mundiais, incluindo missões, escolas, escritórios administrativos e atividades departamentais.

As auditorias dos fundos locais de alas e estacas ficam a cargo de auditores de estaca. Os procedimentos são prescritos e os relatórios de auditoria examinados pelo Departamento de Auditoria da Igreja. Negócios incorporados controlados pela Igreja ou de sua propriedade, cujas contas não são mantidas pelo Departamento de Finanças e Registros, são verificados por auditores da Igreja, auditores profissionais independentes ou fiscais do governo.

Baseados no exame do sistema de controle financeiro da Igreja, além de constantes reuniões com funcionários dos departamentos de Finanças e Registros e de Auditoria, somos de opinião que o controle do orçamento, contabilização e auditoria são adequados para as necessidades e propósitos da Igreja, e que em todos os aspectos materiais os fundos gerais da Igreja recebidos e despendidos durante o ano findo em 31 de dezembro de 1990, foram devidamente contabilizados de conformidade com as normas e procedimentos estabelecidos pela Igreja.

Submetemos respeitosamente este relatório.
COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA
Wilford G. Edling
David M. Kennedy
Merrill J. Bateman
Ted E. Davis

Vista geral da Praça do Templo.

APRENDER A OUVIR

Élder Russell M. Nelson
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Vossa alma será abençoada quando aprenderdes a ouvir, e então ouvirdes para aprender de crianças, pais, cônjuges, vizinhos e líderes da Igreja, os quais aumentarão vossa capacidade de ouvir conselhos do alto."

Em sua prece no início desta sessão da conferência, o Élder Hugh W. Pinnock orou para que ouvíssemos cuidadosamente. Muitos artigos na literatura da Igreja têm tratado da importância da arte de ouvir. Eles apóiam um provérbio que ensina esta lição vital: "Ouve o conselho, e recebe a correção para que sejas sábio." (Provérbios 19:20.) Sem dúvida a sabedoria virá à medida que ouvirmos para aprender de crianças, pais, cônjuges, vizinhos, líderes da Igreja, e do Senhor.

Crianças

Pais e professores, aprendei a ouvir, e ouvi para aprender das crianças. Um pai sábio disse certa vez: "Faço um bem maior quando ouço meus filhos do que quando lhes falo."

Certa noite, quando nossa caçula tinha cerca de quatro anos de idade, cheguei em casa bem tarde do hospital. Encontrei minha esposa exausta. Não sei por quê. Ela cuidava de somente nove filhos, o dia inteiro. Por isso me ofereci para colocar nossa pequena de quatro anos na cama. Comecei dando ordens: "Tire a roupa; pendure-as; vista o pijama; escove os dentes, faça a oração" e assim por diante, comandando de maneira condizente a um severo sargento do exército. De repente, ela pôs a cabecinha de lado, olhou para mim com um olhar tristonho e disse: "Paizinho, você é meu dono?"

Ela me ensinou uma importante lição. Eu estava usando métodos de repressão naquele pequenino ser. Dominar crianças pela força é a técnica de Satanás, não do Salvador. Não, não somos donos de nossos filhos. Nosso privilégio paterno é amá-los, guiá-los e deixá-los ir.

A hora de ouvir é aquela quando alguém precisa ser ouvido. As crianças estão sempre prontas a compartilhar suas experiências, que vão dos triunfos do deleite às provações do pesar. Estaremos nós igualmente dispostos a ouvir? Se elas procuram externar sua angústia, é possível ouvirmos abertamente uma experiência chocante sem entrarmos também num estado de choque? Conseguimos ouvir sem interromper e sem fazer julgamentos precipitados que fechem a porta do diálogo? Ela pode permanecer aberta com a assertiva tranqüilizante de que acreditamos nelas e compreendemos o que sentem. Os adultos não devem fingir que uma experiência não aconteceu só porque não o desejam.

Até mesmo o silêncio pode ser mal interpretado. Há uma história sobre "um menino que levantou os olhos para a mãe e perguntou: 'Por que está zangada comigo?' Ela respondeu: 'Não estou zangada com você. O que lhe deu essa idéia?' 'Bem, a senhora está com as mãos na cintura e não está dizendo nada.' "

Pais com filhos adolescentes podem descobrir que a hora para ouvir é muitas vezes menos conveniente, porém mais importante quando os jovens se sentem sozinhos ou perturbados. E quando parecem menos merecê-lo, é quando mais necessitam de boa vontade.

Pais e professores sábios, ouvi para aprender das crianças.

Pais

Crianças de qualquer idade, aprendei a ouvir, e ouvi para aprender dos pais, como o Élder Oaks ensinou esta manhã. Espiritual ou fisicamente, pode ser uma questão de vida ou morte.

Há alguns anos, fui convidado a dar uma importante palestra numa escola de medicina na Cidade de Nova York. Na noite anterior à palestra, a irmã Nelson e eu fomos convidados para jantar na casa do professor que era nosso anfitrião. Ali ele nos apresentou a uma destacada estudante de medicina — sua linda filha.

Semanas mais tarde, esse professor me telefonou nitidamente angustiado. Perguntei-lhe: "O que houve?"

"Lembra-se de minha filha a quem foi apresentado?"

"Naturalmente", repliquei. "Jamais me esquecerei de uma jovem tão extraordinária."

Então soluçando, o pai disse: "Ontem à noite ela morreu num

A Primeira Presidência, da esquerda para a direita: Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, Presidente Ezra Taft Benson, e Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

acidente de carro!" Procurando controlar-se, ele continuou: "Ela pediu permissão para ir a um baile com certo jovem. Senti que ela não deveria ir. Disse-lhe isto e pedi que não fosse. Ela perguntou: "Por quê?" Simplesmente lhe disse que achava que não deveria ir. Ela sempre fora uma filha obediente, mas disse que se eu não podia apresentar uma boa razão para declinar o convite, ela queria ir. E foi. No baile serviram bebidas alcoólicas. Seu par bebeu — não sabemos quanto. Na volta para casa, estava dirigindo depressa demais, errou uma curva, atravessou o "guard-rail" e caiu num lago. Os dois afundaram e morreram."

Quando lhe expressei meu pesar, ele concluiu: "Minha dor é pior porque eu tive a clara sensação de que haveria problemas. Por que não fui mais persuasivo?"

Esta experiência não terá sido vã se outros conseguirem ouvir e tirar uma lição dela. Filhos, honrai vossos pais, mesmo quando eles não vos podem dar uma razão satisfatória para o que sentem . Tende fé nesta escritura, que se aplica a todas as faixas de idade: "Ouve a instrução de teu pai, e não deixes a doutrina de tua mãe." (Provérbios 1:8).

Aos pais cabe o divino dever de ensinar seus filhos a amarem o Senhor. Os filhos têm igual obrigação de serem "obedientes a [seus] pais no Senhor, porque isto é justo" (Efésios 6:1).

Filhos sábios, ouvi para aprender dos pais.

Cônjuges

Maridos e esposas, aprendei a ouvir e ouvi para aprender uns dos outros. Diverti-me lendo uma experiência registrada pelo Élder F. Burton Howard em sua biografia do Presidente Marion G. Romney: "Seu bem-humorado amor a Ida se manifestava de muitas maneiras. Ele se deleitava em falar da perda de audição dela. 'Certa vez fui consultar um médico a respeito da sua audição', contou. 'Ele perguntou-me quão grave era e eu disse que não sabia. Mandou que eu voltasse para casa e verificasse. O médico me disse que fosse para um recinto afastado e falasse com ela. Depois eu devia ir-me aproximando até ela conseguir ouvir-me. Seguindo as instruções do médico, falei-lhe do quarto de dormir enquanto ela estava na cozinha — nenhuma resposta. Fui para mais perto e falei novamente — nenhuma resposta. Então fui direto à porta da cozinha e disse: "Ida, está me ouvindo?" e ela respondeu: "O que é Marion, já respondi três vezes." ' "

Mesmo tendo audição normal, alguns casais parecem não escutar-se mutuamente. Arranjar tempo para conversar é essencial a fim de manter intactas as linhas de comunicação. Se o casamento é uma relação primordial na vida, ele merece um tempo primordial! No entanto, assuntos menos importantes muitas vezes recebem prioridade, deixando apenas os momentos de sobra para ouvirmos nosso precioso cônjuge.

Manter o jardim do casamento bem cultivado e livre de ervas daninhas da negligência requer tempo e dedicação de amor. Não é apenas um privilégio agradável, é um requisito escriturístico com promessa de glória eterna.

Cônjuges sábios, ouvi para aprender um do outro.

Vizinhos

Aprendei a ouvir, e ouvi para aprender dos vizinhos. Repetidamente o Senhor disse: "Amarás o teu próximo" (Levítico 19:18; Mateus 19:19). Oportunidades para ouvir pessoas de convicção religiosa ou política diferente, promove a tolerância e a aprendizagem. O bom ouvinte dará ouvidos também aos sentimentos da pessoa. Aprendi muito com o irmão David M. Kennedy ao nos encontrarmos com dignitários de outras nações. Quando um deles falava, o irmão Kennedy não só mantinha contato visual e ouvia com real intenção, como até tirava os óculos como que para mostrar que não queria que nada interferisse em sua total concentração.

Os sábios ouvem para aprender de seus semelhantes.

Líderes da Igreja

Membros, aprendei a ouvir, e ouvi para aprender dos líderes da Igreja. Os membros fiéis amam o Salvador e honram seus servos, tendo fé na declaração do Senhor de que "seja pela minha própria voz

ou pela de meus servos, não importa" (D&C 1:38).

Certa ocasião, na Itália, conheci um maravilhoso líder do sacerdócio e sua esposa. Vi nele um homem de grande potencial, mas eles não falavam a minha língua. Por meio de um intérprete, desafiei-o a estudar inglês. Eles ouviram obedientemente, e estudaram com diligência. Agora, seis anos mais tarde, devidamente apoiado pela esposa, Carolina, Vincenzo Conforte está servindo fielmente seu *segundo* termo como presidente de missão, entrevistando missionários tanto em italiano quanto em inglês.

O Presidente Ezra Taft Benson tem proclamado a importância do estudo do Livro de Mórmon. Pessoas do mundo inteiro vêm sendo abençoadas por seguirem este e outros conselhos seus.

Somos muito gratos a Deus por termos um profeta para nos guiar nestes últimos dias. Muitos, porém, fazem-se de surdos aos seus ensinamentos, ignorando sua posição como profeta. Eles correm um grande risco, pois as escrituras contêm esta admoestação:

"O Senhor vosso Deus levantará dentre [vós] ... um profeta ... a ele ouvireis em tudo quanto vos disser...

Toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo" (Atos 3:22-23).

Disse o Presidente J. Reuben Clark, Jr.: "Não nos falta um profeta; o que nos falta é um ouvido atento." Palavras do Senhor são ensinadas por seus discípulos. (Vide D&C 1:4.) Os membros sábios ouvem para aprender dos líderes da Igreja.

O Senhor

Acima de tudo, os filhos de Deus devem aprender a ouvir, depois ouvir para aprender do Senhor. Em diversas ocasiões sagradas na história do mundo, nosso Pai Celestial apareceu pessoalmente para apresentar seu divino Filho com a exortação específica de *"ouvi-o"*.

Jesus ensinou este primeiro e grande mandamento: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento" (Mateus 22:37).

Vista do Templo de Lago Salgado.

Escrituras registradas em todas as dispensações, ensinam que demonstramos *amor* a Deus *dando ouvidos* a seu mandamentos e obedecendo a eles. São ações intimamente ligadas. Na verdade, a língua hebraica, no Velho Testamento, freqüentemente usa termos sinônimos para *dar ouvidos* (ao Senhor) e *obediência* (à sua palavra).

Além de ouvir a palavra do Senhor obedientemente, manifestamos amor a Deus pela oração. E ouvir é uma parte essencial da oração. As respostas do Senhor vêm sempre muito mansamente. Daí ele ter-nos aconselhado: "Sossegai e sabei que eu sou Deus" (D&C 101:16).

Disse o Presidente Spencer W. Kimball: "Também não nos faria mal se fizéssemos uma pausa ao término da oração para ouvir intensamente — mesmo por um minuto ou dois — sempre pedindo como fez o Salvador: 'não se faça a

Em dezembro de 1990, três novos irmãos foram chamados para servir no Quorum dos Setenta. Apoiados na Conferência Geral de abril, são eles, da esquerda para a direita: Élderes Earl C. Tingey, Rulon G. Craven, W. Mack Lawrence. Eles estão conversando com Elder Loren C. Dunn, dos Setenta.

minha vontade, mas a tua' (Lucas 22:42)."

Num mundo assolado pelas pragas da tirania e guerra, muitos de seus habitantes oram seriamente buscando paz interior. Por exemplo, há não muito tempo, uma linda e jovem mãe chamada Svetlana teve o intenso desejo de obter uma Bíblia. Em sua cidade, Leningrado, contudo, uma Bíblia era livro muito raro e caro. Ela orou freqüente e fervorosamente por uma Bíblia. Finalmente, ela e seu marido sentiram-se impelidos a viajar com sua filhinha para Helsinque, Finlândia, com aquela esperança em mente. Lá, certo dia, enquanto passeavam por um parque, ela tropeçou em alguma coisa encoberta pelas folhas de outono. Quando a apanhou viu que era uma Bíblia em russo! Entusiasmada, ela contou a história de sua grande descoberta para outra mãe que também se encontrava no parque com sua criança. Esta alegrou-se com Svetlana e perguntou-lhe: "Gostaria de ter um *outro* livro sobre Jesus Cristo?" Svetlana, naturalmente, respondeu que sim. Então a outra mãe lhe deu um exemplar do Livro de Mórmon em russo e convidou a família para as reuniões da Igreja. Ela prontamente aceitou os ensinamentos dos missionários e pouco depois filiou-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Então voltaram para casa, onde têm ajudado na obra pioneira no ramo da Igreja em Leningrado.

A experiência dela exemplifica esta promessa do Salvador àqueles que o buscam: "Assim diz o Senhor Deus: Darei aos filhos dos homens linha por linha, preceito por preceito, um pouco aqui e um pouco ali; e abençoados os que *ouvem* os meus preceitos e *escutam* os meus conselhos, porque serão instruídos na sabedoria; pois a quem recebe, darei mais" (2 Néfi 28:30; grifo nosso).

Enquanto estou ressaltando a importância de ouvir com atenção, lembro-me daqueles que não podem ouvir. Muitos surdos têm recebido o Espírito "pela pregação da fé" (Gálatas 3:2). O exemplo de Rachel Ivins Grant me é inspirador. Ela nunca reclamou de sua surdez. Embora a maioria das mulheres de setenta anos se sentissem totalmente exaustas criando cinco filhos de outra mãe, ela enfrentou esta tarefa. A surdez de Rachel parecia salvá-la do cansaço causado pelo barulho. Às vezes, quando dois brigavam, Rachel desatava a rir. Dizia que eles não faziam idéia de como era engraçado ver suas expressões de zanga sem entender suas palavras.

Antes de seu filho, Heber J. Grant, tornar-se o sétimo presidente da Igreja, ela declarou: "Naturalmente minha maior provação é não poder ouvir, mas tenho tantas bênçãos que não me posso queixar; se apenas vivermos para receber as instruções de Deus, não há nada pelo que temos de passar que não seja para o nosso bem."

O Redentor ama essas almas fiéis: "Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos às suas orações" (I Pedro 3:12).

Elas se qualificam para esta promessa profética: "Antes que clamem, eu [o Senhor] responderei: estando eles ainda falando, eu os ouvirei" (Isaías 65:24).

A todos os seus filhos, sejam eles capazes de ouvir ou surdos para os sons mortais, Deus oferece esta recompensa: "Inclinai os vossos ouvidos, e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá" (Isaías 55:3).

Vossa alma será abençoada quando aprenderdes a ouvir, e então ouvirdes para aprender de crianças, pais, cônjuges, vizinhos e líderes da Igreja, os quais aumentarão vossa capacidade de ouvir conselhos do alto.

Ouvi atentamente para aprender do Senhor por meio da voz suave e mansa — o Santo Espírito — que conduz à verdade. Ouvi para aprender pelo estudo das escrituras que registram sua santa mente e vontade. Ouvi para aprender oração, pois o Senhor responderá ao humilde que sinceramente o buscar.

O sábio ouve para aprender do Senhor. Testifico dele e confirmo que se "[escutarmos] e ... [ouvirmos] a voz do Senhor", seremos abençoados, "pois está perto a hora da sua vinda" (D&C 133:16-17), em nome de Jesus Cristo, amém.

REDENÇÃO DOS MORTOS

Élder Earl C. Tingey
dos Setenta

O Senhor ajudou seus servos nos momentos difíceis. Muitos recursos para a história da família estão agora à nossa disposição. Não fazermos esse trabalho agora é algo que não pode ser encarado com leviandade.

Meus queridos irmãos, sou grato pela oportunidade de externar meu amor e apreço ao Senhor, pelo chamado que me foi feito em dezembro último. Aceito o chamado. Sou grato pela oportunidade de prestar testemunho de Jesus Cristo. Consagrarei todo meu tempo, energia e talento a magnificar este chamado. Manifesto meu apreço pelas Autoridades Gerais; por minha esposa Joanne; por nossos filhos e netos; por nossos pais e familiares, e por todos os nossos amigos e vizinhos, que expressaram confiança na minha capacidade de realizar este trabalho.

Fui chamado para servir no Departamento de História da Família da Igreja, e gostaria de falar deste assunto. Aqui vemos a grande obra de redenção seguir adiante, da maneira como foi planejada.

Cumprimento os milhares de funcionários, voluntários, missionários que prestam serviço e que, como dizem as escrituras, '(utilizam) as (suas) vidas' (D&C 123:13) para redimir aqueles que estão vivendo além do véu. Sua dedicação total e altruísta é uma verdadeira demonstração de amor que devemos ter ao Salvador e aos nossos semelhantes.

Muita coisa foi feita no decorrer dos anos. Santos fiéis, no passado e hoje, identificaram muitos milhões de ancestrais. A Igreja ajudou, compilando informações a respeito de quase dois bilhões de pessoas que já viveram nesta terra.

A Igreja também construiu belos templos em que os santos podem entrar e realizar as ordenanças sagradas a favor de seus parentes falecidos.

Irmãos, muitas coisas estão ocorrendo hoje para ajudar-nos a acelerar essa obra. O Espírito me faz sentir que o Senhor nos ajudará quando fizermos o que ele requereu de nós, conforme o conselho de nosso profeta e de outros líderes da Igreja.

Em 1977, deu-se grande ênfase à redenção dos mortos. Falando em uma reunião de Representantes Regionais, Élder Boyd K. Packer mencionou a capacidade maravilhosa do computador, e como essa nova tecnologia tornaria o trabalho mais rápido. Ele ainda nos assegurou que o Senhor continuaria a ajudar a Igreja nessa obra.

"Quando os servos do Senhor decidem fazer o que ele manda, o trabalho prospera. Ao prosseguir, somos ajudados, nas dificuldades, por aqueles que foram preparados para isso.

Eles têm precisamente as aptidões e a capacidade que corresponde a nossas necessidades. E somos supridos de informações, invenções, ajudas de vários tipos, colocadas no caminho, à nossa espera.

É como se alguém soubesse que viajaríamos por aquele caminho. Vemos a mão invisível do Todo-Poderoso nos suprindo." (Discurso proferido no Seminário de Representantes Regionais, 1º de abril de 1977.)

Irmãos, o Senhor ajudou seus servos nos momentos difíceis. Muitos recursos para a história da família estão agora à nossa disposição. Não fazermos esse trabalho agora é algo que não pode ser encarado com leviandade.

O mais importante dos novos recursos que temos agora em muitos dos nossos mil e quinhentos centros de história da família é a Pesquisa Familiar™, que tem as seguintes características:

Primeiro, o Arquivo de Ancestrais™ fornece mais de sete milhões de nomes, unidos por laços familiares. A identidade de quem submete o nome também é fornecida, facilitando a pesquisa conjunta.

Segundo, o Catálogo da Biblioteca da História da Família™ proporciona fácil acesso à Biblioteca de História da Família da Igreja e a seus recursos.

Terceiro, o Índice Genealógico Internacional™ fornece dados sobre mais de 147 milhões de pessoas falecidas. Muitos milhões de outros nomes estão sendo acrescentados a esse índice.

E, quarto, um novo programa de computador, Arquivo Pessoal de Ancestrais™, permitirá que os membros, em suas casas, organizem facilmente seus registros de história da família.

Além disso, mais de oitocentas estacas estão agora participando do novo Programa de Extração de Registros de Família.

Esse esforço vital, envolvendo

Vista do Templo de Lago Salgado.

mais de setenta e cinco mil voluntários que servem basicamente em casa, logo permitirá que os membros obtenham a liberação de nomes para as ordenanças no templo em suas próprias capelas, em vez de esperar a aprovação dos escritórios centrais.

Sim, a mão invisível do Todo-Poderoso nos está suprindo, e devemos viver e agir de modo a merecer a continuação de sua ajuda e de suas bênçãos.

O Todo-Poderoso, com a aparição do anjo Morôni a Joseph Smith em 1823, apresentou a doutrina e a obra de redenção dos mortos. Morôni disse a Joseph que Elias, o profeta do Velho Testamento, voltaria antes da segunda vinda do Senhor.

Modificando ligeiramente a referência que Malaquias fez a Elias, disse Morôni:

"*E ele (Elias) plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos voltarão aos pais*" (JS 2:39).

A palavra *plantar* foi proferida pelo anjo Morôni. O que significa plantar nos corações dos filhos as promessas feitas aos pais? Quais foram as promessas feitas aos pais?

As promessas se relacionam com o convênio de Deus, de que ele não faz acepção de pessoas e de que tem um plano para que todos os seus filhos voltem à sua presença, se forem obedientes às leis, princípios e ordenanças do evangelho.

Plantar essas promessas nos corações dos filhos, e voltar os corações dos filhos a seus pais foi definido pelo Élder Mark E. Petersen, na conferência geral de outubro de 1971, da seguinte maneira:

"Malaquias declarou claramente a missão de Elias — estabelecer um elo de interesse entre a geração presente e as passadas... criar nos corações dos vivos um interesse por seus ancestrais" (*Ensign*, janeiro de 1972, p. 49).

A semente plantada pelo Senhor, com a aparição de Elias a Joseph Smith em 1836, não era uma árvore frondosa, era apenas uma semente. Naquela ocasião não havia sociedades genealógicas. A história confirma que a pesquisa da família na América, de modo geral, começou com a formação da Sociedade Genealógica da Nova Inglaterra, em Boston, em 1844.

Assim, apenas oito anos depois de aquela pequena semente de interesse genealógico por nossos ancestrais ter sido plantada por Elias, ela começou a crescer, e agora, como resultado de aptidões, recursos e tecnologia do computador, que foram supridos pelo Senhor, a pequena semente tornou-se uma bela árvore frutífera.

Irmãos: Em conclusão, há muitos anos ouvintes humildes perguntaram a Pedro: "Que faremos, varões irmãos?" (Atos 2:37.) Pedro respondeu: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado" (vers. 38). Com relação à vossa pergunta silenciosa: Onde devo começar? O que devo fazer?, dizemos: Procurai aqueles que são chamados para dirigir esta obra na ala ou ramo. Ide ao centro de história da família e ao templo. Identificai vossos ancestrais, cuja lembrança tenha desaparecido da mente de todos. Começai agora, e o Senhor vos ajudará.

Presto humilde testemunho de que esta obra de redenção é verdadeira. Jesus Cristo preside e dirige esta obra, revelando sua vontade ao Presidente Ezra Taft Benson, nosso profeta vivo. É minha oração que realizemos essa obra. Em nome de Jesus Cristo, amém.

PROFETAS

Élder Rulon G. Craven
dos Setenta

"Ensinai suas palavras nas noites familiares. Apoiai-os em particular e em público; orai por eles em vossas orações pessoais e familiares."

Meus irmãos, servindo treze anos e meio como secretário do Quorum dos Doze Apóstolos, meu testemunho dos profetas vivos se fortaleceu. O Senhor disse, por meio do Profeta Joseph Smith: "Os Doze Apóstolos (são chamados para ser) testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo" (D&C 107:23).

Os profetas têm um dom especial do Espírito, um dom profético. Durante o tempo em que servi como secretário dos Doze, observei esses homens que o Pai Celestial chamou como testemunhas especiais de seu Filho Jesus Cristo.

As reuniões da quinta-feira de manhã, na sala superior do templo, sempre foram uma experiência especial para mim. Meu coração freqüentemente se emociona ao ouvir os membros dos Doze orarem ao Pai Celestial, lembrando-me de que esses são os Doze Apóstolos, escolhidos por nosso Pai Celestial e apoiados pelos santos como profetas, videntes e reveladores.

Enquanto o Presidente Hunter liderava a reunião dos Doze, seguindo a agenda, lembrava-me continuamente da seção 107, versículo 27, de Doutrina e Convênios: "E qualquer decisão feita por qualquer desses quoruns deverá ser tomada pela voz unânime do mesmo; isto é, todo membro de cada quorum deve estar de acordo com suas decisões, a fim de que as suas decisões tenham o mesmo poder ou valor entre si."

Os membros dos Doze se esforçam por viver de acordo com a inspiração do Espírito. Eles dizem o que sentem e pensam, mas são também bons ouvintes e falam quando movidos pelo Espírito. Sua atitude, nas reuniões do quorum, é a de ouvir e sentir o poder orientador do Espírito, que sempre leva a decisões unânimes. Sempre me maravilhei ao observar o poder orientador do Espírito tocar as mentes e os corações dos membros dos Doze, influenciando o processo de tomar decisões.

As decisões do Conselho da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze são orientadas pelo Espírito, porque eles se esforçam continuamente por seguir o conselho do Senhor, encontrado na seção 107, versículo 30, de Doutrina e Convênios, que diz: "As decisões destes quoruns, ou de um deles, serão feitas em toda justiça, em santidade, em humildade de coração, mansidão e longanimidade, em fé, virtude e conhecimento, temperança, paciência, piedade, amor fraternal e caridade;

Porque a promessa é, se estas coisas abundarem neles não serão infrutíferos quanto ao conhecimento do Senhor" (vers. 31).

Os membros da Primeira Presidência, do Quorum dos Doze, dos Setenta e Bispado Presidente são realmente homens que se esforçam por ser puros de coração. Um espírito de retidão, amor, e unidade está sempre presente em suas reuniões.

Os Doze amam o Presidente Hunter, e o presidente Howard W. Hunter ama os Doze. A maneira gentil e persuasiva de liderar, do Presidente Hunter, faz o Espírito do Senhor estar presente em todas as suas reuniões. Espero que o Presidente Hunter me perdoe por relatar uma experiência que, para mim, exemplificou o grande amor que os Doze têm uns pelos outros, amor que faz o Espírito Santo estar presente em suas reuniões.

Muitos devem lembrar-se de que, há alguns anos, o Presidente Hunter foi informado de que não andaria mais. Sua fé e determinação, porém, foram maiores do que esse prognóstico. Diariamente, sem alarde e sem que ninguém soubesse, ele fez muitos exercícios de fisioterapia com determinação, fé, e a certeza de que andaria novamente. Durante aqueles meses difíceis, seus companheiros do Quorum dos Doze pediram por ele diariamente nas reuniões de quorum e nas orações particulares.

Meses depois, numa manhã de quinta-feira, fui ao escritório do Presidente Hunter para discutir um item da pauta da reunião no templo daquela manhã. Descobri que havia saído cedo e fui informado de que estava indo a pé para o templo. Duvidei dessa informação e corri para alcançá-lo. Quando o alcancei, ele estava andando com a ajuda de um andador. Caminhamos juntos até o elevador e depois subimos para o quarto andar. Passamos pelo corredor em direção à sala superior do templo. Quando seu presidente entrou naquela sala andando, os

Presidente Ezra Taft Benson, ajudado por um membro chega para uma sessão da conferência.

Doze se levantaram e começaram a bater palmas. Carinhosamente, observaram-no andar até sua cadeira e sentar-se. Então, com grande amor, reverência e ternura, cada um dos Doze deu-lhe um abraço e um beijo afetuoso na fronte, mostrando seu grande amor e admiração por ele. Todos se sentaram, e o Presidente Hunter agradeceu-lhes e disse: "Ninguém supunha que eu tornasse a andar, mas com a ajuda do Senhor e minha determinação, e, acima de tudo, com a fé dos Irmãos dos Doze, estou andando novamente." O Presidente Howard W. Hunter é um exemplo de como manter a fé e a determinação, face à adversidade. Os Doze são exemplos de como manter a fé e a oração em benefício daqueles que estão enfrentando adversidades.

Irmãos, conto-vos essas experiências pessoais, porque eu estava lá. Tenho o humilde desejo de fortalecer vossa fé na Primeira Presidência e no Quorum dos Doze, que apoiamos como profetas, videntes e reveladores.

Esses homens, pelo que observo de perto, vivem perto do Senhor. Testemunhei o poder do Espírito Santo tocando-lhes os corações e as mentes e dando expressão às suas palavras. Tenho-me maravilhado com a unidade de propósito da Primeira Presidência e dos Doze, ao servirem ao Senhor. Cristo e seus profetas são um. Observei continuamente o amor e o enorme apoio dado por seus conselheiros e pelos Doze a nosso profeta e líder, Presidente Ezra Taft Benson. Meu testemunho, nascido da observação pessoal, é que podeis ter fé inabalável no conselho único da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze. Eles vos conduzirão pelo caminho da retidão, felicidade, e paz interior.

Minha esposa Donna e nossos filhos adquiriram o hábito de ler, ouvir e seguir os conselhos dos profetas. Sempre fomos muito abençoados no lar, nas ocupações e na vida pessoal.

Irmãos, ainda haverá perigos e desafios à nossa frente. Admoesto os santos a confiarem nos profetas, a estudarem suas palavras. Ensinai suas palavras na noite familiar. Apoiai-os em particular e em público; orai por eles em vossas orações pessoais e familiares. E, em troca, desfrutai aquela paz interior que excede todo entendimento.

Deixo-vos meu testemunho especial da realidade de nosso Pai Celestial, de que Jesus é o Cristo, o Salvador de todos que o aceitarem, e de que profetas escolhidos realmente estão na terra hoje. Em nome de Jesus Cristo, amém.

SERVIÇO DOMINICAL DE ADORAÇÃO

Élder W. Mack Lawrence
dos Setenta

"Vinde para adorar o Senhor... Cantai louvores entusiásticos a Deus... Lembrai-vos do Salvador, ao participar do sacramento."

Nunca poderia, nem em sonhos, imaginar que um dia estaria neste púlpito, fazendo um discurso. Pensei em colocar um travesseiro entre os joelhos, para que não pensásseis que havia um pica-pau aqui em cima, bicando o púlpito. Estar diante de vós, irmãos, é uma experiência que me deixa humilde, e oro para que o Espírito do Senhor esteja conosco.

Gostaria de falar sobre a reunião sacramental. Vosso bispo organiza e supervisiona a reunião, para assegurar que transcorra num espírito de reverência, gratidão, e adoração, e que seja dirigida com dignidade, fervor, e com o Espírito do Senhor. Espero que cada pessoa que dela participa seja recepcionada na porta e veja o grande amor e a preocupação do bispo. Isso é um símbolo do grande e incondicional amor do Senhor a cada um de nós. Devemos sentir-nos desejados, valorizados e aceitos nessas reuniões. Ninguém deve julgar-se um estranho.

A reunião sacramental é a mais importante da semana, aquela a que o Senhor nos *ordenou* que assistíssemos. É o momento de adorar o Salvador. O que significa adorar? Significa reverentemente mostrar amor e lealdade a ele, pensar nele, honrá-lo, lembrar de seu sacrifício por todos nós, e agradecer-lhe.

Na reunião sacramental freqüentemente fazemos isso por meio de oração, música, discursos, escrituras e testemunho. Participamos do sacramento em memória de seu corpo e sangue, simbolizando sua ressurreição e expiação. Devemos pensar em sua vida e em seu sacrifício, durante a distribuição do sacramento. A reunião sacramental deve ser um momento para falarmos de Cristo, pregarmos a Cristo e regozijarmo-nos em Cristo, profetizarmos de Cristo, parafraseando Néfi (vide 2 Néfi 25:26). Também é o momento de aprender as doutrinas da Igreja, de sentir o Espírito, e de sermos iluminados espiritualmente.

A reunião sacramental é tão importante, que o Senhor revelou instruções específicas sobre ela a Joseph Smith. A mensagem está registrada na seção cinqüenta e nove de Doutrina e Convênios: "E, para que te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado;

Pois, na verdade, este é um dia designado a ti para descansares de teus trabalhos e prestares a tua devoção ao Altíssimo;

Contudo, teus votos serão oferecidos em retidão todos os dias e em todos os tempos;

Mas, lembra-te de que neste, o dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo, confessando os teus pecados aos teus irmãos e perante o Senhor.

E, neste dia, não farás nenhuma outra coisa, somente seja o teu alimento preparado com singeleza de coração para que o teu jejum seja perfeito, ou, em outras palavras, para que o teu gozo seja completo" (D&C 59:9-13).

Para que nosso gozo seja completo. Nossa experiência na reunião sacramental deve ser cheia de alegria.

Permiti-me mencionar algumas coisas que nos ajudarão a sentir · alegria na reunião sacramental. Há muitas coisas.

Primeiro, *vinde para adorar o Senhor*. Algumas pessoas não entendem e consideram o serviço de adoração como apenas mais uma reunião dominical, uma parte da nossa rotina de três reuniões. Não é. Deve ser um momento de verdadeira adoração ao Salvador, um momento em que desejamos estar perto dele, mostrar nosso amor a ele, sentir seu Espírito. Nossas atitudes determinam o significado que a reunião tem para cada um de nós.

Segundo, *ensinai aos filhos o significado do serviço de adoração*. Queremos nossas crianças lá, e também queremos que aprendam reverência, que é uma forma de amor ao Salvador. (Se os bebês fizerem barulho, tirai-os da capela até que se acalmem.) Queremos que nossos filhos entendam que é um serviço de adoração a Jesus, no qual mostramos que o amamos. Talvez vos surpreendais com o que as crianças entendem a respeito disso. Alma nos diz no Livro de Mórmon que "muitas vezes se comunicam palavras às crianças, que

Élderes David B. Haight e Neal A. Maxwell, do Quorum dos Doze.

confundem o sábio e o instruído" (Alma 32:23). Elas podem ser muito sensíveis ao Espírito. Amamos nossas crianças.

Terceiro, *cantai louvores entusiásticos a Deus*. Quando cantamos sinceramente, reafirmamos nosso amor ao Salvador, podemos sentir o Espírito. Admito que sou o pior cantor do mundo. No final do curso primário, minha professora de música me disse: "Mack, faça o favor de apenas mover os lábios, quando tentar cantar." Ainda tento, e sinto o Espírito quando canto. É uma bênção que todos nós podemos ter.

Quarto, *falando à congregação, incluí referências escriturísticas, vosso testemunho, e o Salvador no discurso.* Soube de casos em que o Salvador não foi nem mesmo mencionado em uma reunião sacramental. Espero que isso não ocorra em nossas reuniões. Ele é o centro da reunião sacramental, e tudo o que é dito nela deve aproximar-nos dele.

As escrituras são fonte básica de informações a respeito do Salvador e de suas doutrinas. Usai-as regularmente nos discursos. Elas nos desvendam novos tesouros e são importantíssimas para a compreensão do evangelho.

E não tenhais receio de incluir os sentimentos pessoais a respeito do Salvador, de seu evangelho, e relatos de ocasiões em que sentistes o Espírito. Nosso testemunho cresce quando ouvimos o testemunho dos outros. Algumas pessoas têm um testemunho mais forte do que outras, e é assim que deve ser. Cada um está crescendo no evangelho. Não nos devemos sentir pressionados a dizer coisas que não expressem verdadeiramente nossas experiências. Não devemos ter vergonha do que sabemos, seja qual for o estágio de desenvolvimento de nosso testemunho. Compartilhai-o com outras pessoas.

E, por fim, *lembrai-vos do Salvador ao participar do sacramento*. Algumas pessoas me dizem que ouviram as orações sacramentais tantas vezes, que não prestam atenção a elas quando o sacramento é abençoado. Talvez seja porque não entendem o que está sendo dito. Talvez queirais abrir as escrituras no momento adequado e estudar essas orações. Nelas há informações profundas e significativas a respeito de nossas promessas ao Senhor e de suas promessas a nós.

Sabeis onde encontrar as orações sacramentais? Na seção vinte de Doutrina e Convênios, ou no Livro de Mórmon, nos capítulos 4 e 5 de Morôni. Nessas orações sacramentais para o pão e a água, símbolos do corpo e do sangue do Salvador, testemunhais (ou prometeis) certas coisas.

Ao participar do sacramento, testemunhais que desejais tomar o nome de Cristo, o Filho, sobre vós. Isso significa que desejais ser batizados, proclamar as verdades do evangelho em nome dele, e representá-lo na realização de sua obra na terra. Também testemunhais que sempre vos lembrareis dele e que guardareis os seus mandamentos. São promessas sérias, sagradas. E, em troca, quando guardais os mandamentos, sois abençoados para que tenhais sempre o seu Espírito convosco.

Lemos em 2 Néfi, capítulo 25, versículo 29: "O caminho reto é acreditar em Cristo, e não o negar; e Cristo é o Santo de Israel; deveis, portanto, inclinar-vos diante dele e adorá-lo com toda a vossa força, mente e poder, e com toda a vossa alma."

Oro para que possamos tornar a reunião sacramental um momento de alegria e adoração ao Salvador.

Creio com toda minha alma em Jesus Cristo, nosso irmão mais velho. Que possamos entender seus ensinamentos e segui-lo, por meio de uma reunião sacramental espiritual, oração, e leitura das escrituras. Esta é uma igreja divina. Por intermédio do Profeta Joseph Smith, o Senhor enviou a plenitude do evangelho nesta última dispensação dos tempos. O Presidente Ezra Taft Benson é nosso profeta vivo e verdadeiro, e digo isso em nome de Jesus Cristo, amém.

O Salvador e Joseph Smith – Semelhantes e, no Entanto, Diferentes

Élder Francis M. Gibbons
dos Setenta

"Embora honremos e reverenciemos Joseph Smith como Profeta da Restauração e procuremos imitar-lhe as qualidades, adoramos e veneramos o Salvador."

Em julho próximo fará cento e quarenta e sete anos que o Profeta Joseph Smith foi assassinado na prisão de Carthage, por uma saraivada de tiros disparados por uma multidão com rostos pintados de preto. Com ele na cela estava um discípulo, John Taylor, que também sentiu o terror desse ataque e ficou gravemente ferido; seu destino, porém, não era ser mártir, como Joseph e seu irmão Hyrum.

Algum tempo depois do martírio, John Taylor, que viria a ser o terceiro presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias, escreveu o seguinte:

"Joseph Smith, o Profeta e Vidente do Senhor, com exceção só de Jesus, fez mais pela salvação dos homens neste mundo, do que qualquer outro homem que jamais viveu nele" (D&C 135:3).

Esse elo que une a vida mortal de Joseph Smith, o Profeta, e Jesus Cristo, o Salvador e Redentor, leva-nos a comparar a vida e o caráter dos dois.

* Ambos vieram de famílias pertencentes à classe trabalhadora. Jesus era enteado de um carpinteiro. O pai de Joseph Smith era fazendeiro. Nenhum dos dois tinha parentes ou amigos ricos, poderosos ou influentes. Ambos passaram por dificuldades econômicas.

* Ambos nasceram em lares sólidos e com grande espiritualidade. Maria e José falaram com seres do mundo espiritual. O pai de Joseph Smith teve muitas visões quando Joseph Smith Jr. era menino; e sua mãe teve uma experiência espiritual incomum, pouco antes do nascimento dele.

* Nem Jesus nem Joseph Smith teve muita escolaridade, e nenhum deles, portanto, se formou em uma grande universidade ou freqüentou o mundo acadêmico.

* Ambos foram muito precoces. Com doze anos, encontraram Jesus ensinando os instruídos rabis no templo, os quais ficaram surpresos por encontrar alguém tão jovem, com tão grande sabedoria e conhecimento. Aos quinze anos, Joseph teve uma experiência que lhe permitiu instruir sua família e outras pessoas que quisessem ouvir, a respeito da natureza, do poder, e dos propósitos de Deus, o Pai Eterno, e de seu Filho, Jesus Cristo.

* Nenhum deles era uma pessoa viajada. Jesus nunca ultrapassou as fronteiras da Terra Santa, durante seu ministério terreno, enquanto Joseph Smith passou a vida em uma área relativamente pequena dos Estados Unidos e do Canadá.

* Ambos foram figuras muito controvertidas, atacando corajosamente a situação vigente. Jesus condenou os escribas, os fariseus e os hipócritas, enquanto Joseph condenou ministros religiosos, cujos ensinamentos eram falsos.

* Ambos atraíram discípulos fortes e inimigos poderosos. É por intermédio dos discípulos de Jesus e de Joseph que sua fama e influência, hoje, são bastante conhecidas. Ambos sofreram uma oposição tão forte, que foram mortos por seus inimigos.

* Embora gentis e amorosos, ambos foram destemidos na defesa do bem. Jesus, por exemplo, irado com os mercadores do templo, expulsou-os com um chicote. E, em mais de uma ocasião, Joseph se envolveu em luta física para defender o que era certo.

* Ambos completaram sua missão quando jovens. Jesus foi crucificado com a idade de 33 anos, e Joseph morreu como mártir, aos 38 anos e meio.

* Ambos foram mortos em conseqüência da traição de antigos discípulos.

* Ambos oravam com freqüência. Antes de começar seu ministério terreno, o Salvador passou quarenta dias no deserto, em fervoroso jejum e oração. E no Monte da Transfiguração, no Getsêmani, na cruz, e em outras ocasiões, ele orou fervorosamente ao Pai Celestial, suplicando orientação ou ajuda.

O ministério de Joseph Smith começou, na verdade, com a oração proferida no Bosque Sagrado, que resultou na visita do Pai e do Filho. Daí em diante, sua vida foi

O Assembly Hall na Praça do Templo; o Monumento às Gaivotas, comemorando o milagre da época dos pioneiros, quando as gaivotas devoraram os gafanhotos que destruíam as colheitas.

marcada por repetidas orações, pedindo a ajuda divina para resolver os problemas que enfrentava, fossem grandes ou pequenos.

* O nascimento de ambos foi previsto com muita antecipação. O Salvador, segundo as escrituras, foi "meu amado e meu escolhido desde o princípio" (Moisés 4:2), aquele que Deus declarou que "viria no meridiano dos tempos, que foi preparado desde antes da fundação do mundo" (Moisés 5:57). José do Egito, filho de Jacó, profetizou que nos últimos dias seria levantado um vidente escolhido: "E seu nome será igual ao meu", profetizou ele, "e será também chamado pelo nome de seu pai" (2 Néfi 3:15). Essa é uma antiga referência profética a Joseph Smith e seu pai, Joseph Smith Sr.

Houve também diferenças básicas entre o Salvador e Joseph Smith, embora tivessem essas e muitas outras qualidades em comum. A principal diferença está na natureza e identidade incomuns do Salvador. O Salvador vivia em um nível que o Profeta Joseph Smith não podia entender completamente. Jesus é membro da Trindade, escolhido antes da criação do mundo para torna-se o Salvador e Redentor da humanidade. Ele foi a força ativa da Criação, e é o cabeça da Igreja. Com a Expiação ele, em certo sentido, adotou-nos, de modo que somos seus filhos. E, ao nos tornarmos membros da Igreja, tomamos sobre nós o seu nome.

As várias atribuições que assumiu e os vários nomes pelos quais é conhecido nas escrituras dão uma idéia do alto nível em que está o Salvador, comparado a Joseph Smith ou a qualquer outro homem. Ele é o Jeová do Velho Testamento, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. É o Filho de Deus, o Messias, o Criador. É nosso advogado junto ao Pai. É nosso Modelo. Muitas vezes ele é chamado de Bom Pastor ou de Grande Juiz. Outras, de Rei dos Reis, de Cordeiro de Deus, de Luz do Mundo, de Legislador ou de Mediador. Às vezes é chamado de Anjo do Concerto, ou de Rocha da Salvação; de Principal Pedra de Esquina, de Filho do Homem, de Ungido, de Libertador ou de Homem de Dores; ou, ainda, de Unigênito do Pai.

Ele não só cumpre essas variadas funções, mas também tem em comum com o Pai características desconhecidas para homens mortais como o Profeta Joseph Smith. Ele conhece todas as coisas e, portanto, é onisciente; ele tem todo o poder e, portanto, é onipotente; e, por meio da Luz de Cristo, é onipresente.

Não é de admirar que João Batista, que até a sua época havia sido o maior de todos os profetas, disse a respeito do Salvador que ele, João, não era digno de desatar-lhe a correia da alparca. (Vide João 1:27.)

Embora a posição espiritual do Salvador esteja acima de qualquer comparação, sua condição de Unigênito do Pai realmente cria um terreno físico comum com o Profeta Joseph Smith e os outros homens. O Salvador nasceu de mãe mortal, mas foi gerado pelo Pai Eterno. Portanto, ele tem em comum com Joseph Smith um elemento de mortalidade, por causa de sua mãe, Maria, mas ele também tinha em si o poder de dar a vida, ou de tomá-la novamente, por causa de seu Pai Eterno.

Embora honremos e reverenciemos Joseph Smith como Profeta da Restauração e procuremos imitar-lhe as qualidades, adoramos e veneramos o Salvador. Essa adoração é mostrada cada vez que participamos do sacramento, quando fazemos o convênio de tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo, de sempre nos lembrarmos dele, e de guardar os mandamentos que ele nos deu, para que possamos ter sempre conosco o seu Espírito. (Vide Morôni 4:3.)

O caráter divino de nosso Salvador, Jesus Cristo, e o lugar preeminente que ocupa no esquema eterno das coisas, deixam-nos estupefatos diante do que foi chamado de condescendência de Cristo, ou seja, seu desejo de descer do lugar exaltado que ocupa e, como dizem as escrituras, "(sofrer) penas, angústias e tentações de toda espécie; ... para poder soltar as cadeias da morte que prendem o seu povo; e (tomar) sobre si as suas enfermidades, para que suas entranhas se encham de misericórdia, segundo a carne, e para que possa conhecer, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades, ... para poder ... apagar suas transgressões, de acordo com o poder de seu livramento" (Alma 7:11-13).

Presto testemunho, obtido pelo poder do Espírito Santo, de que Jesus Cristo é o Salvador e Redentor, o Unigênito do Pai na carne. Testifico que o Salvador é um ser ressuscitado, tendo um corpo tangível de carne e ossos, e que o Pai Celestial, que é também o Pai dos espíritos de todos nós, também tem um corpo tangível de carne e ossos. Testifico também que Jesus Cristo é o cabeça da igreja à qual pertencemos e que tem seu santo nome, e que Joseph Smith, de quem falei, é o profeta por meio do qual a verdadeira Igreja de Jesus Cristo foi restaurada na terra, pela ministração de anjos, muitos séculos depois da Apostasia, e a quem foram dadas as chaves do sacerdócio e a autoridade necessárias para dirigir a igreja do Salvador na terra.

Finalmente, testifico que, através de uma corrente inquebrável, as chaves proféticas e a autoridade recebidas pelo Profeta Joseph Smith foram transmitidas às gerações seguintes, e hoje estão intactas nas mãos do profeta atual, Ezra Taft Benson, que é o cabeça de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias na terra, e que possui todas as chaves e a autoridade necessárias para proporcionar a exaltação aos filhos de Deus. Em nome de Jesus Cristo, amém.

TOMAR AS DECISÕES CERTAS

Élder Richard G. Scott
do Quorum dos Doze Apóstolos

"A verdadeira felicidade provém de um caráter íntegro, o qual é construído mediante um padrão de decisões dignas e consistentes."

Dirijo-me principalmente aos rapazes e às jovens da Igreja de todo o mundo. Vossas condições e desafios pessoais variam grandemente, não obstante vos encontrais numa época da vida em que tomareis decisões que afetarão todo o curso da vossa existência. Apresento-me como um amigo, com o desejo sincero de ajudar-vos a obter o maior e mais duradouro proveito deste período crítico de provação. Digo o que diria a um filho para transmitir o que *sei* ser verdadeiro.

Oro para que possais entender a importância de três grandes princípios que iremos analisar. Que possais receber inspiração do Senhor, por meio do Espírito Santo, no tocante à aplicação deles em vossa vida.

Reconheço que muitos de vós entendereis o que digo em virtude de decisões já tomadas. Oro para que os demais sejam inspirados a assumir os mesmos compromissos pessoais, pois esse conselho terá pouco valor enquanto não for posto em prática. Explicarei com um exemplo.

Meus pais presentearam-me com um lindo relógio em minha formatura da Escola Secundária. Olhava sempre para ele por causa do amor que ele transmitia. Toda noite o limpava e dava corda nele. Com o passar do tempo fui esquecendo de dar corda. Assim, deixou de ser útil, geralmente quando eu mais precisava dele.

Atualmente uso um relógio automático. Ele é consistente e sempre me mostra a hora certa. É totalmente independente. Nunca preciso preocupar-me se ele está funcionando ou não.

Creio que, como os relógios, há diferenças entre os jovens. Em alguns deles é necessário dar corda, ao passo que outros são automáticos, em virtude de importantes decisões que já tomaram.

Congratulo-me convosco, que sois automáticos, que assumistes o compromisso de ser verdadeiros para com o Senhor, e viver pela fé quando não podeis ver o fim desde o começo. Quando há escolhas a fazer, selecionais o caminho consistente com os ensinamentos do Salvador. Sei que às vezes sois criticados pelos que vos consideram fanáticos, que não podem entender por que não fazeis o que faz a

Membros do Coral da Juventude Mórmon que cantaram na sessão matutina do sábado na Conferência Geral de abril.

multidão. Apegai-vos aos vossos princípios.

Não podeis no momento, nem remotamente imaginar, o que essa decisão de ser inabalavelmente obedientes ao Senhor vos permitirá realizar na vida. Vossa tranqüila e flexível determinação de viver retamente vos conferirá *inspiração* e *poder* além do que podeis compreender. Quanto aos outros, se uma avaliação sincera de vossa vida vos revelar a contínua dependência de indivíduos e coisas más, por favor me escutem. Desejo sinceramente ajudar-vos. Se entenderdes e usardes os princípios que ora examinaremos, eles vos trarão uma grande recompensa.

O primeiro princípio: *Reconhecer o Salvador, seus ensinamentos e sua igreja como centro de vossa vida. Certificai-vos de que todas as decisões obedecem a este padrão.*

Este princípio vos sustentará em períodos de teste e crescimento. O crescimento para o alto ocorre em ciclos que são edificados uns sobre os outros numa espiral ascendente de capacidade e entendimento. Eles nem sempre são fáceis, mas eternamente benéficos. Ao trilhar o caminho da retidão, crescereis em vigor, compreensão e auto-estima. Descobrireis talentos ocultos e capacidades desconhecidas. Todo o curso da vossa vida poderá ser alterado para vossa alegria e para os desígnios do Senhor.

O princípio seguinte: *Reconhecer que a felicidade duradoura provém do que sois, não do que tendes.*

A verdadeira felicidade provém de um caráter íntegro, o qual é construído mediante um padrão de decisões dignas e consistentes. Quando as coisas que adquiris são usadas como instrumento para ajudar os outros, elas não governarão vossa vida. Vossas decisões justas determinam quem sois e o que é importante para vós. Elas tornam mais fácil fazer as coisas certas. Para vossa felicidade agora e por toda a vida, obedecei resolutamente ao Senhor, não importa o quanto sejais pressionados a fazer o contrário.

E agora o último princípio: *Permanecei moralmente limpos.*

Qualquer intimidade sexual fora dos laços do matrimônio, e enfatizo que isto significa qualquer envolvimento das partes íntimas e sagradas do corpo — é pecado e é proibido por Deus. Embora o mundo adote outros padrões, deveis permanecer moralmente limpos. Há muitas razões para fazê-lo. A principal delas é que é um mandamento de Deus, a violação do qual ele considera um pecado grave que ocasionará muito sofrimento. Para vos assegurardes de cumprir este mandamento sagrado, nos momentos de tranqüila reflexão, ao sentir a influência do Espírito Santo, estabelecei padrões pessoais específicos do que fareis ou não fareis quando surgir a tentação — pois certamente ela virá. Depois, quando ocorrerem os embates da vida, não altereis vossos padrões; não os abandoneis não importa o que sintais, seja qual for a pressão exercida.

Satanás usará a racionalização para vos destruir, isto é, ele fará que algo que sabeis ser errado vos pareça aceitável, e assim vos conduzirá progressivamente à destruição. O amor, conforme definido pelo Senhor, eleva, protege, respeita e enriquece os outros. Ele motiva uma pessoa a fazer sacrifícios por outra. Satanás promove o amor fingido, que é a cobiça. É movido pela fome de saciar os apetites pessoais. Quem comete este engano pouco se importa com a dor e a destruição que causará a outra pessoa. Embora freqüentemente camuflado por palavras lisonjeiras, é motivado pela gratificação pessoal. Sabeis como ser limpos e viver dignamente. Acreditamos que o fareis. O Senhor vos abençoará ricamente e ajudará a vos manterdes limpos e puros.

Como podeis manter a decisão de viver dignamente? Como assegurar-vos de que essa resolução não será solapada pelas pressões a vosso redor?

Escolhei bons amigos, os que tomaram semelhantes decisões na vida, os que como vós são suficientemente sábios para viver regular e moderadamente. Quando alguém se desencaminha, geralmente é porque escolheu a outra espécie de amigos. Cercai-vos de amigos verdadeiros, que vos aceitam como sois e vos tornam melhor por conviver com eles.

Vivei conscientemente a verdade que já conheceis. A maior parte da frustração e tragédia com que os jovens se deparam, provém do uso inadequado de uma maior liberdade para agir, do que a necessária ao crescimento. Quando, porém, tendes crescente responsabilidade pelas decisões que tomais na vida, fareis isso sabiamente em virtude da determinação inabalável de obedecer ao Senhor. Aprendereis que as restrições provenientes dos

ensinamentos do Senhor realmente criam uma plataforma de maior liberdade. Se elas forem precocemente removidas devido ao uso inadequado da escolha pessoal, resultará em subjugadoras correntes de transgressão.

Não vos coloqueis em circunstâncias comprometedoras.

Procurai o conselho de pessoas dignas.

Orai com fé em busca de auxílio. Invocai o Pai Celestial. Ele deseja ajudar-vos, mas em razão do vosso arbítrio, necessário se faz que deis o primeiro passo. Aprendereis lições importantes quando estiverdes ajoelhados. Alguns influxos chegarão gentilmente a vossa mente e coração ao procurar estabelecer um equilíbrio correto em vossa vida. Haverá um poderoso desenvolvimento pessoal por meio da oração oferecida com fé oriunda de um alicerce de retidão.

Quando todos os desafios recairem sobre vós, tereis um tranqüilo sentimento de apoio. Sereis inspirados para saber o que fazer. Podeis viver em um mundo conturbado e cheio de grandes desafios, e ao mesmo tempo ter paz. Sereis inspirados a *saber* como agir e tereis o poder ou capacidade de fazê-lo. Lembrai-vos desta promessa do Senhor, esclarecida pelo Presidente Harold B. Lee: "E do alto sereis ensinados. Santificai-vos [isto é, guardai os meus mandamentos] e sereis investidos de poder" (D&C 43:16).

Sei que os princípios que discutimos são verdadeiros. Eu os testei em minha própria vida. Com minha companheira, Jeanene, que me excede em todas as virtudes, tenho trilhado o caminho que hoje compartilhei convosco. Sei que essas verdades são corretas. Oro para que o Espírito confirme em vossa mente e coração o grande valor deles, quando forem postos à prova em vossa vida. (Vide D&C 8:2-5.)

Avaliai vossos pensamentos e atos cotidianos à luz dos princípios que examinamos. Estais progredindo em direção a eles ou tereis começado a vaguear por

Élderes Robert K. Dellenbach, Jack H. Goaslind, e LeGrand R. Curtis, dos Setenta.

caminhos destrutivos? A vida é uma oficina onde podeis testar a veracidade dos princípios cuja orientação preferis seguir na vida.

Agora é o momento de traçar vosso curso, de estabelecer prioridades. Aprendereis a escolher dentre as muitas coisas boas e más aquelas que são justas e mais importantes. Moças, utilizai os inspiradores Valores das Moças e as referências de escrituras ali encontradas, para ajudá-las nesse empenho. Rapazes, usai as escrituras relativas ao sacerdócio para dar-vos maior perspectiva na vida. Incentivo tanto as jovens como os rapazes a usarem o folheto *Para o Vigor da Juventude*. Ele vos abençoará na decisão de permanecer puros.

Como uma poderosa águia, podeis ascender a gloriosas alturas. Podeis descobrir verdades que vos inflamarão o espírito. Acreditais nisso? Sei que podeis fazê-lo. Ao combinar as experiências positivas da vida com verdades doutrinárias eternas, descobrireis o que significa ser um divino filho de um Pai Celestial que é perfeito. Ao aplicar as verdades dele, elas trarão maior visão à mente e compromisso ao coração. Sereis inspirados e tereis poder além da vossa capacidade. Podeis qualificar-vos por meio desse poder divino a servir de instrumento nas mãos de Deus para realizar o que não poderíeis fazer sozinhos.

Aprendereis a transformar em realidade vossos sonhos dignos concernentes ao futuro. Sereis levados a ter uma visão de vosso verdadeiro potencial e então, pela obediência aos princípios corretos e do uso consistente e apropriado do arbítrio moral, começareis a transformar aquele potencial em realidade.

Nós vos amamos. Precisamos de vós. Oramos por vós. Sois os instrumentos que o Senhor usará no futuro. Orai a respeito do que eu disse, para obter vosso próprio testemunho até que saibais que isso pode acontecer. Depois, sendo justos, isso vos acontecerá.

Ao viver elevados padrões pública e particularmente, e mesmo sob grande pressão, expandireis a visão de outros, ajudando-os a se

conscientizarem melhor de sua capacidade divina. Como um ímã de dignidade, atraireis outros a um padrão de vida mais elevado.

O poder de vosso exemplo de dignidade é ampliado se auxiliardes os que estão emaranhados nas teias da transgressão e os guiardes a um porto seguro onde exista o apoio dos pais e a inspiração do sacerdócio, onde eles poderão reparar por intermédio do arrependimento as partes distorcidas e danificadas de seu caráter. Muitos querem sobrepujar as transgressões que os prendem a um caminho que realmente não apreciam. Conquanto seus atos visíveis não evidenciem o desejo de se modificar, particularmente querem fazê-lo, mas não sabem por onde começar. Sede essa influência salvadora na vida deles. Ajudai-os.

Para encerrar, volto a falar do meu relógio automático. Ele é alimentado por uma bateria solar e para que funcione precisa ser exposto à luz. Somos assim também. Somos movidos a luz e precisamos que ela seja constantemente renovada. Se desviarmos para um caminho onde há escuridão, poderá ser extraordinariamente difícil retornar. Não tereis esse desafio porque vivereis na luz da verdade.

Existe outra bênção que recebereis pela decisão de obedecer. De todas ela é a mais bela, porém a mais difícil de se falar a respeito. Permanecendo moralmente limpos e obedecendo consistentemente aos ensinamentos do Senhor, vosso amor ao Mestre será mais profundo, vosso entendimento do Pai Celestial se ampliará, e os amareis cada dia mais, até que tudo o que realmente desejareis fazer é conhecer a vontade deles, e com o poder do alto, fazê-la.

Sei que eles vos amam. Eles nos conhecem pessoalmente. Conhecem os menores detalhes de vossa vida, cada pensamento, cada desejo de ser fortes e de vos modificardes. Obedecei-lhes e sereis abençoados com o poder de obedecer aos ensinamentos deles. Assim testifico com amor, em nome de Jesus Cristo, amém.

PAZ INTERIOR

Élder Joseph B. Wirthlin
do Quorum dos Doze Apóstolos

"A despeito das desoladoras condições no mundo e dos desafios pessoais que atingem a vida de todos, a paz pode ser uma realidade."

Nos últimos meses, a paz tem sido uma preocupação muito grande para as pessoas do mundo inteiro. Quando a paz mundial foi ameaçada, muitos países entraram na guerra. Os noticiários mostraram vívidas imagens de devastação, sofrimento e destruição, e do tumulto que a guerra provoca na vida das pessoas. Ela causa profunda ansiedade e destrói famílias, empregos e estudos. Consome recursos que poderiam ser melhor aproveitados em outras partes. Somos sumamente gratos por ter a Guerra do Golfo terminado mais rapidamente e com menos baixas do que o esperado. Sentimos grande compaixão pelas famílias de todos os países envolvidos, que perderam entes queridos, e pelas vítimas inocentes da guerra, especialmente as crianças. Oramos agora por uma paz duradoura, quando homens "converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices... nem aprenderão mais a guerrear". (Isaías 2:4.)

Nas escrituras, *paz* significa ausência de lutas, contendas, conflitos ou guerras, ou então calma e bem-estar interiores, nascidos do Espírito, que é um dom de Deus a todos os seus filhos, e também segurança e serenidade no coração da pessoa. O dicionário diz que paz é um estado de tranqüilidade ou calma, ausência de pensamentos ou emoções inquietantes, e harmonia em relações pessoais. (Vide *Webster's Ninth New Collegiate Dictionary*.)

Embora desejemos a paz, vivemos num mundo assolado pela fome, dor, angústia, solidão, doença e pesar. Vemos o divórcio com todos os conflitos e padecimentos, especialmente para as crianças inocentes, que ficam no meio. Filhos rebeldes, desobedientes, causam pesar e ansiedade aos pais. Problemas financeiros provocam estafa e perda de auto-respeito. Alguns entes queridos cedem ao pecado e à iniqüidade, abandonam seus convênios e seguem o "próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus". (D&C 1:16.)

O valor da paz no coração não pode ser medido. Quando estamos em paz, livramo-nos da ansiedade e do medo, sabendo que com o auxílio do Senhor poderemos fazer tudo o que se espera ou requer de nós. Podemos enfrentar cada dia, cada tarefa, cada desafio com segurança e confiança no resultado. Temos liberdade de pensamento e ação, liberdade para ser feliz. Mesmo os encarcerados por longos períodos, como prisioneiros de

guerra, podem ter paz de espírito. Muitos deles descobriram que seus captores não podem privá-los da liberdade de pensar, mesmo quando as mais severas limitações lhes são impostas. Poucas bênçãos de Deus, se é que alguma, são mais valiosas para nossa saúde espiritual do que a recompensa da paz interior. Na revelação moderna, disse o Salvador: "Mas aprendei que aquele que pratica as obras de justiça receberá a sua recompensa, sim, paz, neste mundo e vida eterna no mundo vindouro." (D&C 59:23.)

A despeito das desoladoras condições no mundo e dos desafios pessoais que atingem a vida de todos, a paz pode ser uma realidade. Podemos permanecer calmos e serenos, a despeito da indizível turbulência que nos cerca. Conseguir harmonia interior depende de nosso relacionamento com o Salvador e Redentor, Jesus Cristo, da disposição de imitá-lo, vivendo os princípios que ele nos deixou. Ele nos fez um convite: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mateus 11:28-30.)

A frase: "Cala-te, aquieta-te" (Marcos 4:39), que o Salvador proferiu quando acalmou as ondas revoltas, pode ter a mesma influência calmante sobre nós, quando somos atingidos pelas tormentas da vida. Durante a páscoa judaica, o Salvador ensinou aos discípulos: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize."(João 14:27.) Referindo-se aos ensinamentos dados aos discípulos, disse Jesus: "Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." (João 16:33.)

Em sua epístola aos romanos, Paulo nos dá uma chave para encontrarmos a paz prometida pelo Senhor. Diz ele: "A inclinação do espírito é vida e paz." (Romanos 8:6.)

Membros dos Setenta.

A mãe de uma numerosa família, que era uma pessoa fiel, aprendeu a encontrar paz aceitando o convite do Salvador de vir a ele e encontrar descanso. Ela obedecia aos mandamentos de Deus e tinha fé no Senhor Jesus Cristo. Resolveu, então, fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para solucionar problemas e enfrentar desafios, e depois, quando sentia que não podia fazer mais nada, ela transferia o fardo para o Senhor e deixava o resultado em suas mãos.

Disse o Presidente David O. McKay: "A paz de Cristo não é alcançada pela busca das coisas superficiais da vida, e não é conseguida sem que brote do coração da pessoa." Disse mais, que essa paz está "condicionada à obediência aos princípios do Evangelho de Jesus Cristo... Nenhum homem que não seja fiel ao que tem de melhor em si, que transgrida a lei, cedendo à paixão, aos apetites, às tentações, a despeito de sua consciência acusadora, ou ao tratar com seus semelhantes, sendo indigno de sua confiança, pode estar em paz consigo mesmo ou

Élderes Malcolm S. Jeppsen e Jacob de Jager, dos Setenta. Élder de Jager é presidente da Área Sul Americana Sul.

com seu Deus. O transgressor da lei não consegue paz; a paz é alcançada pela obediência à lei. É esta a mensagem que Jesus quer que proclamemos aos homens." (Conference Report, outubro de 1938, p. 133.)

A vida terrena é um período de provação, dando-nos oportunidades de escolha. Duas poderosas forças nos empurram em direções opostas. De um lado está o poder de Cristo e sua retidão. Do outro, Satanás e os espíritos que o seguem. Disse o Presidente Marion G. Romney: "A humanidade... precisa tomar a decisão de seguir em companhia de um ou de outro. A recompensa de seguir um é o fruto do Espírito — paz. A recompensa de seguir o outro são as obras da carne — a antítese da paz." E disse ainda: "O preço da paz é a vitória sobre Satanás." (*Ensign*, outubro de 1983, pp. 4, 5.) Nós podemos saber a quem seguir, porque Deus concedeu a todos o Espírito de Cristo, para distinguir o bem do mal e proteger-se do pecado. (Vide Morôni 7:15-18.) Às vezes nos referimos ao Espírito de Cristo como a nossa consciência. Se seguirmos sua inspiração, podemos livrar-nos do pecado e encher-nos de paz. Caso nos deixemos controlar pelos apetites carnais, jamais conheceremos a verdadeira paz. Seremos lançados de lá para cá "como o mar bravo que se não pode aquietar... Os ímpios, diz... Deus, não têm paz." (Isaías 57:20-21.) Se danificarmos ou violarmos nossa consciência, ignorando-a, poderemos perder esse dom por deixarmos de ser sensíveis a ele. Não conseguiremos mais sentir, estaremos fora do alcance da influência desse Espírito. (Vide 1 Néfi 17:45; Efésios 4:19.)

Embora tenhamos horror à guerra, a paz tem sido quase sempre mais um sonho que uma realidade. Durante grande parte da história do mundo, discórdias, dissensões e conflitos têm florescido e substituído a paz. Sempre que houve paz, ela começou no coração de pessoas justas e obedientes, crescendo até abranger toda uma sociedade. Nós temos pelo menos dois relatos escriturísticos de períodos de absoluta paz, e um terceiro está para acontecer. (Vide Marion G. Romney, *Ensign*, outubro de 1983, p. 5.)

O povo de Enoque, que viveu antes do grande dilúvio, conheceu o primeiro desses períodos de paz. Eles continuaram a viver em retidão e "o Senhor veio e habitou com eles". Ele chamou esse seu povo de Sião, porque eram unos de coração e pensamento e viviam em retidão. Eles edificaram "uma cidade que se chamou a Cidade da Santidade, ou Sião" que, "com o correr do tempo... foi levada ao céu". (Moisés 7:16-21.)

O segundo período de paz seguiu o ministério de Jesus ressurreto aos nefitas. Eles aboliram as obras do mal e obtiveram o fruto do Espírito. Citando o Livro de Mórmon: "Os discípulos de Jesus organizaram a Igreja de Cristo... E todos quantos a eles se chegavam, e realmente se arrependiam de seus pecados, eram batizados em nome de Jesus e recebiam também o Espírito Santo." (4 Néfi 1:1.) Conseqüentemente, "não havia contendas nem disputas entre eles" (vers.2), "em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo. E não havia invejas, nem disputas, nem tumultos, nem devassidão, nem mentiras, nem assassínios, nem nenhuma espécie de lascívia." (Vers. 15-16.) "Só havia um povo, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus." (Vers. 17.) "E procediam retamente uns com os outros." (Vers. 2.) "E sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus." (Vers. 16.)

A paz prevaleceu entre os nefitas por quase dois séculos. Então, alguns deles se afastaram dos ensinamentos de Jesus Cristo e tornaram-se orgulhosos, egoístas e iníquos. Dentro de mais de dois séculos, a nação nefita, que vivera esse longo período de perfeita paz, havia-se destruído numa selvagem guerra civil.

Um terceiro período de perfeita paz virá durante o Milênio. "Satanás será amarrado, para que não tenha lugar nos corações dos filhos dos homens." (D&C 45:55.) Quando viverem o Evangelho de Jesus Cristo, a retidão do povo banirá Satanás de seu seio. Aguardamos ansiosamente esse dia de paz e justiça universal, quando Cristo reinará na terra.

Esses três exemplos mostram que a paz, seja numa cidade, nação ou outra sociedade, começa no coração das pessoas, se elas vivem os preceitos do evangelho.

Nós vemos um exemplo de paz individual, em meio a disputas e contendas, na vida do Profeta

Joseph Smith. Perto do fim da vida, ele se encontrava num turbilhão de problemas, causados por companheiros dissidentes, falsas acusações e armadilhas engenhosas contra sua vida. Poucos dias antes de morrer, porém, ele disse: "Estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa." (D&C 135:4.) Sua paz interior o susteve em monumentais adversidades, até mesmo no martírio.

A paz é mais que um ideal elevado. É um princípio prático que, com esforço consciente, pode tornar-se parte normal de nossa vida, ao tratarmos de assuntos grandes e pequenos. O adiamento é um hábito que impede a paz interior. Ele nos enche a mente de assuntos não resolvidos e nos deixa desassossegados, até concluirmos a tarefa e a tirarmos do caminho. Nós estamos em paz nos chamados na Igreja quando fazemos o trabalho no devido tempo, ao invés de esperar até o último momento. Isto se aplica também à nossa freqüência ao templo, às visitas de mestre familiar e de professoras visitantes, à preparação de lições, discursos e outras designações.

Pode alguém estar em paz se for infiel, mesmo que seja em mínimo grau, aos votos matrimoniais? Quanta angústia resulta de uma pequena mentira, tapeação ou furto, mesmo quando não se é descoberto? Temos paz quando violamos as leis de trânsito? Ou quando esperamos nervosamente pelo policial? Temos paz se não somos honestos com nosso empregador e não lhe damos a devida retribuição pelo pagamento que recebemos? Estaremos em paz se não formos honestos no pagamento dos impostos?

Os santos dos últimos dias têm a obrigação de buscar a paz interior, não só pela bênção que ela é para eles, mas também para poder irradiá-la para os outros. Numa mensagem de Natal, a Primeira Presidência proclamou que a Igreja tem a divina missão de estabelecer a paz. Os membros da Igreja devem "manifestar amor fraterno, primeiro uns aos outros, depois para toda a humanidade; buscar união, harmonia e paz... dentro da Igreja e, depois, por preceito e exemplo, espalhar essas virtudes por todo o mundo." ("Greetings from the First Presidency", *Liahona the Elders' Journal*, 22 de dezembro de 1936, p. 315.)

Elderes Durrel A. Woolsey e Lloyd P. George, dos Setenta.

Se o pecado nos roubou a paz interior, podemos arrepender-nos e buscar o perdão dos pecados. O Senhor disse que não pode "encarar o pecado com o mínino grau de tolerância; entretanto, aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado". (D&C 1:31-32.) Disse o Élder Spencer W. Kimball: "A essência do milagre do perdão é que proporciona paz à alma anteriormente angustiada, intranqüila, frustrada e aflita. Num mundo de agitação e contenda essa é sem dúvida uma dádiva inestimável." (*O Milagre do Perdão*, p. 342.)

Meus irmãos, nós *podemos* estar em paz, se fizermos com que a "virtude adorne... (nossos) pensamentos incessantemente". (D&C 121:45.) Nós temos esse poder como filhos espirituais do Pai Celestial. Ele e seu Filho Amado, Jesus Cristo, proveram-nos o caminho da paz. Nós *podemos* usufruir essa paz de Deus, que ultrapassa o entendimento humano. (Vide Filipenses 4:7.) Podemos usufruí-la pessoalmente, no seio de nossa família, em nossa comunidade, nossa nação e nosso mundo, se fizermos as coisas que a produzem. Essa paz conduz à felicidade. (Vide *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 249-250.)

Presto testemunho de que nosso Pai Celestial vive e que ele nos conhece e nos ama. Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, o Salvador e Redentor de toda a humanidade e, sim, o Príncipe da Paz. Joseph Smith é o Profeta da Restauração, e o Presidente Ezra Taft Benson é o atual profeta, vidente e revelador da Igreja do Senhor. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo, amém.

SESSÃO DO SACERDÓCIO
6 de abril de 1991

CHAMADOS A SERVIR

Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Encorajamo-vos, grandes e jovens portadores do sacerdócio, a começar agora a preparação material e espiritual para que sejais completamente dignos e preparados a... usar aquela plaqueta especial de missionário de tempo integral."

"E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra.

Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mateus 28:18-20).

Mateus escolheu estas palavras para concluir o seu evangelho — o relato do Senhor ressuscitado desafiando aqueles designados a levar avante o seu ministério para os povos do mundo. O mandamento foi claro: eles deviam ensinar, batizar e continuar a ensinar após o batismo, a fim de se assegurarem de que os conversos permaneceriam na Igreja.

No decorrer da história do evangelho, esse mandamento, dado especialmente aos portadores do santo sacerdócio, tem sido sempre o mesmo — ensinar, batizar, e continuar a ensinar a fim de edificar testemunhos duradouros no coração de todos os filhos do Pai Celestial que pudermos alcançar. Fomos chamados a servir!

Costumo cumprimentar os jovens portadores do sacerdócio da Igreja ao encontrá-los em todas as partes do mundo, com a pergunta, "Futuro missionário?" Seus semblantes geralmente se iluminam com uma resposta positiva. Incentivo-os, então, a começarem agora a se preparar para essa grande experiência.

Que preparação é necessária para esse trabalho emocionante? Primeiro, e mais importante, é que o Senhor o espera de nós. Ele quer que nos empenhemos na edificação de seu reino. Os profetas têm constantemente nos lembrado de que se espera que todo jovem apto e digno cumpra uma missão de tempo integral.

Vossa preparação deve tornar-vos aptos a vos apresentardes ao bispo e assegurá-lo da dignidade pessoal para ser um missionário de tempo integral. Sentir-vos-eis mais à vontade na entrevista com o bispo se ele já for vosso amigo.

Jamais esquecerei a entrevista que tive com o bispo, quando me preparava para a missão. Aconteceu que o bispo era meu pai. Passávamos juntos grande parte do tempo. Ele podia ter-me entrevistado em casa, no celeiro, no campo ou no carro, enfim em qualquer outra parte em que passávamos o tempo juntos. Meu pai queria fazer daquela uma ocasião especial, que eu sempre recordaria.

Certo dia recebi um telefonema dele. Ele queria marcar uma entrevista comigo. Achei aquilo estranho pois ele jamais me telefonara para marcar um encontro para alguma coisa. Marcamos o horário para a reunião no escritório do bispo. Chegando lá encontrei seu escritório limpo e bem arrumado, sem papéis sobre a mesa, o que era inusitado, pois normalmente ela estaria coberta de papéis. Naquele momento tudo o que nela havia eram as escrituras. A entrevista resultou em um pequeno estudo de escrituras entre mim e meu pai.

Pelo que me lembro, aconteceu o seguinte: Ele empurrou as escrituras para meu lado da mesa e pediu-me que abrisse em Doutrina e Convênios 59:6 e lesse: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não furtarás, nem cometerás adultério... nem farás coisa alguma semelhante."

Então falamos sobre o que significava ser moralmente limpo. A conversa centralizou-se na pureza de pensamentos. Se nossos pensamentos forem limpos e puros, jamais praticaremos atos que nos impedirão de servir no campo missionário. É comum os jovens de hoje terem a idéia de que podem pecar um pouquinho, viver como os outros rapazes, depois viver dignamente por um curto período de tempo antes de se prepararem para serem chamados, a fim de se qualificarem para a obra missionária. Que filosofia enganosa!

A disciplina desenvolvida pela obediência diária e vida digna e sadia constrói uma armadura de proteção e segurança ao vosso redor, contra as tentações que vos

cercam na mortalidade. Podeis partir de casa com uma consciência limpa. Agora, é possível que algum de vós tenha seguido os caminhos do mundo. O único meio de recuperar a auto-estima é o processo chamado de arrependimento. Lembrai-vos sempre de que com a ajuda do bispo há um meio de retornar. Não hesiteis em usá-lo!

Em seguida lemos Doutrina e Convênios, seção 89, versículos 18 a 21:

"E todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para o seu umbigo e medulas para os seus ossos;

E acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

E correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão.

E eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará como aos filhos de Israel, e não os matará. Amém."

A conversa então girou em torno da importância de conservarmos nosso corpo físico saudável como um lar íntegro para nosso espírito eterno. As drogas e bebidas nocivas destroem a mente e o corpo, tornando-nos inadequados à orientação do Espírito do Senhor.

Lemos outras escrituras concernentes ao apoio aos profetas e sobre obedecer e viver as leis do Senhor. Após cada leitura, ele me pedia que respondesse se minha vida estava em harmonia com aquele princípio.

Finalmente lemos juntos Doutrina e Convênios 110, versículos 1 a 4:

"O véu foi retirado de nossas mentes, e abertos os olhos do nosso entendimento.

Vimos diante de nós o Senhor, de pé no parapeito do púlpito; e sob os seus pés um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar.

Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová, que dizia:

'Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai."

Chegando para uma sessão da conferência, Presidente Gordon B. Hinckley e Presidente Thomas S. Monson são cumprimentados por membros do Quorum dos Doze.

Falamos da esperança eterna que temos na expiação de nosso Senhor e Salvador, e da necessidade de participarmos das ordenanças sagradas exigidas de todos os filhos do Pai Celestial, para que possamos receber o maior dom que ele nos concedeu, o dom da vida eterna.

Depois disso meu pai preencheu minha recomendação missionária e me fez assiná-la. Levantando-se, ele me deu um forte aperto de mão, congratulando-me calorosamente por ser digno de cumprir uma missão de tempo integral. Saí do escritório transbordando de alegria, pois passara em um dos testes mais importantes da minha vida. Fora considerado digno de ser um missionário de tempo integral, o que significava ter a aprovação de meu pai, do bispo e de meu Senhor e Salvador. Ao sair dali prometi a mim mesmo que sempre viveria dignamente para passar em uma entrevista com um dos líderes do sacerdócio.

A entrevista com o bispo preparou-me para os três ingredientes básicos de que necessitava para cumprir missão. Primeiro, eu precisava conhecer o evangelho, conforme se acha nas escrituras e ter um testemunho da sua veracidade. A oração e o estudo diário eram essenciais à preparação para servir.

Segundo, a retidão pessoal é um requisito fundamental.

Terceiro, a entrevista com o bispo criou em mim um desejo maior de cumprir uma missão de tempo integral.

Além da preparação espiritual necessária, há também a preparação material. O financiamento de uma missão é um ônus pesado para os recursos familiares. Isso não seria necessário se os jovens portadores do sacerdócio cedo na vida decidissem assumir toda ou parte dessa responsabilidade. O novo Programa de Equalização Missionária eliminou muitas conjeturas a respeito dos recursos financeiros requeridos para a obra missionária.

Uma das maiores bênçãos desse programa é que os missionários e seus pais podem agora avaliar com bastante exatidão o custo de uma missão. Contas de poupança podem então ser planejadas com base nessa projeção. O planejamento próprio e antecipado pode ajudar os missionários a se tornarem mais auto-suficientes ao financiarem sua própria missão. Também proporciona o benefício de aprender cedo na vida as recompensas advindas do trabalho honesto.

Clay Christiansen toca o altamente complexo órgão do Tabernáculo. Em primeiro plano, usando fones de ouvido, está John G. Kinnear, gerente de planejamento e serviços de satélite da conferência geral, que coordena o programa da conferência para transmissão por rádio e televisão.

Para ajudar-vos na preparação para esta grande oportunidade, recentemente completamos uma fita de vídeo intitulada *Chamados a Servir*. Os líderes do sacerdócio das áreas de língua inglesa estão sendo notificados sobre a disponibilidade deste material. Esperamos que bispados e presidências de ramo organizem uma reunião especial para apresentá-la, a fim de que todo jovem e sua família possam vê-la muitas vezes, ao se prepararem para o serviço missionário. Embora tenha assistido a essa fita muitas vezes, ainda fico emocionado quando a vejo.

Ao assistirdes às fitas de vídeo, vereis cenas desta produção. Elas retratam diversos futuros missionários recebendo aquela carta especial de chamado da Primeira Presidência para a missão. Esse será o grande momento se vos prepararmes. Esperamos que o exibam a vossas famílias e amigos. Ao lerdes a carta de chamado, que vos designará a uma das grandes missões da Igreja, a emoção daquele momento permanecerá convosco pelo resto da vida.

O tempo sempre parece passar depressa quando estais no campo missionário. Vossos dias são preenchidos pelo evangelho. Não quero dar a impressão de que não haverá tempos difíceis, pois não é assim. Deles é que vem o crescimento, mas vereis a mudança na vida das pessoas ao aceitarem o evangelho. Vosso coração se encherá da alegria advinda de ensinar as verdades de nosso Pai Celestial, estabelecidas por ele para vivermos aqui na terra.

Nesta noite, portanto, encorajamo-vos grandes e jovens portadores do sacerdócio a começar agora a preparação material e espiritual para que sejais completamente dignos e preparados para aceitar o vosso chamado e usar aquela plaqueta especial de missionário de tempo integral. Sede como um daqueles grandes missionários que vistes na fita de vídeo. Posso prometer-vos sinceramente que será uma das maiores experiências da vossa vida. É impossível fazer o mesmo que o Senhor fez por nós. Quanto mais derdes a ele, mais ele abençoará vossa vida, sim, cem vezes mais. Saiamos, portanto, daqui esta noite, com um brado de batalha ecoando em nossos corações,

Somos hoje conclamados a servir
e a pregar o bom Jesus,
Vamos a um mundo de pesares
para proclamar a luz.
Somos hoje conclamados às fileiras,
das hostes do Redentor,
Vamos pelas sendas e atalhos
para demonstrar valor.
(*Cante Comigo*, B-85.)

Deus vive! Jesus é o Cristo. O testemunho que vos presto é que estamos empenhados em sua obra. Que Deus abençoe a todos nós com o espírito da obra missionária, é a minha oração, em nome de Jesus Cristo, amém.

"Honrar o Sacerdócio"

Élder J. Richard Clarke
da Presidência dos Setenta

"Devemos ampliar nossa consciência como quoruns e indivíduos e aumentar nossa capacidade de cuidar do próximo."

Quando Bob Barfuss estava na missão, sua mãe, Mary, orava diariamente, lembrando ao Senhor, em detalhes, as necessidades de seu filho. Certo dia ela chegou à conclusão de que talvez não devesse tomar tanto tempo do Senhor com sua longa lista de preocupações. Ela conta: "Passei, então, a fazer um resumo: Pai Celestial, por favor abençoa Bob, para que honre o sacerdócio."

Irmãos, se esse apelo se realizasse inteiramente em nossa vida, satisfaria as nossas necessidades e evitaria a maior parte dos problemas. "Abençoa-me, Pai, para que honre o sacerdócio." Esta deveria ser nossa petição diária.

Em uma reunião recente de estaca, um jovem foi apoiado para receber o Sacerdócio de Melquisedeque. Quando o cumprimentaram, a resposta dele foi surpreendente: "Por que? Isso não é tão importante, é?"

Não é importante? Se ele soubesse o quanto é importante! Pensei em como ele havia chegado a essa conclusão. Se eu fosse seu pai, seu bispo, seu consultor do quorum, como me sentiria ao ouvir aquela resposta?

Quando jovens, às vezes dizemos coisas impensadas, que provavelmente não diríamos se fôssemos mais amadurecidos. Espero que aquele jovem agora esteja cumprindo missão e tendo uma idéia melhor do que realmente significa ser portador do Sacerdócio de Melquisedeque.

O Presidente Benson disse: "O maior poder existente neste mundo é o poder do sacerdócio... Homem nenhum pode receber maior honra ou bênção do que a autoridade para agir em nome de Deus" (*The Teachings of Ezra Taft Benson*, Salt Lake City: Bookcraft, 1988, p. 219). Que grande privilégio! Que responsabilidade suprema!

Permiti que vos ofereça duas sugestões, para ajudar-vos a honrar melhor o sacerdócio:

Vivei retamente, para merecer o poder do sacerdócio.

Procurai, com empenho, oportunidades de servir no quorum.

Receber o sacerdócio não nos abençoa automaticamente com poder, assim como receber uma carta de motorista não nos torna motoristas responsáveis. O Senhor declarou: "Os poderes dos céus não podem ser controlados... a não ser pelo princípio da retidão" (D&C 121:36).

O poder do sacerdócio é adquirido gradualmente. Mesmo nosso Salvador teve que dominar a carne e crescer "de graça em graça" até receber a plenitude. (D&C 93:12-13). O mesmo acontecerá conosco, se formos verdadeiros e fiéis aos convênios.

Podemos, entretanto, perder o poder do sacerdócio, se transgredirmos. Os poderes espirituais são sensíveis e afastam-se das influências malignas. Como admoestou Pedro, devemos fugir "da corrupção que há no mundo" (II Pedro 1:4).

Orgulhei-me de um jovem sacerdote, Rick Dove, de Tucker, Georgia, que relatou sua experiência em um concerto de rock. Ele observou as bebidas, o vestuário, a linguagem profana e a rudeza geral dos jovens ao seu redor. Ele declarou: "De repente, lembrei-me de quem eu era e senti-me deslocado; então fui embora."

Às vezes nos esquecemos de quem somos. Dias atrás parei numa banca de revistas para comprar um jornal. Fiquei horrorizado ao ver um homem que eu conhecia bem, um sumo sacerdote, examinando a seção "só para adultos" de uma revista. Ele não percebeu minha presença. Fiquei muito desapontado. Pensei, então: E se eu fosse o seu filho, que considerasse o pai como um herói?

Lembrei-me da conversa de um pai com seu filho, na peça de Arthur Miller, *All My Sons*. O filho descobre que o pai havia violado alguns princípios éticos nos negócios. Sabendo que perder a estima do filho seria uma das maiores perdas que ele poderia sofrer, o pai disse: "Filho, eu sei; eu sinto muito. Na verdade, não sou pior do que os outros."

O filho respondeu: "Eu sei, pai, mas pensava que você fosse melhor."

Para os portadores do sacerdócio, jovens ou adultos, só existe um padrão de decência moral. Qualquer filme, programa de

Presidentes Gerais das Auxiliares da Igreja, da esquerda para a direita: Presidente Elaine L. Jack, da Sociedade de Socorro; Presidente Ardeth G. Kapp, das Moças, e Presidente Michaelene P. Grassli, da Primária.

televisão, música ou literatura impróprio para os jovens, é também impróprio para os pais.

Os que racionalizam a aceitação de coisas imorais, valendo-se da maturidade ou sofisticação, estão muito enganados. Os que justificam a transgressão, dizendo: "Ora, não sou perfeito", devem lembrar-se de que o pecado consciente está muito longe da perfeição. Seria melhor considerarmos este conselho do Presidente Brigham Young: "Sede... o mais perfeito que puderdes, pois isso é tudo o que podeis fazer... Pecado... é não fazerdes o melhor que sabeis" (em *Journal of Discourses*, 2:129-130).

O profeta Alma, que padeceu "quase até a morte" (Mosiah 27:28) arrependendo-se de sua rebeldia e transgressões, suplicou: "Afastai-vos dos malvados, conservai-vos separados e não toqueis em coisas imundas" (Alma 5:57). A nós, que portamos os vasos sagrados do Senhor, ele ordenou: "Sede limpos" (D&C 38:42).

O quorum do sacerdócio foi designado pelo Senhor para ser a melhor fraternidade a serviço do próximo, no mundo. Se tivéssemos sabedoria e fé para utilizar o quorum como o Senhor determinou, seríamos engrandecidos diante do Salvador, e todo membro da Igreja, abençoado. Não é esse o propósito do sacerdócio — abençoar, encorajar e exaltar? O quorum é a expressão máxima do bem proveniente da combinação da fraternidade e do serviço.

Permiti-me falar de alguns exemplos do sacerdócio em ação.

Um belo funeral foi realizado para um rapaz de dezoito anos, que chamaremos de John. Ele era um jovem notável, que lutou corajosamente contra a distrofia muscular e perdeu. Passou os anos de seu Sacerdócio Aarônico confinado a uma cadeira de rodas.

Estavam presentes ao funeral dedicados membros de seu quorum no sacerdócio. John exercera sobre eles uma profunda influência, embora jamais tivesse jogado uma partida de futebol ou acampado com seus companheiros, tampouco dançado ou participado das atividades comuns aos rapazes da sua idade. Foi a fé e o compromisso com a Igreja que os sensibilizou. Acima de tudo — ele proporcionou ao quorum a oportunidade de servir com amor.

Como diácono, ele desejava distribuir o sacramento. Um jovem foi designado para empurrar a cadeira de rodas, enquanto John segurava a bandeja sobre as pernas. Pareceu difícil no começo, mas logo outros se dispuseram a ajudá-lo a realizar seu dever no sacerdócio.

Na época em que John foi ordenado sacerdote, era muito fraco e não podia ajoelhar-se para abençoar o sacramento. O quorum encontrou uma solução. Levaram sua cadeira de rodas para perto da mesa do sacramento. Um sacerdote partia o pão, depois se ajoelhava por ele perto da cadeira de rodas, segurando um microfone, enquanto John pronunciava as palavras sagradas. Logo cada membro do quorum passou a considerar uma honra fazer aquilo por seu irmão.

Os membros do quorum seguiam entusiasticamente a liderança de John, como primeiro assistente do quorum de sacerdotes. Por ser incapaz de realizar o sonho de ser escoteiro, os sacerdotes levantaram fundos para comprar uma plaqueta de mérito especial, que lhe foi entregue numa reunião sacramental. Nela se lia: "Oferecida a John, por notáveis serviços prestados a seu quorum e por ser um grande exemplo para todos nós."

Com o passar dos anos, os jovens do quorum de John participaram de muitas atividades divertidas, mas nenhuma causou maior impacto ou ensinou-lhes mais a respeito de magnificar chamados no sacerdócio e de amarem uns aos outros, que a extraordinária experiência que tiveram com seu amigo John.

Esperamos muito dos irmãos do Sacerdócio Aarônico e, se adequadamente treinados, eles raramente nos decepcionam. Lembro-me de quando o Dr. Harold Hume serviu como consultor do bispado para o quorum de diáconos. Eles foram convidados a visitar um hospital. Quando ele apresentou o quorum às enfermeiras, uma delas disse: "Que estranho! Os diáconos da minha igreja são mais idosos." Ao que o Dr. Hume respondeu: "Bem, nossos diáconos são jovens notáveis. Eles têm capacidade para servir, já aos doze anos de idade!"

Lembram-se de alguns anos atrás, quando um terrível incêndio queimou uma grande floresta ao sul da Califórnia? Quando sopraram os ventos inclementes, o público foi afastado da área pela polícia. Poucas famílias tiveram permissão de ficar, a fim de salvarem seus

O Assembly Hall na Praça do Templo; o Monumento às Gaivotas, comemorando o milagre da época dos pioneiros, quando as gaivotas devoraram os gafanhotos que destruíam as colheitas.

lares.

Não demorou muito e um caminhão chegou a uma das casas, cheio de irmãos do quorum, carregando suas pás. Perguntaram-lhes: "Como conseguiram atravessar a barricada policial?" Um deles respondeu: "Foi fácil. Apenas lhes dissemos que nosso irmão mora aqui."

Logo havia trinta e nove irmãos, que ajudaram a cavar uma vala para impedir o avanço do fogo. Um policial curioso apareceu e disse: "Quero conhecer o homem que tem trinta e nove irmãos!"

O Élder Matthew Cowley perguntou certa vez a um presidente de quorum de élderes se havia um bom relacionamento entre eles. "Vocês fazem alguma coisa para ajudar uns aos outros?" "Sim", foi a resposta. "Um membro do nosso quorum está hospitalizado no Novo México. Era um jovem vigoroso, estava comprando uma fazenda, era trabalhador e tinha uma família adorável. Um dia ele ficou muito doente." Aquilo poderia ter significado o fim de sua fazenda e da segurança da família.

O presidente do quorum de élderes disse: "Era uma grande perda, tanto para nosso quorum como para sua família. Portanto, assumimos as responsabilidades dele e passamos a dirigir a fazenda. Ele agora deve preocupar-se apenas com seu restabelecimento."

Muitas vezes magnificamos nossos chamados individual e tranqüilamente, sem fazer alarde. Vem-me à memória um presidente do quorum de élderes, Kirk Barnett, de Las Vegas. Certa manhã, visitando um hospital, ele foi inspirado a perguntar se ali estava outro santo dos últimos dias. Disseram-lhe que havia uma senhora idosa, aguardando ser operada de uma hemorragia cerebral. Ela não tinha família ou amigos, ninguém para encorajá-la, e achava-se numa situação desoladora. O presidente Barnett sentou-se ao lado dela por duas horas. A mão dele ficou branca de tanto que ela a apertou. A senhora disse umas vinte vezes que o amava.

Irmãos, somos os filhos de Deus. Fomos comissionados por Jesus Cristo para portar o santo sacerdócio e edificar sua Igreja. Devemos ampliar nossa consciência como quoruns e indivíduos, e aumentar nossa capacidade de cuidar do próximo. Vivamos dignamente e estendamos o poder sanador do sacerdócio, por meio de serviço amoroso, para "(socorrer) os fracos, (erguer) as mãos que pendem e (fortalecer) os joelhos enfraquecidos" (D&C 81:5).

Encerrando sua derradeira e afetuosa epístola a Morôni, Mórmon disse: "Sê fiel a Cristo, meu filho" (Morôni 9:25). Creio ser este o terno conselho que todo pai ou mãe daria a seu filho: Sê fiel em Cristo. Que nós sejamos fiéis e honremos seu sacerdócio. Em nome do Senhor Jesus Cristo, amém.

MUDANÇAS

Élder Jacob de Jager
dos Setenta

"O Pai Celestial prometeu que dará um espírito novo às pessoas, ...As enormes mudanças pelas quais temos passado nos últimos anos, são o início de uma nova era."

Irmãos, é bom estar convosco. Falar na reunião do sacerdócio de uma conferência geral é para mim, literalmente, uma oportunidade que só se tem uma vez na vida, pois nunca antes, nos quinze anos que pertenço ao Quorum dos Setenta, tive esse privilégio, e não é provável que o tenha novamente. Considero, portanto, uma bênção pessoal poder dirigir-me a tão vasta audiência de homens dignos, portadores do sacerdócio de Deus.

Muitos de vós sois solteiros, e muitos casados. Para os que são casados eu gostaria de testificar, fundado em experiência pessoal, que ter uma mulher que nos ame e apóie é uma grande fonte de fortalecimento. Provavelmente já ouvistes o que foi dito: "Atrás de cada grande homem existe uma grande mulher." Na igreja mudamos um pouco esse adágio, dizendo: "Atrás de cada grande homem existe uma sogra surpresa." Pois ela pode dizer: "E este o rapaz que casou com minha filha? Agora ele é bispo? Não posso acreditar!" Sim, mãe, o rapaz amadureceu, ganhou experiência, tomando sobre si responsabilidades cada vez maiores, e aprendeu a servir ao Senhor servindo ao próximo. Resumindo, ele *mudou*!

Esta noite eu gostaria de falar sobre *mudanças*, porque tudo o que nos cerca parece estar mudando num ritmo acelerado. Nos últimos dois anos, observamos mudanças tremendas na Europa Oriental. Os recentes acontecimentos na região do Golfo Pérsico também mudaram a vida de muitas pessoas de maneira dramática, o que é compreensível. É inevitável que nossa vida seja igualmente influenciada pelos eventos que nos cercam, e talvez experimentemos o sentimento desconfortante de que tais mudanças no mundo estão fora de nosso controle.

Existem, porém, mudanças importantes que todos deveriam poder fazer, por meio de uma preparação adequada — mudanças sobre as quais certamente temos controle. Irmãos, como portadores do sacerdócio, deveríamos fazer a nós mesmos estas perguntas: "Estou dedicando atenção e tempo suficientes a mudanças pessoais, que farão com que me torne uma pessoa melhor aos olhos do Senhor? E: "Estou, como pai e líder espiritual de meu próprio lar, dedicando atenção e tempo suficientes ao desempenho de minhas responsabilidades e deveres básicos?" São eles:

Número 1. Conduzir e dirigir regularmente as orações familiares e o estudo das escrituras.

Número 2. Preparar meus filhos para receberem o sacerdócio, e os outros membros da família para honrarem o sacerdócio.

Número 3. Incentivar minha família a ser digna de receber as ordenanças do templo e a ser fiel aos convênios feitos.

Número 4. Ajudar meus familiares a desenvolverem seus talentos pessoais e dons divinos, a fim de fortalecerem e servirem ao próximo.

Número 5. Inspirar meus familiares a guardarem os mandamentos de Deus e perseverarem na fé até o fim.

Quando realmente compreendemos e aceitamos estes deveres do sacerdócio, comprometendo-nos a cumpri-los, preparamo-nos para uma mudança miraculosa de conseqüências eternas.

Não nos foi prometido que podemos ser "participantes da natureza divina"? (Vide II Pedro 1:4.) Isto significa que, por meio de uma mudança pessoal, desenvolvemos o desejo de viver em harmonia com os ensinamentos do Senhor, e o desejo de libertar a mente de todo e qualquer mau sentimento para com os outros. Isto nos torna mais dignos, e até mais perfeitos.

O velho ditado "mudança é progresso" ganha então um significado especial para todos nós — porque arrependimento é mudança, conversão é mudança, aperfeiçoamento é mudança. Tudo isto está em completa harmonia com os desejos do Pai Celestial e os apelos amorosos do Redentor.

Como membros da igreja restaurada do Senhor recebemos, por revelação divina, um conhecimento perfeito do que nos reserva o futuro. O *plano de redenção nos foi revelado em toda a sua glória*. Ele cobre de maneira perfeita nossa existência pré-mortal, nossa jornada terrena e nossa vida além-túmulo, *conforme registrado no Livro de Mórmon*.

Élder Neal A. Maxwell fez a seguinte declaração sobre a maneira de lermos o Livro de Mórmon: "Alguns membros da Igreja nunca leram o Livro de Mórmon. Outros o usam ocasionalmente, como se fosse uma mera e conveniente fonte de citações. Outros ainda o aceitam e lêem, mas não o exploram realmente, não meditam no seu conteúdo. O livro é para ser saboreado, não apenas mordiscado." (*But for a Small Moment*, Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1986, p. 28.)

Vamos, portanto, estudar atentamente as palavras de Amuleque, o companheiro missionário de Alma, o filho, conforme registradas no capítulo 34 de Alma, a começar do versículo 30:

"E agora, meus irmãos, eu quisera que, *depois de terdes recebido tantos testemunhos*, vendo que as santas escrituras testificam destas coisas, que viésseis e trouxésseis frutos de arrependimento.

Sim, eu quisera que viésseis, não endurecendo mais vossos corações, pois agora é chegado o tempo e o dia da vossa salvação; e se vos arrependerdes, não endurecendo vossos corações, imediatamente será realizado para vós o grande plano de redenção.

Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus; sim, eis que o dia desta vida é o dia para os homens executarem os seus labores.

E agora, como vos disse antes, *já que haveis tido tantos testemunhos*, peço-vos, portanto, que não deixeis o dia do arrependimento para o fim; porque depois deste dia de vida, que nos é dado para nos prepararmos para a eternidade, eis que se não aproveitarmos nosso tempo virá a noite tenebrosa, durante a qual nenhum labor poderá ser executado.

Não podereis dizer, quando fordes levados a essa terrível crise: Eu me arrependerei para que possa retornar a meu Deus. Não, não podereis dizer isso; porque o mesmo espírito que possuir vossos corpos, quando deixardes esta vida, terá forças para possuir vossos corpos naquele mundo eterno." (Versículos 30-34; grifo nosso.)

Membros dos Setenta

Oro, irmãos, que possamos sempre nos lembrar destas admoestações de Amuleque, em casa, no trabalho, na comunidade onde vivemos, e em nossos chamados na Igreja; e que possamos responder à tão freqüentemente citada pergunta de Alma: "Haveis experimentado essa poderosa mudança em vossos corações?" (Alma 5:14) com um alto e firme "sim!"

Irmãos, temos que melhorar nosso desempenho, individual e coletivamente, fortalecer os alicerces do sacerdócio da Igreja, preparar-nos para cumprir nossas responsabilidades no século que se aproxima, que pode muito bem ser o portador da mudança mais significativa da história da humanidade: A mudança dos corações humanos em todos os lugares, a verdadeira conversão de

pessoas em números cada vez maiores, o avanço do reino até os confins da terra "como a pedra que, sendo cortada da montanha, sem mãos, rolará adiante até que encha toda a terra" (D&C 65:2).

O Pai Celestial prometeu que dará um espírito novo às pessoas e "(tirará) da sua carne o coração de pedra" (Ezequiel 11:19). As enormes mudanças pelas quais temos passado nos últimos anos, são o início de uma nova era. No seminário de representantes regionais de abril de 1987, Élder Maxwell nos relatou a seguinte visão:

"Todas as coisas devem ser feitas com sabedoria e ordem. Os pioneiros mórmons foram elogiados pela irrigação do deserto de Utah. Nós, mórmons, estamos atualmente nos preparando para uma irrigação definitiva, que virá quando a Igreja tiver crescido em número e espiritualidade, a ponto de a verdade do evangelho e a retidão varrerem a terra como um dilúvio. Estamos agora num breve interlúdio na história da Igreja, que precede uma era especial que logo virá, quando este evangelho será levado a nossos irmãos do Terceiro Mundo. A resposta desses irmãos poderá surpreender-nos e temos que nos certificar de que estamos firmemente estabelecidos e prontos para eles, pois eles estão prontos para nós. Atualmente estão sendo preparados para ouvir a palavra. Possa Deus abençoar nossa preparação para levar-lhes essa palavra."

Irmãos, presto solene testemunho de que as linhas e preceitos dos quais vos falei esta noite são verdadeiros, que o Livro de Mórmon é verdadeiramente a palavra de Deus e o livro mais correto da terra, no que diz respeito à salvação e exaltação do homem.

Eu sei que Deus vive e que Jesus Cristo é nosso Salvador e Redentor. Testifico também que o Presidente Ezra Taft Benson é o profeta do Senhor na terra, hoje. Que possamos todos testificar ao mundo estas verdades simples, eu oro, em nome de Jesus Cristo, amém.

HOMENS DE CRISTO

Élder Jack H. Goaslind
dos Setenta

"Peço-vos, homens de Cristo, que cultiveis, acalenteis e mantenhais desejos justos. Tendes de querer. Esta é a chave para a ação; é a chave para a felicidade."

Sinto-me profundamente agradecido por haver sido chamado para servir como Presidente Geral dos Rapazes. Quando recebi essa designação, ela me pareceu assoberbante. O desafio parece aumentar à medida que obtenho maior entendimento, tanto do futuro maravilhoso que espera nossos rapazes, como dos obstáculos que terão de sobrepujar para alcançar seus objetivos.

Jovens, vosso potencial foi descrito numa frase do Livro de Mórmon: "O homem de Cristo" (Helamã 3:29). Como é o homem de Cristo? Podeis vós, diáconos, mestres ou sacerdotes, tornar-vos tal homem, ou é isto algo reservado só para os mais velhos? Embora meu título formal seja Presidente Geral dos Rapazes, espero estar, na verdade, presidindo uma irmandade de jovens de Cristo. Gostaria de me dirigir a vós chamando-vos de "*homens* de Cristo". Embora ainda sejais *rapazes*, sois *homens*. Oro para que cada um de nós possa compreender a palavra de Deus, que nos conduz a um caminho reto e estreito e nos ajuda a evitar muito sofrimento e miséria em nossa vida. Desejo falar sobre uma qualidade característica do homem de Cristo.

Essa qualidade foi expressa numa palavra que recentemente vi escrita na camiseta de um rapaz, que fora feita para uma conferência de jovens, tempos atrás. Nela lia-se "Yagottawanna" (N.T.: "Você tem de querer", em inglês, com as palavras ligadas, dando a impressão de ser uma palavra indígena.) Eu disse brincando ao jovem que aquela parecia ser uma antiga palavra indígena, mas que gostaria que ele explicasse o seu significado. O rapaz me olhou desconfiado, como se dissesse: "O senhor deve estar brincando", mas condescendeu em responder assim mesmo. "Significa que a gente tem de *querer*, para poder fazer", disse ele. É claro que eu já sabia, mas foi bom ouvir a explicação.

A pessoa que planejou aquela conferência de jovens teve a idéia certa. A expressão inclui diversos princípios importantes do evangelho.

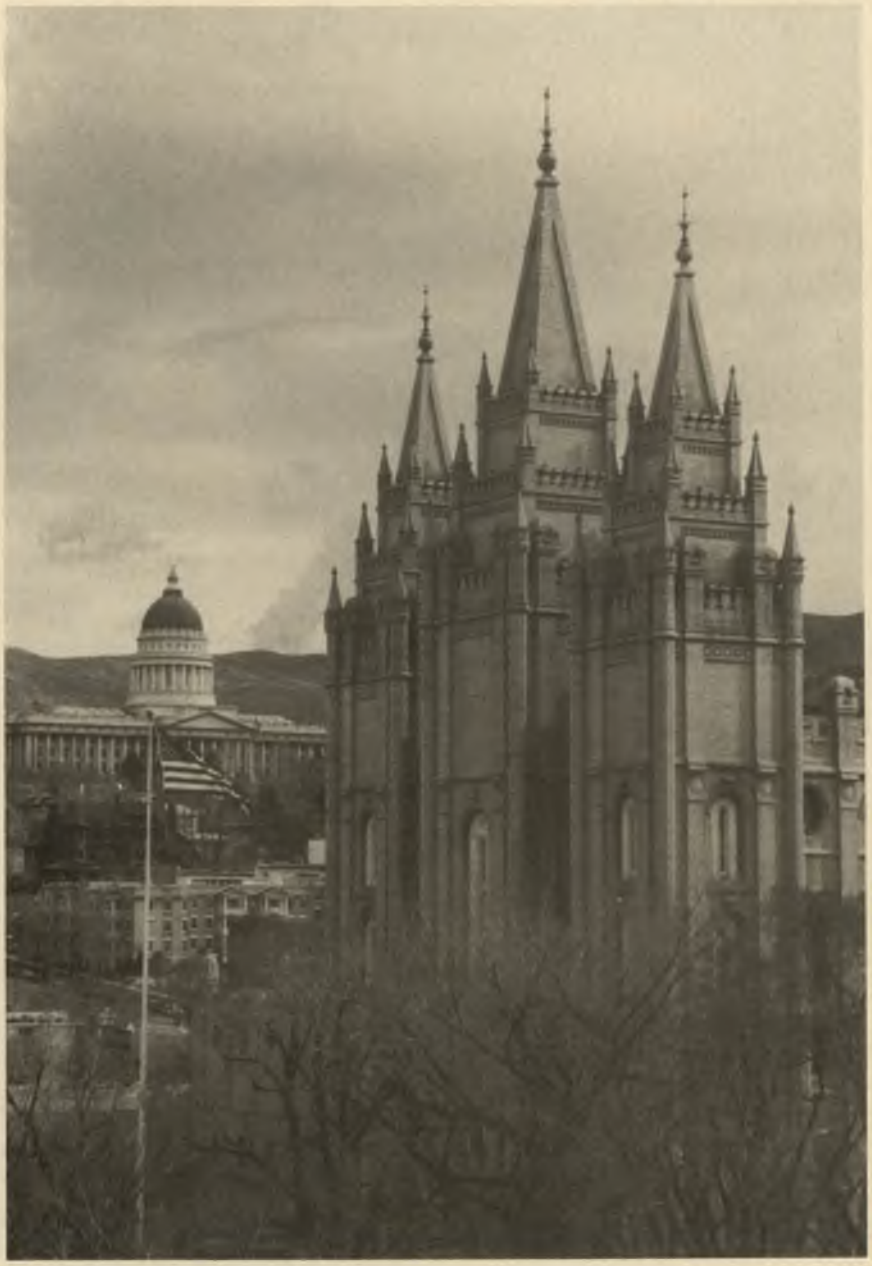
Faz-me lembrar uma das qualidades da divindade. "E não há nada que o Senhor teu Deus proponha em seu coração a fazer que não fará" (Abraão, 3:17). Não é maravilhoso ter certeza de que o Pai Celeste fará o que se propõe fazer?

São dois os elementos deste princípio. Primeiro, Deus propõe algo em seu coração. Quando

propomos algo em nosso coração, isto geralmente significa que *sentimos* algo. Este é o espírito de revelação (vide D&C 8:2-3), que nos dá um sentimento intenso de paz ou bem-estar. O Presidente Marion G. Romney disse que ele "chega às nossas mentes e sentimentos, e nos induz a fazer o que é certo" (*Ye Are a Peculiar People*, discurso proferido na Universidade Brigham Young, Provo, no dia 10 de abril de 1956, p. 8); também nos induz a fazer o bem (vide D&C 11:12).

Quantos de vós ouvistes um pensamento, história ou hino inspirador, e sentistes o desejo de fazer algo bom? Isso não é incomum; é um sentimento espiritual saudável, essencial para o nosso progresso, mas com que freqüência fazeis o que sois inspirados a fazer? Isto nos leva à segunda parte da equação. Quando Deus se propõe em seu coração fazer algo, seja lá o que for, ele o *faz*. Ele simplesmente *faz*.

Já foi dito: "Nossos sentimentos nos foram dados para incentivar-nos a agir, e quando não levam a nada, de nada servem" (Daniel Keyte Sandford, em *The International Dictionary of Thoughts*, comp. por John P. Bradley, Leo F. Daniels, Thomas C. Jones, Chicago: J.G. Ferguson Publishing Co., 1969, p. 291). Quer dizer que uma vez que sintamos algo, devemos agir para podermos dar um propósito aos nossos sentimentos. O Élder Joseph B. Wirthlin observou que "os indivíduos que fazem o que é certo, que têm 'fome e sede de justiça' (Mateus 5:6), recebem e conservam vivo, por meio de suas ações, o desejo de fazer o que é certo" (Conferência Geral de abril de 1976). Em contraste, aqueles que não agem de acordo com os seus desejos justos, colocam-se numa posição perigosa. Como disse C.S. Lewis: "Quanto mais (uma pessoa) sente e não age, menos se torna capaz de agir, e, ao longo do tempo, vai-se tornando menos capaz de sentir" (*The Screwtape Letters*, Nova York: Macmillan Publishing Co., 1982, p. 61).



Vista do Templo de Lago Salgado.

Isto também nos ajuda a compreender o princípio do livre-arbítrio. Os jovens que têm desejos sinceros tomam iniciativas; fazem coisas boas, sem esperar ser mandados. Irão "fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem" (D&C 58:27). Eles *agem*, ao invés de *receberem a ação*. Têm controle sobre si mesmos. Esse autocontrole é um sentimento maravilhoso. É o sentimento que obtemos quando exercitamos um de nossos mais preciosos dons, o dom do livre-arbítrio.

Querer também demonstra uma atitude de fé. O *desejo* é o início da fé. O Senhor vos abençoa, "mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar" (Alma 32:27). Se deixarmos, esse desejo se transformará numa fé amadurecida, que pode fazer com que as coisas aconteçam.

O que desejamos acabará por ajudar a determinar nosso julgamento eterno. Alma disse que Deus "concede aos homens segundo o seu desejo, tanto para a salvação como para a destruição"

Élder Merlin R. Lybbert, dos Setenta, conversa com a Presidente Geral da Sociedade de Socorro, Elaine L. Jack.

(Alma 29:4).

Nossos desejos mudam com o passar dos anos, às vezes de maneira radical e rápida, outras vezes gradualmente. O Elder Boyd K. Packer citou certa vez Lady Astor: "Sempre receei a velhice, porque então não podemos fazer todas as coisas que desejamos. Mas não é tão ruim assim — não as queremos mais!" (Conferência Geral, outubro de 1974.) As coisas que vos parecem tão importantes hoje, não terão importância nos anos futuros, mas podeis aprender hoje a querer coisas que estejam em harmonia com a eternidade. Por exemplo, podeis decidir ser justos, em vez de desperdiçar o tempo com coisas perecíveis; podeis decidir servir de boa vontade, e não por egoísmo. O Élder Marion D. Hanks cita freqüentemente uma frase sábia: "As coisas mais importantes não têm de ficar à mercê das coisas menos importantes." As escolhas que fazemos nesta vida têm enorme influência na eternidade.

A adoração apropriada ilustra como funciona o princípio em questão. Por exemplo, quantos de vós já demonstrastes enfado, durante a reunião sacramental? Sabeis como é: Corpo inclinado, queixo apoiado nas mãos, cotovelos apoiados nos joelhos, olhar perdido no chão. Já vos ocorreu a idéia de que é vossa a *escolha* de fazer com que a reunião seja ou não interessante?

Há vários anos ouvi falar de um bom irmão que descreveu sua atitude enquanto o Presidente David O. McKay pronunciava o discurso de conclusão de uma conferência geral. Era uma tarde quente e úmida, e a quinta sessão a que ele assistia. O irmão estava sentado na galeria e sua mente passava por um sério problema de divagação. Ele notou um homem que, sentado na seção do meio, adormeceu com a cabeça caída para trás e a boca aberta. Passou-lhe pela mente que se estivesse no teto do Tabernáculo poderia jogar uma bolinha de papel por uma das aberturas do respiradouro, e ela cairia diretamente na boca do homem adormecido. Que pensamento glorioso! Depois da reunião ele ouviu dois homens conversando sobre o que sentiram durante o discurso do Presidente McKay. Eles estavam visivelmente emocionados com o que tinham ouvido. Nosso homem pensou: "Estes dois irmãos tiverem uma experiência espiritual maravilhosa, enquanto eu, o que estava fazendo? Pensando em jogar bolinhas de papel pelos orifícios do teto!"

O Presidente Spencer W. Kimball disse que a adoração "é... uma responsabilidade pessoal, e a despeito do que se ouça do púlpito, se alguém deseja adorar ao Senhor em espírito e verdade, pode fazê-lo... Se o serviço vos parece falho, vós falhastes. Ninguém pode adorar em vosso lugar: Precisais fazer a adoração própria e pessoal ao Senhor" (*A Liahona*, julho de 1978, p. 5).

Um jovem descreveu a primeira vez em que sentiu o espírito de adoração. Ele era parcialmente ativo durante os anos de Sacerdócio Aarônico. Na reunião sacramental, geralmente ficava nos últimos bancos, com um grupo de amigos, e não era nenhum modelo de reverência. Um dia, entretanto, chegou um pouco mais tarde e não havia lugar perto dos colegas. Sentou-se sozinho e, pela primeira vez na vida, fechou os olhos durante as orações, cantou os hinos, escutou as orações sacramentais e prestou atenção aos discursos. Mais ou menos na metade do discurso do primeiro orador, ele sentiu lágrimas verterem-lhe dos olhos. Com certo embaraço olhou ao redor; mais ninguém parecia emocionado. Ele não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas a experiência mudou-lhe a vida. Foi naquela reunião que começou realmente sua preparação espiritual para a missão. Ele *sentiu* algo e, felizmente, agiu de modo a alicerçar tal sentimento. Quero ressaltar um importante desejo que deveis cultivar. Deveis querer permanecer puros e livres de condutas imorais. (Vide Alma 38:12.) Podeis controlar as paixões. Espero que cultiveis o desejo de respeitar as jovens. Élder M. Russell Ballard nos contou, na última conferência geral de outubro, que nossas jovens desejam ser tratadas com cortesia. (Vide Conferência Geral de outubro de 1990.) Os padrões delineados no livreto *Para o Vigor da Juventude* são de grande

valor. Estes padrões da Igreja se tornarão *vossos* padrões, quando realmente souberdes amá-los, valorizá-los, e agir de acordo com eles. Sim, tendes que sentir o desejo de vivê-los.

Quando sois puros de coração, quando desejais o que é bom, verdadeiro e belo, podeis evitar as armadilhas da vida. Se edificais vossos alicerces sobre a "rocha de nosso Redentor, que é Cristo", o demônio não tem "força para vos arrastar" (Helamã 5:12).

Podeis exercer influência para o bem, de modo que a mensagem do evangelho brilhe em vosso semblante. Recentemente ouvi falar de uma jovem que convidou um grupo de amigas a levarem os namorados a sua casa depois de um baile. Um casal parou no caminho para pegar uma fita de vídeo. Ao passarem-na, viram que continha um filme impróprio. A jovem ficou aborrecida, pediu licença e foi conversar com os pais. Seus pais lembraram-lhe que não costumavam passar esse tipo de filme em seu lar e sugeriram que alguém desligasse o vídeo. A jovem respondeu que o faria, e fez. Todos pareceram ficar aliviados. Este é um incidente simples, mas ilustra um ponto. Uma jovem que *quis* fazer o que é certo agiu segundo seus desejos, poupando a todo o grupo de jovens a influência do mal. Repetidas muitas vezes, até se tornarem um hábito, tais ações podem converter-se numa influência para toda a Igreja e a sociedade em geral.

Peço-vos, homens de Cristo, que cultiveis, acalenteis e mantenhais desejos justos. Tendes de querer. Esta é a chave para a ação; é a chave para a felicidade. É a chave da adoração ao Senhor, do desenvolvimento da fé e da observância de padrões de pureza.

Prometo-vos que o Senhor vos abençoará com atitudes e desejos certos, à medida que orardes, cumprirdes vossos deveres, guardardes os mandamentos que ele vos deu, e o servirdes. Sereis, então, rapazes, homens de Cristo no verdadeiro sentido da palavra. Em nome de Jesus Cristo, amém.

O Sacerdócio Real

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Todos estamos a serviço de nossos semelhantes. Nossa é a responsabilidade de ensinar, elevar, edificar e inspirá-los.

Meus irmãos do sacerdócio no mundo inteiro, sois uma audiência inspiradora. Para usar uma palavra do agrado de nossos jovens hoje, é uma "tremenda" responsabilidade falar-vos. Oro pela ajuda do Senhor.

Existe em vós um ar de determinação. Sabeis quem sois e o que Deus espera que vos torneis. Considerando o número de jovens do Sacerdócio Aarônico reunidos esta noite, vejo um grande futuro em vós.

Quando eu tinha cerca de nove anos e cursava a escola primária na Cidade do Lago Salgado, todos os alunos das escolas da cidade foram solicitados a preencher um formulário dizendo o que queriam ser quando crescessem. As listas seriam então depositadas numa caixa estanque e enterradas sob o novo mastro da bandeira que decorava a entrada do terreno da prefeitura. Anos mais tarde, a caixa seria aberta e seu conteúdo conhecido.

Sentado com o lápis na mão, pensei na questão: "O que quero ser quando crescer?" Quase sem hesitar, escrevi *caubói*. No almoço daquele dia contei a resposta para minha mãe. Quase ainda posso vê-la ao repreender-me: "Volte já para a escola e mude a resposta para *banqueiro* ou *advogado*!" Obedeci-lhe e todos os sonhos de tornar-me um caubói, foram-se para sempre.

Um dos meninos com maior determinação infantil foi Steve Alford, que joga pelo Dallas Maverick na Associação Nacional de Basquete. Ele se lembra de ter dito à conselheira educacional da oitava série, enquanto ela preenchia um formulário indicando a carreira que ele escolhera, que seria um jogador daquela associação. Ela respondeu: "Não posso anotar esta resposta", ao que ele replicou: "Então deixe em branco, porque é o que eu vou ser!" E foi o que se tornou.

Um dos grandes líderes de nosso tempo, o Presidente Harold B. Lee, numa mensagem devocional na BYU, falou a respeito de um jovem SUD que, durante a II Guerra Mundial, estava na Inglaterra. Ele fora a um clube de oficiais onde se realizava uma turbulenta celebração. Ele notou, meio de lado, um jovem oficial britânico que não parecia estar apreciando a festa. Disse-lhe então: "Você não parece estar gostando deste tipo de festa." O oficial britânico empertigou-se parecendo mais alto do que era e respondeu: "Não senhor; não posso participar desse tipo de festa porque pertenço à casa

Membros dos Setenta

real da Inglaterra." Enquanto nosso jovem SUD se afastava, dizia a si mesmo: "Eu também não, porque pertenço à casa real do reino de Deus." ("Be Loyal to the Royal within You", *Speeches of the Year, 1973*, Provo: Brigham Young University Press, 1973, p. 100.)

Talvez o jovem se lembrasse da ousada declaração do Apóstolo Pedro: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (I Pedro 2:9). Irmãos, sede leais à realeza dentro de vós.

Meus pensamentos ultimamente se têm concentrado nas palavras do Salvador durante a semana do sacrifício expiatório, quando ele disse: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25:34-40).

Irmãos, desejamos elogiar-vos pela fé em viver a lei do jejum e pela generosidade na contribuição das ofertas de jejum. Cumprimentamos também os diáconos e mestres que colaboram na coleta das ofertas de jejum em muitas partes do mundo. O programa de bem-estar é divinamente inspirado, e os necessitados são auxiliados pelo bispo que segue a inspiração do espírito e os princípios de bem-estar para atender a essas necessidades.

Além da assistência normal, nossas contribuições regulares de jejum — e essa ajuda é muito substancial — sinto, hoje à noite, que apreciaríeis ser informados da atual situação dos jejuns especiais e das doações correspondentes. Os resultados dos dois jejuns especiais em 1985 e das doações para alívio especial dos que sofrem, desde essa ocasião, chega a US$ 13.145.527,00. As contribuições têm sido utilizadas nos seguintes locais: África, US$ 8.662.765,00, com o restante sendo distribuído nos Estados Unidos, América Latina, Ásia, Europa e Oriente Médio, com o total gasto até hoje de US$ 11.460.780,00 e um saldo de US$ 1.684.767,00.

Quero compartilhar convosco mais alguns detalhes a respeito de alguns dos projetos e das pessoas que têm sido abençoadas por meio de vossa generosidade.

Nas férteis planícies do leste da Guatemala, perto da cidade de San Esteban, a Igreja e o Instituto Agrícola e de Alimentos Ezra Taft Benson, ajudam famílias pobres a incrementarem sua produção agrícola. Como ensino de técnicas de preparo do solo, fertilização e irrigação, pequenas propriedades agrícolas obtêm uma produção equilibrada que proporciona melhor alimentação à família e ração adicional para a criação.

A princípio, cento e sessenta famílias se beneficiaram com a instrução e assistência. Em pouco tempo, o número de famílias chegará a quatrocentas. À medida que o conhecimento e as técnicas são passados aos vizinhos, muitos milhares hão de ser beneficiados.

Libertos do confinamento da pobreza e miséria, serão mais capazes de receber os dons espirituais que o Senhor lhes reserva. E nós, pelo empenho em assistí-los, entenderemos melhor as palavras do Senhor: "Estive na prisão e fostes ver-me" (Mateus 25:36).

No empenho de erradicar doenças facilmente transmissíveis até o fim do século, as crianças de nações africanas estão sendo imunizadas. Um projeto específico envolve o esforço cooperativo com o Rotary Internacional no combate à poliomielite. A Igreja adquiriu soro suficiente para imunizar trezentas mil crianças contra a poliomielite. Refrigeradores a gás e elétricos foram instalados em postos de saúde rurais para conservar as

A Primeira Presidência canta com a congregação.

Presidente Ezra Taft Benson, ajudado por um membro chega para uma sessão da conferência.

Presidente Ezra Taft Benson.

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro

Presidente Ezra Taft Benson

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro

O QUORUM DOS DOZE

Howard W. Hunter

Boyd K. Packer

Marvin J. Ashton

L. Tom Perry

David B. Haight

James E. Faust

Neal A. Maxwell

Russell M. Nelson

Dallin H. Oaks

M. Russell Ballard

Joseph B. Wirthlin

Richard G. Scott

PRESIDÊNCIA DOS SETENTA

Dean L. Larsen

Marion D. Hanks

Robert L. Backman

James M. Paramore

J. Richard Clarke

Rex D. Pinegar

Carlos E. Asay

PRIMEIRO QUORUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)

Angel Abrea

William R. Bradford

Ted E. Brewerton

Monte J. Brough

F. Enzio Busche

John K. Carmack

Joe J. Christensen

Gene R. Cook

Jacob de Jager

Charles Didier

Loren C. Dunn

Vaughn J. Featherstone

Jack H. Goaslind

John H. Groberg

W. Eugene Hansen

Harold G. Hillam

Jeffrey R. Holland

F. Burton Howard

Marlin K. Jensen

L. Lionel Kendrick

Yoshihiko Kikuchi

Adney Y. Komatsu

Alexander B. Morrison

H. Burke Peterson

Hugh W. Pinnock

Ronald E. Poelman

L. Aldin Porter

Hartman Rector, Jr.

Hans B. Ringger

Earl C. Tingey

Robert E. Wells

SEGUNDO QUORUM DOS SETENTA

(em ordem alfabética)

Carlos H. Amado

H. Verlan Andersen

Eduardo Ayala

Ben B. Banks

George I. Cannon

Albert Choules, Jr.

Spencer J. Condie

Rulon G. Craven

LeGrand R. Curtis

Clinton L. Cutler

Julio E. Dávila

Robert K. Dellenbach

Graham W. Doxey

Lloyd P. George

Francis M. Gibbons

F. Melvin Hammond

George R. Hill III

Malcolm S. Jeppsen

Kenneth Johnson

Cree-L Kofford

John R. Lasater

W. Mack Lawrence

Richard P. Lindsay

Merlin R. Lybbert

Douglas J. Martin

Helvécio Martins

Gerald E. Melchin

Lynn A. Mickelsen

Joseph C. Muren

Dennis B. Neuenschwander

Jorge A. Reyes

Glen L. Rudd

Gardner H. Russell

Robert E. Sackley

Douglas H. Smith

Lynn A. Sorensen

Horacio A. Tenorio

J. Ballard Washburn

Durrel A. Woolsey

O BISPADO PRESIDENTE

Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro

Robert D. Hales
Bispo Presidente

Glenn L. Pace
Segundo Conselheiro

Vista do Templo de Lago Salgado.

vacinas até que sejam ministradas às crianças. Vós, irmãos, e vossos familiares ajudastes a realizar este sonho.

Mais próximo deste tabernáculo, dentistas solidários se uniram para prestar assistência dental gratuita aos residentes de um abrigo urbano para os sem lar. Esses dentistas, higienistas e outros profissionais doam seu tempo e conhecimentos. A Igreja vem ajudando a fornecer os materiais dentários necessários.

Esses esforços não só aliviam desconforto e dor, mas também iluminam sorrisos, elevam espíritos e alegram o coração dos pacientes sem lar. As palavras do Mestre trazem paz à alma de todos os que participam desses esforços: "Era estrangeiro e hospedastes-me" (Mateus 25:35).

Nas Filipinas, a Igreja presta assistência à Fundação Deseret Mabuhay, que ajuda centenas de crianças a serem operadas para reparar defeitos do palato e lábios, e para corrigir fraturas ou queimaduras não tratadas. Crianças antes isoladas levam agora uma vida normal. Seus passos leves e vozes alegres parecem ecoar: "Adoeci e visitastes-me" (Mateus 25:36).

Generosas contribuições de roupas usadas para as Indústrias Deseret são usadas para vestir homens, mulheres e crianças no mundo inteiro. As roupas são classificadas por tamanho e despachadas para localidades tão distantes como a Romênia, Peru, Zimbabwe e Serra Leoa, bem como para cidades da América do Norte. Essas roupas têm aquecido e agasalhado os exilados em centros de refugiados e orfanatos. Os alegres modelos e bons tecidos considerados como sobra pelos doadores são agora roupas novas e maravilhosas para os idosos e empobrecidos. E as palavras ganham sentido: "Estava nu e vestistes-me" (Mateus 25:36).

Os esforços humanitários da Igreja alcançam os famintos e sem lar em muitas cidades americanas. Em todo o Estado de Utah, entre as cidades próximas do Texas, Arizona e Califórnia, até as comunidades dos Montes Apalaches, mantimentos e roupas são doados por meio de organizações privadas ou são enviados diretamente a lares para crianças e organizações que fornecem mantimentos ou refeições. Grande parte desses mantimentos iniciam sua longa jornada em projetos de produção gerenciados por estacas agentes locais. Os mantimentos são processados e embalados em fábricas de conservas da Igreja e distribuídos por armazéns, onde os assistidos pelo bem-estar e voluntários trabalham para ajudar seus vizinhos pobres e necessitados de dentro e fora da Igreja. Muitos poderiam dizer em verdade: "Tive fome, e destes-me de comer" (Mateus 25:35).

Um visitante da conferência, à esquerda, conversa com a Presidência de Área da Europa, da direita para a esquerda: Presidente Hans B. Ringger, e Élderes Spencer W. Condie e Albert Choules, Jr.

Lá distante, nos contrafortes ocidentais do Monte Kenia, ao longo da margem do colossal Vale Rift, água pura está à disposição do povo sedento. Um projeto de água potável mudou a vida de mil e cem famílias. Em cooperação com a TechnoServe, uma organização voluntária privada, a Igreja está colaborando num projeto que levará água encanada potável por quarenta quilômetros para uma área com quinze aldeias. A simples bênção de água potável recorda as palavras do Salvador: "Tive sede e destes-me de beber" (Mateus 25:35).

Em nome de centenas de milhares que foram beneficiados por vossas generosas ofertas de jejum — crianças que agora andam, sorriem, que estão alimentadas e vestidas; e pais que agora levam uma vida normal com seus filhos — estendo a vós, o sacerdócio desta Igreja, a sentida expressão de tantos: "Obrigado, e que Deus vos abençoe."

Há dois mil anos, Jesus de Nazaré parou ao lado de um poço em Samaria e conversava com uma mulher sobre a água viva: "Jesus... disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede;

Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte d'água que salte para a vida eterna" (João 4:13-14).

O Evangelho do Senhor Jesus Cristo provê a todos nós essa preciosa bênção. Em sua memorável mensagem, declarou o rei Benjamim: "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus" (Mosiah 2:17).

Irmãos do sacerdócio, todos estamos a serviço de Deus. Nossa é

Élder Helvecio Martins, Setenta e membro da Presidência da Área Brasileira, conversa com visitantes fora do Tabernáculo.

a responsabilidade de ensinar, elevar, edificar e inspirar nossos semelhantes, pois "o valor das almas é grande na vista de Deus" (D&C 18:10).

Há exemplos por todo lado, de pessoas que reconheceram a necessidade ou até mesmo a sede que alguns sentiram dessa "água viva", e que, com seu exemplo e serviço, saciaram essa sede e abençoaram a vida dessas pessoas.

Um exemplo de amor genuíno e ensino inspirado encontra-se na vida do falecido James Collier que, com seu esforço pessoal, reativou um grande número de irmãos em Bountiful, Utah. Fui convidado pelo irmão Collier a dirigir a palavra àqueles que agora foram ordenados élderes e que, com suas esposas e familiares, estiveram no Templo de Lago Salgado para receber os eternos convênios e bênçãos pelos quais tanto se esforçaram.

No banquete em comemoração a esse feito, pude ver e sentir o amor de Jim por aqueles que ensinara e resgatara. Infelizmente, Jim Collier, na época, sofria de uma enfermidade terminal e teve de persuadir os médicos a deixarem-no sair do hospital para comparecer a essa última noite de reconhecimento. Ao postar-se no púlpito, um largo sorriso iluminou-lhe o rosto. Com olhos marejados de lágrimas, ele externou seu amor ao grupo. Não havia quem não tivesse os olhos úmidos. O irmão Collier comentou: "Todos querem ir para o reino celestial, mas ninguém quer morrer para chegar lá." Baixando a voz, continuou: "Estou preparado para ir, mas estarei lá, do outro lado, esperando para saudar cada um de vocês, meus queridos amigos." Ele voltou para o hospital. Seu serviço fúnebre foi realizado poucas semanas mais tarde.

Gostaria de concluir com duas experiências de minha própria vida: uma da infância, outra da idade adulta.

Quando era um diácono, eu adorava o beisebol; na verdade, ainda adoro. Possuía uma luva de beisebol inscrita com o nome de "Mel Ott", o mais famoso jogador de beisebol de meu tempo. Meus amigos e eu jogávamos bola numa pequena viela atrás de nossas casas. O local era apertado mas servia, desde que se lançasse a bola diretamente para o meio do campo. Se, entretanto, se jogasse a bola para a direita, era um desastre. Ali vivia uma senhora que nos ficava observando jogar e, tão logo a bola rolasse para junto de sua varanda, seu cão perdigueiro a apanhava e entregava-a à sra. Shinas quando esta abria a porta. Dentro de casa, ela juntava a bola às muitas outras que já confiscara. Ela era nossa nêmesis, a destruidora de nosso divertimento — a ruína de nossa existência. Nenhum de nós tinha nada de bom para dizer sobre a sra. Shinas, mas tínhamos uma porção de coisas más. Esfregávamos mais sabão nas janelas da casa dela, para atrapalhar a visão, do que em qualquer outra, no Dia das Bruxas. Nenhum de nós falava com a sra. Shinas, nem ela falava conosco. Tinha ela uma perna dura que lhe dificultava o andar e devia causar-lhe muita dor. Ela e o marido não tinham filhos, viviam isolados e raramente saíam de casa.

Essa guerra particular durou algum tempo — talvez dois anos — e então aconteceu algo inspirado, que trouxe bons sentimentos e pôs fim ao conflito, como o degelo da primavera quebrando o gelo do inverno. Certa noite, enquanto eu cumpria minha tarefa diária de regar a relva da frente de nossa casa, segurando o bico da mangueira como se costumava na época, reparei que a relva da sra. Shinas estava seca e ficando queimada. Honestamente, não sei o que deu em mim, gastei mais alguns minutos, e com nossa mangueira, reguei a relva da casa dela. Fiz isto todas as noites e então, quando chegou o outono, juntei as folhas de seu relvado como fazia com o nosso deixando-as empilhadas à beira da rua para serem queimadas ou apanhadas. Durante o verão inteiro não vi a sra. Shinas. Há muito tempo haviamos desistido de jogar bola na viela. As bolas tinham acabado e não tínhamos dinheiro para comprar outras.

Certa ocasião, ao anoitecer, sua porta se abriu e a sra. Shinas acenou para que eu pulasse a pequena cerca e chegasse à varanda da frente. Fiz isto, e quando me aproximei, ela me convidou a entrar na sala, onde me fez sentar numa cadeira confortável. Depois foi à cozinha e voltou com uma

caixa cheia de bolas, representando diversas temporadas de confisco. Entregou-me a caixa cheia; contudo, o tesouro não estava na dádiva, mas em sua voz. Vi, pela primeira vez, um sorriso iluminar o rosto da sra. Shinas, e ela disse: "Tommy, quero dar-lhe essas bolas de beisebol e agradecer-lhe por ter sido bondoso comigo." Externei minha gratidão, e saí de sua casa como um menino melhor do que quando entrara. Já não éramos inimigos. Agora éramos amigos. A Regra de Ouro funcionara outra vez.

Irmãos, às vezes os que mais necessitam de nossa ajuda parecem ser os menos inclinados a recebê-la. Quando parti para o campo missionário para presidir a missão em Toronto, Canadá, se alguém me indagasse quem, dentre todas as pessoas que conhecia, eu consideraria a menos provável de filiar-se à Igreja, eu teria incluído o nome de Shelley, um homem que conhecia há muitos anos. Sua esposa tentara em vão fazê-lo interessar-se pela Igreja. Uma filha encantadora e um filho excelente haviam empregado seus melhores esforços, sem mudança perceptível. Talvez Shelley simplesmente não conseguisse externar o que sentia ou demonstrar emoções positivas. Na ala, todos os esforços foram vãos. Shelley permaneceu fora.

Talvez fosse a perda do filho que morrera de câncer que fez a diferença, ou quem sabe a conversa amigável do guarda da escola com quem Shelley batia um papo pela manhã e às vezes à tarde. E também, fiéis mestres familiares da ala para a qual Shelley se mudara com a família, ajudaram a realizar o silente milagre.

Depois de uma ausência de três anos, minha família e eu voltamos para casa na Cidade do Lago Salgado. O tempo passou e a próxima conversa que tive com meu amigo Shelley foi depois de eu ter sido chamado para os Doze. Uma noite ele me telefonou. À sua maneira característica, direta, perguntou-me se eu faria a ordenança de selamento de sua família no templo para a eternidade. Respondi: "Shelley, seria um privilégio para mim, mas primeiro você precisa tornar-se membro da Igreja." Podeis imaginar minha surpresa quando ele replicou: "Filiei-me à Igreja. Sou agora portador do Sacerdócio de Melquisedeque e sou muito ativo."

A Presidente Geral das Moças, Ardeth G. Kapp, à direita, com uma visitante da conferência.

Que bênção especial receber Shelley, sua esposa Eugenia, sua filha Utahna e, por procuração, seu filho Robert, numa bela sala de selamento no Templo de Lago Salgado. As bênçãos de eternidade foram conferidas. Apenas três anos depois, falei no funeral de Shelley. Ele havia progredido da dúvida para a fé, e agora olhara para cima e fora em frente, dando adeus à mortalidade e sendo recebido no paraíso. Hoje ele está com sua querida esposa Eugenia, e eles estão com Robert, e esperam um dia saudar Utahna. Quando penso na vida de Shelley, sinto uma dívida de gratidão com aquele humilde guarda escolar, aqueles fiéis mestres familiares, à esposa e filha pacientes, e a todos que fizeram a diferença no desabrochar das bênçãos eternas para Shelley e sua família.

Nosso Senhor e Salvador disse: "Vem, e segue-me" (Lucas 18:22). Quando aceitamos seu convite e seguimos suas pegadas, ele dirigirá nossos caminhos. Sua voz gentil nos guia na jornada da vida e nos lembra de nosso dever: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Mateus 6:19-21).

Ouçamos sua voz. Sigamos seu exemplo. Vivamos seus ensinamentos, e seremos, como o Apóstolo Pedro declarou, mesmo um "sacerdócio real". Que cada um de nós mereça o tributo feito ao Senhor: Ele "andou fazendo o bem... porque Deus era com ele" (Atos 10:38). Esta é a minha oração, em nome de Jesus Cristo, amém.

A Situação da Igreja

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"Há crescente fé e fidelidade entre os santos dos últimos dias. O que vejo me encoraja. As coisas estão-se tornando consistentemente melhores."

Estou muito orgulhoso dos irmãos, esta noite. Senti o mesmo hoje, nas duas sessões anteriores. Ouvimos hoje coisas extraordinárias, escutando esses irmãos que dedicaram a vida ao serviço do Senhor. Sinto-me humilde diante da responsabilidade de dirigir-me a esta notável congregação de portadores do sacerdócio, mais de cem mil homens em todo o mundo, que estão me ouvindo, e neste momento procuro a orientação do Santo Espírito.

Todos os homens e rapazes aqui presentes são membros de um quorum do sacerdócio. Que maravilhoso é pertencer a um deles, ser parte de uma organização significativa, ter um lugar onde se possa adquirir um sentimento de segurança e amizade, no mais saudável dos ambientes.

Em ocasião anterior, em outubro de 1985, na reunião geral do sacerdócio, tive a oportunidade de relatar a situação da Igreja, formulando uma série de perguntas e empenhando-me em responder a elas. Fiz algo semelhante numa conferência regional há pouco tempo, e pensei fazer algo parecido nesta noite.

Sou grato que o relatório que farei seja encorajador e edificante. Procurei fazer com que ele seja confiável em todos os aspectos, pois sei que tenho a séria responsabilidade de vos prestar contas, irmãos no sacerdócio, bem como ao Senhor a quem esta Igreja pertence.

Assim, pretendo fazer perguntas e responder a elas, da maneira mais correta e franca possível.

Minha primeira pergunta é a que sempre fazem na Igreja, onde quer que estejamos. Ela é "*Como Está o Presidente Benson?*"

Alegro-me em informar que o Presidente Benson passa razoavelmente bem para a sua idade, que agora é de noventa e um anos. Sua vida é cheia de atividade, de grandes responsabilidades e suas conseqüentes tensões. Ele demonstra os efeitos da idade. O Presidente Benson se levanta e veste-se todos os dias, e às vezes assiste às nossas reuniões. É uma satisfação tê-lo conosco. Ele esteve conosco esta manhã e sei que toda a Igreja o viu e apreciou muito isso. Ele é o profeta do Senhor, pela vontade divina do Pai Celestial, para a realização de seus desígnios eternos. Como é de se esperar, há sérias limitações ao que ele pode fazer. Asseguro-vos, porém, irmãos, que nenhuma decisão de conseqüência substancial é tomada sem seu conhecimento e sua participação. Sou seu conselheiro, como o é o Presidente Monson. Temos a responsabilidade de fazer com que a obra siga adiante. Acho que entendemos os parâmetros de nossos chamados, e procuramos permanecer dentro deles. Convosco, cantamos com sinceridade o hino "Damos Graças a Ti" (*Hinário*, n. 23).

Pergunta 2: "*Como está indo a Igreja?*"

A Igreja está indo muito bem. Estamos muito longe do estado de perfeição pelo qual trabalhamos, mas estamos tentando — e temos feito um progresso substancial. Crescemos consistente e notavelmente. Observei que o *Anuário Mundial de 1991* mostra apenas seis outras organizações religiosas nos Estados Unidos que são maiores do que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O mais importante é que tem crescido a fé e a fidelidade dos santos dos últimos dias. Sinto-me encorajado com o que vejo. As coisas estão-se tornando consistentemente melhores. Temos alas e estacas onde a freqüência média à reunião sacramental atinge 60, 70 e até mesmo 80 por cento. Creio que não conheço outra organização de tamanho substancial em que aconteça isso. Tenho servido como oficial de estaca e no Quorum dos Doze desta Igreja por mais de meio século, e tenho plena certeza de que nunca, durante esse tempo, tivemos tão elevado percentual de membros ativamente empenhados em responsabilidades na Igreja. A meu ver, essa é uma das mais extraordinárias histórias de sucesso de todos os tempos. O mérito não nos pertence. É o sucesso do Senhor, pois dele é a obra, e nos alegramos com ele no que foi realizado.

Pergunta 3: "*Que está acontecendo, no tocante à obra missionária?*"

A obra continua se expandindo. Tornou-se verdadeiramente um grande empreendimento, cumprindo o mandamento do Senhor, um mandamento que

Élderes James E. Faust, Neal A. Maxwell, e Russell M. Nelson, do Quorun dos Doze.

procuramos seguir fielmente. No final do ano passado, como ouviram o Irmão Watson relatar esta manhã, havia 43.651 missionários de tempo integral, chamados em todo o mundo. Temos agora 256 missões no mundo inteiro, das quais 28 foram criadas em 1990. Esperamos que mais 12 sejam criadas em 1991. Achamos necessário aumentar substancialmente as dependências do Centro Missionário em Provo, Utah.

Pergunta 4: "*Estamos preparados para construir capelas suficientes para acomodar o crescimento da Igreja?*"

Entraram para a Igreja aproximadamente 330.000 conversos em 1990, número suficiente para estabelecer 110 novas estacas de Sião, cada uma com 3.000 membros. Só em 1990 houve mais conversos que todos os membros que atualmente residem no Estado do Arizona ou no de Idaho. Como podeis esperar, enfrentamos uma constante e premente necessidade de novas acomodações.

Em 1990 foram dedicadas 520 novas capelas. É interessante notar que 330 das 520 foram construídas em países fora dos Estados Unidos e Canadá. Tudo isso, creio eu, testifica a notável e maravilhosa expansão da Igreja em muitas nações da terra. Para mim é um constante e revelador milagre que tenhamos conseguido construir novas instalações para atender a esse crescimento.

Pergunta 5: "*E o templo e a obra da história da família?*"

A obra está indo avante numa escala sem precedentes. Está sendo implantado um programa computadorizado que facilitará grandemente a preparação precisa de registros familiares. A salvação do Senhor se aplica a todo homem, mulher e criança da terra. A exaltação dos filhos do Pai Celestial depende da realização das ordenanças requeridas, para que todos progridam no caminho da imortalidade e vida eterna. A determinação de registros exatos da história da família e a obra depois realizada nos templos é fundamental neste grande empreendimento que o Senhor depositou sobre nossos ombros.

Durante 1990 foi completado e dedicado o Templo de Toronto. Está em andamento agora a construção do Templo de San Diego. Atualmente, existem quarenta e quatro templos da Igreja em funcionamento. Três desses, o de Alberta, Suíça e Londres, estão temporariamente inativos enquanto são restaurados após muitos anos de uso. Espera-se que o Templo de Alberta seja rededicado em junho.

Novos templos serão construídos no Equador; Colômbia; Orlando,

A Presidente Geral da Primária, Michaelene P. Grassli, com uma visitante da conferência.

Flórida; Bountiful, Utah; e, mais recentemente, St. Louis, Missouri. Estão sendo feitos os projetos de arquitetura. Esperamos que outros sejam anunciados — nesta noite não vos direi onde serão.

Pergunta 6: "*E o programa de educação da Igreja?*"

Temos agora 403.000 alunos matriculados no Seminário e Instituto, em todas as partes do mundo. Além destes, há perto de 46.500 matriculados em universidades e escolas da Igreja. É uma tarefa enorme e dispendiosa, mas produz benefícios notáveis na vida dos jovens em termos de enriquecimento espiritual, força moral para resistir ao mal que nos rodeia, bem como um extraordinário aumento em conhecimento do evangelho.

Pergunta 7: "*O que há de novo no programa de bem-estar?*"

O Presidente Monson vos falou de alguns aspectos do programa de bem-estar. Posso acrescentar que os princípios sob os quais ele opera são tão antigos quanto o evangelho. Ele é uma expressão da Regra de Ouro: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós" (Mateus 7:12).

Cuidar dos pobres é responsabilidade do bispo — o oficial da Igreja que se encontra mais perto dos membros e tem mais conhecimento de suas necessidades. Como bem sabeis, os fundos para administrar esse auxílio provêm de um programa simples, mas divinamente inspirado — ao que chamamos de dia de jejum e ofertas de jejum. Os milhões de dólares necessários a esse propósito, anualmente, na verdade nada custam a ninguém. Não é um sacrifício alguém passar sem duas refeições por mês e contribuir com o valor equivalente, ou até mais, para que o bispo cuide dos necessitados.

Imaginai, irmãos, o que aconteceria se os princípios do dia do jejum e das ofertas de jejum fossem fielmente observados em todo o mundo. Os famintos seriam saciados, os nus, vestidos, os sem teto, abrigados. Nossa carga de impostos seria diminuída. O doador não sofreria, pelo contrário, seria abençoado por sua pequena abstinência. No coração dos povos do mundo inteiro cresceria uma nova medida de preocupação e altruísmo. Pode alguém duvidar da sabedoria divina que criou esse programa, o qual tem abençoado não só o povo da Igreja, mas também muitos não-membros?

Pergunta 8: "*Como está funcionando o programa de ajuda de orçamento nas unidades?*"

Como sabeis, há um ano estamos seguindo um programa no qual os custos operacionais das estacas e alas, nos Estados Unidos e Canadá, inclusive os de construção e manutenção de edifícios, bem como as despesas com atividades, são agora pagos pelos fundos de dízimos da Igreja.

Como podeis ver, isso tem envolvido um dispêndio deveras substancial dos recursos dos dízimos. Após um ano de experiência, recebemos numerosas manifestações de gratidão e apreço. Elas têm vindo de longe e de toda parte. Quero ler-vos parte da carta de um presidente de estaca, recentemente recebida por uma das Autoridades Gerais:

"No início de 1990, (escreveu ele) quando nos foi apresentado o novo programa de orçamento, havia em nossa estaca muitos membros preocupados a respeito, e alguns até mesmo críticos. Durante o ano... ressaltamos a importância de preservar os recursos financeiros dos membros, assim como sua energia e seu tempo. Além disso, temos procurado dar ênfase a áreas que poderiam melhorar o ensino e ativação dos membros...

"Chegando ao final do ano de 1990, como presidência, como bispos e sumo conselheiros, reconhecemos a natureza profética do novo programa de orçamento. A análise de nossas estatísticas indica que, terminado o ano, despendemos apenas 70 por cento dos fundos a nós confiados no orçamento.

"Nossa estaca estará enviando, pelos canais competentes, os seguintes fundos:

"1. aproximadamente US$ 20.000 de fundos excedentes, do orçamento anual de 1990 e

"2. US$ 13.000 para o fundo missionário geral da Igreja."

Ele menciona, então, outros fundos que serão remetidos.

Esta é uma característica das cartas de muitos presidentes de estaca, que devolveram fundos excedentes à Igreja, desde o início do ano.

Aguardamos ansiosamente a

ocasião em que este programa de orçamento seja estendido ao mundo todo.

Daí surge a pergunta 9: "*E quanto à administração das finanças da Igreja?*"

O programa financeiro da Igreja — tanto de arrecadação como de pagamentos — se encontra nas seções 119 e 120 de Doutrina e Convênios. Exceto no tocante aos fundos de ofertas de jejum e missionário, as duas declarações contidas nestas breves revelações constituem a lei financeira do Senhor e o programa de administração dos assuntos fiscais da Igreja.

A seção 119 simplesmente afirma que todos os membros "pagarão um décimo de todos os seus juros (ou rendimentos) anuais; e isto lhes será uma lei perpétua... diz o Senhor" (vers. 4).

Portanto, no que diz respeito ao pagamento do dinheiro proveniente do dízimo, o Senhor disse: "Na verdade, assim diz o Senhor... que a disposição dos dízimos será feita pelo conselho, composto da Primeira Presidência da minha Igreja, e do bispo e seu conselho, e do meu sumo conselho; e pela minha própria voz a eles, diz o Senhor" (D&C 120).

Estes dezoito homens — a Presidência, os Doze e o Bispado Presidente — constituem o conselho de Disposição dos Dízimos. Poderiam ser considerados como comitês executivos deste conselho maior, o Comitê de Orçamento e o Comitê de Apropriações. O uso de todos os fundos da Igreja é supervisionado por estes organismos.

Nas transações financeiras da Igreja, temos observado dois princípios básicos e fixos: Primeiro, a Igreja viverá de seus recursos. Não gastará mais do que recebe. E, segundo, será separado um percentual fixo das rendas, a fim de termos uma reserva contra o que poderíamos chamar de dias difíceis.

Durante anos a Igreja tem ensinado a seus filiados o princípio de guardar uma reserva, tanto de alimentos como de dinheiro, para suprir necessidades de emergência.

Presidência Geral da Sociedade de Socorro: Presidente Elaine L. Jack, ao centro, Chieko H. Okazaki, primeira conselheira, à esquerda, Aileen H. Clyde, segunda conselheira.

Estamos apenas procurando seguir o mesmo princípio, no tocante à Igreja em geral.

Alguns, creio eu, são suficientemente idosos para se lembrarem nitidamente dos tempos difíceis da Grande Depressão da década de trinta. Espero que jamais venha a acontecer de novo. Sabemos, porém, que não está fora de possibilidade. Todos conhecemos a história do sonho do faraó sobre as vacas magras e gordas e as espigas de trigo grandes e miúdas. (Vide Gênesis 41.)

Sou profundamente grato por poder dizer ao sacerdócio desta igreja que, em suas operações eclesiásticas, a Igreja não se encontra endividada. Nenhum templo ou capela, prédio do seminário e Instituto, nenhuma propriedade de bem-estar, nenhum edifício ou propriedade usado nas operações eclesiásticas está hipotecado.

Pergunta 10: "*A Igreja é uma organização muito rica, como muitos dizem?*"

A Igreja dispõe de recursos substanciais, necessários ao seu programa. Esses recursos são representados principalmente por edifícios. São instalações de alas e estacas, escolas e seminários, colégios e institutos. Acham-se aplicados em projetos de bem-estar. Esses recursos são as casas de missão e centros de treinamento missionário, templos e arquivos da história da família, bem como atividades e instalações a elas relacionadas, todas diretamente ligadas à nossa missão. Devemos reconhecer, porém, que todos esses recursos são bens consumidores de dinheiro, e não geradores de recursos. A construção e manutenção deles é dispendiosa. Não produzem riqueza financeira, mas muito contribuem para fortalecer e edificar os santos dos últimos dias.

Temos algumas propriedades comerciais geradoras de recursos, mas o que delas recebemos manteria a Igreja funcionando apenas por um curto espaço de tempo. O dízimo é a lei financeira do Senhor. Não existe qualquer outra lei financeira semelhante. É um princípio dado com uma

Membros dos Setenta, da esquerda para a direita: Élderes Robert E. Sackley, Alexander B. Morrison, e Richard P. Lindsay.

promessa, considerado pelo Senhor como uma bênção para seus filhos.

Repito o que disse antes — em realidade, a única riqueza verdadeira da Igreja é a fé que tem o povo.

Pergunta 11: "*Por que a Igreja participa de transações comerciais*"?

Essencialmente, os recursos que a Igreja hoje possui são o resultado de empreendimentos iniciados na época da história dos pionieros, quando estávamos isolados no oeste. Quando algumas dessas propriedades deixaram de ser necessárias, foram vendidas. Hoje restam relativamente poucas.

Repito que o rendimento combinado de todos esses interesses comerciais é relativamente pequeno, e não manteria a Igreja em funcionamento a não ser por pouco tempo. Acrescento que essas propriedades comerciais são entidades que pagam impostos, que cumprem suas leis tarifárias, conforme a legislação das regiões onde se localizam.

Pergunta 12: "*A Igreja possui propriedades agrícolas substanciais, como muitos afirmam?*"

A Igreja realmente possui algumas propriedades agrícolas. Como sabeis, temos propriedades de bem-estar, cujos produtos são usados para dar alimentos aos necessitados. Elas são operadas estritamente com propósitos caritativos, e assim, legalmente são isentas de impostos.

Possuímos também algumas propriedades agrícolas comerciais. Falei anteriormente das reservas da Igreja. A administração prudente requer que esse dinheiro seja utilizado. Nesse processo, compramos e possuímos algumas fazendas excelentes e produtivas. Elas são bem administradas por pessoas capazes, e produzem um lucro moderado. Achamos que boas fazendas representam, a longo prazo, um investimento seguro, onde os recursos da Igreja podem ser conservados e aumentados e, ao mesmo tempo, servir como recurso agrícola para alimentar o povo, caso haja uma época de necessidade.

Novamente, todas essas propriedades comerciais pagam impostos às entidades governamentais de onde se localizam. Elas não só pagam impostos territoriais, mas também Imposto de Renda sobre os lucros. O mesmo acontece a todas as operações comerciais da Igreja.

E a pergunta final é feita freqüentemente pelos jovens: *Qual é o futuro da Igreja?*"

A responsabilidade dada à Igreja está praticamente além de nossa compreensão. Quando estava na terra, o Senhor declarou: "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim" (Mateus 24:14).

Ademais, o trabalho da Igreja está relacionado ao bem-estar eterno de todas as gerações que já viveram na terra.

Nenhuma outra organização, a meu ver, enfrenta tão grande desafio. Esse desafio, creio, será vencido pela geração que surge e pelas gerações vindouras. Por isso, digo à juventude — aos jovens que aqui estão nesta noite — grande é a vossa responsabilidade, tremenda a vossa oportunidade.

Tenho plena convicção de que fareis parte de um belo esquema de crescimento e vitalidade que será maravilhoso observar e impressionante vivenciar.

Como o Profeta Joseph disse, ninguém pode impedir o progresso desta obra.

Muitos que são espertos e enganosos podem tentar frustrá-lo ou destruí-lo, mas será inútil.

E, assim, esta noite eu vos transmito, meus jovens, o desafio de vos manterdes puros e dignos, e de crescerdes em conhecimento e compreensão, para que desempenheis dignamente o vosso papel no futuro deste grande empreendimento que é a obra do Senhor, contribuindo para a construção do reino de Deus na terra.

Sou grato a cada um de vós, irmãos. Sou grato às mulheres maravilhosas e fiéis da Igreja — esposas, mães, irmãs — esta grande e notável corporação de mulheres que nos acompanham com fé e fidelidade, como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Oramos por todos vós constantemente. Somos gratos por vossas orações e confiança, e sentimo-nos humildes diante delas. Suplicamos seguidamente ao Senhor que sejamos verdadeiros e fiéis à grande e sagrada incumbência que nos foi dada.

Que o Senhor vos sorria com benevolência. Que sejamos sempre gratos pelas bênçãos e que nos esforcemos por andar dignamente diante dele, é a minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo, amém.

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO
7 de abril de 1991

JAMAIS SÓ

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"Que poder, que ternura e que compaixão demonstrou nosso Mestre e Exemplo! Nós também podemos abençoar a vida de outros se seguirmos seu nobre exemplo."

Este domingo foi designado como dia de ação de graças, dia de gratidão — um dia de oração. Façamos uma pausa, ponderemos e reflitamos nas bênçãos que o onisciente Pai Celestial concedeu a nós, seus filhos, trazendo paz ao campo de batalha e consolo aos corações de tantas pessoas, neste maravilhoso mundo em que vivemos e chamamos de nosso lar.

Hoje, joelhos se dobram, sinos repicam, corações transbordam e vozes proclamam a gloriosa mensagem: "Graças a Deus". Nos Estados Unidos da América, uma nação e um presidente agradecidos expressarão os sentimentos ternos de todos, no mundo, que saudaram a paz.

Quem de nós esquecerá um dia as imagens vívidas de maridos e pais despedindo-se de esposas em pranto e de filhos confusos, retratadas nas despedidas afetuosas que dominaram a imprensa falada e escrita. Os filhos choraram sem saber o motivo. As esposas choraram porque sabiam do perigo, da solidão e do medo que enfrentariam.

Com um aceno de mão e um sorriso um tanto forçado, homens e mulheres das Forças Armadas partiram para a guerra. Suas despedidas ainda hoje ecoam a convicção de seus corações: "Amo o meu país", "Sirvo com orgulho", "Volto logo", "Não se preocupem".

Como, porém, não se preocupar? O ataque constante não só de bombas e mísseis, mas também da imprensa e televisão provocavam a dúvida constante: "Será que o piloto atingido foi meu marido?" "Teria sido o meu filho o navegador capturado?"

Em seu poema clássico, "O Portal do Ano", a poetisa M. Louise Haskins resumiu os sentimentos de todos os afetados pelo conflito e preocupados com a segurança de entes queridos. De sua pena saem estas linhas consoladoras:

E disse ao homem no portal do ano: "Concede-me uma luz, para que possa caminhar seguro para o desconhecido."

E ele replicou: "Segue pela escuridão e põe tua mão na mão de Deus. Há de ser para ti melhor do que luz e mais seguro que a senda conhecida."
(Masterpieces of Religious Verse, ed. James Dalton Morrison, Nova York: Harper and Brothers, 1948, p. 92.)

Finalmente os canhões silenciaram. Os aviões não levantaram vôo. O patrulhamento cessou. Uma calma serena dominou o campo de batalha. O alarido da guerra deu lugar ao silêncio da paz.

Uma cena nas areias cruéis do deserto e uma frase saída do coração, disseram muito. Um soldado americano, olhando para seu prisioneiro derrotado, tocou-lhe o ombro e, com palavras consoladoras, exclamou: "Tudo bem; está tudo bem."

Toda pessoa envolvida no conflito tinha a mente voltada para o lar, a família e os amigos. A saudade dos entes queridos se manifestava vivamente no semblante de todos. O amor substituiu o ódio. O calor humano invadiu cada coração e a compaixão transbordou de cada alma.

As palavras do Rei Artur, do conhecido musical *Camelot*, de Lerner e Loewe, deixaram o palco e encontraram profundo sentido num deserto distante: "Violência não é força, e compaixão não é fraqueza."

O relato de uma volta ao lar, narrado por um diretor de prisão bem-sucedido, Kenyon J. Scudder, traz à tona ternos sentimentos:

Um amigo dele estava sentado no banco de um trem, ao lado de um rapaz que obviamente estava deprimido. O rapaz acabou contando que estava em liberdade condicional, e que voltava de uma penitenciária distante. Sua prisão causara vergonha à família, que nunca o visitara e poucas vezes lhe escrevera, mas tinha esperança de que fosse por serem pobres demais para viajar e pouco instruídos para escrever. Esperava, apesar da evidência, que o tivessem perdoado.

Para facilitar as coisas, entretanto, ele lhes escrevera, pedindo que lhe dessem um sinal quando o trem passasse por sua fazendola, nos arredores da cidade. Se a família o tivesse perdoado, deveria amarrar uma fita branca na grande macieira que ficava perto da linha do trem. Se não desejassem seu retorno, não deveriam fazer

As Autoridades Gerais cantam um hino com a congregação.

nada, e ele seguiria viagem no trem.

Quando o trem se aproximava de sua cidade natal, sua tensão era tamanha que ele nem podia olhar pela janela. Ele exclamou: "Daqui a cinco minutos o maquinista vai tocar o apito, indicando que estamos perto da longa curva que leva ao vale onde fica minha casa. O senhor poderia prestar atenção à macieira que fica perto dos trilhos?" O companheiro concordou, e eles trocaram de lugar. Os minutos pareciam horas, mas finalmente ouviu-se o som agudo do apito do trem. O rapaz perguntou: "Está vendo a árvore? Tem uma fita branca?"

A resposta foi: "Vejo a árvore, e não vejo uma fita branca, mas muitas. Cada ramo tem uma fita amarrada. Filho, alguém com certeza deve amá-lo muito."

Naquele instante, toda a amargura que lhe envenenara a vida desapareceu. "Senti-me como se tivesse presenciado um milagre", disse o outro homem. Na verdade, ele testemunhara um milagre. (John Kord Lagemann, *The Reader's Digest*, março de 1961, pp. 41-42.)

Hoje, uma fita amarela tomou o lugar da branca. A mensagem, no entanto, é a mesma: "Bem-vindos ao lar!" Homens, mulheres e crianças estão amarrando fitas amarelas por toda a parte. Estão sendo atadas não só em árvores, mas em postes de luz, placas de rua e caixas de correio — até no pescoço de animais de estimação. A procura de fitas amarelas é tanta que, mesmo trabalhando sem parar, os fornecedores não podem atender a demanda. Uma fita amarela típica foi aquela colocada em volta de um avião que, com segurança, transportava soldados de volta para casa. Presumo que todos os que, amorosamente, amarraram uma fita amarela, devam ter entoado, cantado ou pelo menos pensado na letra da canção sobre uma fita amarela atada a um velho carvalho.

Na cena calorosa e comovente de aeroporto, onde a família esperava o pai e marido, sorrisos e lágrimas de gratidão eram evidentes no rosto de todos. Meus olhos notaram a expressão de um menino que segurava uma vareta com uma fita amarela atada à ponta. As palavras não podem expressar as emoções sentidas. São as boas-vindas do coração que trazem lágrimas aos olhos e paz à alma.

As crianças sabem sentir compaixão. Não têm medo de expressar seus sentimentos mais sinceros. No conhecido filme *Esqueceram de Mim*, há uma cena emocionante, que afeta profundamente o espectador e o deixa com um nó na garganta. A cena se passa no interior de uma capela, durante o Natal. Dois personagens solitários estão sentados um ao lado do outro, num banco de igreja. O homem mais idoso, que vive só, está separado da família e não tem amigos. Seu vizinho, interpretado por McCaulay Culkin, é o menino que a família "esquecera em casa", inadvertidamente, ao partir em férias para a Europa.

O menino pergunta ao homem

solitário onde estão seus familiares. O cavalheiro explica calmamente que ele, o filho e a família do filho seguem caminhos diferentes e não se comunicam mais. Com a inocência de criança, o menino repentinamente exclama: "Por que o senhor não telefona a seu filho, pede desculpas e o convida para passar o Natal em casa?"

O velho suspira e responde: "Tenho muito medo que ele recuse." O pavor de fracassar bloqueara-lhe a capacidade de expressar amor e pedir desculpas.

O espectador fica sem saber o resultado da conversa, mas não por muito tempo. Chega o Natal. A família do menino volta. Na cena ele é visto à janela de um quarto, olhando para a calçada do velho. De repente, ele vê uma cena comovente — o vizinho saudando o filho, que retorna com a nora e os netos. O filho abraça o pai, que enterra a cabeça no ombro do filho querido. Ao se virarem para seguir caminho, o ancião olha para a janela do quarto da casa ao lado e vê seu amiguinho observando o milagre particular do perdão. Os olhares se cruzam e as mãos acenam, num gesto terno de gratidão. "Bem-vindo ao lar" substitui "Esqueceram de Mim".

Sai-se do cinema com lágrimas nos olhos. À medida que a luz do dia ilumina a multidão silenciosa, talvez muitos voltem o pensamento para o homem dos milagres, o mestre da verdade, sim, o Senhor dos Senhores, Jesus Cristo. Isso aconteceu comigo.

Pensei na capacidade de compaixão do Salvador. Na Galiléia "aproximou-se dele um leproso, que rogando-lhe, e pondo-se de joelhos diante dele, lhe dizia: Se queres, bem podes limpar-me.

E Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero; sê limpo.

E, tendo ele dito isto, logo a lepra desapareceu, e ficou limpo" (Marcos 1:40-42.)

Neste continente americano, Jesus apareceu a uma multidão e disse: "Tendes enfermos entre vós? Trazei-os aqui. Há entre vós coxos, cegos, defeituosos, mutilados, leprosos, surdos ou aflitos por qualquer coisa? Trazei-os aqui e eu os curarei, porque tenho compaixão de vós...

E ele os curou a todos...

E todos, tanto os que haviam sido curados como os que já estavam sãos, prostraram-se a seus pés e o adoraram; e todos os que puderam, dentre a multidão, beijaram seus pés, de modo que os banharam com suas lágrimas." (3 Néfi 17:7, 9-10.)

Élderes T. E. Brewerton e Horacio A. Tenorio, dos Setenta. Élder Brewerton é presidente da Área América Central. Élder Tenorio serve na Presidência de Área do México.

São poucos os relatos do ministério do Mestre que me tocam mais do que o exemplo de compaixão que ele demonstrou à triste viúva, em Naim:

"E aconteceu pouco depois ir ele à cidade chamada Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos, e uma grande multidão;

E quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade.

E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores.

E, chegando-se, tocou o esquife (E os que o levavam pararam), e disse: Mancebo, a ti te digo: Levanta-te.

E o defunto assentou-se, e começou a falar. E entregou-o a sua mãe." (Lucas 7:11-15.)

Que poder, que ternura e que compaixão demonstrou nosso Mestre e Exemplo! Nós também podemos abençoar a vida de outros se seguirmos seu nobre exemplo. Oportunidades não faltam. O que falta são olhos que vejam a situação angustiante e ouvidos que ouçam os pedidos silenciosos de corações partidos. Sim, o que falta são almas cheias de compaixão, para que nos comuniquemos não apenas com os olhos e os ouvidos, mas da maneira majestosa do Salvador, sim, de coração para coração.

Aqui perto do tabernáculo há um albergue para desamparados, uma clínica dentária, um local em que se servem refeições gratuitas. Ali, a compaixão desta comunidade está em constante evidência. Os membros da Igreja unem-se a pessoas de outras denominações, para abençoar a vida dos necessitados. A poucas quadras daqui, o armazém regional dos bispos está repleto de mercadorias que refletem a vossa generosidade. Ninguém sai de lá sem alimentos, roupas, ou sem gratidão a Deus.

Um outro lugar de refúgio é a creche local, um estabelecimento assistencial sem denominação religiosa, onde mulheres bondosas compartilham seu tempo e recursos para ensinar crianças em idade pré-escolar, cujas mães, sozinhas, trabalham para sustentar a família. Esta organização também recebe carinhosamente os idosos que ali se reúnem para conversar e divertir-se. Essas nobres mulheres levam a luz da esperança aos desanimados, aos oprimidos, e a crianças que serão os pais de amanhã.

Sem exceção, as almas compassivas que alimentam os famintos, vestem os nus e amparam os que sofrem, dizem: "Jamais me senti mais abençoado, mais recompensado e tive tanta paz!" Um escritor expressou esse sentimento:

Já chorei à noite
Por ter deixado de ver
Que alguém precisava de mim;
Mas nunca senti
O mínimo pesar
Por ter sido demais gentil
(Anônimo, citado por Richard L. Evans, *Improvement Era*, maio de 1960, p. 340.)

Projetos semelhantes existem em todas as comunidades. As necessidades existem e nos chamam. Nós, como um povo, precisamos ajudar.

Recentemente recebi dois envelopes em meu escritório, enviados por pessoas que desejavam permanecer anônimas. Cada um continha algumas notas de cem dólares e uma breve mensagem de gratidão a Deus por suas ricas bênçãos, com um pedido para que o dinheiro fosse utilizado para auxiliar pessoas menos privilegiadas a obterem as bênçãos do templo. Se esses casais estão assistindo à conferência, desejo que saibam que algumas famílias na Bolívia e em Portugal poderão agora ir ao Templo de Lima, Peru, e de Frankfurt, Alemanha, e receber bênçãos eternas.

Talvez estes doadores anônimos e cheios de compaixão apreciem as palavras de Henry K. Burton:

Recebeste um quinhão de bondade?
Passa-o adiante.
Não foi dado só a ti,
Passa-o adiante.
Deixa-o viajar pelo tempo,
Deixa-o enxugar outras lágrimas,
Até que apareça nos céus —
Passa-o adiante.
(*Masterpieces of Religious Verse*, pp. 389-390.)

Um domingo de manhã, num asilo de velhos aqui em Lago Salgado, vi uma menina compartilhar seu belo talento musical com pessoas idosas e solitárias, que não esperavam comida, roupa, mas alguém que se importasse com elas, alguém que lhes desse algo de si e lhes alegrasse a alma.

O silêncio dominou a audiência presa a cadeiras de rodas, quando a menina segurou o arco e tocou uma bela melodia em seu violino. Ao findar, uma das residentes disse em voz alta: "Foi lindo, querida." Depois, começou a bater palmas de aprovação. Um outro paciente também aplaudiu, seguido de um terceiro; logo todos estavam aplaudindo.

Juntos, a menina e eu saímos do asilo, e ela disse: "Jamais toquei tão bem e jamais me senti tão bem." Ela fora guiada por Deus e orientada pelo Senhor. A dor, o pesar, o desespero e a tristeza foram derrotados. A compaixão saiu vitoriosa.

Hoje, assim como nos dias futuros, nos alegramos com o regresso ao lar e aos seus familiares, daqueles que serviram no Golfo, na operação Tempestade no Deserto. Eles atenderam ao chamado do dever. Lutaram a batalha dos bravos. Voltam vitoriosos. Nosso coração se enternece por aqueles que perderam entes queridos na Tempestade no Deserto, ou em qualquer tempestade da vida.

A imprensa revelou que o primeiro soldado americano morto foi um professor de escola dominical da igreja metodista. Um dos últimos foi uma mulher, cujo pai a chamava de "Anjo". Dos 182 soldados que pereceram, alguns interromperam a lua de mel; alguns deixaram a esposa grávida; outros tiveram que adiar permanentemente seus sonhos.

Uma viúva, do estado da Virgínia, perdeu seu único filho. Um rapaz, do oeste da Pensilvânia, jamais realizará seus planos de casamento. Uma esposa, do Alaska, logo dará à luz um bebê que seu marido jamais irá acalentar.

Não há resposta satisfatória para a pergunta não pronunciada: "Dos milhares e milhares de soldados, porque o meu é um dos que não voltarão? "A angústia é assim expressada: "Uma luz em nossa vida apagou-se; uma voz que amamos foi silenciada. O vazio deixado em nossos corações jamais

será preenchido." Lamentando o sacrifício horrível de qualquer conflito armado, um escritor escreveu estas linhas: "Nada nos resta da guerra além de becos sem saída para nossos mais almejados sonhos e esperanças." (Dennis Smith, *Deseret News*, 11 de janeiro de 1991, p. C1.)

A Bíblia Sagrada contém uma fórmula para minorar a dor e curar o coração do que chora:

"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento.

Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas" (Provérbios 3:5-6).

A todos que perderam um ente querido em qualquer lado dessa guerra trágica, o pesar pode ser amenizado. Existe ungüento em Gileade. Há a promessa de um novo dia. De uma terra não muito distante de onde vossos entes queridos tombaram, ecoa a promessa de paz, oferecida pelo Senhor, o Príncipe da Paz: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14:27).

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar... para que onde eu estiver estejais vós também" (versículos 2-3).

Seu amor, sua promessa, sua presença é como uma fita amarela atada com cuidado e compaixão. Ele acenou aos vossos entes queridos, dizendo: "Bem-vindos ao lar." Ele nos dá a promessa divina e celestial certeza: "Eu estou convosco; jamais estareis sós."

"O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã" (Salmos 30:5).

A estas palavras acrescento meu testemunho: Deus vive, e seu filho, Jesus Cristo é o nosso Salvador e Redentor. Hoje à noite, minha mulher e eu nos uniremos a milhares de vós, em oração e súplica solene reconhecendo a mão divina em nossas vidas. Em nossos corações, expressaremos gratidão: "Graças a Deus." Em nome de Jesus Cristo, amém.

DIA SEIS DE ABRIL DE 1830

Presidente Howard W. Hunter
Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos

O que eles fizeram, no entanto, "é um dos acontecimentos mais importantes da história, já ocorridos desde a morte de Jesus Cristo e de seus apóstolos, no meridiano dos tempos".

No dia 6 de abril de 1830, há 161 anos, um grupo de homens e mulheres, agindo em obediência a um mandamento de Deus, reuniu-se na casa do Sr. Peter Whitmer para organizar a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Esta Igreja, em cuja conferência anual mundial estamos reunidos hoje, e que havia sido profetizada como uma obra maravilhosa e um assombro dos últimos dias, surgiu de um início muito humilde.

Seis homens constituíam o número total de membros da Igreja naquele dia. Nenhum deles afirmava possuir cultura especial ou liderança significativa. Eram pessoas honradas e cidadãos respeitáveis, mas virtualmente desconhecidos além de sua própria vizinhança.

Podemos ter uma boa idéia do caráter e da situação econômica do círculo dos seis, pela descrição de um dos cidadãos locais, o Sr. Joseph Knight, contida na *História da Igreja*. A história registra que "ele era proprietário de uma fazenda, de um moinho de farinha e de uma máquina de cardagem. Não era rico, mas dispunha de bens materiais suficientes para proporcionar uma vida confortável a ele e a sua família, não só o necessário, mas também os confortos da vida... [Ele] era um homem sério, honesto e, em geral, respeitado e amado por seus vizinhos e conhecidos. Não pertencia a nenhuma seita religiosa, mas era crente." (*History of the Church*, 1:47.) De pessoas simples e honestas compunha-se o grupo reunido na casa de Peter Whitmer em Fayette, Condado de Seneca, Nova York, há mais de um século e meio.

A maioria dos grandes acontecimentos da história estão registrados, mas o que esses homens fizeram naquela humilde ocasião não chamou a atenção do mundo. O que eles fizeram, no entanto, "é um dos acontecimentos mais importantes da história, já ocorridos desde a morte de Jesus Cristo e de seus Apóstolos, no meridiano dos tempos.

Estes homens humildes e comuns se reuniram porque um deles, Joseph Smith Jr., muito jovem, fizera uma afirmação extraordinária. Tinha declarado a eles e a todos os que desejassem ouvir, que recebera profundas e repetidas comunicações celestiais,

O Assembly Hall na Praça do Templo; o Monumento às Gaivotas, comemorando o milagre da época dos pioneiros, quando as gaivotas devoraram os gafanhotos que destruíam as colheitas.

inclusive uma visão de Deus, o Pai, e de seu Amado Filho, Jesus Cristo. Como resultado dessas revelações, Joseph Smith havia publicado o Livro de Mórmon, um registro das atividades de Cristo entre os habitantes antigos da América. Além disso, o Senhor havia mandado que este jovem, de apenas 24 anos de idade, restaurasse a Igreja que existira na época do Novo Testamento e que, restaurada em sua pureza, deveria ser de novo designada pelo nome de sua pedra angular e seu cabeça eterno, o próprio Senhor Jesus Cristo.

Desta maneira humilde, porém marcante, teve início a primeira cena deste grandioso drama da Igreja, o qual, finalmente, afetaria não só aquela geração, mas toda a família humana, inclusive todos os que estão ao alcance de minha voz hoje. Deveras, um início humilde, mas a proclamação de que Deus havia falado, de que a Igreja de Jesus Cristo estava de novo organizada e suas doutrinas confirmadas por revelação divina, fora a mais extraordinária declaração feita ao mundo desde os dias do próprio Salvador, quando caminhou pela Judéia e pelas colinas da Galiléia.

Quando os homens souberam que o jovem Joseph Smith afirmava que Deus se lhe manifestara, zombaram e se afastaram dele, assim como, na era cristã, homens sábios e capazes de Atenas se afastaram de um homem extraordinário que lhes ministrava. Acontece que Paulo, naquela primeira vez, foi o único homem, naquela grande cidade erudita, a saber que uma pessoa pode passar pelos portais da morte e viver novamente. Era o único homem, em Atenas, que podia claramente mostrar a diferença entre os rituais idólatras e a sincera adoração ao único Deus vivo e verdadeiro. Os epicuristas e os estóicos, com os quais ele falara e contendera, chamaram Paulo de paroleiro e pregador de deuses estranhos. O registro relata:

"E, tomando-o, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas?

Pois coisas estranhas nos trazes aos ouvidos: queremos pois saber o que vem a ser isto.

E, estando Paulo no meio do Areópago, disse: Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos;

Porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse pois que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio" (Atos 17:19-20, 22-23).

Por certo, do ponto de vista intelectual e em termos de instrução formal, Joseph Smith era inculto e totalmente inexperiente no ministério, como Paulo — quem sabe até menos culto e experiente. Algo, porém, o tornava destemido nas declarações contra as falsas doutrinas concernentes ao batismo de criancinhas, ao sacerdócio autodesignado, à predestinação e outros ensinamentos falsos da época.

Assim, como fizeram com Paulo, muitos zombaram de Joseph Smith e de seus ensinamentos, quando declarou que recebera revelações do Senhor. Outros lhe tinham amor e sentiam-se como Willard Richards, ao dizer: "Irmão Joseph, não me pediste que eu cruzasse o rio contigo, não me pediste que eu viesse a Carthage — não me pediste tampouco que eu viesse à cadeia — Pensas, então que eu haveria de abandonar-te agora? Façamos um acordo: Se fores condenado à forca por traição, eu irei e serei enforcado em teu lugar, para que fiques livre." (*Meu Reino Avançará*, p. 48.)

Como isto nos lembra aqueles que amavam o Senhor, quando ele percorria as margens da Galiléia. Mesmo quando Jesus foi perseguido, apedrejado, condenado e finalmente, crucificado, alguns de seus discípulos sentiram-se como Tomé, que disse: "Vamos nós também, para morrermos com ele." (João 11:16.)

Joseph Smith não era apenas um grande homem, mas também um servo inspirado do Senhor, um profeta de Deus. Sua grandeza consistia de uma única coisa — a veracidade da declaração que fez, de que viu o Pai e o Filho, e de que agiu de acordo com a realidade daquela revelação divina. Parte da revelação divina eram instruções para restabelecer a Igreja verdadeira e viva, restaurada nestes tempos modernos, conforme existia nos dias do ministério mortal do próprio Salvador. O Profeta Joseph Smith disse que a Igreja de Jesus Cristo foi "organizada de acordo com mandamentos e revelações dadas por ele, nestes últimos dias, bem como de acordo com a ordem da Igreja, conforme registrada no Novo Testamento". (*History of the Church*, 1:79.)

Pela primeira vez em mil e oitocentos anos, Deus se revelou como um ser pessoal. Além disso, o Pai e o Filho demonstraram a verdade inegável de que são dois seres individuais e distintos. Na verdade, a relação entre o Pai e o Filho foi confirmada pela apresentação divina feita ao menino-profeta: "Este é o meu Filho amado. Ouve-o." (Joseph Smith 2:17.) Os que se batizaram na Igreja, no dia 6 de abril de 1830, acreditavam na existência de um Deus pessoal; acreditavam que a realidade da existência dele, e da existência de seu Filho, Jesus Cristo, constituía o eterno alicerce sobre o qual esta Igreja está estabelecida.

Ao aceitarmos Cristo como divino, é fácil visualizarmos o Pai como um ser tão pessoal como ele. Cristo disse: "Quem me vê a mim vê o Pai." (João 14:9.) Fé na existência de um Deus divino, real e vivo, foi o primeiro elemento a contribuir para a perpetuação da Igreja de Jesus Cristo nos tempos antigos, e é o alicerce eterno sobre o qual a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está estabelecida hoje.

Em 6 de abril de 1830, a Igreja foi oficialmente organizada com seis membros. Aquela ação não se tornou conhecida do mundo na época, e somente seria conhecida porque encerrava e irradiava princípios eternos, que se harmonizam com todas as outras verdades vindas de Deus, o autor de toda a verdade. Só assim, por sua veracidade, ela se tornaria uma obra maravilhosa e um assombro.

Presidência Geral da Primária: Presidente Michaelene P. Grassli, ao centro; Betty Jo N. Jepsen, primeira conselheira, à esquerda; e Ruth B. Wright, segunda conselheira.

Hoje, depois do humilde início, de muitos anos atrás, existem unidades e membros da Igreja quase que literalmente em toda a terra. O maravilhoso progresso no setor de transportes e comunicações tem possibilitado a proclamação das verdades do evangelho restaurado a todos os homens, em quase todo o mundo. Milhões na América, Europa, Ásia, África e ilhas do mar, não somente podem ouvir, mas em muitos casos, aceitar e empenhar-se em cumprir estes princípios salvadores do evangelho verdadeiro.

Representamos hoje uma Igreja mundial, o reino de Deus, estabelecido e organizado na terra. Falamos a essa Igreja mundial. Presto testemunho de que a Igreja organizada obscuramente há 161 anos é realmente a Igreja de Jesus Cristo. Declaro que Deus vive, que ele é um Deus que ouve nossas súplicas e a elas responde, que ele é o Pai que sempre declarou ser, nas escrituras. Indubitavelmente, ele é mais do que podemos entender, mas não é menos do que entendemos.

Testifico que Jesus Cristo é o Filho Unigênito, o Salvador do mundo, e que o Pai e o Filho apareceram ao Profeta Joseph Smith, para dar início à grande obra dos últimos dias.

Testifico que o menino-profeta, que, de muitas maneiras, continua sendo o milagre central desta Igreja, há 161 anos, é um exemplo vivo de como, nas mãos de Deus e sob a direção do Salvador, as coisas fracas e simples deverão abater as grandes e fortes. Nesta época do ano em que comemoramos a organização da Igreja, presto testemunho de sua veracidade, em nome de Jesus Cristo, amém.

APROXIMAR-SE MAIS DE DEUS

Bispo Henry B. Eyring
Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

"Se quisermos que as palavras do Evangelho de Jesus Cristo nos toquem, precisamos crer em Deus."

Conversamos com pessoas todos os dias que dizem que Deus não existe, ou que ele está muito distante. Uma mulher sentou-se perto de mim no avião. Conversei com ela. Ela fazia um grande esforço para me entender. Quando falava, seu sotaque quase tornava incompreensível o seu inglês. Respondendo à minha pergunta, disse-me que estava voltando à sua terra natal. Contou-me que o motivo de sua viagem era uma celebração religiosa da morte de seu pai, que falecera muitos anos antes. Ela fizera esta viagem no terceiro, no sétimo, no décimo terceiro, e no décimo sétimo aniversários da morte dele. E agora ia mais uma vez.

Eu lhe disse que admirava a devoção que tinha pelo pai. Calmamente replicou que acreditava na veneração de seus ancestrais. Perguntei-lhe se sua família freqüentava uma igreja. Ela sorriu e disse: "Não, só vamos à igreja quando alguém morre." Indaguei se ela acreditava em um Deus. Respondeu: "Sim." Perguntei-lhe se achava que ele estava próximo. Respondeu: "Não. Se precisássemos dele, diríamos 'venha cá'". E fez um sinal com a mão. Eu lhe perguntei quem ela achava que Deus era. "Bem", respondeu, "ele é como um de nossos distantes ancestrais."

Ela precisava ouvir as palavras que ouvistes aqui: Jesus Cristo, a Queda de Adão, a Expiação, a Ressurreição, o Arrependimento, a Vida Eterna e o Puro Amor de Deus, mas eu percebi que essas palavras não a tocariam. Compreendi o poder do que o Élder Spencer W. Kimball escreveu no início de seu livro, O *Milagre do Perdão*. Talvez vos lembreis desta advertência: "Este livro pressupõe a crença em Deus e no elevado propósito da vida. Sem Deus o arrependimento teria pouco significado, e o perdão seria tanto desnecessário como irreal... talvez encontrássemos justificativa no anseio de viver apenas o dia de hoje, de 'comer, beber e divertir-se', esbanjar e satisfazer todos os desejos mundanos. Se não houvesse Deus não haveria redenção, ressurreição nem eternidades, e conseqüentemente a esperança não existiria." (Spencer W. Kimball, O *Milagre do Perdão*, p. 15.)

As palavras do Presidente Kimball me fizeram pensar não na diferença entre mim e aquela mulher, mas em quão semelhantes éramos. Deus é nosso ancestral próximo, não distante. Ele é o pai de nossos espíritos; nós somos seus filhos. Tal como aquela mulher, porém, às vezes todos nos sentimos distantes dele. Assim, como a mulher, se quisermos que as palavras do Evangelho de Jesus Cristo nos toquem, precisamos crer em Deus. Precisamos desejar estar com ele, e sentir a necessidade de sermos purificados para estarmos com ele de novo.

Dia virá em que o veremos de novo. O Presidente Benson o descreveu desta forma: "Nada nos surpreenderá mais, quando passarmos para o outro lado do véu, do que percebermos quão bem nós conhecemos nosso Pai e quão familiar nos é a sua face." (Jesus Christ — Gifts and Expectations, em *Speeches of the Year*, 1974, Provo; Brigham Young University Press, 1975, p. 313.)

O que o Presidente Benson disse será verdadeiro no futuro, mas precisamos sentir agora que Deus nos conhece e nos ama como pessoas. Há ocasiões em que haveis sentido a proximidade de Deus, vosso Pai, e que sois seus filhos. Essas ocasiões podem ocorrer mais freqüentemente. Existe uma forma bem simples de pensar a respeito disso.

Se desejásseis estar próximos de alguém muito querido que se encontrasse distante, saberíeis como fazê-lo. Encontraríeis uma forma de falar com essa pessoa, de ouvi-la e de servir um ao outro. Quanto mais freqüentemente isso ocorresse e mais tempo durasse, mais forte seria o laço de afeição. Quanto mais tempo se passasse sem que nos falássemos, nos ouvíssemos e servíssemos mutuamente, mais o laço se enfraqueceria.

Deus é perfeito e onipotente, e vós e eu somos mortais, mas ele é nosso Pai, ele nos ama e nos oferece a mesma oportunidade de nos aproximarmos mais dele que um amigo amoroso ofereceria. E fareis isso da mesma maneira: Falando, ouvindo e agindo.

Nosso Pai Celestial não apenas nos convidou a falarmos com ele,

Visitantes da conferência dentro do Tabernáculo.

mas nos ordenou que o fizéssemos. E, como sempre tem feito, quando ordena, ele também promete.

Na décima nona seção de Doutrina e Convênios, o Senhor nos diz:

"Ora sempre e derramarei o meu Espírito sobre ti, e grande será a tua bênção — sim, até maior do que se obtivesses tesouros do mundo e corruptibilidade na mesma proporção. Eis que, podes tu ler isto sem te alegrares e sem se encher de júbilo o teu coração? Ou podes tu ainda andar como um guia cego? Ou podes tu ser humilde e dócil, e te conduzir sabiamente diante de mim? Sim, vem a mim, teu Salvador. Amém." (Versículos 38-41.)

Naquela passagem, como em outras, é clara a freqüência com que devemos falar com Deus: Regularmente pela palavra, continuamente pelo sentimento. Quando o Salvador apareceu ao povo, neste continente, depois de sua ressurreição, ele lhes ensinou a orar. Ele usou as palavras "Ora sempre". Isto não significa de vez em quando, nem significa orar só quando se tem vontade. Escutai o que ele vos disse: "Portanto, bem-aventurados sereis se guardardes meus mandamentos, os quais me ordenou o Pai que vos transmitisse. Em verdade, em verdade vos digo que deveis velar e orar sempre, para que não sejais tentados pelo demônio e dele não vos torneis cativos. E, da mesma forma com que orei entre vós, assim orareis em minha Igreja, entre o meu povo que se arrepende e é batizado em meu nome. Eis que eu sou a luz; eu vos dei o exemplo." (3 Néfi 18:14-16.)

Agora, vós e eu precisamos ouvir com grande cuidado. Ao ouvirdes as escrituras que acabei de citar, ouvistes as palavras de Cristo. Testifico que isto é verdade. Jesus Cristo fala as palavras do Pai. Podeis ler as escrituras, prestar atenção e então ouvir as respostas de Deus.

Existe outra maneira de ouvirmos a Deus. Muitos de vós tereis ouvido respostas às vossas orações de hoje. Presto testemunho de que ouvistes, nesta conferência, as vozes de apóstolos e profetas do Senhor Jesus Cristo. O Senhor disse, a respeito de quando falam como o fizeram hoje, sob sua direção: "O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa. Pois eis que o Senhor é Deus, e o Espírito testifica, e o testemunho é verdadeiro, e a verdade permanece para todo o sempre. Amém." (D&C 1:38-39.)

É o Espírito que testificará aos vossos corações, ao lerdes as escrituras, ouvirdes os servos autorizados do Senhor e quando Deus falar diretamente aos vossos corações. Podeis perceber e ouvir,

se credes que as escrituras são exatas ao descreverem o Espírito Santo desta maneira: "Sim, assim diz a voz mansa e delicada, que sussurra e penetra através de todas as coisas, e muitas vezes faz com que os meus ossos estremeçam, enquanto se manifesta..." (D&C 85:6.)

Agora eu testifico que é uma pequena voz. Ela sussurra, não grita. E, assim, é preciso que estejais muito quietos interiormente. É por isso que deveis sabiamente jejuar, quando desejais ouvi-la. E é por isso que ouvireis melhor quando sentirdes: "Pai, a tua vontade, não a minha, seja feita." Tereis um sentimento de "Eu quero o que tu queres." Então, a voz mansa e delicada parecerá penetrar-vos. Poderá fazer com que vossos ossos estremeçam. Com mais freqüência, ela fará com que arda em nós o nosso coração, sempre mansamente, mas com um ardor que nos elevará e reanimará.

Agireis, depois de a ouvirdes, porque sempre que ouvirdes a voz dele, por meio do Espírito, sentireis que sois impelidos a fazer algo. Não deveis surpreender-vos se a instrução parecer acompanhada do que pensais ser uma repreensão.

Poderíeis preferir que Deus apenas vos dissesse que estais procedendo bem. Ele, porém, vos ama, deseja que estejais com ele, e sabe que precisais passar por uma poderosa mudança no coração, pela fé em Jesus Cristo, pelo arrependimento humilde, e também fazendo e mantendo convênios sagrados. É por isso que os Provérbios registram: "Filho meu, não rejeites a correção do Senhor, nem te enojes da sua repreensão. Porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem." (Provérbios 3:11-12.)

Ouvindo os servos de Deus aqui, sentistes no coração o desejo de fazer algo. Poderíeis reagir com um coração empedernido: "Porque um homem imperfeito aconselha-me a me arrepender?" Ou, ao invés disso, poderíeis ouvir o convite amoroso de vosso Pai Celestial, que se deleitava quando estáveis com ele, e que se deleita com a perspectiva de que aceitareis a sua amorosa correção.

Encontrareis algo mais no padrão de correção que haveis sentido. Haveis percebido o estímulo que é para fazerdes algo por alguém mais? Isto não é surpresa. Deus ama seus filhos. Eles têm grandes necessidades. Tudo pertence a Deus, portanto, não há muito que possais dar-lhe, tendo-lhe dado um coração arrependido. Podeis, porém, ser bondosos para com seus filhos. Se fôsseis meus amigos terrenos, poderíeis conquistar meu coração sendo gentis para com meus filhos. Deus ama seus filhos mais do que qualquer pai terreno, portanto, pensai no que vossa bondade para com seus filhos significa para ele.

Apesar de tudo que fizerdes pelo Pai Celestial — se orardes, ouvirdes e obedecerdes todos os dias — ainda vereis que ele é mais generoso do que jamais podereis ser. É assim que o rei Benjamim descreve o problema de trocardes atos de bondade com Deus: ..."ele requer que façais o que ordenou e, se o fizerdes, sereis imediatamente abençoados; portanto, vos terá pago. E vós, ainda assim, lhe sereis devedores, o sois e o sereis para sempre; portanto, de que vos vangloriais?" (Mosiah 2:24.)

Ora, mesmo o Salvador do mundo, quando estava na cruz, sentiu seu Pai distante. Haverá momentos, talvez longos momentos, em que sentireis uma separação, mas conheceis o caminho para aproximar-vos mais de Deus. O rei Benjamim nos ensinou o caminho: "E digo-vos... Eu quisera que lembrásseis de guardar sempre este nome escrito em vossos corações, para não serdes encontrados à mão esquerda de Deus, mas para que pudésseis ouvir e conhecer a voz pela qual sereis chamados, e também o nome pelo qual ele vos chamará. Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?" (Mosiah 5:12-13.)

Ora, ainda ficareis espantados, conforme disse o Presidente Benson, ao perceber quão familiar vos é a face do Pai Celestial. Quando o virdes, porém, conhecereis a sua voz, porque tereis orado, ouvido, obedecido e até partilhado dos pensamentos e intentos de seu coração. Tereis vos aproximado dele.

Oro para que isto ocorra. Em nome de Jesus Cristo, amém.

Uma Coroa de Espinhos, uma Coroa de Glória

Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Negar o pecado talvez seja pior que pecar. Se negamos nossos pecados, como podemos ser perdoados? Como pode o sacrifício de Jesus Cristo aplicar-se à nossa vida, se não houver arrependimento?"

Meus queridos irmãos e amigos. Hoje quero falar sobre espinhos, urzes, farpas e uma coroa de espinhos. Quero também falar sobre a rara beleza e a fragrância encontradas na vida, e sobre uma coroa de glória. Gostaria de compreender melhor todos os propósitos divinos, quando tenho que enfrentar tantas irritações dolorosas nesta vida. Léhi explicou que um dos propósitos é podermos apreciar e saborear a bondade e a beleza do mundo (vide 2 Néfi 2:10-13). A Adão foi dito que a terra produziria espinhos e cardos para nosso benefício. (Vide Gênesis 3:17-18.) Da mesma forma, a mortalidade foi "amaldiçoada" com os espinhos da tentação e as farpas do pecado, para sermos testados e provados. Isto é necessário para o nosso progresso eterno. O Apóstolo Paulo explicou: "E, para que me não exaltasse pelas excelências... foi-me dado um espinho na carne" (II Coríntios 12:7).

Negar nossos pecados, nosso egoísmo e nossa fraqueza seria como usar uma coroa de espinhos que nos impede de subir um degrau sequer em nosso desenvolvimento pessoal. Negar o pecado talvez seja pior que pecar. Se negamos nossos pecados, como podemos ser perdoados? Como pode o sacrifício de Jesus Cristo aplicar-se à nossa vida, se não houver arrependimento? Se não eliminarmos as farpas do pecado e os espinhos das tentações carnais, como o Senhor poderá curar nossas almas? O Salvador disse: "...arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure" (3 Néfi 9:13). É muito difícil orarmos por aqueles que nos odeiam, aproveitam-se de nós e perseguem-nos. Não dar este passo vital, porém, significa deixar de remover algumas das urzes que nos envenenam a alma. Quando perdoamos, amamos e compreendemos o que consideramos falhas e fraquezas em nossas esposas, em nossos maridos e em nossos filhos e amigos, fica muito mais fácil dizer: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" (Lucas 18:13.)

Parece que, por mais cuidadosos que sejamos ao caminharmos pelas veredas da vida, sempre estamos sujeitos a espinhos, urzes e farpas. Quando eu era menino e íamos passar as férias de verão na fazenda, logo tirávamos os sapatos. Durante o verão só usávamos sapatos em ocasiões especiais. Nas primeiras duas semanas, nossos pés ainda estavam sensíveis e doíam ao pisarmos até nas pedras e nos gravetos menos ásperos. Com o passar das semanas, porém, as solas de nossos pés ficavam mais resistentes e podiam agüentar quase tudo que existia no caminho, menos os cardos, que pareciam ser mais numerosos do que qualquer outra planta. Assim é com a vida: ao crescermos e amadurecermos, conservando-nos junto àquele que foi coroado de espinhos, nossas almas parecem ter mais força para enfrentar desafios, nossa determinação cresce, nossa vontade se torna mais firme, e nossa autodisciplina aumenta, para nos proteger dos males deste mundo. Estes males estão sempre presentes, e contudo, devemos seguir os caminhos que tiverem o menor número de cardos das tentações do mundo.

Quando éramos crianças nos divertíamos assoprando a lanugem dos galhos de cardos e observando as sementes flutuarem ao vento. Só mais tarde percebemos o mal que causávamos aos nossos jardins e aos de nossos vizinhos. Muitos de nós encontramos grande prazer em flertar com a tentação, e só mais tarde percebemos que nossa infelicidade foi semeada por nós próprios e por outras pessoas, e que podemos afetar a felicidade alheia.

Existe um mecanismo de defesa para discernir o bem do mal. Chama-se consciência. É a reação natural de nosso espírito à dor do pecado, da mesma forma que a dor na carne é a reação natural do corpo a um pequeno ferimento — até mesmo o causado por uma pequena farpa. A consciência se

fortalece com o uso. Paulo disse aos hebreus: "Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal." (Hebreus 5:14.) Aquele que não exercita a consciência, tem "cauterizada a sua própria consciência" (I Timóteo 4:2). Uma consciência sensível é sinal de um espírito saudável.

Como remover os espinhos e as farpas da vida? O poder de remover espinhos de nossa vida e da do próximo começa em nós mesmos. Morôni escreve que quando nos negarmos às impiedades, então a graça de Deus nos será suficiente (vide Morôni 10:32).

Muitas vezes procuramos esconder nossa culpa com curativos, em vez de remover o espinho que causa a dor. Resistimos à dor momentânea da remoção de uma farpa, apesar de estarmos, assim, evitando a dor mais prolongada de uma ferida infeccionada. Todos sabem que se espinhos, urzes e farpas não forem removidos da carne, causarão feridas infeccionadas que não sararão.

Um parente nosso tem um cão fantástico, chamado Ben. Há alguns anos, num belo dia de outono, estávamos caminhando pelo campo. Ben corria de lá para cá, à nossa frente, farejando o chão e abanando o rabo; era óbvio que estava contente. Depois de algum tempo nós nos sentamos à beira de um canal, para descansar e sentir a carícia do cálido sol de outono. Ben apareceu mancando, foi para junto de seu dono e, com um olhar de dor nos olhos, levantou a pata dianteira. O dono de Ben examinou a pata cuidadosamente e descobriu um espinho. O espinho foi retirado com cuidado e Ben demorou-se ali o tempo suficiente para abanar o rabo com mais vigor e ser acariciado na cabeça; depois saiu correndo, sem mancar e sem sentir dor. Fiquei surpreso ao ver que Ben sabia instintivamente que o espinho tinha de ser removido, para aliviar a dor, e que também soubesse onde ir, para que fosse removido. Como Ben, nós também procuramos, instintivamente, nos livrar dos espinhos dos pecados que nos afligem, mas não é sempre que procuramos socorro em nosso Mestre, e muitos ainda nem sabem quem é o seu Mestre.

Como carpinteiro que era, Jesus devia conhecer bem farpas e madeiras espinhosas. Quando menino, deve ter aprendido que raramente nos machucamos com uma farpa, se a madeira for trabalhada na direção correta. Devia saber, também, que as farpas de madeira, pequenas e dolorosas, podem desviar-nos a atenção de coisas mais importantes. Jesus foi açoitado, em parte, com espinhos:

"E logo os soldados do presidente, conduzindo Jesus à audiência, reuniram junto dele toda a coorte.

E, despindo-o, o cobriram com uma capa de escarlate;

E, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e em sua mão direita uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus.

E, cuspindo nele, tiraram-lhe a cana, e batiam-lhe com ela na cabeça" (Mateus 27:27-30).

Esta crueldade talvez tenha sido uma tentativa perversa de imitar a coroação do imperador com uma coroa de louros. Assim, uma coroa de espinhos foi colocada sobre sua cabeça. Ele aceitou a dor como parte da grande dádiva que havia prometido. Como isto foi pungente, considerando que os espinhos representaram o desagrado de Deus, quando amaldiçoou a terra por causa de Adão e disse que, dali em diante, produziria espinhos. Usando aquela coroa, porém, Jesus transformou os espinhos num símbolo de sua glória. Como Emily Dickinson tão bem descreveu:

Uma coroa indesejável!
Contudo, a suprema cabeça
Cobiçou-lhe a solidão
E divinizou-lhe o estigma.
(*The Complete Poems of Emily Dickinson*, ed. Thomas H. Johnson, Boston: Little, Brown and Co., 1960, pp. 703-704.)

Como seu objetivo era doar-se, nem as adulações nem o escárnio do mundo poderiam desviá-lo de sua missão.

Nosso Salvador conhece, "segundo a carne", cada dimensão do nosso sofrimento. Não existe uma enfermidade que ele não conheça. Em sua agonia, familiarizou-se com todos os espinhos, cardos e farpas que nos podem afligir.

"E sofrerá penas, angústias e tentações de toda espécie, e isto para que se cumpra a palavra que diz que ele tomará sobre si as dores e enfermidades de seu povo.

E tomará sobre si a morte, para poder soltar as cadeias da morte

que prendem o seu povo; e tomará sobre si as suas enfermidades, para que suas entranhas se encham de misericórdia, segundo a carne, e para que possa conhecer, segundo a carne, como socorrer o seu povo, de acordo com suas enfermidades" (Alma 7:11-12).

Tudo que irrita a carne e a alma deve ser removido antes que infeccione. Mesmo, porém, que infeccione e doa, pode ser removido, e o processo de cura terá início. Quando a infecção estiver curada, a dor cessará. Este processo é chamado arrependimento. O arrependimento e o perdão estão entre os maiores frutos da expiação. Não é fácil remover os espinhos do orgulho, os cardos do egoísmo, as farpas do ego e as urzes do desejo.

Em Roselândia, no Brasil, nos arredores da grande cidade de São Paulo, há muitos alqueires de lindas rosas. Quando a pessoa se coloca numa pequena elevação acima dos campos de rosas, o aroma é delicioso, e a beleza, exuberante. Os espinhos estão presentes, mas de modo nenhum prejudicam a beleza e o aroma. Desejo desafiar-vos a encararde os espinhos, os cardos, e as farpas que encontrardes na vida, sob a perspectiva correta. Devemos tratar deles, mas, depois, concentremo-nos nas flores da vida, e não nos espinhos. Devemos apreciar o perfume e a beleza da rosa e da flor do cacto. Para sentir o aroma das flores, precisamos viver corretamente e disciplinar nossa vida, nela integrando o estudo das escrituras, a oração, as prioridades e as atitudes corretas. Para os membros desta Igreja, esse enfoque se intensifica no templo. Certamente, todos nós depararemos com alguns dos espinhos, mas sua importância será apenas secundária, diante da doce fragrância e da beleza magnífica das flores. O Salvador disse: "Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?" (Mateus 7:16.)

Thomas Carlyle, escritor inglês, disse: "Toda coroa nobre é, e na terra sempre será, uma coroa de espinhos" (*Past and Present*, vol. 3, London: J. M. Dent & Sons, 1917, 3:173). A antiga frase latina *sic transit gloria mundi* significa "assim passa a glória deste mundo". As recompensas terrenas podem ser uma forte tentação. Em comparação, aqueles que são fiéis e dedicados ao serviço têm a promessa de que serão "coroados com honra, glória, imortalidade e vida eterna" (D&C 75:5). Assim, nem honrarias, nem tribulações podem derrotar. Paulo falou de uma coroa incorruptível (I Coríntios 9:25), e Tiago disse que os fiéis receberiam "coroa da vida" (Tiago 1:12). João, o Revelador, aconselhou: "Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Apocalipse 3:11).

Presidência Geral das Moças: Presidente Ardeth G.Kapp, ao centro, Jayne B. Malan, primeira conselheira, à esquerda, e Janette C. Hales, segunda conselheira.

Acredito que coroas terrenas, como poder, amor ao dinheiro, preocupação com coisas materiais, e honras dos homens, são uma coroa de espinhos, porque têm por base obter e receber, ao invés de dar. Assim, o egoísmo pode transformar o que nós consideramos uma coroa nobre, numa insuportável coroa de espinhos. No início de minha carreira profissional, um dos membros mais antigos de nosso escritório pediu auxílio a outro antigo colega, numa questão jurídica. Este colega era um homem talentoso e capaz, porém egoísta. Ele respondeu: "O que é que eu ganho com isso?" Essa filosofia de "o que é que eu ganho com isso" é basicamente o que está errado no mundo. Certamente, é um dos pontos mais agudos, numa coroa de espinhos.

O chamado que Jesus faz a cada um de nós é: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me" (Mateus 16:24). Já não está na hora de renunciarmos a nós mesmos, como o Salvador aconselhou, de nos rendermos e de nos disciplinarmos, em vez de nos dedicarmos ao nosso mundo pequeno e egoísta? A questão não é tanto o que podemos fazer, mas sim o que Deus pode fazer, por nosso intermédio. Paulo disse: "... se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor, e preparado para toda a boa obra" (II

Timóteo 2:21).

Tomar sobre si a própria cruz e seguir o Salvador é sempre um compromisso de servir. Quando eu estudava, era muito pobre. Trabalhei longas horas numa fábrica de conservas apanhando latas quentes por 25 centavos de dólar a hora. Aprendi que o egoísmo tem mais a ver com o que sentimos a respeito do que temos, do que com o que realmente têmos. Um homem pobre pode ser egoísta, e um homem rico, generoso, mas uma pessoa obcecada apenas em receber terá dificuldades em encontrar Deus. Cheguei à conclusão de que a maioria dos privilégios trazem consigo a responsabilidade de dar, servir e abençoar. Deus pode cancelar qualquer privilégio que não seja usado segundo sua vontade onipotente. Obediência ao mandamento de dar, servir e abençoar, com fé e devoção, é a única maneira de receber a coroa de glória a que se referiram os antigos apóstolos. É a única maneira de dar à vida o seu verdadeiro significado. Seremos capazes de receber honras ou desprezo com a mesma serenidade.

Termino com as palavras de Ezequiel: "E tu, ó filho do homem, ... ainda que sejam sarças e espinhos para contigo, ... não temas..." (Ezequiel 2:6). Neste mundo sempre em transição, possamos nós continuamente nos apegar às coisas que não mudam: à oração, à fé, aos convênios salvadores, ao amor à família e à fraternidade. Removendo de nossas vidas as farpas do pecado e os espinhos da tentação, renunciando a nós mesmos, tomando nossa própria cruz e seguindo o Salvador, podemos transformar uma coroa de espinhos numa coroa de glória. Testifico, como um de seus humildes servos, chamado para ser sua testemunha especial, que ele vive. Testifico do fundo de minha alma que estamos empenhados em sua santa obra, pela qual, se formos fiéis, poderemos ser coroados com honra, glória e vida eterna (vide D.&C. 75:5). Em nome de Jesus Cristo, amém.

O Que Deus Ajuntou

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

"Esposas, considerai vosso marido, como vosso companheiro precioso... Maridos, vede em vossa esposa o vosso maior benefício nesta vida e na eternidade."

Há dez dias tive uma experiência bela e comovente no Templo de Lago Salgado, que é o prédio ao lado deste Tabernáculo. Lá, naquele santuário sagrado, tive o privilégio de selar em matrimônio, em duas cerimônias separadas, mas consecutivas, duas lindas jovens gêmeas, cada uma ao rapaz atraente que havia escolhido. Naquela noite houve uma recepção em que centenas de amigos foram desejar-lhes felicidade e expressar-lhes seu amor.

As mães muitas vezes choram durante a cerimônia de casamento. As irmãs também, e ,às vezes, até os pais. Os avós raramente demonstram emoção, mas estas lindas jovens eram minhas próprias netas, e devo confessar que este avô idoso, emocionado, se viu em dificuldades. Não compreendo por quê. Certamente era uma ocasião para ser comemorada, uma realização de sonhos e de orações. Talvez minhas lágrimas tenham sido realmente uma expressão de alegria e de gratidão a Deus por estas lindas noivas e seus jovens e belos maridos. Em sagradas promessas juraram amor e lealdade um ao outro, para o tempo e toda eternidade.

Como é belo o casamento no plano de nosso Pai Eterno, um plano criado em sua divina sabedoria para a felicidade e a segurança de seus filhos, e para a continuação da raça humana!

Ele é nosso Criador e planejou o casamento desde o começo. Quando Eva foi criada, "disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne...

Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe e, apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne." (Gênesis 2: 23-24.)

Paulo escreveu aos santos de Corinto, dizendo: "Todavia, nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão, no Senhor" (I Coríntios 11:11).

Em revelação moderna, o Senhor disse: "E novamente, em verdade vos digo, que todo o que proíbe o casamento não é ordenado de Deus, pois o casamento é ordenado por Deus para os homens." (D&C 49:15.)

O Presidente Joseph F. Smith declarou certa vez "que nenhum homem pode ser salvo e exaltado no reino de Deus sem a mulher, e nenhuma mulher pode atingir perfeição e exaltação no reino de Deus sozinha... Deus instituiu o casamento desde o começo. Ele fez o homem à sua imagem e semelhança, homem e mulher, e

em sua criação foi determinado que eles deviam ser unidos nos laços sagrados do matrimônio, e que um não é perfeito sem o outro". (Conference Report, abril de 1913, pp. 118-119.)

Certamente, os que lêem as escrituras antigas e modernas não podem duvidar da divindade do conceito de casamento. Os sentimentos mais doces da vida, os impulsos mais generosos e gratificantes do coração humano encontram expressão num casamento que permanece puro e sem manchas, acima dos males do mundo.

Este é o casamento desejado, esperado, almejado — é a resposta às orações de todos os homens e de todas as mulheres em todo lugar.

Há pouco tempo, a bordo de um avião, apanhei um exemplar da *Revista Nova York*. Ao folheá-la encontrei uma seção intitulada: "Anúncios estritamente pessoais." Contei 159 anúncios de homens e mulheres solitários, em busca de companhia. Era evidente que cada um procurava apresentar-se da melhor maneira possível. Oxalá tivesse tempo de ler-vos alguns. Tenho certeza de que haveríeis de gostar. Nada havia de indecoroso nestes anúncios. Era fácil ver que, atrás das descrições espirituosas e inteligentes, havia muita tristeza e muita solidão, e um grande desejo de encontrar uma pessoa amiga com quem trilhar a estrada da vida.

Compadeço-me daqueles que, entre nós, especialmente nossas irmãs solteiras, que desejam um casamento e parecem não conseguir encontrá-lo. O Pai Celestial reserva-lhes todas as bênçãos prometidas. Tenho muito menos simpatia pelos rapazes que, de acordo com os costumes de nossa sociedade, têm o privilégio de tomar a iniciativa nestas questões, mas que, em muitos casos, não o fazem. No passado, palavras enérgicas lhes foram dirigidas por presidentes desta Igreja.

O casamento em geral significa filhos e família. Será que uma jovem mãe, após dar à luz o primeiro filho, duvida da

divindade, da maravilha e do milagre do acontecimento? Um jovem pai, olhando para o filho recém-nascido, só pode sentir que o bebê faz parte dos desígnios do Todo-Poderoso.

Naturalmente, nem tudo no casamento são alegrias. Há alguns anos eu recortei as seguintes palavras de uma coluna escrita por Jenkins Lloyd Jones:

"Parece haver uma superstição entre os muitos milhares de nossos jovens que andam de mãos dadas e se beijam no cinema, de que o casamento é uma casinha coberta de flores perpétuas, na qual um marido perpetuamente jovem e belo vai ao encontro de uma esposa perpetuamente encantadora e jovem. Quando as flores murcham, e a monotonia e as contas começam a chegar, os tribunais de divórcio ficam lotados...

Quem imagina que a felicidade é o estado normal, vai perder muito tempo correndo por aí e gritando que foi roubado." (*Deseret News*, 12 de junho de 1973, p. 4.)

Qualquer lar é alvo de tempestades, de vez em quando. Inevitavelmente associada a todo este processo, está a dor, a dor física, a dor mental e a dor emocional. Há muita tensão e luta, medo e preocupação. Para a maioria, a sempre persistente batalha das finanças. Nunca parece haver dinheiro suficiente para cobrir todas as necessidades da família. Doenças atacam. Acidentes acontecem. A mão da morte pode estender-se sorrateiramente para levar uma vida preciosa.

Tudo isso, contudo, parece fazer parte do processo da vida em família. Poucos são os que vivem sem passar pelo menos por algumas destas coisas. Foi assim desde o começo. Caim brigou com Abel e então cometeu aquele crime horrível. Como deve ter sido grande o sofrimento dos pais, Adão e Eva!

Absalão foi o terceiro filho de Davi, um filho favorecido e amado. Davi lhe dera um nome que significava "pai da paz". Ele, porém, não trouxe paz, mas sim rancor, ambição e tristeza. Matou o irmão e conspirou contra o pai. Entre as suas más ações, na campanha para conquistar o trono do pai, enquanto montado em uma mula, a cabeça de Absalão se prendeu nos ramos de um carvalho e ali ficou ele pendurado, indefeso. Joab, sobrinho de Davi e capitão do exército do rei, aproveitando a oportunidade para livrar-se daquele

filho rebelde e traiçoeiro, atravessou-lhe o coração com dardos. Parece que ele pensou estar fazendo um favor para o rei, mas quando Davi recebeu a notícia da morte do filho, apesar de aquele filho ter conspirado para destruí-lo, "... o rei se perturbou, e subiu à sala que estava por cima da porta, e chorou; e andando, dizia assim: Meu filho Absalão, meu filho, meu filho, Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão meu filho... Estava pois o rei com o rosto coberto; e o rei gritava..." (II Samuel 18:33; 19:4.)

Em toda a história do homem, as ações dos filhos rebeldes são repletas de amargura e sofrimento, mas mesmo em caso de rebelião, os fortes laços de família se estendem para abraçar o rebelde.

Não conheço história mais linda em toda a literatura do que aquela contada pelo Mestre, e que aparece no capítulo 15 de Lucas. É a história de um filho orgulhoso e ambicioso, que exigiu sua herança e que ele gastou até nada restar. Penitente, regressou ao lar paterno, e o pai, vendo-o chegar à distância, correu-lhe ao encontro, abraçou-o e beijou-o.

Alguns dos que hoje me ouvem podem contar histórias de pesar por que passou sua própria família. Entre as maiores tragédias, porém, e acho que é a mais comum, encontra-se o divórcio. Tornou-se um grande flagelo. A mais recente edição do *Almanaque Mundial* indica que nos Estados Unidos, durante os doze meses que precederam março de 1990, houve 2.423.000 casamentos. Durante o mesmo período calcula-se que 1.777.000 casais se divorciaram. (*World Almanac de 1991*, p. 834 e *Books of Facts*, Nova York: World Almanac, 1990.)

Isto significa que, nos Estados Unidos, de cada dois casamentos praticamente um terminou em divórcio.

Estes são apenas números escritos nas páginas de um livro, mas atrás deles há mais casos de traição, dor, abandono, pobreza e lutas do que a mente humana pode imaginar. Milhões de divorciados neste país encontram-se solitários, frustrados, inseguros e infelizes. Milhões de mães e pais lutam sozinhos para criar a família, carregando fardos acima de sua capacidade. Milhões de filhos estão se criando em lares de pais solteiros, em que a pessoa responsável, em geral a mãe, por necessidade, está ausente uma boa parte do tempo. Estes filhos "trancados" voltam da escola diariamente para uma casa vazia, sem comida adequada, e só encontram refúgio num aparelho de televisão. Não só os filhos sofrem, mas toda a sociedade está pagando um preço elevadíssimo por essa situação. Quando ficam mais velhos, a incidência do uso de drogas aumenta em seu meio. Muitos se tornam criminosos. Sem treinamento adequado, veêm-se desempregados. Alguns desperdiçam a vida sem terem um objetivo. Milhões se tornaram os destroços do naufrágio da sociedade, levados à praia por oceanos de abandono, de abuso e de frustração, incapazes de corrigir a situação em que se encontram. A revista *Time*, falando dos problemas da cidade de Nova York, disse que "o mais sério é o da dissolução das famílias. Sessenta por cento dos alunos que freqüentam as escolas públicas de Nova York, num total de 600.000, vêm de lares onde só há um dos pais. Estudos semelhantes sem dúvida produziriam estatísticas comparáveis em outras cidades grandes da América e do mundo.

Construímos e mantemos mais prisões do que podemos. Os custos são enormes, quase inimagináveis.

Uma porcentagem alarmante dos que se encontram nessas instituições vêm de lares desfeitos, em que o pai abandonou a família e a mãe lutou em vão para vencer, enfrentando situações dificílimas.

Por que existem tantos lares desfeitos? O que acontece aos casamentos, que começam com amor sincero e com o desejo de lealdade e fidelidade mútuas?

Não há resposta simples, admito, mas parece-me que há algumas razões óbvias que explicam uma porcentagem bem alta destes problemas. Digo isto pela experiência que tenho em tratar tragédias dessa natureza. Verifico que o egoísmo é a raiz disso tudo, na maioria dos casos.

Estou convencido de que um casamento feliz não é tanto uma questão de romance quanto a preocupação com o conforto e o bem-estar do cônjuge.

O egoísmo é, muitas vezes, a origem dos problemas financeiros que são o fator sério e real que afeta a estabilidade da vida familiar. O

Vista geral da Praça do Templo.

egoísmo é a origem do adultério, da violação dos convênios solenes e sagrados para satisfazer a lascívia egoísta. O egoísmo é a antítese do amor. É uma expressão cancerosa de ganância. Destrói a autodisciplina. Arrasa a lealdade. Dilacera os convênios sagrados. Aflige tanto homens quanto mulheres.

Muitas pessoas que se casam saíram de lares onde foram mimadas, mal-acostumadas e, de algum modo, levadas a achar que no casamento tudo deve ser precisamente certo a toda hora; que a vida é uma série de diversões; que os apetites devem ser satisfeitos sem se levar princípios em consideração. Quão trágicas são as conseqüências de um pensar tão vazio e irracional!

As amargas conseqüências se manifestam na vida de filhos que necessitam de um pai para amá-los, ensiná-los, protegê-los e levá-los pelo caminho da vida, pelo exemplo e preceito, mas que não o têm. Vou contar-vos algo que ouvi há dois anos, neste Tabernáculo. Foi numa reunião de solteiros. O Élder Marion D. Hanks presidia um painel. Participava deste painel uma mulher jovem, divorciada, mãe de sete filhos, que tinham de cinco a dezesseis anos. Ela disse que certa noite atravessara a rua para entregar algo a uma vizinha. Estas foram suas palavras, segundo me lembro: "Quando me virei para voltar, vi minha casa iluminada. Ouvia ainda os ecos das palavras de meus filhos, quando saíra alguns minutos antes: 'Mãe, o que tem para o jantar?' 'Pode levar-me à biblioteca?' 'Eu preciso de cartolina para hoje à noite.' Cansada e desanimada, olhei para a casa e vi que todos os cômodos estavam iluminados. Pensei em todos os filhos à espera dos meus cuidados. Senti uma carga pesada sobre os ombros.

Lembro-me de ter olhado para os céus, os olhos cheios de lágrimas, e de ter dito: 'Oh, meu Pai, hoje eu não agüento. Estou tão cansada. Não consigo enfrentar a situação. Não posso ir para casa e cuidar de todos esses filhos sozinha. Será que eu posso ir ter contigo e ficar aí apenas uma noite? Eu volto amanhã cedo.

Não ouvi, na verdade, uma resposta, mas pensei comigo que a resposta era: 'Não, filhinha, não podes vir ter comigo agora. Jamais desejarias voltar, mas eu posso ir ter contigo.'"

Há tantas mães como aquela jovem! Ela reconhece o poder divino que está ao seu alcance. Ela tem sorte de ter ao seu redor quem a ame e quem a ajude, mas muitas não têm tal sorte. Na solidão e no desespero, vendo os filhos presos às drogas, crimes e incapazes de interromper o curso, elas choram e oram.

Há um remédio para tudo isto. Não se encontra no divórcio. Encontra-se no Evangelho do Filho de Deus. Ele disse: "Portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem." (Mateus 19:6.) O remédio para a maior parte das pressões do casamento não é o divórcio. É o arrependimento. Não é a separação. É a integridade simples que leva o homem a se levantar e a enfrentar suas obrigações. Encontra-se no tratar os outros como esperamos ser tratados.

O casamento é belo quando buscamos e cultivamos a beleza. Pode ser feio e incômodo quando enxergamos os defeitos e ficamos cegos às virtudes. Como Edgar A. Guest observou: "É preciso muita vivência para que uma casa se torne um lar." ("*Home*", em *Collected Verses of Edgar A. Guest*, Chicago: Reilly and Lee Co. 1934, p. 12.) É verdade. Posso mostrar em toda esta Igreja centenas de milhares de famílias que conseguem isso, vivendo com amor e paz, disciplina e honestidade, interesse e generosidade.

É necessário que o marido e a mulher reconheçam a solenidade e a santidade do casamento e o desígnio divino em que se alicerça.

Deve haver o desejo de ignorar pequenos defeitos, de perdoar e, então, esquecer.

É necessário aprender a controlar a língua. O mau gênio é uma coisa

cruel e corrosiva, que destrói a afeição e expulsa o amor.

Deve haver autodisciplina, que refreie o impulso de abusar da esposa, dos filhos e de si próprio. Deve haver o espírito de Deus, convidado e trabalhado, nutrido e fortalecido. Deve haver o reconhecimento de que cada um é filho de Deus — o pai, a mãe, o filho e a filha, cada um tendo uma linhagem divina — e também o reconhecimento de que quando ofendemos a um destes estamos ofendendo a nosso Pai Celestial.

Às vezes, poderá haver motivo legítimo para o divórcio. Não vou dizer que nunca seja justificado, mas digo sem a menor hesitação que esta praga que existe entre nós e que parece estar crescendo em todos os lugares, não é de Deus mas sim a obra do adversário da retidão, da paz e da verdade. Não é preciso ser sua vítima. Podemos lutar contra seus estratagemas e suas súplicas. Livrai-vos das más diversões, da pornografia que conduz aos desejos vis e à atitude repreensível. Esposas, considerai vosso marido como vosso companheiro precioso e sede dignas de tal associação. Maridos, vede em vossa esposa o vosso maior benefício nesta vida e na eternidade, uma filha de Deus, companheira com quem caminhar de mãos dadas, na alegria ou na tristeza, no perigo ou no triunfo da vida. Pais, vede vossos filhos como filhos de nosso Pai Celestial, que vos responsabilizará por eles. Uni-vos para protegê-los, defendê-los, guiá-los e ampará-los.

A força das nações está nos lares do povo. Deus arquitetou a família. É sua intenção que a maior felicidade, os aspectos mais confortantes da vida e as mais profundas alegrias venham da associação de pais, mães e filhos.

Deus abençoe os lares de nosso povo. Abençoe os lares para que tenham pais leais e verdadeiros, mães que sejam excelentes e filhos obedientes e capazes, criados "na doutrina e admoestação do Senhor" (Enos 1:1), é o que peço humildemente em nome de Jesus Cristo, amém.

SESSÃO VESPERTINA DO DOMINGO
7 de abril de 1991

UNIR A FAMÍLIA HUMANA

Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Durante muito tempo, a genealogia foi associada ao tédio, à pesquisa trabalhosa, e a livros embolorados, mas já não é assim! Agora dispomos de um milagre moderno chamado Pesquisa Familiar™."

Ontem, 6 de abril, como já lembramos hoje, transcorreu o 161º aniversário do restabelecimento da igreja de nosso Senhor nestes últimos dias. A história de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias também é a história da dispensação da plenitude dos tempos.

Dispensação é a distribuição de bênçãos ou aflições pela Deidade, de acordo com o merecimento do homem. A dispensação é também definida como o período em que Deus revelou sua mente e vontade ao homem. "Significa a abertura dos céus aos homens; a... dispensação da palavra de Deus a eles; a revelação aos homens... de princípios e ordenanças do evangelho; a concessão de autoridade divina a... pessoas escolhidas, pela qual elas recebem o poder de agir em nome... (e) com a autoridade de Deus... A Dispensação da Plenitude dos Tempos é a dispensação que inclui todas as outras", tanto nos céus como na terra. É a dispensação que cumprirá todos os decretos de um Pai Celestial amoroso para a "salvação de (todos) os homens e redenção da própria terra" (*History of the Church*, 1:xxiii).

O Profeta Joseph Smith, sob inspiração, escreveu: "É necessário que haja uma união... de dispensações... desde os dias de Adão até o tempo atual" (D&C 128:18).

O evangelho, naturalmente, é bastante antigo. No reino celestial, foi formado antes da fundação da terra. Desde o início, o plano para progresso e salvação do homem era conhecido. (Ver *History of Church*, 1:xxiii-xciv.)

Neste período de tempo no qual vivemos, a dispensação da plenitude dos tempos, veremos o clímax de todo o trabalho de Deus na terra. Por esta razão, estamos ocupados zelosamente na obra do Senhor, que inclui a realização de certas ordenanças a favor de todos os que viveram e viverão na terra.

Apenas alguns minutos a sudoeste do local em que estamos, em um dos muitos belos "canyons" que embelezam as Montanhas Wasatch, fica uma grande montanha de granito. Da estrada,

encravada na profundidade do "canyon", a maioria dos passageiros não vê os grandes portais em forma de arco, recortados lateralmente na montanha. Poucos iriam perceber que, atrás desses portais, há seis grandes depósitos, encravados profundamente no granito sólido, e que neles está a maior coleção de registros genealógicos do mundo. Não são registros comuns, mas registros de nascimentos, casamentos e mortes de quase dois bilhões de pessoas que viveram na terra. São o produto de mais de cinqüenta anos de um esforço incansável em todo o mundo, por parte dos representantes da Igreja, de operadores de câmeras de microfilmes, e daqueles que cuidam desses registros armazenados, fileira após fileira, nos arquivos de microfilmes, nas profundezas da montanha. A magnitude do projeto de compilação e preservação desses registros é surpreendente.

"Por que fazeis isso?" perguntam alguns. "Por que a Igreja emprega milhões de dólares e dezenas de milhares de horas nesse projeto imenso, mas incomum? Por que preocupar-se tanto com aqueles que já morreram?"

Nossa resposta é simples, embora profunda: "Porque os amamos. Porque eles têm direito às mesmas bênçãos que desfrutamos. Porque essa é uma parte importante do plano divino para esta dispensação da plenitude dos tempos, para a bênção de todas as pessoas."

Compilamos esses registros para identificar nossos ancestrais. Identificamos nossos ancestrais para realizar por eles as ordenanças salvadoras do evangelho, em templos sagrados dedicados a esse propósito. É nossa responsabilidade, dada pelo Senhor, ajudar a redimir todos os filhos de nosso Pai que viveram e morreram sem receber as ordenanças sagradas do evangelho — embora cada um tenha a oportunidade de aceitar ou rejeitar as ordenanças realizadas em seu favor.

Há vários anos, eu estava viajando de trem, de Edinburgo, na Escócia, para Glasgow, com um conhecido advogado britânico. Nós o haviamos contratado para apresentar nossa alegação de discriminação à câmara da cidade de Glasgow. Pleiteávamos uma licença para construção, que fora repetidamente negada pela câmara municipal, instigada por um grupo ministerial contrário, sob a alegação de que não era necessária, já que havia muitas propriedades da igreja que estavam vazias ou não eram usadas. Haviam-nos garantido uma audiência com o secretário de estado da Escócia, membro do gabinete do primeiro-ministro.

O Assembly Hall na Praça do Templo; o Monumento às Gaivotas, comemorando o milagre da época dos pioneiros, quando as gaivotas devoraram os gafanhotos que destruíam as colheitas.

Enquanto o trem matinal ia velozmente para Glasgow, perguntei ao ilustre advogado se tinha mais perguntas sobre nossa igreja. Eu estava preocupado, porque a compreensão dele a respeito de nossa expansão era limitada, assim como a sua compreensão do motivo de estarmos construindo edifícios modernos para a igreja, e do motivo de termos centenas de missionários na Grã-Bretanha. Ele me assegurou sentir-se à vontade para nos representar e apresentar nossa causa, que lhe parecia ter mérito.

Enquanto discutíamos outros aspectos de nossa crescente presença na Grã-Bretanha, disse ele: "Ouço dizer, mas não pode ser verdade, que vocês fazem batismos por pessoas falecidas."

Disse eu: "Sim, é verdade. Não é apenas verdade que fazemos isso hoje, mas o princípio do batismo vicário pelos mortos foi ensinado durante o ministério terreno de nosso Salvador."

Expliquei que todos os filhos dignos de Deus, de todas as épocas, podem tornar-se herdeiros da salvação em seu Reino. Rapidamente lembrei ao advogado como Jesus ensinara a Nicodemos que "Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? por ventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?

Jesus respondeu: Na verdade, na verdade, te digo que aquele que

não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (João 3:3-5).

Fiz também referência aos ensinamentos dos antigos Apóstolos, com relação à ressurreição de Cristo e à ressurreição de todos, incluindo a grande declaração de Paulo: "Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam eles então pelos mortos?" (I Coríntios 15:29).

O advogado contratado pareceu satisfeito. Ele apresentou nosso caso com eficiência. Ganhamos a licença para construção. A capela agora está lá, em Glasgow, Escócia.

O Profeta Joseph Smith declarou: "Eu vos asseguro que estes são princípios referentes aos mortos e vivos que não podem ser encarados com descuido, no que diz respeito à nossa salvação. Pois a sua salvação é necessária e essencial à nossa salvação... eles, sem nós, não podem ser aperfeiçoados" (D&C 128:15).

"Mas como?" poderíeis perguntar "Mesmo com milhões de rolos de microfilme ao meu alcance, mesmo com a Biblioteca de História da Família na Cidade do Lago Salgado e com as centenas de centros de história da fámília localizados nas sedes de estaca e nas alas, espalhados por toda a terra, como posso desvendar os segredos escondidos nesses microfilmes e identificar meus ancestrais?"

Durante muito tempo, a genealogia foi associada ao tédio, à pesquisa trabalhosa, e a livros embolorados, mas já não é assim! Agora dispomos de um milagre moderno chamado Pesquisa Familiar™. O Pesquisa Familiar é um sistema de computador eficiente e inovador. Em resposta à digitação do nome de um de vossos ancestrais num teclado, o Pesquisa Familiar, em apenas alguns momentos, percorre milhões de nomes e encontra qualquer um que corresponda ao que digitastes. Ele sabe como fazer corresponder nomes que são grafados de maneira diferente, mas têm o mesmo som.

Élderes David B. Haight e James E. Faust, do Quorum dos Doze.

Ele pode levar-nos de um pequeno fragmento, contendo informações vagas, a telas cheias de informações — datas e locais de nascimento. casamento e morte; e nomes de pais, filhos e cônjuges.

Para armazenar todas essas informações, o Pesquisa Familiar usa pequenos discos compactos — as mesmas maravilhas eletrônicas que vedes nas lojas de discos. Cada disco pode armazenar até cinco milhões de nomes.

O Pesquisa Familiar inclui muitos tipos diferentes de registros: os registros do governo que estão à disposição do público, provindos das forças armadas e de outras repartições públicas, assim como o próprio catálogo da Biblioteca de História da Família, uma lista de ordenanças do templo já realizadas, e genealogias de famílias, doadas por pessoas do mundo todo. Cada um desses arquivos é uma contribuição valiosa aos esforços que fazemos para cumprir nossa responsabilidade.

Uma das características mais promissoras e úteis do Pesquisa Familiar é o Arquivo de Ancestrais™. Ele tornou o mundo bem menor, porque colocou pessoas totalmente estranhas em contato com ancestrais comuns. Repentinamente, os membros da Igreja e também os não-membros estão encontrando novos primos e milhares de ancestrais falecidos, com o simples toque de uma tecla de computador.

Usando o Arquivo de Ancestrais na Biblioteca de História da Família na Cidade do Lago Salgado ou em uma das bibliotecas locais espalhadas pelo país, podeis ver na tela do computador as áreas genealógicas e os registros de grupos familiares de mais de sete milhões de pessoas; e o arquivo está crescendo continuamente, à medida que vós e vossos amigos contribuís com vossos próprios dados para o arquivo. Muitos dos que estão na lista são vossos parentes e meus também. Podeis ver na tela de computador também o nome e endereço de cada pessoa que enviou a informação, permitindo-vos, assim, que entreis em contato com ela, troqueis informações e verifiqueis os fatos.

Alguns talvez sejam tímidos ou tenham receio de usar o computador. Isso não precisa acontecer.

Ellie tem doze anos. Ela estava planejando ir à Biblioteca de História da Família com a classe das Abelhinhas. Sentia-se um pouco apreensiva, porque nunca fizera isso antes, mas seu pai lhe disse que não se preocupasse. Tudo que ela precisava fazer para começar, era usar o computador.

Ellie, porém, sorriu. Estava certa de que seu pai estava brincando e respondeu: "Ah, eu nunca poderia fazer isso. Não poderia nem mesmo ligar o computador."

Chegou o dia de sua visita à biblioteca. Ellie e sua amiga Cami decidiram fazer uma tentativa. Logo aprenderam que se lessem e seguissem as instruções da tela do computador, tudo daria certo.

Ellie voltou entusiasmada naquela noite. "Quer dizer que você achou alguns nomes que reconheceu?" perguntou o pai. "Ah, sim. A princípio, procurei o nome do vovô, e achei-o. Depois procurei o tio Steve, e lá estava ele. E depois procurei meu próprio nome, e lá estava ele. Achei o meu

nome! Estava bem lá na tela! E todos os outros sobrenomes enchiam toda a tela. Quando podemos ir outra vez?" disse ela.

Uma mulher de Wisconsin, que não era da Igreja, com outras pessoas da família, fica frustrada com a falta de informações a respeito de seu bisavô. Ela decidiu tentar o Arquivo de Ancestrais e, depois de pesquisar um pouco, descobriu seu bisavô, exatamente aquele que estivera buscando durante muitos anos. Logo ela havia transferido para seu disquete vários milhares de outros nomes e mais de 1.300 casamentos nessa linha que, anteriormente, considerara impossível obter informações. Ela também está enviando milhares de outros nomes de outras linhas para contribuir para o Arquivo de Ancestrais.

Um membro da Igreja, da Georgia, conseguiu estender sua árvore genealógica até 1.486, usando o Arquivo de Ancestrais e, agora, enviou centenas de nomes para as ordenanças no templo.

O Arquivo de Ancestrais continuará a aumentar de valor, à medida que os membros e não-membros contribuírem com sua pesquisa de história da família, num esforço cooperativo para identificar e unir a família dos homens. Ele cataloga relacionamentos familiares distantes — uma espécie de álbum de recordações eletrônico — cheio de árvores genealógicas e registros de grupos familiares — não apenas de vossa família, mas também das famílias de dezenas de milhares de outras pesssoas, indicando onde vossa linha familiar se une a inúmeras outras.

Instruções simples sobre como contribuir para o Arquivo de Ancestrais, com as informações acumuladas de vossa família, estão agora à vossa disposição na Biblioteca de História da Família, na Cidade do Lago Salgado, em outros centros em várias sedes de estaca e alas nos Estados Unidos e Canadá — e, em breve, no mundo todo. Perguntai ao consultor de história da família da ala onde fica o centro mais próximo, descobri como colocar vossos dados genealógicos no computador, e depois deixai essas informações à disposição do mundo.

Sabemos que Deus, nosso Pai, é nosso maior mestre, e nada que possamos ler ou ouvir deve atrair nossa atenção como suas instruções e conselhos. Esses novos recursos maravilhosos foram revelados nesta dispensação, com maior plenitude e maior simplicidade do que nunca, na história do mundo, segundo o que sabemos, para que seus propósitos pudessem ser rapidamente cumpridos. A Igreja, estabelecendo centros de história da família, está agora pondo esses recursos maravilhosos à vossa disposição, de forma direta.

De Buckeye, Arizona, a Birmingham, Alabama; e de Sandpoint, Idaho, a Albany, Nova York; e de Calgary, Canadá, a Montreal, Canadá; e de Sidney, Austrália, a Londres, Inglaterra — os santos poderão ir a uma capela da Igreja, perto de sua casa, e desvendar os segredos de sua linhagem.

Um dos resultados mais interessantes de nosso envolvimento na pesquisa familiar e na pesquisa genealógica é conhecer intimamente nossos ancestrais — seus desafios e realizações — e mostrar gratidão, realizando em favor deles as ordenanças que lhes permitirão obter o maior de todos os dons — o dom da vida eterna.

James E. Talmage escreveu: "demonstrou-se que o cumprir a ordenança (do batismo) é essencial para a salvação e a todo o gênero humano se aplica esta condição. Em lugar nenhum das escrituras se faz distinção alguma, neste particular, entre os vivos e os mortos... Todos são filhos do mesmo Pai, todos serão julgados e galardoados ou castigados pela mesma justiça infalível, com a mesma... misericórdia... por todos os habitantes da terra, passados, presentes e futuros... (Ele é) Senhor tanto dos vivos como dos mortos" (*Regras de Fé*, p. 138).

"Eis que o grande dia do Senhor está perto;... que nós, portanto, como igreja e povo, e como santos dos últimos dias, ofereçamos ao Senhor uma oferta em retidão; e que apresentemos ao seu templo santo... um livro contendo os registros de nossos mortos, que seja digno de toda aceitação" (D&C 128:24).

É minha oração que isto aconteça, em nome de Jesus Cristo, amém.

ENSINAI AS CRIANÇAS

Élder M. Russell Ballard
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Ver os filhos crescerem, serem bem sucedidos e ocuparem um lugar na sociedade e no reino do Senhor, é uma recompensa eterna que vale qualquer transtorno ou sacrifício."

No ano passado, na época do Natal, tive o privilégio de participar da cerimônia do acender das luzes do Natal, no Centro de Visitantes de Washington, Washington, D.C. Quando acendi as duzentas mil lâmpadas, estas pareciam cintilar e dançar nas árvores, com o majestoso templo resplandecendo ao fundo. Nessa noite, fora de sua comunidade soviética pela primeira vez, trinta e cinco crianças da Escola da Embaixada Soviética apresentaram danças e canções de sua terra natal, de maneira brilhante. A seguir, meninos e meninas da Igreja apresentaram-se para a distinta platéia, que incluía funcionários de embaixadas de vinte e dois países.

As crianças que eram membros da Igreja estavam sentadas numa arquibancada, instalada bem em frente da estátua de quase dois metros e meio do Cristo, que é a principal atração do saguão do centro de visitantes. Separadas dos nossos jovens, as crianças soviéticas sentaram-se com seus pais e professores. Quando me levantei para discursar, esses belos jovens, com as faces radiantes, chamaram-me a atenção. Pedi às crianças soviéticas que fossem sentar-se com nossos jovens. Foi uma bela cena, além de ser uma maneira apropriada de iniciar a época do Natal. Crianças doces e puras, de duas poderosas nações, demonstraram um amor mútuo instantâneo, sentadas juntas aos pés do Cristo.

Disse ao público que talvez os problemas do mundo fossem resolvidos se pudéssemos, por apenas alguns dias, tranferir a liderança das nações às crianças. Por meio do amor elas encontrariam soluções para as dissensões, a desconfiança, e o mau procedimento dos adultos do mundo. Nessa noite, tive a clara impressão de que se todos os homens pudessem amar Jesus Cristo como essas queridas crianças, muitos problemas mundiais seriam sanados. Talvez mais cedo do que possamos perceber, o destino das nações estará nas mãos das crianças de hoje. Assim escreveu um poeta anônimo sobre este assunto:

Vi o amanhã passar nos pés das crianças
E em suas formas e rostos profecias cumprir.
Vi o amanhã olhar para mim por olhos de crianças
E pensei, com que cuidado eu as devo ensinar!

Queridos irmãos, se estivermos preocupados com o amanhã, ensinaremos nossas crianças de maneira sábia e cuidadosa, pois nelas repousa nosso amanhã.

Já vistes o futuro pela janela de um berçário de hospital, quando vos mostraram um bebê? Vedes esse lindo recém-nascido, pela primeira vez. Um novo espírito entra em vossa vida como filho, neto, ou filho de um amigo, e percebeis que a vida jamais voltará a ser a mesma. Quantas vezes tivestes que conter as lágrimas ao contemplardes, admirados, o milagre de uma nova vida? Esse espírito recém-chegado veio em doce inocência da presença de Deus.

Todo ser humano é um filho espiritual de Deus, com quem vivemos antes de vir à terra. Deus confia seus filhos espirituais a pais terrenos, que lhes dão um corpo mortal, por intermédio do milagre do nascimento físico, e dá aos pais a sagrada oportunidade e responsabilidade de amá-los, protegê-los, ensiná-los, e educá-los em luz e verdade, para que possam, um dia, por meio da expiação e ressurreição de Jesus Cristo, voltar à presença de nosso Pai.

Essas preciosas almas nascem em pureza e inocência. Como pais, assumimos a imensa responsabilidade de cuidar delas e de seu bem-estar. Os pais dividem esta sagrada incumbência com irmãos, avós, professores, vizinhos, e todos que tocam a vida e influenciam a alma dessas preciosas crianças. O rei Benjamim admoestou os pais há muitos anos: "Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros" (Mosiah 4:15).

A grande importância dos primeiros tenros anos de formação nunca é superestimada. Esses pequeninos são como embriões num viveiro de plantas. Todos parecem iguais no início, mas cada um crescerá e se tornará

independente e único. Os pais devem nutrir, proteger, e ensinar os filhos, para que atinjam a estatura completa e seu pleno potencial.

Pais e professores devem ser capazes de ver além da menininha de tranças, e não se deixar enganar pela aparência do menino esfarrapado, com o rosto sujo e buracos nos joelhos das calças. Verdadeiros professores e líderes vêem nas crianças o que elas poderão vir a ser. Vêem o valoroso missionário que um dia dará testemunho ao mundo e, mais tarde, um pai que honrará o sacerdócio. O professor inspirado vê belas e puras mães, futuras presidentes da Sociedade de Socorro, Organização das Moças e Primária, mesmo que hoje sejam apenas meninas que ficam dando risadinhas e cochichando no fundo da classe. De vez em quando as pessoas dizem: "Uma vez menino, sempre menino!" Não é bem assim, pois meninos tornam-se homens, num piscar de olhos.

Ver os filhos crescerem, serem bem sucedidos e ocuparem um lugar na sociedade e no reino do Senhor, é uma recompensa eterna que vale qualquer transtorno ou sacrifício.

Oh, quisera que os pais compreendessem que os filhos vêm de uma existência pré-mortal e suas possibilidades muitas vezes estão muito além do que podemos imaginar. Não devemos poupar esforços para ajudar os filhos a atingirem o potencial máximo. Não é de admirar que Jesus tenha abençoado e ensinado as crianças. Ele disse: "Qualquer que receber um destes meninos em meu nome a mim me recebe" (Marcos 9:37), e: "Assim também não é vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca" (Mateus 18:14).

Quando perguntaram quem é o maior no reino dos céus, o Salvador, "chamando um menino, o pôs no meio deles,

E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.

Visitantes da conferência dentro do Tabernáculo.

Portanto, aquele que se tornar humilde como *este* menino, esse é o maior no reino dos céus" (Mateus 18:1-4; grifo nosso).

Recentemente, tive uma experiência que ilustra a importância de cada uma dessas criancinhas. Numa manhã de sábado, eu me preparava para ir a uma atividade com um de meus netos. Quando estávamos de saída, ouvi outra vozinha perguntar: "Posso ir também, vovô?" Já tentastes dizer não a uma pergunta assim? Aquela atividade não teria sido a mesma, sem aquele alguém mais que queria muito "ir também". Do mesmo modo, o céu não será céu, se algum de nossos filhos, que querem "ir também", forem deixados para trás.

Alguns talvez prefiram não ir. Nosso Pai Celestial lhes deu o livre-arbítrio para decidirem por si mesmos. Temos a incumbência de ajudá-los a conhecer o plano de nosso Pai Celestial para nós, demonstrando fé no Senhor e continuando a trabalhar com nossos filhos em espírito de oração e paciente persuasão.

Para ensinar o Evangelho de Jesus Cristo a nossos filhos, e protegê-los das influências de um mundo perverso, deve haver amor no lar. Devemos cuidar dos filhos com carinho, atenção e constante dedicação. Quanto mais envelhecemos, mais preciosa a família se torna para nós. Percebemos mais claramente que a riqueza, a posição social e as honras do mundo são insignificantes, quando comparadas com as preciosas almas de entes queridos. Vós, jovens pais, que estais iniciando uma família, não deveis correr atrás de oportunidades financeiras, conforto material, ou realizações que vos façam negligenciar os filhos. Não fiqueis tão aflitos para ir ao trabalho ou a uma reunião, que não tenhais tempo para a família, principalmente para ouvir as vozes ansiosas dos filhos. Lembrai-vos sempre deste conselho eterno de um profeta de Deus, o Presidente David O. McKay: "Nenhum sucesso na vida compensa o fracasso no lar" (*Improvement Era*, junho de 1964, p. 445).

Não podemos e *não devemos* permitir que a escola, a comunidade, a televisão, ou mesmo as organizações da Igreja, estabeleçam os valores de nossos filhos. O Senhor destinou essa tarefa aos pais, que não podem fugir dela ou delegá-la. Outras pessoas podem ajudar, mas a responsabilidade é dos pais. Portanto, devemos manter a santidade do lar, pois é nele que os filhos desenvolvem seus valores, atitudes e hábitos.

Os filhos descobrem a própria identidade mais cedo do que imaginamos. Eles querem ser reconhecidos como indivíduos. Não faz muito tempo, minha esposa visitou nossa filha, cujo filho de três anos correu para junto da avó. Ela o pegou no colo e disse: "Olá, como vai, meu pequerrucho?" Ele olhou para ela e disse em tom de seriedade: "Eu pequerrucho não, eu menino." Trocando em miúdos, ele estava afirmando ser alguém especial, que possui um lugar, e que pertence a ele.

Que belo lugar será este mundo, quando todos os pais e mães virem a importância de ensinar aos filhos princípios que os ajudarão a serem felizes e bem sucedidos. Os pais ensinam mais, dando bom exemplo; governando seus pequeninos com paciência, bondade, e amor não fingido; e tendo o mesmo espírito de amor, pelas crianças, que Jesus exemplificou.

Quando for necessário, um pai pode abençoar os filhos, exercendo justamente seu sacerdócio. Toda mãe pode aceitar os filhos do Pai Celestial como sua maior fonte de alegria. Ela saberá que por serem seus filhos também filhos de Deus, nenhum sacrifício é grande demais para protegê-los do mal e cercá-los de um espírito de amor e confiança em Deus.

Um de nossos netos, quando tinha cinco anos de idade, confundiu-se quando a família mudou de ala; pensando que a reunião havia terminado, saiu da capela. Quando percebeu que estava sozinho e que não conseguia encontrar nem a família nem o carro, ajoelhou-se e orou pedindo ajuda. Alguns minutos mais tarde, uma das conselheiras da presidência da Primária o encontrou e perguntou-lhe se estava perdido. Uma professora da Primária, da porta da classe, havia chamado a conselheira e dito que estava faltando alguém, pedindo-lhe que fosse averiguar. A conselheira ficou impressionada por ter ido exatamente ao local onde estava nosso neto. Mais tarde, a conselheira e a professora comentaram como tiveram a forte sensação de que ele precisava de ajuda. Somos gratos por seus pais e professores lhe terem ensinado que o Pai Celestial o ama, e que deve orar pedindo ajuda, sempre que necessitar.

Os líderes do sacerdócio devem escolher professores dedicados e espirituais para a Primária. Os professores devem ensinar pelo amor e exemplo, após fervorosa preparação. Um professor afetuoso todos os domingos pode apaziguar o medo de um ambiente novo e fazer com que as crianças desejem ir às reuniões da Igreja. Uma menina de cinco anos começou a chorar quando a família se preparava para ir às reuniões dominicais. Quando lhe perguntaram o motivo, ela soluçou: "Eu não sei quem vai ser a minha professora." Sua classe havia tido várias professoras nos últimos meses; a constante troca perturbou a paz daquela pequenina alma.

Nossos filhos não atingem a plena estatura física de uma vez. Da mesma forma, o crescimento espiritual leva tempo, podendo ser comparado à construção de um edifício de blocos. As paredes são formadas, bloco por bloco, com uma forte argamassa ligando um bloco ao outro. Podemos dar nomes a esses blocos, como contar histórias na hora de dormir, ouvir um filho orar, aconchegá-lo na cama antes de dormir e conversar sobre as atividades do dia. Outros blocos podem ser agradáveis conversas na hora do jantar, elogios a tarefas bem feitas, festas de aniversário e passeios em família. Outros, fazer os serviços domésticos, ser gentis uns para com os outros, ler as escrituras juntos, ajudar outros, e dizer eu te amo. Outros blocos, ainda, podem ser os de aprender a trabalhar, ter responsabilidades, respeitar os mais velhos, cantar juntos, fazer as lições de casa, freqüentar a Primária e

guardar o dia do Senhor. Na verdade os blocos mais importantes são as reuniões familiares, respeitar e honrar o sacerdócio, e as orações familiares.

Uma vasta série desses belos blocos de construção, cuidadosamente assentados, formam uma fortaleza de fé, que as marés, as distrações, e os males do mundo não podem derrubar. Esses blocos são unidos com uma argamassa chamada amor: amor do Pai Celestial e de seu Filho Jesus Cristo, amor dos pais, amor fraternal, amor para escolher o bem.

Muitas crianças têm apenas um dos pais, e outras nenhum. Todos temos a responsabilidade de ajudar a preencher tais vazios e prover assistência e encorajamento constantes.

Já pelo lado negativo, ouvimos notícias alarmantes de pais ou tutores que estão tão longe do Espírito de Cristo, que abusam de crianças. Esse abuso, seja físico, verbal, ou o menos evidente, mas igualmente sério, o emocional, é sempre uma abominação e grave ofensa a Deus. Jesus não deixou dúvidas quanto à seriedade de se causar mal às crianças, ao dizer: "Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundeza do mar" (Mateus 18:6).

Rogamo-vos que despendais tempo com os filhos e netos, enquanto são pequenos. Momentos especiais podem surgir apenas uma vez. Antes de nos darmos conta, eles já estarão crescidos, e a melhor oportunidade de ensiná-los a viver de modo feliz e pleno terá passado.

Irmãos, sei que todos somos filhos espirituais de um Pai Celestial amoroso, e que temos um destino glorioso, se nos humilharmos como as criancinhas e obedecermos aos mandamentos de Deus. Que sejamos abençoados com o Espírito de Cristo e que tenhamos o seu Espírito conosco ao ensinarmos as criancinhas, é minha humilde oração, em nome de Jesus Cristo, amém.

ANTES QUE EU CONSTRUA UM MURO

Élder Loren C. Dunn
dos Setenta

O princípio do respeito mútuo mesclado com caridade e perdão pode estabelecer o alicerce para resolver diferenças e solucionar problemas.

Há uma qualidade que pode ser vista na vida da maior parte dos cristãos e de boas pessoas em todos os lugares. Ela não só é demonstrada em suas ações, mas também parece ser parte de sua natureza. É uma mescla de caridade, perdão e respeito; e leva em consideração a percepção da realidade de que Deus é o cabeça e todos nós somos seus filhos. Como conseqüência disso, temos certas obrigações uns para com os outros.

"Portanto, o Senhor Deus ordenou que todos os homens tenham caridade, que é amor" (2 Néfi 26:30). E as escrituras também nos ensinam: "E também vos perdoareis mutuamente vossas ofensas" (Mosiah 26:31). Essa qualidade pode ser parte da vida da pessoa sem o comprometimento de princípios ou compromisso para com a verdade.

Há algum tempo, o Padre Paul Showalter, de Nauvoo, contou-nos um caso interessante relacionado com Joseph Smith, que vinha da antiga história católica daquela área.

Quando os santos começaram a estabelecer-se em Nauvoo e em seus arredores, um sacerdote católico francês chamado Padre John Alleman, que morava no vizinho Condado McDonough, necessitou de transporte para visitar um paroquiano doente. Joseph ofereceu-lhe o serviço de balsas para atravessar o rio e uma carruagem para chegar a seu destino.

Em demonstração de respeito, Joseph comentou: "Os sacerdotes cuidam fielmente de seu povo e não se intrometem em nada, enquanto que outras pessoas aborrecem continuamente os santos dos últimos dias."

A qualidade de respeito aos outros, não importando sua crença ou filiação religiosa, parece ter sido parte da vida do Profeta Joseph Smith. Ele defendeu a verdade e o evangelho restaurado até o dia de sua morte, e não tinha paciência com os que eram deliberadamente iníquos ou que tentavam exercer injusto domínio sobre os santos dos últimos dias ou, quanto a isso, sobre qualquer outra pessoa. Ele sempre mostrava respeito e preocupação fraternal pelas outras pessoas, não importando suas crenças nem suas origens, o que, de certa forma, era extraordinário, se levarmos em conta a perseguição

Visitantes da conferência fora do Tabernáculo.

que ele e os primeiros santos sofreram.

Ele disse que tinha o atributo do amor, e também lemos que se pudesse fazer com que seus inimigos o ouvissem, geralmente conquistava a simpatia deles. Em seu relacionamento com membros ou com não-membros, estava comprometido com um princípio encontrado na seção 121 de Doutrina e Convênios: "Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo" (versículos 41-42), e "Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens e para com a família da fé" (versículo 45).

Joseph Smith declarava a doutrina da Restauração com grande poder e força. E nunca perdeu uma oportunidade de proclamar a verdade desta obra. Ele foi o precursor de, literalmente, legiões de missionários que têm proclamado estas mesmas verdades ao mundo. Não obstante, disse ele também: "Jamais imponho minha doutrina a qualquer pessoa; alegro-me em ver o preconceito dar lugar à verdade, e as tradições dos homens desfeitas pelos princípios puros do Evangelho de Jesus Cristo." (*History of the Church*, 6:213.)

Em seus últimos dias de vida, quando Nauvoo estava sitiada pelas turbas e era desafiada por todos os lados, ele e Hyrum ainda encontraram tempo para escrever a um certo sr. Tewkesbury, em Boston, que se havia desassociado da Igreja, convidando-o para voltar à atividade. Um trecho da carta diz: "Sentindo um forte desejo de salvar as almas dos homens, com a sinceridade de homens de Deus, queremos aconselhar-vos a serdes rebatizado por élder Nickerson, um servo de Deus, para que possais novamente receber a doce influência do Espírito Santo, e desfrutar a amizade dos santos." (*History of the Church*, 6:427.)

Este mesmo espírito pode ser encontrado na carta da Primeira Presidência, publicada em 1986, que dizia em certa parte: "Estamos informados de alguns que são inativos, de outros que se tornaram críticos e inclinados a encontrar falhas, e de desassociados ou excomungados por transgressões graves.

A todos eles estendemos o nosso amor. Estamos ansiosos por perdoar, no espírito daquele que diz: "Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens.' (D&C 64:10)" (*Proclamação Especial da Primeira Presidência*, 23 de dezembro de 1986). Esta carta é citada como um convite para "voltar".

Hoje vivemos em uma época de conflito, dissensões, diferenças de opinião, acusações mútuas, discórdias. É necessário, talvez mais do que nunca, que mergulhemos em nosso íntimo e reconheçamos os atributos do respeito mútuo, mesclados com caridade e perdão; que influenciemos nossas ações mútuas; que possamos discordar uns dos outros sem nos tornarmos desagradáveis; que falemos com calma e que busquemos as coisas em comum, percebendo que, passada a tempestade, ainda teremos de conviver uns com os outros.

Há alguns anos, quando morava no leste, li a respeito de uma experiência que aconteceu no Senado dos Estados Unidos. Segundo o que me lembro, havia um debate. O líder do debate num partido era o senador Hubert Humphrey, de Minnesota. O líder do outro partido era a senadora Margaret Chase Smith, do Maine. Com o decorrer do tempo, ficou claro que o partido do senador Humphrey venceria.

Na manhã da votação, o senador Humphrey foi a seu jardim e cortou algumas rosas vermelhas. Quando Margaret Chase Smith chegou à sua mesa no senado naquela manhã, havia um buquê de rosas. Isso, naturalmente, não fez a senadora Smith mudar de opinião em relação ao assunto, mas foi um gesto de respeito e consideração.

No relacionamento com as pessoas, não importa qual seja nossa posição, precisamos de mais rosas — e, depois do discurso do Élder Faust nesta manhã, suponho que de rosas sem espinhos.

Fui criado em uma comunidade

Vista geral da Praça do Templo.

nos vales do oeste de Utah. A cidade de Tooele foi estabelecida por pioneiros; quando foram descobertos depósitos de minério precioso nas montanhas próximas, vieram pessoas do sul e do leste da Europa, que tinham cultura e preferências religiosas diferentes. Elas vieram para trabalhar nas minas e na fundição.

Estabeleceram-se exatamente a leste da cidade e chamaram a comunidade de "Cidade Nova". Quase desde o começo, houve divisão, desconfiança e desentendimento entre os novos residentes, que trouxeram consigo os velhos costumes de seu país, e as pessoas da comunidade já estabelecida, que eram basicamente descendentes de pioneiros. Os dois grupos raramente se misturavam.

Certo ano a escola secundária contratou um treinador de futebol recém-saído da Universidade do Estado de Utah, chamado Sterling Harris. O treinador Harris, como ficou conhecido, era expansivo e apenas um pouco irreverente. Ele percorria a cidade velha e a cidade nova para certificar-se de que todos os meninos estavam na escola e mais tarde no futebol. Tinha um apelido para cada um, e, em pouco tempo, tornou-se uma espécie de símbolo de status ter um apelido dado por Sterling Harris.

Não demorou muito e os jovens das famílias européias, da cidade nova, e os das famílias descendentes dos pioneiros, da cidade velha, jogavam futebol lado a lado, na mesma equipe. Ele era duro, mas imparcial, e havia algo nele que fazia as pessoas sentirem-se importantes e quererem dar o melhor de si.

A equipe aprendeu a jogar bem, e o treinador Harris chegou a levá-los a mais de um campeonato estadual. O mais importante, porém, é que, ao unir a equipe, ele uniu toda a comunidade. Os muros divisórios foram derrubados. Pessoas de culturas diferentes aprenderam que podiam fazer amizade com base no respeito e apreciação mútuos. Sterling Harris tornara-se a ponte de união entre aqueles dois grupos.

Sterling Harris ainda mora em Tooele; tem noventa e um anos de idade. Ele fez muitas outras coisas na vida, tendo sido inclusive superintendente de escolas e líder na Igreja, mas nada foi mais importante do que ajudar uma comunidade a unir-se e restabelecer o princípio de respeito às pessoas de origens e culturas diferentes.

Nas cidades do mundo, nos municípios, nas vizinhanças, nos lares,precisamos de mais pessoas como Sterling Harris, tenham a origem que tiverem.

Robert Frost certa vez escreveu:

Antes de levantar um muro
deveria perguntar
O que estou deixando dentro ou fora dele,
E a quem provavelmente vou ofender
Há alguma coisa nas pessoas que não gosta de muros.

("Mending Wall", *The Poetry of Robert Frost*, Nova York: Henry Holt and Co., 1979, p. 34. Tradução livre e aproximada.)

As pessoas sempre terão opiniões opostas, e suponho que sempre haverá conflitos e desentendimentos; mas o princípio do respeito mútuo mesclado com caridade e perdão pode estabelecer o alicerce para resolver diferenças e solucionar problemas.

Não foi o Salvador, falando do primeiro e grande mandamento, quem disse que devemos amar o Senhor nosso Deus de todo o coração, poder, mente, e força, e que o segundo é semelhante a esse: que devemos amar o próximo como a nós mesmos? (Vide Marcos 12:29-31.) O atributo do respeito mútuo é uma grande qualidade. Pode ser encontrada no coração de grandes pessoas, e por isso, todos devemos ser pessoas grandes. Não compromete a verdade ou nossos princípios, mas pode gerar fraternidade e a solução de muitos problemas.

Que o Senhor nos abençoe para que olhemos uns para os outros com esse espírito. Em nome de Jesus Cristo, amém.

Um Modelo de Retidão

Janette C. Hales
Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

"Quando estabelecemos um modelo de retidão em nossa vida, comprometemo-nos com o Pai Celestial a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar os outros a reproduzir esse modelo em sua vida."

Há muitos anos, quando meus filhos eram muito pequenos, a tarefa de alimentá-los e de trocar fraldas parecia tão interminável quanto o gelo que cobria o chão, do lado de fora de nosso apartamento, que ficava numa área militar. Quando sinto pena de mim mesma, procuro fazer algo por outrem. Naquele inverno, minhas necessidades eram grandes: portanto, eu precisava de uma grande solução. Decidi fazer um paletó esporte para meu marido. Não tendo experiência como alfaiate, comecei procurando o melhor molde e tecido que pude encontrar. Com grande entusiasmo comecei a ler as instruções. Meu coração quase parou. Eram páginas e páginas delas, 138 passos, se estou bem lembrada. Estava além da minha capacidade. Nos dias seguintes levei o molde comigo a todos os lugares para onde ia. Finalmente, decidi não seguir mais que dois passos por dia, para não desanimar. Completados os dois passos, eu lia as instruções para a tarefa do dia seguinte. Ocasionalmente me apressava e tinha que desmanchar o que já havia feito, mas, felizmente, quando a fazenda é boa, a costura desmanchada não aparece, se os pontos forem cuidadosamente removidos. Poucos meses mais tarde eu havia criado uma obra de arte. O molde havia tornado possível o milagre. Desde aí passei a dar muito valor aos moldes.

À medida que aprendi mais a respeito, tornei-me grande apreciadora dos moldes ou modelos que o Senhor nos dá. As escrituras apresentam moldes detalhados para a realização do seu trabalho. Especificam como construir um tabernáculo, uma arca, um alterar, e templos. Os materiais são importantes; o propósito é grandioso. E então nos é dado aquele que é o mais importante de todos, o modelo de retidão estabelecido por Jesus Cristo, um "exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna" (I Timóteo 1:16). Em todas as circunstâncias imagináveis, dos tempos antigos aos dias modernos, vemos a repetição do mesmo modelo — fé no Senhor Jesus Cristo, arrependimento, batismo, dom do Espírito Santo.

Os moldes são feitos para serem repetidos. Todo o modelo de retidão é digno de ser duplicado; no entanto, existem aqueles que acham que o princípio de retidão envolve subir alguma escada imaginária. Achamos que progredimos quando subimos acima dos outros. Em minha opinião isto é orgulho. Em Alma nos é dito: "O pregador não era melhor que o ouvinte, nem o mestre melhor que o aprendiz; e eram assim todos iguais, e todos trabalhavam, cada um de acordo com suas forças" (Alma 1:26). A retidão é reproduzida num sentido horizontal, não vertical. Quando estabelecemos um modelo de retidão em nossa vida, comprometemo-nos com o Pai Celestial a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar os outros a reproduzir esse padrão em sua vida. Isto pode acontecer vez após outra, até que, como diz Isaías, "os moradores do mundo (aprendam) justiça" (Isaías 26:9).

Em Doutrina e Convênios o Pai Celestial nos diz: "Eu vos darei um modelo em todas as coisas, para que não sejais enganados" (D&C 52:14). Se não quisermos ser enganados, devemos procurar modelos de retidão para nossa vida. Eu gostaria de mencionar três deles: a oração, o estudo das escrituras e o serviço em benefício do próximo.

Depois de termos aprendido a importância da oração, podemos reproduzir na vida de outros o hábito de orar diariamente, por meio do ensino e do bom exemplo. Minha filha mais nova disse que a oração se tornou mais significativa para ela ao observar a irmã mais velha ajoelhar-se ao lado da cama, à noite, quando achava que os outros já estavam dormindo. Quando estudante da BYU, eu costumava ajoelhar-me em oração junto com oito colegas de quarto, todas as manhãs, às 6h30, e depois comíamos juntas. Tenho certeza de que se minhas antigas colegas soubessem, anos mais tarde, que eu e meu marido não estávamos orando com nossos filhos, ficariam preocupadas. Que modelo importante elas estabeleceram para mim! Está acontecendo o mesmo nos lares de hoje?

Há poucos meses eu estava ajoelhada, orando com uma jovem família em Albuquerque, Novo

Vista geral da Praça do Templo.

México. Senti um calor tão gostoso quando abri os olhos e olhei ao redor do círculo! Foi como se eu estivesse vendo as famílias do mundo todo passando pela mesma experiência. É de se esperar que, com o estabelecimento de um modelo de oração em nossos lares, cada pessoa da família ajude a reproduzir esse modelo para outros, como o fizeram minhas colegas de quarto.

O estudo das escrituras nos ajuda a aumentar o entendimento do modelo de retidão. É-nos dito, ao vivermos as palavras de Deus: "Ao fiel ele dará linha sobre linha, preceito sobre preceito" (D&C 98:12). Recebo incentivo com os exemplos de leitura de escritura que presencio. Tenho uma filha que gosta de esquentar os pés antes de ir para a cama. Adoro vê-la sentada no banheiro, com os pés enfiados na água quente, e lendo as escrituras. Meus dois netos, de dois e quatro anos, com satisfação relatam o recebimento de adesivos no seu gráfico de progresso pessoal, cada dia que proferem suas orações e ouvem histórias das escrituras. Esses modelos fundamentais sempre precisarão ser ensinados a nossos filhos, para que continue a haver retidão.

Prestar serviço com amor é outro belo modelo de retidão, aprendido com freqüência nos lares. As escrituras ensinam o valor desse trabalho, e os líderes testificam de sua importância. Harold Glen Clark, primeiro presidente do Templo de Provo, escreveu para seus netos uma história chamada "Passe para Entrar no Céu". O Irmão Clark escreveu:

"Estive pensando qual teria sido a coisa que fiz que talvez mais tenha agradado ao Senhor. Ser presidente do quorum dos diáconos? Ser bispo? Ser patriarca? Ser presidente do templo?

Então descobri o que provavelmente foi. Aconteceu quando eu tinha 16 ou 17 anos de idade. Minha mãe, que com freqüência cuidava de pessoas menos afortunadas, estava tomando conta de dois velhinhos ao mesmo tempo. Alguém lhe disse brincando: 'Por que você não coloca um cartaz, dizendo: Aceitam-se velhinos?' eu não achei engraçado, pois fui a pessoa designada para tomar conta de um deles. Tinha que banhá-lo, vestir-lhe a roupa, despi-lo e ajudá-lo a comer na mesa. Na época eu estava com 16 anos, gostava de me divertir e tinha, muitas vezes, que ficar cuidando do avô, enquanto meus colegas jogavam uma bela partida de basquetebol lá fora.

Certa vez, enquanto meus colegas me chamavam, eu estava ocupado com a entediante tarefa de tirar o pijama molhado desse avô. Fiquei impaciente e contrariado, mas, então, senti a mão dele tremer na minha. Virei-me, e contemplando-lhe os olhos cheios de lágrimas, ouvi-o dizer: 'Que Deus o abençoe, meu rapaz. Você nunca vai se arrepender de fazer isto por mim.'

Fiquei tão triste por ter-me mostrado impaciente... Até hoje me sinto bem quando lembro a ajuda que prestei a um velhinho incapaz de cuidar de si mesmo.

Acho que quando fazemos algo por alguém, que não pode fazer por si mesmo, nos aproximamos de Deus, pois é isto o que ele e seu Filho estão fazendo o tempo todo, movidos pelo puro amor que sentem por nós." (Manuscrito não publicado.)

Nossos jovens precisam de modelos para estabelecerem um padrão de retidão em sua vida. Ao pensar em meu compromisso para com a juventude da Igreja, as palavras do Élder Boyd K. Packer ganharam novo significado para mim. Ele comentou as admoestações de Alma e Helamã, ao falarem sobre a Igreja em seus dias. Citando Élder Packer: "Eles preveniram sobre o crescimento rápido, o desejo de serem aceitos pelo mundo e de serem populares, e particularmente sobre a prosperidade. Cada vez que tais

condições existiam ao mesmo tempo, a Igreja se desviava de seu curso" (Discurso proferido no seminário de representantes regionais, 30 de março de 1990).

Continuei a pensar na juventude da Igreja. Observemos a transição pela qual passam os jovens, dos doze aos dezoito anos. As condições relatadas no Livro de Mórmon estão quase sempre presentes na vida deles — um período de crescimento rápido, desejo de serem como os outros, de serem populares, e, freqüentemente, de prosperidade. Um modelo de retidão pessoal, que inclui a oração, o estudo das escrituras e o serviço, é a resposta para evitar os perigos mencionados no Livro de Mórmon. Néfi sabia disto quando pediu ao Senhor: "Ó Senhor, rodeia-me com a túnica da tua justiça." (2 Néfi 4:33.)

No dicionário, a palavra modelo vem com a explicação: "aquilo que serve de exemplo ou norma". Nosso Salvador Jesus Cristo estabeleceu um modelo e pediu que o seguíssemos. Néfi pergunta: "Poderemos nós seguir a Jesus, a menos que queiramos guardar os mandamentos do Pai?" (2 Néfi 31:10).

Agradeço a todas as pessoas de todas as idades, cuja vida nos ajuda a contemplar esse modelo de retidão. Agradeço por termos um profeta vivo. Poucos dias depois de ser chamada como conselheira na Presidência Geral das Moças, a Primeira Presidência da Igreja se aproximou da cadeira onde eu estava sentada, para designar-me e dar-me uma bênção. Conscientizei-me então de que o profeta de Deus estava para impor as mãos sobre minha cabeça, e foi grande a minha reverência. Depois da bênção, quando me virei para olhar o profeta de frente, senti-me despreparada para contemplar a mganificência do seu espírito. Testifico que Ezra Taft Benson é um profeta de Deus e que Jesus Cristo é nosso Salvador. Ele nos deu um modelo de retidão que nos levará de volta ao Pai Celestial. Presto este testemunho em nome de Jesus Cristo, amém.

PAZ

Élder Robert E. Wells
dos Setenta

"Para seguir a Cristo e alcançar as bênçãos dos céus, devemos constantemente promover a paz no mundo, na comunidade... e, acima de tudo, no lar em que vivemos."

No último domingo de março, os santos dos últimos dias uniram-se a todo o mundo cristão, para comemorar a Páscoa. Nessa ocasião, adoramos nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, e glorificamos sua ressurreição. Também agradecemos a Deus, neste dia especial de oração, pela libertação do Kuwait e pela esperança de paz duradoura no Golfo Pérsico, com o retorno das tropas às suas terras de origem.

Quando Cristo veio a este mundo, anjos proclamaram: "Paz na terra, boa vontade para com os homens" (vide Lucas 2:14). Entretanto, nos dois mil anos desde essa proclamação, pouca paz houve no mundo. Mesmo com o fim das principais hostilidades no Golfo Pérsico, ainda permanece uma ameaça à paz, em algumas nações, e grande inquietação em outras. Assim como a expiação de Cristo nos salvou da morte física e da espiritual, a paz da qual o Salvador da humanidade falou, também é física e espiritual.

Hoje quero falar desta paz espiritual oferecida por Cristo no Sermão da Montanha, quando ele nos deu a magnífica beatitude sobre paz e pacificadores. O sermão todo é um guia para nossa jornada pessoal rumo à perfeição, bem como um padrão dos muitos atributos e qualidades que devemos desenvolver na busca eterna da perfeição e paz que Jesus personifica.

Gosto de pensar na ocasião em que o sermão foi pregado pela primeira vez. Em minha imaginação, vejo uma cena de calma beleza: vejo uma tarde, no início de abril. O céu está ficando suave com o escurecer, e não há brisa. Nuvens brancas, delicados cirros, permanecem quase imóveis no límpido céu azul. E abaixo, na costa do Mar da Galiléia, suaves ondas batem de encontro aos barcos pesqueiros atracados. Grande multidão está reunida num lado da montanha. Ávidos ouvintes estão sentados na relva espalhados entre as rochas e as primeiras flores da primavera. Todos ficam calados e atentos, os semblantes se animam, os olhos se movem em direção ao Senhor, e todos escutam o Salvador lhes dizer o que precisam fazer para terem paz na vida.

Cristo, afetuosamente declara: "Bem-aventurados os pacificadores" (Mateus 5:9). Outro tradutor da Bíblia cita o Salvador, dizendo: "Felizes são os que *fazem* paz" (*The*

New Testament in Modern English, tradução de J. B. Phillips, Nova York: the Macmillan Co., 1958, p. 9; grifo nosso). Para seguir a Cristo e alcançar as bênçãos dos céus, devemos constantemente promover a paz no mundo, na comunidade, na vizinhança, e acima de tudo, no lar em que vivemos.

No meridiano dos tempos, muitos esperavam que Cristo assumisse uma posição política contra o governo romano e, assim, ofertasse a paz ao povo oprimido. Cristo verdadeiramente ofertou paz, mas não era externa nem política; ao contrário, a paz ensinada por Cristo era interna e pessoal.

Quero relatar-vos um incidente ocorrido na Guerra do Vietnã. Havia pessoas convictas de que os Estados Unidos estavam empenhados em uma guerra nobre e justificável. Entretanto, a opinião pública estava mudando, e havia opositores que afirmavam que os Estados Unidos deviam sair do Vietnã.

Naquela época, o Presidente da Igreja era Harold B. Lee. Numa conferência de área, em outro país, ele foi entrevistado por repórteres da imprensa internacional. Um repórter perguntou-lhe: "Qual é a posição da sua igreja com relação à Guerra do Vietnã?" Alguns perceberam que a pergunta era uma armadilha — uma pessoa não poderia responder a ela sem correr o grande risco de ser mal-entendida e mal-interpretada. Se o profeta respondesse: "Somos contra a guerra", a mídia internacional poderia declarar: "Que estranho... um líder religioso que é contra a posição de seu país, o qual é obrigado a apoiar, de acordo com as próprias Regras de Fé da sua igreja." Por outro lado, se o Presidente Lee respondesse: "Somos a favor da guerra", a mídia poderia questionar: "Que estranho... um líder religioso a favor da guerra?" De qualquer maneira, a resposta poderia resultar em sérios problemas, com relação à opinião pública, dentro e fora da Igreja.

O Presidente Lee, com grande inspiração e sabedoria, respondeu como um homem que conhece o Salvador: "Nós, juntamente com todo o mundo cristão, abominamos a guerra. O Salvador, porém, disse: '...que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições'" (João 16:33). E a seguir o profeta citou outra confortadora escritura de João: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá" (João 14:27). O Presidente Lee, então, explicou: "O Salvador não estava falando da paz que pode ser alcançada pelas nações por meio da força militar ou de negociações entre líderes governamentais. Ele falava da paz que podemos alcançar em nossa própria vida quando vivemos os mandamentos e vimos a Cristo com um coração quebrantado e um espírito contrito" (*Ensign*, novembro de 1982, p. 70).

Visitantes da conferência dentro do Tabernáculo.

Uma doce e terna história sobre receber paz por meio das escrituras, apareceu na revista *Ensign*, em janeiro deste ano, enviada por Carole Seegmiller. Usando alguns trechos do seu artigo, cito suas palavras: "Meu pai decidiu que nossa família devia começar um estudo intensivo das escrituras, para ajudar meu irmão Bruce a preparar-se para a missão. A meta de meu pai era ler todo o Livro de Mórmon antes da partida de Bruce, gravando nossas vozes durante a leitura... Nós nos revezaríamos, lendo cada qual um capítulo...

A família terminou de ler o Livro de Mórmon alguns meses depois... Então meu pai decidiu que deveríamos ler e gravar os quatro evangelhos do Novo Testamento. Dessa vez não concordei, argumentando que não via motivos para isso, pois poderíamos comprar fitas gravadas por leitores profissionais das escrituras... que soavam bem melhor do que nós. Ainda assim meu pai persistiu. 'Carole, um dia estas fitas serão uma grande bênção para nós...'

Jerold D. Ottley rege o coro do Tabernáculo e a congregação em um hino.

Comecei a apreciar esses momentos junto de minha família, principalmente ao ouvir meu pai expressar seu entendimento pessoal de algumas passagens das escrituras. Logo comecei a sentir a paz que advém do estudo das escrituras. Terminamos de ler os quatro evangelhos pouco tempo antes de Bruce partir para o Centro de Treinamento Missionário...

Após a partida de Bruce, percebi quão confortadoras aquelas fitas eram para meu pai. Ele sempre as ouvia, em parte apenas para ouvir a voz de Bruce, pensei, pois eles eram muito unidos. Às vezes, durante a noite, meu pai adormecia ouvindo-as, e eu sorria comigo mesma, quando o ruído familiar do gravador assinalava o término da fita...

Quando fazia mais de um ano que Bruce estava na missão, meu pai morreu serenamente de ataque cardíaco... Todos os membros da família se reuniram... exceto Bruce, que estava determinado a terminar a missão.

Naquela noite, após o funeral... eu estava deprimida. Subi para o quarto do meu pai e, abatida, sentei-me à escrivaninha. Notei o seu velho gravador; dentro dele havia uma de nossas fitas do Novo Testamento, que meu pai deve ter ouvido na noite anterior à sua morte. Comecei a voltar a fita, parando de vez em quando, na esperança de encontrar conforto ao ouvir a suave ressonância da voz do meu pai... Aprumei-me ao ouvi-lo falar:

'Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.'

Ouvi essa passagem repetidas vezes; as palavras pareciam sair e me envolver com seus braços confortantes...

A paz nos envolveu naquela noite... e, desde aquele dia, tenho experimentado a doce paz do Novo Testamento muitas e muitas vezes. Para mim, essa é a sua maior mensagem" (*Ensign*, Janeiro 1991, p. 27).

Uma das mundialmente conhecidas orações de São Francisco de Assis sugere que podemos ser instrumentos nas mãos do Salvador para transmitir paz individual às pessoas. Esta é a essência do verdadeiro "pacificador".

A oração diz:

Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio, que eu semeie amor.

Onde houver ofensa, perdão.

Onde houver dúvida, fé.

Onde houver desespero, esperança.

Onde houver escuridão, luz.

E onde houver tristeza, alegria.

Para sermos pacificadores, é importante compreendermos o que transmite paz. Paulo declara que é o Espírito: "Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz" (Gálatas 5:22). A proximidade do Senhor determinará, em grande parte, a paz, o conforto e a força renovada que sentimos,quando convidamos o Espírito a entrar em nossa vida.

Enquanto me preparava para esta conferência, um homem, cujo líder do sacerdócio havia solicitado anteriormente que eu aceitasse aquela ligação, telefonou-me. Desesperadamente ele suplicou: "Precisamos falar com alguém. Nós só precisamos encontrar um pouco de paz na vida." Provavelmente, há tantas fontes diferentes de conflitos pessoais e de falta de paz, quanto

há pessoas. As raízes podem estar na própria vida de uma pessoa ou na de um ente querido. As causas podem ser pecado, fracasso em viver os mandamentos de Deus, egoísmo, orgulho, falta de amor, falta de compromisso, ausência de disposição para sacrificar-se por outros, ou mesmo apenas ser uma vítima inocente. Não importa qual a razão, a solução para alcançar a paz é sempre a mesma: Voltar-se para Cristo; seguir seu exemplo; arrepender-se de todas as transgressões. Sua ordem às vagas encapeladas do mar: "Cala-te, aquieta-te" (Marcos 4:39), também pode ser aplicada com sua tranqüilizante influência, em nossa vida, quando enfrentamos dificuldades.

A paz pessoal e nosso nível de espiritualidade aumentarão, quando nos concentrarmos em estudar sobre Cristo e pensar nele todos os dias; quando amarmos mais intensamente e formos mais gratos a Cristo, a cada dia, por seu sacrifício expiatório; quando procurarmos melhor servi-lo ao nos envolvermos mais com a obra missionária; ao nos esforçarmos para encontrar sua ovelha desgarrada, suas moedas perdidas, seus filhos pródigos, ajudando-os a retornar ao aprisco; quando planejarmos melhor os esforços de ir ao templo freqüentemente; e ao pesquisar mais diligentemente nossa história da família. Pode haver maior paz que a do missionário dedicado, do bom pastor, do dedicado procurador e oficiante do templo?

A despeito de todos os problemas do mundo de hoje, a paz pode habitar em nosso coração, se seguirmos o Salvador. Cristo é o caminho para a paz e a verdade, a vida e a fonte da paz. Esperai firmemente em Cristo, falai de Cristo, regozijai-vos em Cristo, pregai a Cristo, vivei como Cristo gostaria que vivêsseis, e adorai a ele e ao Pai Celestial com todo o coração, poder, mente e força.

Que a paz esteja convosco — hoje e sempre — é minha oração em nome do Senhor Jesus Cristo, amém.

"Para Que Não Enfraqueçais, Desfalecendo em Vossos Ânimos"

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

"A vida foi planejada de modo a termos de '(vencer) por fé', e não por perspicácia intelectual, riqueza ou habilidade política."

Tendo sido todos fartamente alimentados por esta conferência geral, é adequado concentrarmo-nos no intento de ajudar as poucas pessoas da Igreja que continuam espiritualmente subnutridas, inclusive as que se enfraqueceram e desfaleceram em seu ânimo. (Vide Hebreus 12:3.)

Alguns desses tiveram a fé prejudicada por devastadora ou contínua enfermidade, insuportável pressão econômica, perda de um ente querido ou profundo desapontamento com o cônjuge ou um amigo. A adversidade pode aumentar a fé ou, contrariamente, fazer brotar as tristes raízes da amargura. (Vide Hebreus 12:15.) Alguns foram vencidos pelas preocupações do mundo, pelas coisas frustrantes e superficiais da vida. (Vide Mateus 13:6-7.) O apelo de Emerson é certamente apropriado: "Dá-me verdades: pois estou cansado de coisas superficiais." ("Blight", em *The Complete Writings of Ralph Waldo Emerson*, Nova York: Wm. H. Wise & Co., 1929, p. 874.) Alguns estão sobrecarregados de pecados não confessados. Uns poucos se exaurem, vagando a esmo no "vale da decisão". (Joel 3:14; vide também I Reis 18:21.) Outros, concentrando-se insensatamente em algo diferente de Jesus, o Fundamento Seguro e Verdadeiro, esgotam-se em decepções. (Vide Helamã 5:12.)

Sejam quais forem as causas precedentes, qualquer desfalecimento de ânimo provoca perda de consciência espiritual e, com ela, a inclinação de atribuir faltas a Deus.

O conselho de não nos cansarmos de fazer o bem contém prescrições para evitar tal desfalecimento. (Vide Gálatas 6:9; II Tessalonicenses 3:13; Alma 37:34.) Devemos trabalhar

consistente, mas realisticamente, e só esperar a colheita "a seu tempo". (Gálatas 6:9.) Devemos servir, sendo "brandos e humildes" (Alma 37:34), evitando assim os cansativos fardos da autopiedade e hipocrisia. Devemos orar sempre para não desfalecermos, para que nosso desempenho leve ao bem-estar de nossa alma, o que é muito mais do que agir mecanicamente. (Vide 2 Néfi 32:5, 9; D&C 75:11; 88:126.)

Mesmo quando castigados ou repreendidos com razão, não precisamos desanimar, pois na correção há renovado amor: "Filho meu, não desprezes a correção do Senhor, e não desmaies quando por ele fores repreendido;

Porque o Senhor corrige o que ama." (Hebreus 12:5-6.)

Nossa vida, portanto, pode ser cheia de fé e livre de tensões. O Presidente Wilford Woodruff nos falou a respeito da misericórdia inerente à adversidade: "Os castigos que recebemos de tempos em tempos são para o nosso bem; são esenciais para o desenvolvimento da sabedoria e ensinam-nos aquilo que só pode ser aprendido pela experiência." (*Journal of Discourses*, 2:198.)

Portanto, como podemos nós realmente esperar navegar ingenuamente pela vida, como que dizendo: "Senhor, dá-me experiência, mas não tristeza, nem pesar, nem dor, nem oposição, nem traição, e, certamente, não me deixes desamparado. Guarda-me, Senhor, de todas essas experiências que fizeram de ti o que tu és! Depois, permite-me ir viver contigo e partilhar plenamente de tua alegria!"

Servir, estudar, orar e adorar são quatro pontos fundamentais no aperfeiçoamento do "que falta à (nossa) fé". (I Tessalonicenses 3:10.) Se cessamos de nutrir nossa fé em qualquer um desses pontos específicos, tornamo-nos vulneráveis.

Deixar de estudar, por exemplo, faz com que fiquemos intelectual e espiritualmente mal nutridos. Palavras inspiradas são importantes, pois "quando um

Élderes Jeffrey R. Holland e F. Enzio Busche, dos Setenta.

homem opera pela fé ele opera... por palavras". (*Lectures on Faith*, 7:3.) Num mundo cada vez mais empedernido, o Senhor consegue penetrar nossa consciência, usando "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus". (Efésios 6:17; vide também Jarom 1:12.) O ouvir, porém, precisa ser "misturado com fé" (vide Hebreus 4:2) e com serviço cristão, conforme ouvimos repetidamente nesta conferência.

"Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?" (Mosiah 5:13.)

A falta de fervorosas orações pessoais e de profunda e genuína adoração também desgasta a fé, e poderemos "(desfalecer) no dia da aflição". (D&C 109:38.)

Grande parte do desânimo é conseqüência de carregarmos o pesado homem natural. Ao contrário de outros fardos que possivelmente carregamos, o homem natural é pesado, e ele não é nossso irmão!

Tanta coisa depende de nossa fé individual! Os apóstolos rogam: Senhor, "acrescenta-nos a fé". (Lucas 17:5.) Não nos admira, irmãos, pois devemos "(andar)por fé e não por vista". (II Coríntios 5:7.) A vida foi planejada de modo a termos de "(vencer) por fé" e não por perspicácia intelectual, riqueza ou habilidade política.

Não obstante, os que buscam as recompensas da fé ficam muitas vezes desapontados quando são instruídos a estudar, servir, orar e adorar. Como aconteceu com Naamã, o leproso, eles aparentemente esperam alguma coisa grandiosa que não requer obediência a um conselho. (Vide II Reis 5:13.)

A fé faz aumentar a "prova das coisas que se não vêem". (Hebreus 11:1.) Alguns mortais desprezam essa prova real, espiritual, porque "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura... porque elas se discernem espiritualmente". (I Coríntios 2:14), mas este provincialismo da parte de outros não nos deve privar de provas revigorantes.

A edificação da fé é muitas vezes precedida de circunstâncias favoráveis, que beneficiam aqueles que "estavam preparados para ouvir a palavra". (Alma 32:6.) Esses inícios requerem pelo menos o "desejo de acreditar"; segue-se, então, o exercício de "um pouco de fé". (Alma 32:27.)

Quando damos lugar à semente de fé e plantamo-la, ela cresce perceptivelmente. Somos revigorados à medida que ela nos ilumina e aumenta. (Vide Alma 32:28-30.) Nós nos tornamos nossos próprios auditores internos, confirmando esse aumento de fé. É bem melhor nutrir a fé segundo esse processo aparentemente comum, do que ter experiências extraordinárias, para tropeçar mais tarde na vida, diante de desafios comuns.

Nesse processo de experimentação e verificação, não podemos pular os diversos passos sagrados: "Porque não recebereis testemunho senão depois da prova de vossa fé." (Éter 12:6.)

Além do que, não se adquire fé de uma só vez: "Mas se vos descuidardes da árvore e vos esquecerdes de tratá-la, eis que não terá raiz; e quando chegar o calor do sol e a abrasar, secará por falta de raiz." (Alma 32:38.)

Vista aérea da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah. Em primeiro plano vemos o Templo de Lago Salgado. A cúpula vista ao fundo é do tabernáculo. O edifício branco com telhado circular, à direita, é o Centro de Visitantes Norte, que apresenta exposições sobre a vida voltada para o evangelho. O prédio branco, longo, de telhado quadrado, é o Centro de Visitantes Sul, que abriga exibições sobre o Livro de Mórmon.

Nosso "descuido", irmãos, assume tantas formas! Assim também o abrasador "calor do sol" é sentido de muitas maneiras.

De experiência em experiência, a fé pode ceder lugar ao conhecimento de uma coisa, isto é, à verificação particularizada de verdades do evangelho. (Alma 32:34.) Foi assim que aconteceu ao irmão de Jared: "Já não sabia pela fé, porque conhecia." Éter 3:19.) Brigham Young assegurou que "todo princípio revelado por Deus traz em si a convicção de sua veracidade para a mente humana". (Brigham Young, *JD*, p. 149.) Jesus declarou claramente que "se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus". (João 7:17.) Entretanto, Jesus descreveu o processo constante como sendo de "linha por linha, preceito por preceito". (D&C 98:12.)

Todos nós, porém nos encontramos em diferentes pontos desse processo de desejar, experimentar, verificar e saber, não é? Por isso, "a alguns é dado saber... a outros é dado crer em suas palavras". (D&C 46:13-14.)

Embora não seja um conhecimento perfeito, a fé proporciona uma profunda confiança em Deus, cujo conhecimento é perfeito! Sem isso, a resumida bagagem de experiência pessoal permite à pessoa tão poucas decisões corretas! Examinando, porém, as sagradas escrituras, temos acesso a um imenso banco de dados, um grande reservatório de lembranças. Desta maneira, as escrituras podem, como diz o Livro de Mórmon, ampliar a memória. (Vide Alma 37:8.)

A fé plenamente desenvolvida posssui diversas facetas distintas. Fé em Deus e no Senhor Jesus Cristo inclui não só fé na existência deles, mas também na sua capacidade de redenção. O Senhor nos assegurou: "Mostrarei aos filhos dos homens que sou capaz de executar o meu próprio trabalho." (2 Néfi 27:21.) Ele certamente o é! Em verdade, "todas as coisas subsistem por ele ". (Colossenses 1:17.) Não obstante, alguns duvidam de que os anunciados propósitos de Deus realmente triunfem.

A fé também inclui confiança em que Deus sabe o momento adequado para tudo, pois ele disse: "Todas as coisas deverão realizar-se no seu próprio e devido tempo." (D&C 64:32.) Ironicamente, alguns que reconhecem a existência de Deus são postos à prova pela escolha que Deus faz do momento apropriado para as coisas, tanto global como pessoalmente!

A fé inclui, igualmente, fé nos planos de Deus para o desenvolvimento do homem, pois "o Senhor julga sábio castigar a seu povo; sim, experimentar sua paciência e fé". (Mosiah 23:21.) Ainda assim, alguns de nós temos dificuldades quando o método educativo de Deus se aplica a nós! Rogamos mais que ele nos poupe do que nos santifique, não é, meus irmãos?

Temos uma promessa consoladora para esta jornada: "E qualquer homem que for pregar este evangelho do reino, e for fiel em todas as coisas, não sentirá obscurecida sua mente, nem cansada." (D&C 84:80.)

Se, porém, de tempos em tempos parecer que estamos fazendo as quatro coisas essenciais — servir, estudar, orar e adorar — e ainda assim não estivermos obtendo a devida medida das bênçãos prometidas?

Vista geral da Praça do Templo.

Primeiro, verificai "o equipamento"! Os quatro componentes são necessários, e um pode estar faltando ou funcionando mal.

Segundo, voltai a uma pergunta realmente fundamental: Tenho realmente o desejo íntimo de crer? (Vide Alma 32:27.) Francamente, alguns acham o discipulado constrangedor e o mundo, atraente. Essas pessoas estão agindo mecanicamente, sem real intenção.

Terceiro, estaremos ingenuamente esperando que Cristo venha a nós, em lugar de irmos a ele? Ele relmente espera "o dia todo" de braços abertos para acolher o arrependido. (2 Néfi 28:32; Mórmon 6:17.) Não há horário limitado de expediente, mas somos nós que temos de tomar a iniciativa de ir a ele! (Vide Lucas 15:18.)

Bem-aventurados são os mansos, porque não se ofendem facilmente, o que é particularmente importante, uma vez que "meu povo deve ser provado em todas as coisas,... e aquele que não suportar castigos não será digno do meu reino." (D&C 136:31.)

A fé genuína aceita cada vez mais essas oportunidades de crescimento. Considerando o propósito dessas provações, Deus não pode, irmãos, responder afirmativamente a todas as petições com repetidos "sim". Isto implicaria que todas as petições são corretas e espiritualmente "proveitosas". (3 Néfi 18:20; D&C 18:18; 88:64-65.) Ninguém é tão sábio! Paulo até reconheceu que, às vezes, "não sabemos o que havemos de pedir como convém". (Romanos 8:26; vide também D&C 46:30.)

No decorrer do tempo, por exemplo, nossas inconsistências pessoais poderão ficar inconvenientemente claras. De que outra forma havemos de ver o que nos falta? O refinamento espiritual não é apenas apurar o imperfeito, mas continuar refinando o que já é refinado! Daí, diz Pedro, não pensarmos que a "ardente prova" seja uma "coisa estranha". (I Pedro 4:12.)

Precisamos de fé verdadeira, entretanto, para suportar esse necessário mas penoso processo de desenvolvimento. Quando as coisas acontecem, às vezes publicamente, sejamos misericordiosos uns com os outros. Certamente não criticamos pacientes hospitalizados na unidade de terapia intensiva, por estarem pálidos e preocupados. Por que, então, criticar aqueles que se recuperam de uma cirurgia da alma? Não há necessidade de arregalarmos os olhos; os pontos da cirurgia acabarão caindo. E nesse hospital, também, é importante que todos se lembrem de que o relatório médico não é o paciente. Não precisamos entender plenamente os problemas de uma pessoa para estender-lhe nossa misericórdia! A empatia pode não ser apreciada nem retribuída, mas ela nunca é vã.

Quando tomamos decisões insensatas, se temos uma fé frágil, não só exigimos ser salvos, mas queremos ser salvos em particular, depressa e sem dor — ou, pelo menos, que o castigo não passe de "uns poucos açoites" (2 Néfi 28:8). Irmãos, como poderemos ser realmente perdoados, sem antes nos sentirmos responsáveis? Como poderemos aprender com nossas experiências, a menos que as reconheçamos?

Na provação da fé, às vezes nos sentimos abandonados por Deus. A verdade é que nosso comportamento é que nos isolou dele. E quando começamos a sentir as conseqüências dos erros e estamos justamente abandonando-os, mas ainda não nos voltamos totalmente para Deus, que podemos ter essa sensação de abandono.

Nenhuma parte do andar pela fé é mais difícil do que o caminho do arrependimento. Entretanto, com "fé para o arrependimento" (Alma 34:16), poderemos afastar o obstáculo do orgulho e implorar misericórdia a Deus. A pessoa simplesmente se "entrega", preocupada apenas com o que Deus pensa e não com o que "os outros" pensam.

Uma conseqüência da fé no Senhor é o apoio aos seus líderes ungidos, como fizemos nesta conferência de abril. Os membros fiéis da Igreja têm o que Pedro chama de "caridade fraternal" (I Pedro 1:22). Em união, mas não de modo perfeito, os apoiados executam a obra para a qual Deus os chamou. Como foi com Joseph Smith, assim é com os que o sucederam. A promessa persiste, isto é, o povo da Igreja nunca será desencaminhado pelo "testemunho de traidores". (D&C 122:3.) Os fiéis, porém, sabem algo sobre determinação divina. Sabem que os propósitos do Senhor acabarão triunfando, pois "não há nada que o Senhor teu Deus proponha em seu coração a fazer que não fará". (Abraão 3:17.) Desta divina determinação e desse divino amor eu alegre e publicamente testifico, no santo nome de Jesus Cristo, amém.

SEU REINO DOS ÚLTIMOS DIAS FOI ESTABELECIDO

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

O Presidente Benson testificou: "O Senhor revela agora, e continuará a revelar, por meio de canais por ele designados, tudo o que for necessário para o futuro desenvolvimento e aperfeiçoamento da sua Igreja."

Recebemos um telefonema, informando que o Élder Derek Cuthbert acaba de falecer. Estivemos orando por ele. Élder Cuthbert serviu bem, fervorosa e diligentemente, como membro do Primeiro Quorum dos Setenta — foi chamado para ser Autoridade Geral da Igreja há alguns anos. Ele se converteu à Igreja em Nottingham, Inglaterra, e foi leal e fiel em todos os aspectos. Cumpriu designações no Continente Americano e em outras áreas do mundo. Estendemos à sua querida esposa Muriel e família, o amor, a solidariedade e as condolências de toda a Igreja, e estou certo de que, ao encerrarmos esta conferência, o Presidente Benson gostaria de abençoar a família Cuthbert, de modo muito especial.

Habitualmente, é o Presidente da Igreja quem encerra a conferência. Nosso coração vibraria de alegria se o Presidente Benson pudesse levantar-se e falar com poder e inspiração, como fez tantas vezes no passado. Devido a condições inerentes à idade, ele está impossibilitado de discursar. Designou-me para abençoá-los em seu nome ao final desta conferência. Creio que ele gostaria que expressasse seu amor por vós, nossos irmãos, onde quer que estejais no mundo. Ele nos daria sua bênção, a bênção de um profeta.

Transmitir-vos-ei algumas de suas próprias palavras, para que nelas mediteis, ao partirdes para vossos lares.

"Eu vos declaro solenemente que o Senhor estabeleceu seu reino dos últimos dias na terra, em cumprimento às profecias dos antigos profetas e apóstolos. Santos anjos comungaram novamente com os homens na terra. Deus se revelou novamente, dos céus, e restaurou à terra o santo sacerdócio, com poder para administrar todas as ordenanças sagradas necessárias para a exaltação de seus filhos. Sua igreja foi restabelecida, com todos os dons espirituais desfrutados na antigüidade.

Tudo isto se realizou em preparação para a segunda vinda de Cristo. O grande e terrível dia do Senhor está próximo. Em preparação para esse grande evento, e como um meio de escapar dos iminentes julgamentos, mensageiros inspirados têm ido às nações da terra, levando seu testemunho e advertência" (Relatório Oficial da Conferência Geral de Área para Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia, 18 de agosto de 1974, pp. 128-129).

Espero que vejamos... a mão do Senhor levando avante seu reino, para cumprir rapidamente os seus desígnios...

O Senhor revela agora, e continuará a revelar, por meio de canais por ele designados, tudo o que for necessário para o futuro desenvolvimento e aperfeiçoamento da sua Igreja" (Reunião Interdepartamental, 15 de março de 1977).

Estas palavras são o conselho de nosso Presidente e profeta. Desejo salientá-las ao encerrarmos esta grandiosa conferência anual.

Às suas palavras acrescento as minhas como testemunho de alguém que conheceu de perto sete Presidentes da Igreja e com eles trabalhou por mais de meio século. Sei que todos eles são homens de Deus, por ele levantados, treinados e fortalecidos, educados e disciplinados para os grandes, singulares e extraordinários chamados recebidos. Nosso povo tem sido abençoado por seguir seus conselhos. Continuaremos a ser abençoados se andarmos nas trilhas que eles indicam e continuarão a indicar. Neste momento em que retornamos a nossos lares, lembremo-nos das palavras aqui ouvidas. Que Deus vos abençoe, que seu Santo Espírito permaneça convosco, em vossos lares e em vosso coração, e que possais ter motivos para vos ajoelhar em oração, com ações de graça, por serdes abençoados com a luz do evangelho. Estou certo de que o Presidente Benson assim oraria por vós, e eu o faço em seu lugar, por meio de testemunho e bênção. Em nome de Jesus Cristo, amém.

Novas Autoridades Gerais Chamadas

Cinco membros do Segundo Quorum dos Setenta foram apoiados para o Primeiro Quorum dos Setenta no transcorrer da 161ª Conferência Geral Anual e mais seis membros foram acrescentados ao Segundo Quorum dos Setenta.

Os Élderes Monte J. Brough, Harold G. Hillam, L. Lionel Kendrick, Alexander B. Morrison e L. Aldin Porter foram transferidos do Segundo para o Primeiro Quorum dos Setenta.

Élder Brough, 51 anos, natural de Randolph, Utah, foi chamado em outubro de 1988 e, atualmente, é o segundo Conselheiro na Presidência da Área Asiática. Élder Hillam, 55 anos, de Sugar City, Idaho, foi chamado em março de 1990 e está servindo como primeiro conselheiro na Presidência da Área Brasileira. Élder Kendrick, 59 anos, natural de Baton Rouge, Louisiana, foi chamado em abril de 1988 e serve como Presidente da Área Filipinas-Micronésia. Élder Morrison, 60 anos, de Edmonton, Alberta, Canadá, foi chamado em abril de 1987 e serve como primeiro conselheiro na Área América do Norte-Sudeste. Élder Porter, 59 anos, natural da Cidade do Lago Salgado, Utah, foi chamado em abril de 1987 e está servindo atualmente como Presidente da Área Utah Sul e como Diretor Executivo Assistente no Departamento de História da Família.

Foram também apoiados na Conferência o Élder Earl C. Tingey, como membro do Primeiro Quorum dos Setenta, e os Élderes W. Mack Lawrence e Rulon G. Craven, como membros do Segundo Quorum dos Setenta. Estes chamados foram anunciados no mês de dezembro.

Como novos membros do Segundo Quorum dos Setenta, foram apoiados os Élderes Dennis B. Neuenschwander, Cree-L Kofford, Joseph C. Muren, Graham W. Doxey, Jorge A. Rojas e Julio E. Dávila.

Élder Monte J. Brough

Élder Harold G. Hillam

Elder L. Lionel Kendrick

Élder Alexander B. Morrison

Élder L. Aldin Porter

Élder Dennis B. Neuenschwander
Dos Setenta

"Acho que temos a capacidade de sonhar juntos, e de nos sacrificarmos para alcançar as coisas com que sonhamos", reflete o Élder Dennis B. Neuenschwander. Essa habilidade de visualizar o resultado final e de desfrutar de qualquer atividade em que se envolvam, tem sido vital para o Élder Neuenschwander e sua esposa, LeAnn. Eles continuarão a utilizar esses talentos enquanto Élder Neuenschwander cumpre sua nova designação como membro do Segundo Quorum dos Setenta.

O Élder Neuenschwander nasceu na Cidade do Lago Salgado em 6 de outubro de 1939, segundo filho dos quatro de George Henry e Genevieve Branwell Neuenschwander. Sua família mais tarde se mudou para Ogden, onde Dennis se formou na Escola Secundária de Ogden, em 1957. Após seis meses de serviço ativo na reserva da aeronáutica, ele aceitou o chamado de cumprir missão na Finlândia. Como não havia um Centro de Treinamento Missionário na época, os missionários faziam um curso do idioma ao chegarem ao país designado. Depois de onze meses de proselitismo, o Irmão Neuenschwander passou o restante da missão ensinando finlandês aos demais élderes.

Seu interesse por línguas continuou ao voltar para casa. Estudou russo, licenciando-se pela Faculdade Estadual Weber, bacharelou-se pela Universidade Brigham Young (1966), e doutorou-se em filosofia pela Universidade de Siracusa (1974).

Nesse meio tempo, o Irmão Neuenschwander conheceu LeAnn Clement. Quando sua unidade da reserva foi ativada durante a crise dos mísseis de Cuba, ele decidiu usar lentes de contato. LeAnn era a assistente do optometrista. "Ele não enxergava sem óculos, por isso não sabia o que estava arranjando", diz irmã Neuenschwander, sorrindo. Casaram-se em 13 de junho de 1963 no Templo de Lago Salgado e os Neuenschwander têm quatro filhos: Jeffery, Michael, Bradley, e Stephen.

Após a formatura, o Irmão Neuenschwander ensinou russo na Universidade de Utah e na Universidade Brigham Young, depois trabalhou no Departamento Genealógico da Igreja, no qual começou projetos de microfilmagem na Europa Ocidental. Sua família acompanhou-o a Frankfurt, Alemanha, para cumprir aquela designação de cinco anos. Então, ele voltou à sede da Igreja, como gerente de departamento da área internacional da Divisão de Compras.

Durante todos esses anos, o Irmão Neuenschwander foi professor da Escola Dominical, líder da obra missionária da ala, e sumo conselheiro. "Ele tem um grande amor às pessoas", afirma sua mulher. "Ele é calado, porém forte, aceita desafios e trabalha arduamente — não importa o que esteja fazendo."

Em 1987 o Irmão Neuenschwander foi chamado para presidir a Missão Áustria Viena Oriental, que incluía a Polônia, Checoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Grécia, e depois o Egito, a Turquia, e Chipre. "Costumávamos falar brincando que outros presidentes de missão tinham de pedir permissão para saírem de suas missões", diz ele, "e nós tínhamos que pedir para entrar na nossa".

Naquela posição, o Presidente Neuenschwander trabalhou estreitamente com o Élder Russell M. Nelson e o Élder Hans B. Ringger para que os países do bloco oriental reconhecessem a Igreja, e mais tarde para chamar missionários e organizar ramos. "Foi incrível ver como as pessoas têm aceitado o evangelho", afirma o Élder Neuenschwander. "As décadas de ateísmo não puderam erradicar o que se achava plantado no fundo de nossas almas — o desejo de crer, de servir, de ser feliz e produtivo — todas as coisas que o evangelho representa."

Quando a missão da família Neuenschwander chegava ao final, a Primeira Presidência lhes pediu que ficassem mais um ano — considerando que sua missão havia sido desmembrada em quatro, e dirigisse a obra missionária na Bulgária, Romênia e partes da URSS, e que continuasse a supervisionar a Iugoslávia.

Os anos que viveram longe dos familiares ajudaram os Neuenschwander a desenvolver um estreito relacionamento entre eles e com pessoas de muitas nações. Eles gostam de convidar os amigos para jantar e conversar, e os jantares à luz de velas são uma tradição na família. "Nossa casa está sempre aberta", afirma o Élder Neuenschwander. "Tem sido uma experiência muito educativa para nós e nossos filhos. Temos procurado usar nosso tempo e recursos em *experiências* ao invés de coisas, e tem sido uma alegria levar nossos filhos conosco a quase todos os lugares por onde temos viajado."

Com o sucesso de Élder Neuenschwander está a sua convicção da divindade do Salvador e da restauração do evangelho. "Tenho visto o poder do evangelho manifestar-se de forma extraordinária", diz ele. "Ele modifica vidas, atitudes e valores — tudo para o melhor. Não podemos conviver com esse tipo de poder sem apreciar sua força."

Élder Cree-L Kofford
Dos Setenta

Certa noite, no inverno de 1951, os estudantes da escola secundária Cree-L Kofford e Ila Macdonald sentaram-se à mesa da cozinha da casa dela e conversaram sobre o significado da vida. Ila, o único membro da família ativo na Igreja, prestou testemunho ao amigo. Cree (como é conhecido por todos), um membro menos ativo, depois daquela conversa, decidiu que iria "levar a sério o que era importante na vida — ou seja, o evangelho".

"Minha conversão ao evangelho começou literalmente na mesa da cozinha de Ila", diz Élder Kofford. "Ela ensinou-me a respeito da retidão, depois, gentilmente me levou a ansiar por essa virtude em minha vida. Meu testemunho cresceu gradualmente. Um dia, então, anos depois, lembro-me de ter acordado certa manhã e dito a mim mesmo, 'Esta *é* a coisa mais importante na minha vida'."

Na infância o Élder Kofford viveu uma grande variedade de experiências que o prepararam para aceitar o evangelho e trabalhar efetivamente em seu novo chamado. Nascido em Santaquin, uma pequena cidade de Utah, em 11 de julho de 1933, Cree-L foi o mais velho dos três filhos nascidos de Cree e Melba Nelson Kofford. A família viveu em inúmeras cidades dos estados de Nevada, Utah e Califórnia durante a infância de Cree, pois seu pai trabalhava no ramo de construções. Aos nove anos de idade Cree mudou-se com a família para uma fazenda em Fairfield, Utah, onde trabalhou muitas horas com o pai. Os dois apreciavam a oportunidade de passar o tempo juntos, na fazenda, já que os trabalhos de construção em Nevada às vezes os mantinham separados. "Estes foram os anos da II Guerra Mundial", lembra o Élder Kofford, "e não podíamos comprar equipamentos agrícolas. Tínhamos que usar cavalos e arados à moda dos pioneiros. Era como retroceder cem anos no tempo, e realmente aprendi o valor do trabalho árduo."

Três anos depois, o pai de Cree aceitou um trabalho como operário de construção. "Nossa família mudou-se de um lugar para outro em Nevada e na Califórnia", diz Élder Kofford. "Cresci em algumas das piores. E éramos totalmente inativos na Igreja."

Chegando aos quinze anos, porém, a família de Cree mudou-se para Orem, Utah, onde ele encontrou Ila Macdonald. Três anos depois de sua "conversa à mesa da cozinha", Cree e Ila se casaram no Templo de Manti, em 11 de setembro de 1953. Cree formou-se pela Universidade de Utah em 1956, e lecionou na escola secundária, em Orem, Utah, enquanto economizava dinheiro para estudar Direito. Quando os Kofford se mudaram para Los Angeles, Cree estudava à noite na Universidade do Sul da Califórnia, e lecionava na escola secundária em San Marino. Recebeu um doutorado em ciências jurídicas em 1961. durante os anos em que o Irmão Kofford trabalhou para montar seu escritório de advocacia, ele ensinou no seminário diário em Monrovia.

Por mais de trinta anos os Kofford viveram em Monrovia e Arcadia, Califórnia, onde criaram seus cinco filhos: Sandy (Kim Chang), Jane (Ford), Bradley, e Quinn, que agora estão casados; e Tracy que atualmente serve na Missão Texas Houston Leste. Sempre disposto a servir na Igreja, o Élder Kofford tem combinado suas responsabilidades familiares e profissionais com os chamados como bispo da Ala de Monrovia, presidente de estaca (duas vezes) e Representante Regional. Seus passatempos são a boa literatura e os cavalos de passeio do Tennessee.

"Às vezes Cree volta para casa extenuado do trabalho", afirma Ila, "mas veste uma calça jeans, calça as botas, põe um chapéu de caubói e vai cavalgar nas montanhas. Quando volta, após haver cavalgado por uma hora, ele é outra pessoa."

Atualmente servindo como presidente da Missão Nova York Nova York, o coração do Élder Kofford está repleto com o testemunho de que o evangelho pode ajudar os membros da Igreja a enfrentarem os desafios de viver na cidade grande. "Temos oito milhões e meio de pessoas em nossa missão", diz o Élder Kofford, "e presencio continuamente mudanças dramáticas na vida dos mais de cem membros que nossos missionários batizam a cada mês."

Ila Kofford compartilha do entusiasmo do marido pela obra missionária. "Acho que a obra missionária é o máximo em serviço na Igreja", declara ela. "É difícil descrever o poder de uma reunião sacramental em Queens, quando os membros da ala, das mais diferentes procedências, cantam o hino 'Creio em Cristo' — cada um em seu idioma nativo. Sou uma pessoa comum, mas estou vivendo experiências extraordinárias graças aos missionários e aos membros da nossa Missão Nova York."

Por sua vontade de servir, o testemunho de Élder Kofford aumentou muito desde aquela noite em março de 1950. "Farei tudo o que me pedirem", diz Élder Kofford, "mas se me for dado escolher, quero o trabalho mais difícil que puderem designar-me, pois então certamente terei de dar o melhor de mim a fim de enfrentar o desafio."

Élder Joseph C. Muren
Dos Setenta

Joseph C. Muren e sua esposa, Gladys, pertencem a uma primeira geração de membros da Igreja. "Sem termos crescido na Igreja, às vezes perguntamos um ao outro, 'Estamos agindo corretamente?'" diz Joseph Muren com um sorriso.

Após ter sido chamado e apoiado como membro do Segundo Quorum dos Setenta na conferência geral, Élder Muren afirmou que ele achava que ser um converso da Igreja provavelmente seria melhor para relacionar-se com outros conversos, especialmente agora que a cada ano o número de conversos que se filiam à Igreja é quatro vezes maior que os que nascem nela.

Nascido em Richmond, Califórnia, em 5 de fevereiro de 1936, Joseph foi criado num lar católico. Sua mãe era de descendência italiana e o pai de descendência iugoslava. A Irmã Muren, em solteira Gladys Smith, vem de uma família metodista de Colusa, Califórnia, cidade situada a 160 quilômetros ao norte de São Francisco.

Joseph freqüentou a Universidade Estadual de San José, onde um companheiro de quarto o convidou a assistir as aulas do instituto. "Durante os dois anos e meio seguintes, a maior parte de minha vida social esteve ligada aos santos dos últimos dias", lembra Élder Muren. "Interessei-me tanto que aceitei as palestras, mas prometi a meus pais que só me batizaria aos vinte e um anos."

Leitor assíduo, Joseph devorou todo livro ou folheto que os missionários lhe entregaram. Pouco antes de completar vinte e um anos ele foi batizado, desistindo de herdar os negócios de seu pai, o que abalou o relacionamento com a família, que achava que deixar a religião católica significava abandonar a família.

Na juventude, Joseph havia considerado tornar-se padre. "Eu queria ficar perto de Deus, dar minha vida para servi-lo, mas também almejava ter uma família", explica o Élder Muren.

Um ano após o batismo, quando também se formou pela universidade de San José, ele interrompeu sua carreira de professor para cumprir missão na Argentina, acrescentando ao seu conhecimento do idioma italiano, o do espanhol. Terminada a missão, lecionou matemática e inglês, enquanto fazia pós-graduação na Universidade de San José. Foi nessa época que Gladys começou a assistir às aulas do instituto com sua companheira de quarto e logo foi batizada. Os Murens casaram-se em 1963, no Templo de Los Angeles. No ano seguinte o Irmão Joseph Muren começou o doutorado na Universidade do Sul da Califórnia, completando-o em 1969.

"Foi na Faculdade de El Camino que comecei a ensinar no programa do instituto", recorda ele. Seguiu-se uma carreira de quatorze anos no Sistema Educacional da Igreja, levando a crescente família Muren da Faculdade Estadual de Stanford de Long Beach para a Faculdade Estadual de Weber. De 1977 a 1980 eles viveram na Costa Rica, onde Joseph foi presidente de missão, e onde nasceu a sexta filha do casal, Natasha. A família depois se mudou para a América do Sul, onde Joseph serviu durante sete anos como Diretor para Assuntos Temporais (DTA) no Peru e depois na Argentina. Um Diretor para Assuntos Temporais trabalha sob a direção de Presidências de Área, administrando os aspectos materiais da Igreja na região. Após esta designação, ele serviu nesse mesmo cargo em Sidney, Austrália, para a Área do Pacífico.

Os outros cinco filhos do casal são Cynthia (Basset), de Houston, Texas; Michael, de vinte e dois anos, estudante da Universidade Brigham Young; Michelle, de vinte anos, que estuda na Faculdade SUD de Administração na Cidade do Lago Salgado; Tricia, de dezenove anos, estudante da Universidade de Utah; e Marshawn, de dezessete anos. Marshawn e Natasha moram na Inglaterra com o Irmão e a irmã Muren, onde ele serve, desde 1989, como DTA para a Área do Reino Unido, Irlanda e Africa.

Pode-se dizer que, tanto ser um converso, como trabalhar nos assuntos internacionais da Igreja o capacitarão a servir efetivamente em seu novo chamado. Os que o conhecem bem, entretanto, afirmam que as qualificações de Élder Muren para servir e liderar nada têm a ver com aquelas duas características.

"Ele é um homem de grande fé, que nos tem ensinado como é importante confiar plenamente no Senhor", afirma irmã Muren. "Ao vê-lo dar conselhos — seja como pai, bispo ou professor — vejo que ele tem o dom incomum para aconselhar."

"Meu pai é muito entusiasta e impressiona fortemente ao falar com alguém", acrescenta Michelle. "Ele é o homem mais compreensivo com quem já conversei." Ela descreve a hora do jantar da família como "longa e maravilhosa. Provavelmente aprendemos mais naquelas conversas do que em todas as aulas que já assistimos.

Tudo desde os acontecimentos do mundo aos sentimentos pessoais vinham à tona. Que maravilhosa influência ele tem sido em nossa vida e na de tantas outras pessoas!"

Iniciando à mesa do jantar, continuando depois ao lecionar no instituto e na Semana Educacional, e mais tarde ao administrar os assuntos temporais, Joseph C. Muren tem compartilhado seu testemunho de Jesus Cristo. Agora, como membro dos Setenta, essa influência continuará a ser sentida em toda a Igreja.

Élder Graham W. Doxey
Dos Setenta

Tom, o avô de Graham W. Doxey, filiou-se à Igreja na Inglaterra, e quando jovem e órfão, emigrou para Utah. Tom cresceu vivendo sozinho e determinou-se a dar prioridade à família. Duas gerações depois o Élder Doxey herdou essa mesma determinação.

"A família é realmente a única associação eterna", explica Élder Doxey, recentemente chamado para o Segundo Quorum dos Setenta. "Os outros relacionamentos na vida são fugazes, assim, por que não concentrar a atenção na única unidade que irá perdurar? Se não pudermos aprender a apreciar estar juntos nesta vida, estaremos em apuros na vida futura."

Esse compromisso com a família é compartilhado pela esposa do Élder Doxey, Mary Lou Young Doxey, cujo maior sonho na vida, ter uma dúzia de filhos, cumpriu-se em 1974 com o nascimento de Mary Kim. Naquela época o Irmão Doxey tirara uma licença de três anos, da firma de administração imobiliária de propriedade dele e de seus dois irmãos, para servir como presidente da Missão Missouri Independence.

Além de Mary, os outros onze filhos dos Doxey são Diane (Jones), Carol (Richards), Marilee (Page), Graham, Robert, Lisa (Patch), Scott, Meg (Boud), Amy, que morreu na infância, Becky (Schettler), e Sarah. Atualmente a grande família está espalhada de Nova York ao Arizona.

Os Doxey sempre gostaram de viajar juntos e consideram os três anos que passaram no Missouri como maravilhosos anos de união. Recentemente, os membros adultos da família também têm participado de "conferências familiares" de três dias.

"Decidimos que se é bom para a Igreja realizar conferências, também deve ser bom para nós", afirma o Élder Doxey. As conferências da família têm sido realizadas no Missouri, em Illinois, e nas montanhas de Utah.

Essas conferências, porém, são apenas extensão de uma tradição iniciada anos atrás. As tardes de domingo geralmente eram dedicadas a sessões de ensino familiar, quando o Irmão Doxey reunia os filhos ao redor da mesa de jantar ou em um cobertor colocado à sombra das árvores.

"Ele os ensinava, usando as escrituras ou uma história, a respeito de um princípio ou perspectiva eterna", lembra irmã Doxey. "Seu maior prazer na vida é ensinar os filhos a apreciarem o evangelho e o mundo em que vivemos."

Élder Doxey aprendeu a gostar dessas coisas ao crescer na Cidade do Lago Salgado. Nascido em 30 de março de 1927, Graham era o segundo filho de Graham H. e Leone Watson Doxey. Aos dezesseis anos de idade, Graham mudou-se com a família para Louisville, Kentucky, onde seu pai foi presidente de missão. Após formar-se na escola secundária, passar um ano na Universidade de Louisville e servir dezoito meses na Marinha, Graham voltou à Cidade do Lago Salgado.

No primeiro domingo que passou em casa ele conheceu sua futura esposa. Embora tivessem crescido na mesma ala, ela era três anos mais jovem que ele. "Nunca havia reparado muito nela antes", observa o Élder Doxey. Os dois se encontraram apenas algumas vezes antes de Graham partir para servir na Missão dos Estados do Atlântico Central.

Durante os dois anos seguintes, porém, o casal correspondeu-se freqüentemente. "Quando voltei para casa em outubro de 1949, gostávamos bastante um do outro", afirma Élder Doxey. Eles se casaram no Templo de Lago Salgado em 22 de junho de 1950 e foram morar no Vale do Lago Salgado.

Foi durante a missão que Irmão Doxey leu todo o Livro de Mórmon pela primeira vez. "Jamais esquecerei o que senti certa noite quando o lia sentado na cama", recorda ele. "Eu estava lendo alguma parte perto da promessa de Morôni, quando a veracidade do livro me envolveu como um manto. Lembro-me de como foi emocionante. Cheguei a tremer de entusiasmo.

Quando voltei da missão, eu sabia que o evangelho era verdadeiro porque julgava poder prová-lo por intermédio das escrituras", continua ele. "Dentro em pouco, porém, o evangelho não era verdadeiro somente em virtude das escrituras; era-o porque podia vê-lo operar na vida das pessoas com quem trabalhei e servi."

O serviço na Igreja tem sido uma parte importante da vida de Élder Doxey. Além de presidente de missão, serviu como bispo, presidente de estaca, selador do templo, e conselheiro na Presidência Geral dos Rapazes.

"Toda oportunidade de servir na Igreja ajuda-nos a refinarmos nosso testemunho. Sei que o Senhor vive, e será para mim uma grande emoção prestar testemunho às pessoas do mundo inteiro", afirma.

"Esta nova oportunidade é grandiosa e humilde, mas faz-me pensar em ovelhas e potros recém-nascidos tentando manter-se em pé. Estou tentando manter-me em pé. Sei que o conseguirei e darei ao Senhor tudo o que tenho."

Élder Jorge A. Rojas
Dos Setenta

Quando jovem, Jorge Rojas estava determinado a aprender inglês, mesmo se fosse preciso estudar nos livros SUD e assistir às reuniões da Igreja.

As lições que ele aprendeu no processo, levaram-no a uma vida de serviço à Igreja, e o Élder Rojas foi apoiado como membro do Segundo Quorum dos Setenta no dia 6 de abril deste ano.

A resposta natural a seu chamado, disse ele, é "perguntar a si mesmo, 'Que posso fazer? Como posso servir?' "

Sua resposta: "O mais importante para mim agora é descobrir o que o *Senhor* quer que eu faça, depois ter fé e coragem para fazê-lo."

Jorge Alfonso Rojas é filho de Rodolfo e Hilária Ornelas Rojas e nasceu em 20 de setembro de 1940, em Delicias, Chihuahua, México. Passou a infância na cidade de Chihuahua, capital de um dos estados do norte do México. Foi lá que um impaciente professor lhe disse que ele nunca aprenderia inglês. Determinado a aprender, Jorge persuadiu o pai a enviá-lo à Academia Juarez, escola bílingüe de propriedade da Igreja, na Colônia Juarez.

O pai de Jorge mandou-o para o norte do México, morar com Bertha e Willard Shupe, descendentes de pioneiros SUD. Ele passou a considerá-los como seus segundos pais. A irmã Shupe era a diretora da escola primária que funcionava na academia. Ela lhe deu livros da Igreja para que estudasse inglês, e insistiu que aprenderia mais rapidamente se freqüentasse as reuniões da ala com eles.

Como professora, a irmã Shupe era muito exigente. Graças a afetuoso, porém rigoroso ensino, Jorge venceu uma competição de conhecimentos de escritura na academia, mesmo sendo o único participante não-membro.

Com os ensinamentos que recebeu dos Shupe e no seminário, ele adquiriu um testemunho do evangelho e foi batizado aos dezenove anos.

Estudando dia e noite, Jorge formou-se pela Universidade de Chihuahua em educação e educação física. Ganhou uma bolsa de estudos para estudar na Universidade Estadual do Novo México, no outro lado da fronteira. Quando lá se encontrava, foi convidado a lecionar na Escola Benemerito, de propriedade da Igreja, na Cidade do México, quando de sua inauguração em 1964.

Ele conhecera Marcela Burgos anos antes na Colônia Juarez, mas foi quando ela estudava na Benemerito que eles se conheceram melhor. Ela formou-se no magistério em 1969, e se casaram alguns dias depois, em 22 de agosto, no templo do Arizona.

O Irmão Rojas trabalhou para a Igreja, primeiro no Sistema Educacional, depois nos escritórios administrativos, até meados de 1980, quando sua família voltou a morar em Chihuahua, onde ele tinha interesses comerciais. Em 1988, ele e a esposa montaram um escritório de tradução de manuais técnicos, para firmas dos Estados Unidos com fábricas no México.

Os serviços que prestou à Igreja são extensos e diversos. Um dia depois de chegar à Cidade do México, em 1964, ele foi chamado como superintendente do programa dos Rapazes da estaca. Desde aí, tem servido constantemente em um ou outro chamado da Igreja, inclusive como presidente de ramo, sumo conselheiro, conselheiro na presidência da estaca, presidente de estaca (duas vezes), Representante Regional (duas vezes), e presidente de missão.

De seus cinco filhos, o mais velho, Jorge, de vinte anos, está servindo na Missão Michigan Lansing; Marcela, dezessete, Guilhermo, dezesseis, Ivy, treze, e Samuel, dez, estão com a família.

A Irmã Rojas também serviu nos mais diversos chamados na Igreja, mais recentemente na presidência da Sociedade de Socorro da estaca e como professora da classe de Doutrina do Evangelho. Ela afirma, porém, que em sua vida, a família é sua prioridade. O Élder Rojas diz que ela é uma "excelente mãe, com forte testemunho", e afirma ser ela seu maior apoio nesta terra.

Ela, no entanto, observa que "ele depende completamente do Senhor" em seu serviço na Igreja e trabalhos cotidianos. Ele é "muito positivo. Para ele não existe a palavra *impossível*."

Concentrar o ensino no Livro de Mórmon tornou-se parte de sua vida ao presidir a Missão México Guadalajara. Enfrentando dificuldades para resolver alguns problemas na missão, ele teve a inequívoca inspiração de "utilizar o Livro de Mórmon".

Ele é, afirma Élder Rojas, um livro escrito para a nossa época pelos ancestrais do povo mexicano. "O Livro de Mórmon nos ensina a vestir as roupas de trabalho, arregaçar as mangas e juntar-nos ao exército de portadores do sacerdócio e irmãs valorosas, em preparação para a segunda vinda do Senhor."

Élder Rojas espera que sua parte do trabalho exija muito de si, e afirma que não poderia considerar-se qualificado para o chamado em virtude de qualquer habilidade ou realização pessoal. Sente ele, contudo, a tranqüila certeza de que seu chamado veio do Senhor, e que "ele me ajudará".

Élder Julio E. Dávila
Dos Setenta

Quando Julio Dávila conheceu missionários SUD em 1968, parecia que uma parte dele queria participar do evangelho e a outra queria opor-se. Ele não quis envolver-se com a Igreja por várias razões.

Ninguém em sua terra natal, Colômbia, que conheça o Élder Julio Dávila hoje, duvidaria de seu compromisso com o evangelho. Quando foi apoiado para o Segundo Quorum dos Setenta, em 6 de abril de 1991, ele considerou o chamado apenas uma maneira de estender sua responsabilidade de partilhar o evangelho a uma área maior.

No início, ele não tinha exatamente um grande desejo de fazer parte da Igreja. Contrariado quando os missionários o pressionaram para que estudasse o evangelho, decidiu recusar-se a conversar mais com eles, mas descobriu que não podia fazer isso por causa do espírito que sentia quando eles estavam presentes.

E então havia o dízimo. Ele disse à esposa que não podia ser batizado porque seu salário não iria "esticar" para incluir o dízimo. Sabia, porém, que o evangelho era verdadeiro. Ele e a esposa conversaram a respeito de serem batizados ou não durante grande parte de uma noite passada em claro. Por fim, ao amanhecer, ajoelharam-se e oraram sobre o assunto. Depois, ele conseguiu adormecer, mas teve um sonho no qual viu uma mão escrevendo números num quadro-negro — seu salário, e depois o custo de despesas desnecessárias. As coisas que ele poderia eliminar de sua vida chegavam a mais de um décimo de sua renda.

Ele disse aos missionários que, depois do batismo, não seria chamado de "irmão", não participaria da obra missionária, e não aceitaria um chamado. Depois, porém,uma sugestão sua lhe trouxe responsabilidade no ramo ainda antes do batismo, e logo o "irmão Dávila" estava levando o evangelho a outras pessoas entusiasticamente. Ele e a esposa, desde essa ocasião, trouxeram muitos parentes e amigos para a Igreja.

Ele é naturalmente expansivo, e seu senso de humor quebra o gelo no relacionamento com outras pessoas, diz a esposa, Mary. "Ele tem muita espiritualidade", e é muito sensível às necessidades das pessoas, acrescenta ela.

Julio Enrique Dávila é filho de Julio Dávila e de Ana Rita Peñaloza, nascido em 23 de maio de 1932 em Bucaramanga, Colômbia, mas criado em Cartagena. Formou-se em uma faculdade que ministrava cursos de variadas profissões; seus estudos abrangem jornalismo, relações públicas, propaganda e publicidade, e também eletrônica, quando relacionada às artes gráficas e à publicações. Quando terminou os estudos, mudou-se para Bogotá, onde trabalhou durante vários anos na indústria jornalística e na publicação de livros e revistas. Certa ocasião, foi dono de uma editora.

Não muito tempo depois de mudar-se para Bogotá, conheceu uma vizinha, Mary Zapata, a quem achou particularmente atraente. Casaram-se em 23 de maio de 1958.

Foram selados no Templo de Lago Salgado em 1973, cinco anos após o batismo. A viagem dos Dávilas a Utah foi um presente do amigo de um amigo no ramo de turismo; o doador, que não os conhecia, estipulou que o casal não deveria contar a ninguém nem ter qualquer contato com ele. Anos depois, no entanto, quando o irmão Dávila servia como presidente de missão, passou algum tempo com um homem tratando de negócios. O homem perguntou várias vezes ao Presidente Dávila: "Quem é você? Sinto-me muito melhor quando estou com você." Finalmente, o Presidente Dávila mencionou aquela viagem, e explicou o quanto ela significara para ele e sua esposa. O homem, que sentia não ter feito bem suficiente na vida, foi profundamente tocado pelo fato de Deus ter usado o irmão Dávila para fazê-lo lembrar de sua própria generosidade.

Em uma viagem posterior, os Dávilas foram selados às suas duas filhas. A mais velha, Liana, mora em Bogotá, e a mais nova, Maritza (McKee), mora em Bountiful, Utah. Os Dávilas têm dois netos.

A partir de 1972, o irmão Dávila trabalhou como voluntário e depois como funcionário de meio expediente no Sistema Educacional da Igreja, até aceitar um emprego de tempo integral em 1973. Com exceção dos três anos em que presidiu a Missão Colômbia Cali (1981-1984), ele esteve envolvido com a administração do SEI na América do Sul desde aquela época.

Além de servir como presidente de missão, foi presidente de ramo, conselheiro na presidência de distrito, presidente de distrito, presidente de estaca, e Representante Regional (duas vezes).

Diz que sua mulher tem sido uma força para ele no serviço da Igreja, e também em outras atividades, por sua inteligência e sabedoria. Sempre que possível, pede o conselho dela para tomar decisões. "Quando não o faço", acrescenta ele, sorrindo, "sai tudo errado. Ela, porém, nunca diz: 'Eu o avisei!'"

Ele se sente preparado para maiores responsabilidades em seu novo chamado?

"Sinto uma grande responsabilidade em todos os meus chamados", responde Élder Dávila. "O nível não é importante." Receber uma nova designação na Igreja, diz ele, não é sinal de se ter alcançado uma nova estatura espiritual, mas um chamado para trabalhar. E para isso, ele está pronto.

Autoridade Geral Falece
Élder Derek A. Cuthbert

No dia 11 de abril, foi realizado o funeral de Élder Derek A. Cuthbert, 64 anos, membro do Primeiro Quorum dos Setenta. O anúncio de sua morte, de câncer, foi dado ao término da 161ª Conferência Geral Anual da Igreja, no dia 7 de abril.

Nascido na Inglaterra, e convertido à Igreja em 1951, Élder Cuthbert foi apoiado como Autoridade Geral em abril de 1978. Como Setenta cumpriu designações nas Ilhas Britânicas, África, Europa, América do Sul e América do Norte. Foi desobrigado do cargo de Primeiro Conselheiro na Presidência Geral da Escola Dominical um dia antes de seu falecimento.

Por ocasião de seu chamado como Setenta, era presidente da Missão Escócia Edimburgo. Anteriormente, havia servido como representante regional, presidente de estaca, presidente de distrito e conselheiro de quatro presidentes de missão.

Élder Cuthbert deixou esposa, Muriel Olive Mason, seis filhas, quatro filhos e diversos netos.

Vista da Praça do Templo mostrando a abóbada do Tabernáculo à esquerda.

ELES FALARAM PARA NÓS

Relatório da 161ª Conferência Geral Anual, 6 de abril de 1991

Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência:
Deus abençoe os lares de nosso povo. Abençoe os lares que tenham pais leais e verdadeiros, mães que sejam excelentes e filhos obedientes e capazes, criados "na doutrina e admoestação do Senhor" (Enos 1:1).

Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência:
Os olhos de nosso profeta facilmente se inundam de lágrimas quando recebe cartas escritas por crianças enviando-lhe saudações e carinho. O Presidente Benson é um homem voltado para a família, que ama os filhos, netos e bisnetos e as crianças de todo este mundo maravilhoso em que vivemos.

Élder Boyd K. Packer do Conselho dos Doze Apóstolos:
Não é raro que crianças tolas façam pouco caso dos deficientes. Imitar, importunar ou ridicularizar pessoas com deficiências é crueldade. Minha mãe nos ensinou, quando ainda éramos pequenos a nunca ridicularizar os deficientes.

Élder Russell M. Nelson do Conselho dos Doze Apóstolos:
Filhos, honrai vossos pais, mesmo quando eles não vos podem dar uma razão satisfatória para o que sentem. Tende fé nesta escritura, que se aplica a todas as faixas de idade: "Ouve a instrução de teu pai, e não deixes a doutrina de tua mãe." (Provérbios 1:8.)

Élder Dallin H. Oaks do Conselho dos Doze Apóstolos:
Jovens, se honrardes vossos pais, vós os amareis, respeitareis, confiareis neles, tereis consideração por eles, expressar-lhes-eis vosso apreço e demonstrareis todas estas coisas, seguindo seus conselhos em retidão e obedecendo aos mandamentos de Deus.

Élder Richard G. Scott, do Conselho dos Doze Apóstolos:
Reconhecer o Salvador, seus ensinamentos e sua igreja como centro de vossa vida. Certificai-vos de que todas as decisões obedecem a este padrão.

Bispo Henry B. Eyring, Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente:
Agora eu testifico que é uma pequena voz. Ela sussurra, não grita. E assim é preciso que estejais muito quietos interiormente. É por isso que deveis sabiamente jejuar, quando desejais ouvi-la. E é por isso que ouvireis melhor quando sentirdes: "Pai, a tua vontade, não a minha, seja feita."

Janette C. Hales, Segunda Conselheira, Presidência Geral das Moças:
Acho que quando fazemos algo por alguém, que não pode fazer por si mesmo, nos aproximamos de Deus, pois é isto o que ele e seu Filho estão fazendo o tempo todo, movidos pelo puro amor que sentem por nós.

Vista do lado sul da Praça do Templo. Da esquerda para a Direita: Assembly Hall, a abóbada do Tabernáculo, as torres do Templo de Lago Salgado, e o alto edifício dos escritórios da igreja. Ao fundo vê-se o capitolio, sede do governo do Estado de Utah.

Discursos e acontecimentos da Centésima Sexagésima Primeira Conferência Geral Anual da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, realizada no Tabernáculo da Praça do Templo, na Cidade do Lago Salgado, Utah, EUA, nos dias 6 e 7 de abril de 1991.